REVISTA LUSITANA

VOL. XVI 1913 N.os 3-4

Tradições populares do Baixo-Alemtejo

(OURIQUE)

I

O trigo e o pão

Sua origem e caracter divinos na tradição popular

O sub-titulo é demasiadamente pomposo, e reconheço bem que o não vale este pequenissimo feixe de lendas e superstições.

Modesta addição a outros de que alguem competente e a quem não faltem elementos, possa fazer um estudo completo: — não tem outras pretenções.

Assim, leitor erudito, se me asseguras que o já agora desastrado sub-titulo fica ao abrigo dos rigores da tua critica implacavel, prometo contar-te estas cousas ingenuas e imaginosas que a alma popular entreteu e transmite com tão desataviada e pitoresca fórma.

Tu, que com toda a tua bagagem scientifica sabes bem quaes as qualidades chimicas e o valor alimenticio, economico e social do pão, e d'esse baguinho loiro e minusculo que o homem lança incansavelmente á terra, e que a terra desentranha numa fartura de espigas tumidas que são energia, conforto, riqueza e estimulo de bocas famintas e de braços que trabalham, talvez lhes ignores a origem e não canses de esperar um novo Darwin que resolva acaso o problema.

Pois, apesar de sobrenatural, não tem nada misterioso.

Queres que conte? Pois queres?

« Foi no principio do mundo.

Não havia trigo.

Ô depois Deus Nosso Senhor arrancou aqui um punhado de barbas e lançou-as á terra.

E d'aí é que procedeu o trigo brabel [1], que é o trigo mais antigo que nós temos no mundo e que funde [2] sempre bem».

...Pois é. Eu acho interessante.

E a razão porque o trigo é escolhido para fazer a hostia, não o é menos.

«Um dia, o trigo, a cevada e o centeio foram todos tres á missa e...

— A' missa!

— Sim, senhor, á missa. Como ia dizendo, «foram todos tres á missa. O' depois, o trigo entrou pela igreja muito serio, chegou alem ao altar-mór, subiu, ajoelhou e fez a sua oração.

Vae a cevada, chega alem ô meio da igreja, dá-lhe festa, entra a rir, a rir...

Voltou p'ra tras: não fez oração. — E' por isso que o pão de cevada, arreganha sempre.

O centeio o que ha-de fazer? Vae de cá, chega á porta da igreja, e... e...

Ora, fez uma cousa feia.

— Cousa feia que me não disseram qual, mas que é facil adivinhar, sabendo toda a gente dos fenomenos timpaniticos que ele produz. E aqui tens, leitor.

E' por isso que o centeio foi amaldiçoado e o trigo é escolhido para as hostias.

Em caso de muita, muita necessidade, serve a cevada, que ainda assim sempre chegou ao corpo da igreja.

Mas só quando não haja trigo».

Agora o pão é bento. E' a face de N. S., como a hostia consagrada é corpo e alma e divindade de N. S. Jesus Christo.

E' pecado pisá-lo. Quando alguem deixa caír um bocado, apressa-se a levantá-lo, assopra-o (medida higienica, ou resto de algum rito?) e beija-o exclamando quasi sempre — «ai panito da minha alma! — como quem pede perdão. Usualmente tambem, quando um pobrezinho aceita esmola de pão (e muitas vezes, mesmo qualquer outra), beija-a e diz:

— «Seja tudo p'l'amor Deus», ou «pelo divino amôr de Deus».

Comtudo, apesar deste seu caracter divino, o pão serve para alguns maleficios.

Na *encomendação a morte e a ferro*, cuja fórmula não pude ainda

---

[1] Por *barbel*. Ha aqui uma transposição de sons muito vulgar na linguagem popular.

[2] «Chega», «supre».

haver, mas que serve para fazer vir alguem a um ponto determinado, ou para nos vir á mão qualquer cousa perdida ou roubada, e cuja eficacia é muito maior do que a da *encomendação ao padre S. Antonio,* bocados de pão são calcados aos pés.

O ritual seguido é este:

A pessoa que faz a encomendação, traça no chão um grande *circo* com um bordão, e ao meio deste uma grande cruz. Depois, dentro d'esse *circo,* vae dizendo as palavras e pisando muito bem o pão, umas contas e dinheiro com cruzes.

Lá a certa altura, aparece um grande cão negro, que é o Inimigo, e que faz inauditos esforços para entrar no *circo* que o homem ou mulher defende á pazada, a um lado e a outro.

Se fôr pessoa que seja encomendada, nunca mais poderá comer, nem beber, nem ter sossego emquanto não vier onde a chamam, e se fôr cousa ou animal, não tendo passado aguas de mar e não estando debaixo de sal — que é sagrado — eles aparecem.

Com os restos de pão que alguem deixe esmordicado (o que aqui se chama pitorescamente «enjeitadinho») se póde fazer muito mal a essa mesma pessoa.

Dizem-me que bastará cravá-lo de alfinetes e metê-lo nas gùelas de um sapo que se larga no campo ou dentro de uma panela de barro.

Quando as mulheres amassam, para que o pão cresça e não haja nenhum prejuizo, costumam proceder assim:

Desfazem o fermento e acastelam a farinha num dos lados do alguidar para fazer a *presa.*

Benzem-se, e emquanto fazem na farinha uma cruz ou quatro em cruz, vão dizendo:

— E Jesus, que é santo nome de Jesus, onde está o santo nome de Jesus, não está mal nenhum.

Depois d'isto começam a amassar.

Acabada a operação, põem o signal ou crescente, e vincam na massa, com a mão em cutelo, uma grande cruz e dizem:

— Cresça o pão no alguidar,
Como o Sr. subiu ao altar.

Ou:

— Deus te acrescente
E as almas no ceu para sempre.

Quando o enfornam, tambem fazem cruzes na boca do forno.

Pela lêveda se póde fazer mal, e por isso não se deve emprestar a toda a gente.

Acabado o pão de tender e tirada a lêveda para a *semana que vem*, marcam a mesma com uma cruz, e deitam sal no prato, tijela, cocharro, ou o que quer que seja, por causa das bruxas, e tambem porque *o sal conserva muito bem*.

II

Origem do milho

D'antes não havia milho.

Um dia o Senhor disse a S. Pedro:

— Ai que ano desgraçado que vamos a têr este ano! Coitadinho de quem deitar alguma coisa á terra!

E S. Pedro, que ouviu aquilo, foi contar a um compadre que tinha, que era muito querido.

E o compadre não semeou nada. Não semeou nada, coitadinho, e ó depois veiu o tempo das colheitas, os outros arrecolheram alguma coisa e ele nada.

Ele a chorar, a lamentar a sua desgraça:

— Vocemecêa vir-me dizer uma coisa d'essas!... Os outros sempre colheram alguma cousa, e eu...

S. Pedro foi ter com o Senhor:

— Ai, meu divino Mestre, o pobre do meu compadre não arrecoheu nada!

— Então p'ra que é que lhe fostes lá dizer que se não colhia *nada?* Eu disse-te isso? O que eu disse foi que se não colhia nada, á proporção. Então p'ra que fostes lá dizer? Bom, mas em vista d'isso vae dizer ô teu compadre que vá á ribeira e que joeire a areia que lhe pareça que dá p'rôs gastos da sua casa.

E ele assim fez. Foi joeirar a areia. Os moios que ele entendeu que podia gastar de pão, joeirou de areia.

Depois o Senhor foi, deitou-lhe a sua abençoa, — ficou em milho.

Depois o Senhor disse-lhe que todos haviam querer trocar o trigo. E assim foi. Os outros lavradores assim que viram o milho, ainda não tinham visto, todos a quererem trocar. E trocaram-lhe tudo, os moios todos a trigo.

Foi assim que começou a haver milho. E tanto é, que o milho só se dá nas terras frescas e areentas, e a farinha é sempre areísca.

III

A arca de Noé

(LENDA)

Era uma vez um homem chamado Anoé, e tinha mulher e filhos.

O' depois um dia o Senhor, disse-lhe que estava p'ra haver um diluvio, e que ele havia de fazer uma arca para ele se recolher mais a familia e mais um casal de todas as aves e de todos os animaes que houvesse no mundo. Mas que guardasse segredo até da propria mulher.

O' depois havia mais d'um ano que andava a trabalhar na arca, e a mulher sem saber o que é que ele fazia.

O Diabo dizia-lhe assim:

— O que é que teu marido faz?!

— Eu não sei.

— Prógunta-lhe.

E o marido não dizia o que era.

O Diabo então dizia-lhe:

— Não lhe deixes agua nas quartas.

Assim ïoi.

No outro dia, vae ele p'ra se lavar... nem pinga. Lavou-se com urina.

No outro dia, o mesmo. Lavou-se outra vez com urina.

No terceiro dia nada.

— Leve-lhe o Diab'alma! Ha tres dias que não tenho agua nas quartas. Tal está a pouca vergonha!...

E abalou damnado e não quis lavar as mãos com mijo.

Foi quando o Diabo soube. E foi dizer á mulher:

— Olha lá que o teu marido está fazendo uma arca assim e assim. Ha-de entrar tudo para se salvar — o teu marido e os teus filhos... E tu, não entras sem o teu marido dizer:

— Entra, mulher! entra Diabo!

*

* *

E ô depois o marido...

Ele já tinha acabado a arca; — com a ajuda do Senhor!

E era pela aceifa.

E disse ô Senhor quando é que ele havia de entrar p'rá arca.

E o Senhor disse-lhe que não tivesse cuidados, que lhe havia dar um signal.

Era pela aceifa, e ele trazia homens.

Depois foi lá a mulher pela manhã com o almoço, com uma grande porção de peixe.

Diz-lhe ele:

— Então d'onde é que te veio este peixe?

— Sabes lá? nasceu-me um cano dagua no lar... e os peixes a saírem, a saírem...

E ainda lá tenho mais.

Depois foi ele, e olhou p'rôs homens e disse:

— Bem. Vocês hoje...

— Deu-me cá uma cousa na cabeça. — Querem que lh'eu diga uma cousa? Querem na minha ceara pela jorna? Que eu cá vou-me embora.

Os homens disseram logo que queriam. Ficaram muito contentes. E ele disse á mulher p'ra se irem embora.

Depois, foram lá ô pé da arca e já tinha entrado um casal de tudo: um boi e uma vaca, uma egua e um cavalo, um burro e uma burra; um casal de pombos, tudo.

De tudo que havia no mundo, entrou um casal.

Só a mulher não queria entrar.

Estava na rua, e a arca já á bóia.

E ele a mandá-la entrar e ela sem querer.

Até que ele já estava apoquentado, e disse:

— Entra mulher! entra Diabo!

O Diabo deu um pulinho e ficou lá dentro.

Anoé fechou a arca. Esteve tapada d'agua seis meses.

O' fim de seis meses veio o tempo que o Senhor marcou. E disse-lhe que havia deitar uns casalinhos ô mundo.

Vae ele, deitou um casal de côrvos.

Os côrvos acharam carne e não voltaram [1].

Depois deitou um casal de andorinhas e um casal de pombinhos.

A andorinha trouxe uns baguinhos de areia no bico; e o pombinho, um raminho de oliveira.

Bem. Ele ficou muito contente. — Já havia mundo descoberto.

Depois saíu tudo da arca.

E foi então de Anoé que procedeu a geração da gente.

---

[1] É costume dizer-se aqui:

— Foi como o corvo: — carne achou e não voltou.

IV

A lenda do anjo caído

Eram dois irmãos, e um era muito bom e o outro era muito mau.

O' depois o que era bom estava já no ceu comendo pela mão de seus anjos.

E o outro estava ainda no mundo. Mas era muito mau. Era só um deshonrador, um assassino, um jogador, um matador, um ladrão; tudo mau que havia no mundo. Era um homem perdido.

E o irmão que estava comendo pela mão do anjo, um dia tardou-lhe a comida, e ele próguntou ô anjo:

— Então mas que foi isto, que tardou hoje tanto a comida?

— Ora sabes lá? hoje ha umas grandes festas no ceu. Morreu o teu irmão que andava perdido e salvou-se.

Ô depois ele disse lá comsigo:

— Ora, então se o meu irmão que era tão ruim se salvou, então que farei eu, que já estou comendo pela mão de um anjo?

Mas disse isto com tanta soberba, que se perdeu.

Ficou sendo o maior Satanaz que ha no inferno.

V

Da lenda do Bandarra

Na praça me encontrarás,
Logo então me pagarás.

(DITO PROVERBIAL).

O Bandarra era sapateiro.

Iam p'ra ele fazer calçado e diziam-lhe:

— Mestre Bandarra, ha-de me fazer umas botas até tal dia.

— Si senhora (sic), faço. E nunca mentia.

Mas ô depois, se o freguês dizia: «Mestre Bandarra, olhe que eu não trago dinheiro»; ou: «Não posso pagar senão em tal tempo...»

— Não senhora (sic). Quando vossemecê trouxer o dinheiro, leva as botas, e pendurava-as num prego.

Mas uma vez veio de lá um homem, deu-lhe umas botas a fazer e quando lhe quis pagar, ele disse-lhe:

— Leve as botas. — Na praça me encontrarás, logo então me pagarás.

Um belo dia esse homem foi a uma terra, e lá na praça encontrou um ajuntamento.

— Então que é isto aqui?

— Ora foi este homem que morreu e ninguem o quer enterrar.

O homem então conheceu o sapateiro Bandarra e deu o dinheiro p'ra s'ele enterrar.

VI

A menina sem olhos

Era uma vez um pae e uma mãe. Tinham dois filhos — um filho e uma filha.

Veio um ano de muita fome, muita miseria, e pôs o padre á estação [1] que todo o pae que tivesse dois filhos, havia de comer um.

E eles foram á missa naquele domingo. Vieram de lá muito apoquentados, e foram para um quarto combinar qual é o que haviam de comer.

— Ai, marido, pois então a gente ha-de matar o nosso filho!

— Ai, mulher, pois então havemos de matar a nossa filha!...

O depois as crianças estavam ouvindo, e disseram um prô outro:

— Olha, mana, os nossos paes estão acertando qual da gente hão-de comer. E a gente foge.

Depois fugiram. Foram por esse mundo.

Foram, foram, foram, e a menina deu-se em pentear e em lavar, e a agua em que se ela lavava, formava-se em pingos de prata; os cabelos que lhe caíam, em madeixas de prata, e os piolhos em pingos d'ouro. Depois foi indo, foi indo, e o irmão ia arrecadando aquilo tudo, e tinham já muito ouro e prata.

Chegaram lá a uma quinta e pediram gasalho.

Vivia lá uma velhota com uma filha, e deram-lhe pousada nessa noite.

— Si senhora (sic), meninos. Entrem.

Depois ali ficaram naquela noite.

No outro dia diz o menino á velha se lhe dava licença de sua mana ali ficar, que ele precisava de ir á cidade.

---

[1] Isto é: ordenou o padre á estação da missa.

E a velha disse-lhe que sim. Que fosse descansado, que a sua mana havia de sêr cá muito bem tratada.

Depois recomendou muito á irmã que não se lavasse nem se penteasse nem se deixasse catar por ninguem, emquanto ele por lá estivesse.

Foi á cidade, e foi ô palacio vender aquele ouro e aquela prata.

Já se vê, perguntaram-lhe onde é que ele tinha arranjado aquele ouro e aquela prata. E ele não queria dizer.

Depois disseram-lhe que o prendiam. Tanto brigaram, que ele viu-se na necessidade de dizer que era de uma mana que em se penteando, deitava aquele ouro, e em se lavando, aqueles pingos de prata. E depois mostrou um retrato que tinha d'ela.

E o rei disse-lhe que com pena de morte lhe havia levar a mana a palacio. Que se fosse verdade o que ele dizia, que o mandava livre; e se não, que o matava.

Depois o rei deu-lhe uma seje para ele trazer a irmã, e um cavalo p'ra ele ir montado, e mandou dois guardas com ele.

Mas como ele se demorou uns poucos de dias, a velha cá, começou a instar com a menina p'ra ela se pentear e se lavar.

— Ora, menina! Então vossemecê não se lava nem se penteia?! Olhe que isso é uma grande porcaria.

— Venha cá, que eu a penteio. E ela não queria.

— Ora, nã senhora, nã senhora. Deixe lá que eu logo me penteio e logo me lavo. Mas tanto, tanto, que a velha sempre a convenceu.

Ora!... Elas assim que viram o que a menina deitava, ficaram nos ares!

Assim que ele chegou á quinta para levar a irmã, a velha começou logo a andar de roda e a dizer:

— Ai, minha rica menina! A gente quer ir acompanhar a nossa rica menina á cidade.

Tanto, tanto, que o rapaz sempre disse que sim.

Meteu-se a menina e mais a velha e a filha na seje, e o menino lá adiante entre os dois guardas.

Depois, já lá adiante, o menino voltou-se para tras e perguntou:

— Como vem a minha mana? Vae bem?

Resposta da velha:

— A sua mana vae bem.

Diz a menina:

— O que diz o meu mano?

— Que lhe tire a gente um olho.

— Então como o meu mano disse que me tirem um olho, tirem.

Depois tiraram o olho.

D'aí foi mais lá adiante, diz o menino outra vez:

— Então como vae a minha mana?

— A sua mana vae bem.

A menina outra vez:

— Que diz o meu mano?

— Que lhe tire a gente outro olho.

— Então, como o meu mano diz que me tirem o outro olho, tirem.

Foram lá mais adiante, o mesmo.

A velha outra vez:

— A sua mana vae bem.

— O que diz o tirano do meu mano?

— Que a deite a gente ô mar.

— Então como o tirano do meu mano diz que me deitem ao mar, deitem.

Elas deitaram a menina ô mar e seguiram p'ra diante.

Chegaram á cidade, já se vê apearam-se, e foi a velha mais a filha subiram p'ra palacio.

Vae o rei e foi buscar o retrato e pôs ô pé da moça: — ela era muito feia — viu logo que não dizia uma cousa com a outra.

Mandaram-na pentear, o que deitava, era piolhos. Mandaram-na lavar, agua suja.

Depois o menino, dizia que aquela não era a sua irmã. E a velha, que sim, que não vinha ali mais ninguem.

O pequeno outra vez preso.

E elas, lá ficaram no palacio.

O carcereiro lá simpatizou com o pequeno e começou a dar-lhe licença d'ele passear os seus bocadinhos á roda do mar. Mas ás escondidas.

O primeiro dia, deu um passeio curtinho. Mas lá a certa altura, pareceu-lhe ouvir gemer.

— Mas que é isto que eu oiço? Aqui está qualquer cousa a gemer.

Mas chegava, já não via nada.

No segundo dia, foi outra vez.

Mas chegou, nada.

— Mas que é isto? Valha-me Deus! E isto é gente.

Ouvia, mas não via nada.

Foi ô terceiro dia, como ia já com aquele sentido, foi mais depressa.

Chegou á praia e encontrou a mana.

Ela tinha sido engulida por uma baleia, e a baleia ia-a vomitar todos os dias á praia.

Depois ele pegou na menina e havia ali ao pé a quinta do rei onde estava um velhote sòzinho, e foi pedir ao velhote para lhe deixar ficar ali aquela menina que ele tinha encontrado na praia com os olhos tirados. Mas não lhe disse que era mana.

E o velhote dizia-lhe que não. Que não, que era velho, que não tinha ninguem que lhe tratasse de nada, e que a menina era cega; e então, que não podia.

E ele disse-lhe que a deixasse ficar, que todas as despesas que ela fizesse as pagava ele.

De modo que ficou a menina, e o mano vinha vê-la todas as tardes.

Depois, um dia, diz ela ô velhote.

— Ora meu pae (ela levava já o velhote de pae [1], e o velhote fez-se logo muito amigo d'ela), ora meu pae, vocemecê podia-me ir buscar uma varinha seca e bem direita — quanto mais direita melhor.

E o velhote foi, trouxe-lhe a varinha.

Foi ela pegou na varinha e ela floriu toda. Ficou um ramo muito bonito.

Ela tinha condão. Em tudo quanto pegava floria.

Vae ela e disse ô velho:

— O meu pae agora vae á cidade e passa pela rua do palacio. E grita «quem quer comprar o ramo» que hão-de aparecer lá umas mulheres a perguntar quanto vocemecê quer por ele. Diga-lhe que quer um ôlho. Não o dê sem ser p'lo ôlho.

O velho assim fez.

Foi á rua do palacio e gritou:

— Quem quer comprar o ramo? Quem quer comprar o ramo?

Foi a filha da velha e disse á criada:

— Sôa aí um homem gritando: vê lá o que ele vende.

A criada chegou á janela:

— Ai senhora, é um velho que vae ali com um ramo muito bonito, gritando quem quer comprar.

— Pergunta-lhe lá quanto ele quer.

A criada chegou á janela e perguntou-lhe:

— O' velhote, quanto quer pelo ramo?

— Um olho.

E a criada disse:

— Diz que quer um olho.

E a moça disse para a mãe:

— Ora, um olho! Então ia agora tirar os olhos para lhe dar!

Diz a mãe:

— Ora, dá-se-lhe o olho da môça.

---

[1] Isto é: tratava-o como pae.

Depois a filha respondeu:

— Dá-se-lhe o olho da nossa cadelinha que morreu — que era para a criada não desconfiar.

Foi, mandaram subir o velho, deram-lhe o olho, e ficaram com o ramo.

O velho abalou muito contente. Foi levar o olho á menina.

Chegou, deu-lhe o olho.

A menina disse-lhe que fosse buscar uma pinga d'agua bem clara, lavou a cova do olho e pôs o olho aqui na palma da mão e pegou-o.

Bem. Já a menina ficou com um olho.

No outro dia disse ô pae que fosse buscar outra varinha, se possivel fosse, mais sêca e mais direita do que aquela. O velho foi e trouxe outra varinha. Ela pegou-lhe e floriu outro ramo ainda mais bonito do que o outro.

Deu-o ô pae, e disse-lhe que passasse pela rua do palacio outra vez e que lhe havìam saír as mesmas mulheres, que elas eram muito invejosas, e que o haviam querer tambem. E que lhe (sic) pedisse outra vez outro olho.

Assim foi. O velho gritou quem queria comprar o ramo, e veio a criada outra vez.

Depois disse:

— Ai, senhora, se o ramo d'outro dia era bonito, este ainda lhe ganha.

— Pergunte-lhe lá quanto quer por ele.

A criada veio:

— Quanto quer pelo ramo?

— Um olho.

Diz a criada:

— Diz que quer um olho.

— Ora, já o outro ontem queria outro olho! Então tiraria a gente agora os olhos todos p'ra dar p'los ramos?!

Diz a mãe:

— Ah! dá-se-lhe o outro olho da moça que cá está.

— Dá-se-lhe o outro olho da nossa cadelinha.

Foi, mandaram subir o velho.

— Diz lá que suba.

Subiu o velho e elas deram-lhe o olho e ficaram com o outro ramo.

Foi o velho com o olho para casa e deu o olho á menina.

A menina fez o mesmo do outro dia: mandou vir a agua e pôs o olho.

Bem. Ficou a menina já com os dois olhos.

Depois, já se podia governar e começou a passear pela quinta.

Em tudo quanto pegava, nas arvores, nos pauzinhos secos que estavam pela quinta, tudo floria.

Depois, foi noticia ô rei que a quinta que estava toda florida e que deitava um cheiro que rescendia.

O velho, chamado a palacio. Que havia dizer com pena de morte o que tinha na quinta para florir tudo assim fóra de tempo.

E o velho disse:

— Saberá V. M. que tambem estou admirado d'isso, mas que não sei o que é.

— Nada. Has-de-me dizer por força o que lá tens na quinta. Se não mando-te matar.

O velhote, coitado, disse que tinha lá aquela menina, e como ela para lá tinha ido. Que tinha sido encontrada na praia, onde uma baleia a ia vomitar todos os dias.

Depois o rei intimou-o a apresentar-se em palacio com a menina. E mandou buscar o irmão á prisão.

O velhote foi.

Assim que chegou, o rei foi buscar o retrato e pôse-o (sic) ao pé da menina e viu que era a mesma pessoa.

Depois mandou-lhe pôr uma bacia e disse-lhe que se lavasse. — A pequena deitou pingos de prata.

Mandou-a pentear: os cabelos que caíam eram madeixas de prata; e os bichos pingos d'ouro.

Depois viu que o irmão tinha falado verdade.

Foi o rei perguntou á menina o que é que se tinha passado.

Ela contou-lhe tudo o que se tinha dado.

Depois, disse-lhe o que é que ela queria que se fizesse áquelas mulheres.

Ela respondeu que as mandasse sentar cada uma em cima da sua cadeira de alcatrão e que lhe mandasse largar fogo.

Assim foi. Foram por esses ares.

E o rei casou com a menina, e o mano lá ficou no palacio.

Ainda hoje lá estão mais satisfeitos, mais contentes, que é uma graça.

Ainda ontem lá passei. Deram-me uns sapatinhos de manteiga, passei pela rua das gulosas, lamberam-m'os todos [1].

---

[1] Maneira tradicional de terminar os contos populares.

VII

A menina sem braços

Era uma vez um pae que lhe morreu a mulher, ficando em casa com uma filha, vivendo d'alguma cousa que ela ganhava á costura. E o pae, para a ajudar a viver, ia todos os dias buscar um feixinho de lenha.

Uma vez encontrou um homem, e ele perguntou-lhe o destino d'ele [1]. E ele disse-lhe que vinha buscar um feixinho de lenha para ajudar a viver a filha. Com mais alguma cousa que ela ganhasse iam vivendo.

Ó depois esse homem entregou-lhe um talêgo de dinheiro e disse-lhe:

— Vae daqui direito á *casinha* (açougue) e compra dois arrateis e meio de carne e leva-a pendurada na mão. Em entrando na tua casa, a tua filha ha-de fazer um grande ponto de admiração dizendo:

— Ó meu pae, pois que é isto hoje? Com um bocado de carne tão grande na mão!... — E tu responde-lhe: — Ora filha, o Diabo não está sempre por trás da porta! [2] e manda-lhe pegar para tu a partires. Em logar de jogares o machado á carne, joga-lh'o acima do ombro e deita-lhe o braço abaixo. E fecha-lhe a porta e vem dizer.

O pae assim fez.

No dia seguinte deu-lhe outro talêgo de dinheiro.

— Vae outra vez pela *casinha,* e compra outros dois arrateis e meio de carne. Ela não lhe ha-de q'rer pegar, que ha-de ter medo. Mas como muito obediente que te é... — Faz-lhe o mesmo. Joga-lhe o machado ao ombro e deita-lhe o outro braço abaixo. E vem-me dizer.

Foi ele, foi o pae, e foi-lhe dizer. O Diabo entregou-lhe outro talêgo de dinheiro e disse-lhe:

— Agora vae d'aqui, lava-a e veste-a — que ela não ha-de q'rer ir!... mas engana-a! — e diz-lhe que a vás levar á madrinha. E ela ha-de convencer-se. E deixa-a nas maiores florestas cerradas. E vem-te embora.

Assim que ela viu que estava sózinha, começou a pedir que viesse

---

[1] ... perguntou-lhe o destino d'ele», isto é, o que ali o levava.

[2] Dictado popular.

um bicho que a comesse. Assim que a noite cerrou, os bichos [1] de roda d'ela eram tantos, a quererem-se jogar, quando ao pé d'ela apareceu um homem com um cajadinho na mão desviando os bichos todos. Assim passou a noite toda sem ter perigo.

Assim que amanheceu foi-se pôr ao pé d'uma estrada.

— Aqui, alguem ha-de passar, que é uma estrada corrente.

Depois de estar sentada debaixo duma madronheira (sic) ouve ela uma grande tirada (estrondo de tiros).

Disse ela:

— Ai Jesus, isto é gente que vem a caçar! Queira Deus que eles me dêem com uma bala, e me matem.

D'aí a pouco chegou-lhe ao pé o rei e mais companhia, e viu-a e disse-lhe:

— Antão o que faz a menina por aqui, metida nestas florestas com um calor tão grande?

E ela respondeu-lhe:

— Aqui me deixaram. Não sei quem.

— A menina quer ir para minha casa, para companha de minha mãe?

— Se o senhor quiser...

Olhou ele para os companheiros e disse:

— Fiquem aqui cuidando nesta menina até que eu venha, que eu vou a minha casa falar com a minha mãe.

Chegou a casa e disse á mãe:

— Venho aqui pedir-lhe um favor. Desejo que m'o faça.

— Diz, meu filho, o que queres.

— Encontrei agora, numas florestas, uma menina sem braços. Quero trazê-la para nossa casa.

E a mãe deu-lhe de resposta:

— Ó filho, o que fazes tu?! Tu és doido. Então queres trazer uma menina sem braços... Para quê? Inda é pior do que tratar de uma creancinha de peito.

Resposta d'elle:

— O meu reinado ainda me dá para sustentá-la, vesti-la e calçá-la. Só quero que me diga que sim.

— Pois o que o meu filho quiser, quero eu. Tratarei d'ela com o mais cuidado possivel.

Nisto o rapaz mandou arranjar o trem, e chegando ao pé d'ela,

---

[1] Se isto se passasse no Alentejo, qualquer Alentejano entenderia que os *bichos* eram lobos.

pegou nela ao colo e meteu-a no trem. E disse aos companheiros que fossem caçar, que ele d'ali partia para a sua casa d'ele.

Bem. Chegou a casa, entregou a menina á mãe para tratar d'ela como sua filha que fosse.

Estava muito satisfeito da sua vida, d'aí a dias adoeceu; caiu em cama muito mal.

Diz-lhe a mãe:

— Que tens tu, filho?

— Não tenho nada, minha mãe. Tenho um desgosto que só a minha mãe me pode valer.

Resposta da mãe:

— Diz-me já lá o que é, meu filho.

— É deixar-me casar com a menina sem braços.

— Ó meu filho, não tens juizo nenhum. Lembra-te que é muito boa menina, mas não tem braços. Vae casar, tem logo filhos, e depois como é que se ela ha-de ver sem lhe poder pegar, nem limpar, nem dar mama?

Resposta do filho:

— Dê-me a minha mãe consentimento. Nada d'isso me faz mal. O meu rendimento dá para isso tudo.

— Pois então, o que tu quiseres quero eu. Trata já de casar.

Assim foi. Recebeu-a.

Ao fim de oito meses de estar casado teve de sair para fóra. Com grande desgosto pediu á mãe que tratasse a sua mulher como d'antes. Tinha bastante pena de sair nesta ocasião, sem a sua mulher dar á luz.

E a mãe disse-lhe:

— Vae descansado. Em chegando essa hora, ponho um portador a caminho, mandar-te dizer a novidade que por cá houver.

Assim foi.

No fim de nove meses teve a senhora um menino, que tinha tres dias de nascido e já parecia ter tres meses.

Mandou a mãe uma carta declarando isto tudo, pelo boleeiro da casa.

Abalou levando a carta ao seu patrão. Mas não o poude alcançar.

A' noite ficou dormindo num monte [1] aonde lhe retiraram a carta que ele levava, sem ele sentir, e meteram-lhe outra que dizia: «Tua mulher cá tem um bicho. Mete terror. Capaz de comer mãe, avó, o pae e tudo».

---

[1] Casa da herdade (Alentejo).

Assim que leu a carta, ficou sem saber o que havia dizer.

Escreveu á mãe mandando-lhe dizer que metesse esse bicho numa casa separada das outras com uma grade na porta para lhe darem de comer e beber, para não fazer mal a ninguem. Que em ele vindo, que logo lhe dava destino. Que sempre queria vêr o seu sangue feito num bicho.

E entregou a carta, e o homem veio dormir no mesmo *monte*.

Tiraram-lhe outra vez a carta sem ele sentir, e meteram-lhe outra em que dizia que mandassem matar a sua mulher, que não queria saber nada d'ela. Que lhe deixassem a lingua e o coração para ele ver.

Chegou, entregou a carta á sogra d'ela.

Abriu-a e viu o que vinha dizendo, e deu um grande grito, e disse:

— O meu filho está doido! O que foi isto que lhe deu?

Bradou-lhe a nora e perguntou-lhe o que era.

E ela disse-lhe: Foi uma carta que recebi do teu marido que te manda matar. Só quer de ti a tua lingua e o coração. Parece-me impossivel ele mandar-te fazer uma cousa d'estas, dando a ultima pinga de sangue por ti.

E a nora respondeu:

— Pois o meu marido que me manda matar, é que lá entende que eu que lh'o mereço. Peço á minha mãe que me vá buscar um cinto que está naquele gavetão e fará favor de me ligar o meu filho aqui ao meu peito, com esse cinto d'ouro que é do meu marido.

O criado pegou nela e foi deixá-la p'ra umas florestas.

— A senhora fica aí, que eu não a posso matar (que eu não tenho coragem para a matar). Mato a canita que trago em minha companha, e tiro-lhe a lingua e o coração para entregar ao seu marido, dizendo-lhe que é a sua.

Despediu-se da senhora, e chorando, emquanto a avistou, acenou-lhe sempre com bastante pena de a deixar nuns bosques tão grandes.

Ela lá ficou.

No outro dia pela manhã pôs-se a caminho sem saber por onde.

Chegou ao pé de uma fonte com o menino todo urinado e começou a chorar sem saber o que lhe havia fazer, sem ter as suas mãos para o lavar! Com tanta agua que o poço tinha! Ouviu uma voz dizer:

— Mete um sacotinho,
Tirarás um bracinho.

Ela encostou o ombro ao lado, e meteu-o na agua da fonte que estava rasa e saíu um braço. Ficou muito contente. E começou a querer desatar o cinto para desligar o menino.

Ouviu a voz dizer:

— Mete outro sacotinho
E tirarás outro bracinho.

Assim que se apanhou com os seus dois braços, descalçou uma bota, trata de tirar a agua do poço e fez uma cova no chão com uma pedra e encheu-a de agua e tratou de lavar o menino.

Foi anoitecer a um *monte*, pedindo uma esmola e poisada.

E a creada deu-lhe metade de um pão, e mandou-a dormir para um *monte* que estava desprezado do dono por aparecer lá um medo.

— Quanto lá aparecia, morria tudo.

E ela foi. Entrou lá para dentro não sabendo. A's escuras jogou a mão ao chão e estendeu o chaile e deitou-se mais o seu menino. Depois de estar deitada, ouviu uma voz dizer-lhe:

— Foge, se não caio-te em cima.

Por tres vezes disse.

Ao fim das tres vezes arredou-se ela mais o menino e disse:

— Caia para aí. Em não sendo em cima de mim ou do meu menino, caia aonde quiser.

Sentiu caír o que quer que foi quente á cabeceira do menino, sem saber o que era.

De manhã encontrou-se com um saquinho de dinheiro. Despiu uma saia, enrolou-o e fugiu. Com o menino ao colo chegou a uma cidade ao sol-posto e encontrou duas mulheres fiando. Perguntou-lhes se sabiam d'alguem que quisesse alugar ou vender algum predio:

Levantou-se uma d'elas e disse:

— Aqui na minha rua, lá em cima, ha um predio para alugar ou vender. Eu vou ensinar á senhora onde é.

Abalaram as duas e a mulher disse-lhe:

— Bata alem áquela porta, que alem é que móra o dono.

Ela agradeceu-lhe muito, e meteu a mão á algibeira, e deu-lhe uma libra em ouro.

Chegou á porta e bateu.

Veio a criada, perguntou-lhe o que queria.

— Está cá o seu patrão?

— Está si' senhora.

— Diga-lhe que eu que lhe preciso falar.

A criada subiu acima e disse:

— Está ali uma mulher que vem á sua procura.

E o amo disse-lhe:

— Que entre.

— Venho aqui têr com o senhor, porque me disseram que tinha umas casas para vender; e eu preciso comprar.

— Tenho si' senhora.

— E' só dizer o dinheiro que quer, que eu pago isso que fôr.

— E' tanto.

— São minhas.

Bem, ficou ela em casa. Arranjou uma criada, e amobilou as casas, e ficou vivendo com o seu filho.

*

* *

Chegou o rei a casa da mãe e viu o palacio todo de luto e disse á mãe:

— Pois que é isto, minha mãe? Causa-me admiração ver o palacio de luto!

Respondeu-lhe a mãe:

— Antão não sabes o que mandaste fazer!

— Mandastes matar tua mulher e trazer-lhe a lingua e o coração! É o que te posso apresentar d'ela.

— Não foi essa a carta que eu lá recebi, mandando-me dizer que minha mulher que tinha tido um bicho que era capaz de matar mãe, pae e avó!

E eu respondi:

— Que o metesse numa casa independente das outras com uma gradaria de ferro, onde lhe désse agua e comêr, que queria ver o meu sangue feito num bicho.

Agora chama ele o boleeiro e perguntou-lhe o que tinha feito de sua mulher.

— A senhora rainha mandou-a matar; mas — faça vossa alteza aquilo que quizer — eu deixei-a no meio das florestas e matei a minha cadelinha para trazer o coração e a lingua.

Pode ser que ainda seja viva, e que encontrasse alguem de bons sentimentos que a levasse.

Voltou-se ele para a mãe e disse:

— Vou-me embora. Nem mais um dia que aqui fico.

Levou o boleeiro na sua companhia e foi á pergunta da mulher de terra em terra, perguntando se lhe davam noticia de uma menina sem braços, com um menino ligado ao peito com um cinto de ouro.

Ninguem lhe dava noticia.

Onde havia de ele ir noitar? a uma cidade.

Foi para uma hospedaria e perguntou á dona se lhe dava noticia de uma menina sem braços.

E a mulher disse-lhe que não. Que tinha chegado havia pouco uma senhora que tinha braços, e um menino e uma criada.

Depois o boleeiro disse:

— Vossa Alteza não viu ali num largo onde a gente passou, dois meninos jogando o arriol?

— Sim. Reparei, sim. Um d'eles assentou-me com o arriol no tacão da bota.

— Pois o outro disse-lhe:

— Joga o arriol mais baixo, que já assentaste no tacão da bota do teu pae. — E então a sua senhora está aqui.

Depois ele foi pedir á dona da hospedaria que lhe mandasse ensinar onde era a casa da tal senhora que tinha vindo ha pouco para aí.

— Eu mesmo (sic) lhe vou ensinar.

Foi mais ele e disse-lhe:

— Bata aí a essa porta.

Veio de lá a criada e perguntou-lhe o que ele queria.

— A sua senhora está em casa?

— Está si' senhor.

Foi lá acima dizer que estava ali um senhor que precisa falar (sic).

Ela assomou, conheceu-o logo. E disse-lhe que o mandasse entrar. E mandou o filho para a cozinha brincar, que a mãe que tinha visitas.

Ele subiu e ela mandou-o assentar. E ele disse-lhe que vinha fazer-lhe uma pergunta:

Se na terra d'onde ela tinha vindo, se tinha lá estado uma mulher sem braços.

Ela disse-lhe que não, que não tinha ouvido falar em tal.

Pois ele disse que andava á procura da sua mulher ha uns poucos de anos e que ninguem lhe dava noticia dela.

E ela respondeu-lhe:

— Então o senhor, se visse a sua mulher, conhecia-a?

— Ora, minha querida mulher!, então não havia conhecer! Como ás minhas mãos.

— Então conhecia por não ter braços, ou mesmo pela cara a conhecia?

— Por tudo, minha senhora.

Ela esteve um pouco.

— Bem, então para massada basta. O senhor não se vae embora sem tomar o chá.

Mandou pôr a mesa e mandou vir o filho.

Disse-lhe ela então:

— Então o senhor, se visse o seu filho, não o conhecia?

— Eu nunca o cheguei a ver... Ainda que ele se parecesse comigo, podia sêr pessoa de familia.

E ele não tirava os olhos do pequeno. E depois tirou um retrato da algibeira, e ôlhava p'rô menino e ôlhava p'rô retrato na sombra do candieiro.

— Mas então o senhor diz que, se visse a sua senhora, que a conhecia! Pois admira estar ao pé d'ela e não a conhecer.

Falaram-se então, e ela esteve-lhe contando da sua vida toda.

Ao depois ele perguntou-lhe como se tinha portado com ela o criado que a foi levar á floresta.

— Perfeitamente bem. Respeitou-me até á hora que abalou. E agora o boleeiro ha-de vir para nossa casa comer e beber. E a essa mulher da hòspedaria dá-se-lhe com que passar o resto da vida sem servir ninguem.

Ele então disse-lhe para retirarem para palacio para casa da mãe d'ele. E ela disse-lhe que não. Que esperasse mais uns dias, que ela estava á espera de uma cousa.

Depois mandou deitar um decreto para que todos os pobres que fossem á sua porta levassem todos os sabados um pataco.

Em vindo ao sabado estava sempre á janela e pediu ao marido para a acompanhar.

— Gostava de estar vendo aquele movimento de familia.

Vinha ali gente de toda a parte.

Um dia viu ela chegar o pae com uma mantinha muito rasgada, ás costas, e chamou pela criada e disse-lhe:

— Não dês esmola àquele pobre que alem está.

Ele ha-de-t'a pedir. Mas tu responde-lhe que d'aqui não vae ninguem sem esmola.

Assim que abalaram os pobrezinhos todos, tratou de mandar pôr a mesa e mandou-o subir acima.

Mandou-o sentar á mesa para jantar.

Ele disse:

— Ora, minha senhora, uma mesa com tanto comer, e eu sózinho aqui.

E ela disse:

— Coma o que quizer. Encha a barriga.

E disse ao filho:

— Vá pedir a benção d'aquele velhote.

E o velhote disse:

— Ora, um menino tão rico vir pedir a benção [1] a um triste de um pobre.

E o pae disse-lhe:

— Dê-lhe lá a benção, que é para se ir acostumando a respeitar os mais velhos.

— Deus o abendeçôe! Deus queira que seja muito feliz e que Deus lhe dê muito para repartir com os pobres. Já não quero mais nada. Seja pela sua saude e do seu menino e do seu marido.

Agora perguntou-lhe ela:

— Então não tem mais ninguem, velhote?

— Não, minha senhora. Sou viuvo ha muitos anos. Tinha-me ficado uma menina, mas uma porca d'uma vizinha que lá tinha, comeu-lhe os braços.

— Disse-lhe a filha:

— Então não seria vossemecê que ganhou tres talêgos de dinheiro ao Diabo para me fazer essas ingratidões que vossemecê me fez? — De comprar dois arrateis e meio de carne e mandar-me pegar nela e depois... jogou-me o machado ao ombro e deitou-me o braço abaixo! Visto que nada lhe chegou e que teve que vir ainda pedir á minha porta, aqui tem outro talêgo de dinheiro e vá para sua casa comer e beber descançado. E que eu nunca mais o veja diante da minha vista. Quem por Deus anda, por Deus acaba [2]. Vocemecê quis-me entregar ao Diabo, mas eu era afilhada de Nossa Senhora, e ela sempre me valeu.

VIII

O principe d'Argéles e o de Portugal

Era uma vez o principe d'Argeles e o de Portugal.

Ouviam falar um do outro, e desejavam muito de se conhecer. Depois foram correr mundo a vêr se se encontravam. Foram correndo, foram correndo e foram pernoitar a uma estalagem.

Juntaram-se lá sem saberem quem eram.

Já se deixa vêr como era assim tudo gente fina: mandaram arranjar a ceia juntos. Depois, quando estavam á mesa, arranjaram conversa onde o principe de Portugal veio a dizer que andava em procura do principe d'Argeles.

---

[1] Em geral o povo d'aqui diz a — *abençoa*.

[2] Proloquio popular.

O outro respondeu que no mesmo fim andava ele — de encontrar o principe de Portugal.

Depois fizeram-se conhecidos, e combinaram de ir correr mundo ambos.

Assim foi. Foram correr mundo, e foram lá a uma cidade onde lhe disseram que estava uma princesa encantada numas torres, e que quem a desencantasse casava com ela.

Depois abalaram para ir ter ás torres.

Onde haviam de ir ter a calma? debaixo de umas pereiras. E deitaram-se a dormir a folga. O principe d'Argeles ferrou logo a dormir, mas o principe de Portugal não adormeceu.

Depois viu ele vir três gralhas a pousarem em cima das pereiras.

Diz uma d'elas:

— Ah! ah! O principe de Argeles e o de Portugal vão tirar uma princesa das torres de tal!

Diz a outra:

— Mal sabem eles que a guarda d'ela que é um lião. Devora tudo quanto lá vae.

Responde a outra:

— Ora, mas isso tinha bom remedio. Era comprar um quarto de carne de rês [1] e deitarem-lh'o. Se o lião estiver d'olhos fechados, está acordado; e se estiver d'olhos abertos, está dormindo.

O Principe calou-se, não disse nada.

Assim que o outro acordou, abalaram.

O principe de Portugal chegou á cidade, comprou um quarto de carne de rês e abalaram para as torres para irem desencantar a princesa. Chegaram, o lião estava d'olhos abertos — estava dormindo. Deitaram a carne, trouxeram a princesa e vieram-se embora.

Claro que o principe d'Argeles vinha muito satisfeito.

Vieram ter a calma outra vez debaixo das taes pereiras.

O principe d'Argeles e a princesa deitaram-se, e ferraram a dormir. O outro, álerta.

As gralhas outra vez.

Diz uma:

— Sim, vocês ahi a levam. Mas o principe não se ha-de gozar d'ela, porque no dia do casamento, á volta para casa, ha-de-lhe caír uma parte do palacio em cima, e ela ha-de morrer.

---

[1] Vaca.

A palavra «rêses» serve para denominar o gado vacum.

Respondeu a outra:

— Mas isso tinha bom remedio. Era não entrarem pela mesma porta que saírem.

Diz a outra:

Pois sim. Mas se escapa dessa, não escapa de á noite. Que ha-de vir uma serpente quando eles estiverem deitados, e ha-de tragar a princeza.

O principe calou-se. Mas ficou muito triste.

Deixou-os acordar e partiram p'rô palacio.

Mas o principe de Portugal começou a andar muito triste. Depois o irmão perguntou-lhe porque é que ele andava triste. Que se era por ele querer casar com a princesa, que ele que lha cedia.

O principe de Portugal, que não. Mas que no dia do casamento lhe queria fazer um pedido: — Quando viessem da igreja, não entrarem pela mesma porta por onde saíram.

O principe d'Argeles disse que sim.

No dia do casamento, assim que vinham a entrar pela outra porta, a parte do palacio por onde saíram, a caír.

Diz o principe de Portugal:

— Bem. Esta já eu sei que é verdade.

Depois á noite quando estavam para ir p'rô quarto, diz ô irmão:

— Que lhe havia de fazer mais um favor. Deixa-lo dormir no mesmo quarto.

Ora o principe d'Argeles achou o pedido extravagante. Mas emfim, como tinha combinado nunca recusar nada um ô outro, disse-lhe que sim.

Mas isto sem a princesa saber.

Depois lá por essa noite adiante, ouve ele uma grande rasquida, Pôs-se em espia com a alfange, vê vir uma serpente pela parede abaixo, jogada á cama onde a princesa estava. Joga-lhe a alfange, traçou-a pelo meio.

Salta uma espadana de sangue p'rá cara do principe mais da princesa. O principe acorda, imagina que ele tinha matado a princesa:

— Ah! ingrato que me foste falso! — pega na alfange que tinha ô pé da cama e corta o pescoço do irmão. Acende a luz, vê a serpente morta e o irmão com a cabeça cortada.

Ora assim que viu aquilo, ficou com um desgosto, que só visto.

Levantou-se, mandou aparelhar o cavalo e pôs as armas e partiu por esse mundo.

Onde havia de ele ir dar outra vez?

Debaixo das mesmas pereiras. Mas d'esta vez não tinha sono. Depois vieram as mesmas gralhas.

— Ah! ah! ah! Aí está o principe d'Argeles todo apoquentado, porque matou o irmão que tão leal lhe foi! Mas mal sabe ele que ainda tinha remedio.

Diz a outra:

— Então como?

— Ora, dando um tiro que matasse a nós todas tres. E depois cortar as nossas cabeças e torrá-las e pisá-las e polvilhar a cabeça do irmão com esse pó.

Traz! Palavras não eram ditas, um tiro que as deitou todas tres abaixo.

Depois cortou-lhes as cabeças e voltou para palacio.

Torrou a cabeça das gralhas, pisou-as e depois com aquele pó untou a cabeça do irmão.

Restituio.

Ficou o irmão outra vez como era.

E lá ficaram a viver muito satisfeitos no palacio.

E ainda hoje lá estão.

Ourique, 6 de Abril de 1912.

MARIA DA CONCEIÇÃO DIAS.

NOTAS Á MARGEM

DO

"Nôvo Diccionário da Lingua Portuguesa,,

O sr. Cândido de Figueirêdo, rebuscando de novo, numa aturada pesquisa, o opulento tesoiro da língua portuguesa, conseguiu reùnir e catalogar em uma nova edição do *Nôvo Dicionário* que agora começa a publicar-se [1], mais duas dezenas de milhares de vocábulos que andavam dispersos não só na linguagem popular de todo o país mas tambem no pó dos textos clássicos, sujeitos a obliterarem-se irremediavelmente, quer pela influência da língua pseudo-culta que irradia do centro do país, apagando as características dialectais, quer pelo desuso das velhas formas portuguêsas que vieram decaíndo desde o século XVI e são hoje geralmente ignoradas.

Não só estas pedrarias de fino quilate, mas tambem os provincialismos que muitas vezes encobrem sob a sua aparente rusticidade o oiro puro da velha língua portuguesa, os neologismos e a tecnologia artística e scientífica que progridem sempre, acompanhando a evolução da actividade e do saber humanos, alem do copioso vocabulário brasileiro, criado pelas necesssidades imperiosas de expansão da língua em um meio completamente diverso, com as exigências de uma vida nova e forte, foram adicionados agora — no dizer dos prospectos — ao copioso dicionário com que ha doze anos o sr. Cândido de Figueirêdo iniciou brilhantemente a reforma dos velhos processos lexicográficos e a ampliação do léxico português.

É pois licito supôr que esta obra agora remodelada por largos estudos e novas investigações do autôr e tambem pela influência de trabalhos do valôr das *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, do sr.

---

[1] Á data da coordenação destas notas (Setembro de 1912) estão publicados os dois primeiros tomos.

Gonçalves Viana, dos *Subsídios para um Dicionário Completo*, do sr. A. Cortesão, e das *Contribuições para o futuro Diccionário Etimológico*, da snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, abstraíndo dos trabalhos parciais de outros filólogos, venha a ser um opulento repositório vocabular da língua portuguesa, e acompanhe o estado actual da sciência da linguagem.

Loucura seria pensar, porêm, que essa obra, apesar da sua importância, com «quáse o dobro dos vocábulos até agora registados em todos os dicionários portugueses» insira *todas* as palavras e *todas* as variedades de acepção que algumas teem. Não só a evolução natural de uma língua, em face das múltiplas manifestações de actividade de um povo, não permite a noção exacta de um *Dicionário Completo*, mas tambem o atraso em que se encontrava a lexicografia portuguesa, quando o autôr do *Nôvo Dicionário* empreendeu a sua obra, impedia acção mais fecunda e impulso de maior energia.

Entendo que não depende só do erudito, do seu esfôrço, da sua observação, do seu estudo, a organização de uma obra tam vasta que abrange todos os ramos do saber humano e vai perscrutar a vida sob todos os aspectos variadíssimos e complexos que sintetizam a energia de um povo.

Sejam chamados a depôr todos os que, pelo seu espírito honesto de observação e pelo seu maior ou menor gráu de cultura intelectual, possam trazer alguns elementos apreciáveis á obra dos scientistas.

Em 1908, sob o título pouco apropriado de *Linguagem Popular Inédita*, publiquei na *Epoca*, de Lisboa, uma longa série de vocábulos e acepções da linguagem geral e regional e da tecnologia de artes e ofícios que, por não ocorrerem no *Novo Dicionário*, eu tinha anotado nas suas margens. Provinham, em geral, de observações pessoais, de notas de leitura, de informações dignas de crédito e, às vezes, das duas primeiras reùnidas, documentando-os quanto me foi possível.

Tendo coordenado novas observações, corrigido alguns erros e extraído a maior parte dos termos da linguagem minhota que publiquei no vol. XIV da *Revista Lusitana*, organizei agora todas as minhas notas em um novo catálogo que apresento á apreciação dos entendidos como desvalioso subsídio para o dicionário português.

Azinheira
BARREIRO, Set. 1912.

A

abacelar. Como verbo de tecnologia agrícola tem acepção mais ampla que a que lhe marcam os dicionários modernos. *Abacelar* significa, pelo menos na Beira Alta e Baixa Estremadura, «soterrar provisoriamente as raízes de qualquer planta enquanto esta se não coloca definitivamente.» Assim o definiu Morais em segunda acepção, e Costa e Sá [1] mostra não o conhecer em outro sentido.

abaganhar, agarrar, catrafilar; como termo de gíria. «Isso são cantigas. Aqui *abaganha*-se tudo» — *O Dia.* Junho de 1907.

abarbar, abarbado. «Diz-se que o navio está *abarbado* com a terra quando [esta] está proxima por S. V. sendo necessário afastar d'ella para segurança do navio.» Braz de Oliveira. *Apparelho e Manobra de Navios*, pag. 193.

àbeiro. Assim denominam nos Açores, segundo informação, o chapeu de palha, de aba larga.

De *aba.*

abècer, equivalente a «apetecer», registei-o na *Rev. Lus.* XIV, 145, como termo de Parêdes-de-Coura. Ouve-se tambem nas aldeias vizinhas de Viana-do-Castelo.

abicar. «*Abicar* o ferro» é suspender a âncora na corrente da amarração de forma que fique a prumo.

abotoar, abotoado; abotoadura. Diz-se, em tecnologia de construção naval, que uma embarcação é *abotoada* (falando-se da cravação do costado), em vez de pregada, quando no tabuado *trincado* (v.) se substitue a pregagem ordinária por pregos de cobre que rebitam ou *abotoam* internamente sobre anilhas do mesmo metal.

Abotoar significa tambem em linguagem náutica «prender a enfrechadura ou qualquer cabo por meio de *botões.*» O conjunto desses *botões* denomina-se *abotoadura.*

acabar. *Acabar com* é forma pop. equivalente a «*matar*», «tomara a resolução de *acabar com* o amante da Gertrudes..» — *O Seculo*, 8 de Maio 1907.

Acabar-se o mundo indica o máximo grau de energia em qualquer acção. «*Acaba-se* ali *o mundo,* digo-lhes eu..» — Bento Moreno. *Comédia do Campo,* 110.

acaçapado. «Diz-se que [os mastareus] estão *acaçapados* quando tiradas as cunhas elles arriam até as gargantas ficarem sobre a pega» — Braz de Oliveira. *Ap. e Man. de Navios*, 70.

No mesmo sentido se diz tambem *acachapado.*

acadible, achacado, sujeito; em Carvalhos (Gaya).

V. *Gaz. Aldeias,* n.º 731.

acadimar, tomar juizo, sossegar; sujeitar-se. «Se o botassem ó 'studo, *acadimava* pela certa».

No Minho.

Liga-se ao anterior? Cf. *acadimar-se* e *acadrimar-se* no *Nôvo Dic.*

acepilhado, «.. as Machadinhas.. um pouco mais *acepilhadas* que a mãe..» — Camilo. *Seroens de S. Miguel de Seide,* v, 12. «Uma gigantesca actividade phrenetica n'um corpo mediano, fino, *acepilhado* aristocraticamente». — Camilo. *Brazileira de Prazins,* 105.

achoado. Descaído, mergulhado, metido de pôpa; falando-se do navio.

acovatar, abrir covas ou covatos; no Vale-do-Cóina.

acurrar, levar á padreação (o animal). Em Parêdes-de-Coura.

V. *Curro.*

adernar, adornar. Os dicionários preferem *adernar* no sentido de «in-

---

1 *Diccionário Portuguez-Francez-e-Latino, novamente compilado.* Lisboa, 1794.

clinar-se, ficando, de um lado, debaixo de água (o navio)». A forma mais usual porêm é *adornar*, como se lê no vocabulário do *Codigo Internacional de Signaes*, (edição oficial de 1901).

Um navio vai mais ou menos *adornado*, conforme a sua maior ou menor inclinação para sotavento. Tambem, estando fundeado, pode *adornar*, i-é, inclinar-se para qualquer dos lados, por defeito na distribuição da carga.

São equivalentes: *cangar* (v.) e *adriçar*.

adrêgo, acaso, casualidade; não só provincialismo alentejano, segundo o *Nôvo Diccionário*, mas tambem duriense (Estarreja) e beirão (S. Pedro-do-Sul).

adriçar, adriçado. V. *Adernar*.

aduado, sossegado, de génio brando e efeminado; referido especialmente a crianças, no Minho. «Fui sempre o mais *aduadinho* dos alunos do sr. Sá da aula-régia». — *Limiana* [Ponte-do-Lima], n.º 1, pag. 7.

afachinar, afachinado. Um dos meios de medir a lenha de toros ou *fachinas*, no Vale-do-Côina, é abraçar com uma correia de cinco palmos e meio de comprimento a porção de toros suficiente para que as extremidades da correia se toquem. Chama-se a isto «*afachinar* a lenha». A que é assim medida diz-se «lenha *afachinada*».

Cf. *fachinar* = «enfeixar». *Nôvo Diccionário*.

afilar, afilado. Diz-se que o navio *afila* ou «está *afilado*», quando aprôa à linha do vento. «E' necessario afilar para regular as agulhas». — *Código Internacional de signaes*, edição oficial, 1901, pag. 208.

agadado, o mesmo que «abarbado», referido ao enxame; no concelho de Moncorvo. V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

agaleado, selado. Diz-se que uma embarcação é *agaleada* ou *selada*, quando o plano do convés ou a linha da borda apresentam uma depressão a meia nau.

agalhar. «*Agalhar* uma vasilha» é arma-la e destorce-la de um extremo, para começar a *bastir* (v.) ou arquear as aduelas no extremo oposto. Em tanoaria, em Lisboa e Vale-do-Côina, Seixal, Barreiro, etc.

De *galho*; talvez, por analogia entre as aduelas, antes de arqueadas, e os galhos de uma árvore, divergindo todos do centro comum.

aganado. No Douro (Marco-de-Canavezes) chamam «uvas *aganadas*» às que são apertadas pelo calor solar, sem chegarem a completo estado de maturação.

água, àguada, àguadilha, àguadeiro, àguadeira; àguaceiro, àguaçada; àguarrado, àguarita; Agualusa. Entre os vários derivados de *água* que os dicionários registam, como termos regionais ou provincialismos não figuram alguns destes, e a outros não são dadas certas acepções especiais que tambem teem e que é conveniente registar, ampliando-se assim os conhecimentos sobre a descendência desta linda palavra portuguesa.

O *Novo Dicionário* insere o feminino *àguadeira*, dando-o como (*prov*[incianismo] *e* [termo] *anl*[igo]) na seguinte acepção: «Dizia-se de uma capa, própria para resguardar da chuva», citando o *Cancioneiro da Vaticana*. Com o mesmo sentido (?) está nas «trovas do coudel-mór a Rui Moniz», do *Cancioneiro* de Rèsende:

«Item capa *augnadeyra*
& gybam de çatim rraso.»

Como provincialismo, porem, falta o registo da acepção em que é tomado o termo (visto como a que foi dada se refere ao arcaísmo) e tambem a indicação local.

No esp. *capa aguadera* é a «capa de tela

impermeable» (Toro y Gomez [1]) ou «la que se hace de barragán ú otra classe de tela impermeable, para defender-se de la llubia» (Seguí [2]). Num sentido geral *aguaderas* é «calificacion para prenda de vestir destinada á librar del agua». (Rodriguez-Navas [3]).

Parece pois que o adjectivo tomado em tal sentido, popular em Portugal e Espanha, caíu ha muito em desuso na linguagem geral, entre nós, persistindo contudo em determinadas regiões do país.

Em acepção idêntica à que se lhe atribuía no século XV, e referida a «certa qualidade ou feitio de chapeus», recolhi o termo em uma correspondência de Arraiolos para o *Diário de Notícias*, do dia 13 de Setembro de 1912: «Levava, quando cometeu o crime, camisa de riscado de côr, colete castanho, calça de cotim claro, chapeu aguadeiro de lã...»

Como termo de estucadores, caiadores ou pedreiros, em Lisboa, *àguada* é a «mistura líquida empregada para branquear ou colorir qualquer superfície», — tintas em pó, cal, gesso ou cimento diluídos em água: «*àguada* de *oca*; *àguada* de cal; *àguada* de gesso; etc».

aguadilha é, em Castro Daire, o mau vinho, fraco, àguado ou sem força alcoolica.

aguarrado diz-se, no Minho, de qualquer coisa excessivamente líquida ou descolorida: «sopa *àguarrada*; tinta *àguarrada*, etc.» Pressupõe um verbo *àguarrar*, talvez de *àguarra*, deprec. de *àgua*; cf. *bocarra*.

Como substantivo, *àguarrada* é tambem no Minho, «qualquer líquido insípido, mal preparado, detestável ao paladar por excesso de água.» «O café está como o chá, uma *àguarrada* perfeita.»

àguarita, talvez por *àguarrita*, dim. de *àguarra*, é, em Castro Daire, o mesmo que *àguinha* ou *água-de-caldo*, no Minho: «caldo mal adubado, ou caldo a que se tiram todos ou a maior parte dos elementos sólidos da cozedura».

Outro derivado tambem curioso é *àguaçada* que, no Vale-do-Côina, quere dizer o mesmo que «àguaceiro ou chuveiro». Usam ali este prolóquio: «Atrás de uma nortada uma *àguaçada*». De **àguaça*? Cf. *àguaceiro*.

Em Castro Daire chamam *àguaceiro* à «parte lamacenta de um caminho, tornada quáse intransitável.»

água é cada um dos pendores laterais, vertentes ou abas de um telhado; na Beira-Alta (S. Pedro do Sul), arredores de Lisboa (Barreiro e Vale-do-Côina) e Alentejo (Evora), pelo menos. No *Século Agrícola*, de 1 de Fevereiro de 1913, escreve o sr. Mira Galvão, de Evora: «O této [da colmeia «alentejana»] é feito com uma só agua a escorrer para a frente ou com duas aguas».

A *água*, neste sentido, corresponderá o bras. *meia-água*, como se depreende deste excerpto da *Revista da Academia Brazileira de Letras*, I, 421: «Quando Marcellina batia sua roupa no banco que ficava debaixo da meia-agua de palha levantada por Francisco para resguardar do sol o poço algumas braças da caza de morada...

águas, no Tejo, são as marés da luanova, tambem chamadas *águas-vivas* em oposição a *aguas-mortas*.

Em Castro Daire diz-se que é só *de uma água* o porco cujo pêlo acama todo na mesma direcção, paralelamente ao dorso.

Outras expressões em que entra a palavra *água* não foram ainda registadas:

---

1 *Nuevo Diccionario Encic. Il. de la Lengua Castellana* Paris, 1906.

2 *Enciclopedia Ilustrada Seguí*. Barcelona, s. d.

3 *Diccionario Completo de la Lengua Española* Madrid, 1907.

água-de-castanhas, na ling. fam. de Lisboa, é a infusão de café ordinário, sem côr nem aroma. Como expressão andaluza *agua-de-castañas* «se aplica al chocolate muy claro» (Seguí).

águas-passadas são os factos esquècidos ou que se devem esquècer. «... que a historia do abade eram aguas-passadas...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 128.

água-de-cheiro, no Minho, é o mesmo que «água-de-Colónia ou de Flórida.»

águas-bravas, «chorreira» ou enxurrada; em Paredes-de-Coura.

águas-mornas, paliativos, subterfúgios, desculpas; na ling. fam.

água-melada, o mesmo que «agua-mel» ou hidro-mel; em Ligares.

água-acima. *Barcos de água-acima* são os que sobem o curso do Tejo, até Abrantes, trazendo cargas para o porto de Lisboa. Tambem assim chamam em Viana aos barcos do fundo chato apropriados à navegação do rio Lima.

águas-novas, em Castro-Daire, são as primeiras chuvas após o estio.

águas-carregadas, prenúncios de zangas domésticas; ralhos, discussões. Em Castro Daire.

águas o trazem diz-se, tambem em Castro Daire, do indivíduo que aparece aonde o não esperam ou em lugar que habitualmente não freqùenta.

Pescar nas aguas turvas refere-se aos finórios que se aproveitam disfarçadamente de qualquer circunstância ocasional para servirem as suas conveniências. Mais latamente diz-se do que procura tomar conhecimento de qualquer caso recatado, usando de blandícias artificiosas e artimanhas. Vem do velho ardil dos pescadores que revolviam com armadilhas o fundo dos rios para obterem farta colheita. A este costume se refere um poeta do *Cancioneiro Geral:*

«tanto mais que *nagua envolta sempre ha fina pescaria.*»

água-má, zoófito quáse transparente, de consistência gelatinosa (ordem dos *acalefos*, classe dos hidromedusas). Assim lhe chamam no Tejo, a par de *vinagreira* e *mija-vinagre*. Cf. o esp. *aguamala*.

Agualusa pertence ao onomástico de Ilhavo.

Terminarei registando esta locução da gíria de Lisboa: *escorrer a água às azeitonas*: «urinar». Cf. o «argot»: *changer ses olives d'eau* [1].

aguilhão, o mesmo que «alfinete», na acepção que lhe dá o *Novo Diccionário* (2.ª ed.): «designação vulgar de um insecto muito nocivo aos cereaes.» E' um pequenissimo coleóptero cientìficamente denominado *Agriotes*, e que, na linguagem popular, toma vários nomes, conforme as regiões. Poude recolher nota dos seguintes:

aguilhão (Melres [v. n.º 694 da *Gazéta das Aldeias*]; *alfinete* (Tábua; Feira; Arganil; Fataunços; Figueiró-dos-Vinhos; Agueda [v. n.ºs 698-722-646-645-626-850 da *G. A.*]; *bicha-amarela* (Lisboa; Ovar; Fataunços; Figueiró-dos-Vinhos [v. n.ºs 646-632-645-526 da *G. A.*]); *bicha-do-milho* (Gêma [n.º 744 da *G. A.*]); *cancero* (Vila-da-Feira [n.º 761 da *G. A.*]; *gramiola* e *vermiola* (Cacia [n.º 710 da *G. A.*]); *travela*; *bicha-alfinete*; *bicha-arame* (? [n.º 696 da *G. A.*]).

agulha, agulhão. *Agulha* significa em náutica, vulgarmente, o mesmo que «bússola».

agulhão é a bússola pequena. Talvez o fr. *aiguillon*. Note-se ainda o diminutivo: *agulhãozinho*.

alagar. No Vale-do-Coina, «*alagar* uma cova» é enche-la de terra, arra-

---

1 A. Bruant. *L'Argot au XXe Siécle.*

za-la. [V. Gonç. Viana, *Palestras Filolójicas*, 9].

alboio, claraboia de abrir, no telhado. Em Coimbra. Cf. o ital. *abbaino* = «trapeira, clarabóia». No Minho, além dos significados que dei [1], tem mais, por extensão, o de «mulher gorda e desajeitada».

albrotea. Como nome de uma variedade de peixe, não se encontra nos dicionários. Lê-se no *Almanaque Marítimo* (1903): «Vem aqui pescar barcos do Sardão [à baía da Arrifana] no estio, para venderem o peixe em Aljezur, sendo a pesca principalmente de moreia, safio, *albrotea*, roballo..»

alça. Segundo o *Novo Diccionário* é a «argola de corda para cingir qualquer peça do poleame, a bordo.»

Tambem ha *alças* de ferro ou de cabo de arame. «As *alças* podem ser de ferro ou fio de linho..» — *Ap. e Man. de Navios*, 35.

alcaiate, utensílio em forma de estilête que o fundidor fixa no molde para o retirar mais facilmente da areia.

alcunho «..designando cada um com o seu nome por extenso e acrescentando-lhe o alcunho.» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 21.

alfa. A's definições que deste vocábulo nos dão as *Apostilas*, acrescentarei mais esta, colhida no Vale-do-Cóina: «rego aberto para sementeira.»

alfacinha, o mesmo que «folhada» ou «alface-do-mar». *Alga membranosa*.

No Vale-do-Cóina.

alma. *Alma-do-padeiro*, na ling. fam. de Lisboa é a cavidade no interior do pão pelo levantamento da massa durante a cozedura.

aluir. Nota o saudoso e erudito professor sr. Júlio Moreira, nos *Estudos da Língua Portuguesa*, t. I, pag. 175, que em Trás-os-Montes, «*pipa aluida* é aquela cujas aduelas não estão suficientemente apertadas».

Presumo que o termo pertence á tecnologia geral da arte de tanoaria, visto como em Lisboa e no Minho se emprega no mesmo sentido.

Diz-se tambem que os arcos *aluem* ou *estão aluidos* quando não dão aperto ás aduelas.

alustrar. *Alustre* é provincialismo trasmontano e minhoto, significando «relâmpago», segundo o *Novo Diccionário*.

A forma verbal *alustrar* = «relampejar» é usada em Chaves, segundo informação de pessoa de lá, que a empregou deante de mim, em conversa.

alvado, é o lugar onde assenta o cortiço das abelhas; no concelho de Moncorvo.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

alvarenga. O *Novo Diccionário* regista este termo como «bras[ileirismo] do N[orte]» na acepção de «lanchão para carga e descarga de navios e para transporte de objectos pesados.»

Neste mesmo sentido é o termo usado no Barreiro, onde ha *alvarengas* ao serviço dos Caminhos de Ferro do Estado.

No *Seculo*, de 21 de Março de 1911, lê-se em uma correspondência do Barreiro: «Para serem solidarios com o movimento grevista, os carregadores.. tambem não quiseram descarregar hontem os wagons de mercadorias, *alvarengas* e fragatas».

alvarilho. Vem no «Índice dos nomes vulgares» de plantas, do *Diccionario de Plantas Uteis*, de Von Mueller, traduzido pelo Dr. Júlio Henriques. E' a *Ximenia americana*, a que chamam no México *alvarillo* ou *alvarillo del campo*, segundo Mueller.

O *Novo Diccionário* traz *alvarinho* «prov. trasm. = certo álamo branco». Cf. o trasm. *negrilho* que é o cast.

---

1 V. *Rev. Lus.* XIV, 146.

negrillo: «classe de olmo» (Rodriguez-Navas).

alveiro. Na ling. fam. em Parêdes-de-Coura *fazer alveiro* quere dizer o mesmo que «fazer garotice, tratantada, maldade»; usado geralmente em prática com as crianças.

amado. A *prenda-do-amado* é o «presente ou oferta que se faz á ama quando termina o período de amamentação da criança: um vestido, um fio-de-contas, etc.»

Costume vulgar em Viana-do-Castelo, pelo menos.

amanho. V. **redenho.**

amarfanhamento. «Sofria *amarfanhamentos* rudes e boléos..» — Camilo. *Eusebio Macario,* 25.

amarra, amarrêta. Como medida convencional marítima, *amarra* equivale a «um décimo de milha ou cem braças». «O objecto mais notavel [visto] do mar... é a egreja que se acha situada a uma *amarra* a oeste do pharol». — *Almanaque Marítimo* (1903).

Os dicionários limitam-se a indicar *amarrêta* como diminutivo de *amarra.* Tem tambem a bordo o significado especial de «cabo de reboque». E' neste sentido que êle se deve interpretar no seguinte trecho de *O Século* de 14 de Novembro de 1910, em um telegrama do Porto: «O vapor hespanhol *Conde Isied*.. ao saír de Leixões, a ancora partiu e o casco caíu sobre o enrocamento do molhe, ficando em perigo.. Os rebocadores *Aguia* e *Minho* lançaram-lhe *amarrêtas,* conseguindo safal-o».

âmbria, fome; em Parêdes-de-Coura. Cf. o esp. *hambre.*

ameaço, é a «medida ou molde, aproximados, de qualquer peça», entre operários de construção naval.

anaçoado. «Deus te fade para bom filho, Deus te abençôe... Olha que um filho bem *anaçoado* é a honra de seus parentes!...» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro,* 5. [Açores].

ancoreta. No *Novo Dicionário* (supl.) diz-se que *ancoreta,* na acepção de *pequena âncora,* é contestada por «oficiaes de marinha que nunca viram nem ouviram o termo», embora tal definição ocorra nos dic. portuguêses. Na 2.ª ed. repete-se a acepção posta em dúvida, com idêntica declaração.

Parece que, de facto, se trata de um erro de algum dicionarista equivocado pelo aparente diminutivo, porque a bordo não se confundem os dois vocábulos *ancorêta* e *ancorote,* o primeiro como «pequeno barril, geralmente chato, para conter provisões líquidas» e o segundo como «âncora pequena». Cf. o esp. *anclote.*

Como diminutivo de *âncora* Morais só conhecia *ancorote.*

No *Codigo Internacional de Signaes,* pag. 215, distingue-se: *ancorêta* = «vasilha», *ancorote* = «pequena âncora».

«Será tambem conveniente levar na embarcação pequenas vasilhas, barris de galé, *ancoretas* ou boias d'arinque bem estanques..» — *Ap. e Man. de Navios,* 150.

apalpadela, investigação cautelosa e disfarçada. «..que era necessário uma agitação preparatoria, um simulacro, uma *apalpadela*...» — Camilo. *Braz. de Prazins,* 74.

apanhador, apanhadeira. *Apanhador* ou *apanhadeira* é, na ling. fam. de Viana-do-Castelo, a «pá de apanhar o lixo».

O *Novo Diccionário* só regista *apanhadeira,* neste sentido.

apetrar, apodrecer; falando-se de frutas.

Em Viana-do-Castelo.

apilarado, perfeito, apurado, janota; em Viana.

apoquentado, bife; no calão de Lisboa.

aquele, aquela, aquelar, aque-

loutrar. Na *Revista Lusitana*, XIV, 146, registei a particularidade de extensão de significado que, na linguagem popular, adquirem os pronomes *aquêle*, *aquela*, substituindo o termo próprio quando este não ocorre.

«Uma *aquela*» pode significar «uma cadeira; uma oração; uma romaria; etc.» Substituem tambem, e no mesmo caso, os nomes próprios, ou antecedem-nos quando ha necessidade imediata de os designar e a memória os retarda: «Anda cá, ó *aquela*». «Veio hoje cá a *aquela*... a Maria José [1].»

Este caso da linguagem geral parece pertencer ás velhas fórmulas populares, e dêle se encontram exemplos antigos. No *Auto da Barca do Purgatorio* escreveu Gil Vicente, reproduzindo a linguagem infantil:

«Mãe, e o côco está alli!
Quereis vós estar quedo, *quelle?*»

quela, no falar de Vila-Real, significa «amor, afecto, mania, telha, e qualquer ideia cuja expressão não ocorre [2].»

aquela tambem significa, em especial, «vagar, ocasião, delonga, cerimónia», nas formulêtas rústicas: «sem mais *aquelas*», «não esteja com *aquelas*».

Assim aparece na velha língua portuguêsa, e servem-nos de exemplos estes dois passos de Gil Vicente:

«E hum Gil...
Hum que não tem nem ceitil,
que faz os ditos a el-rei.
Elle me fez
e tirou de minha *aquella*
muito inda em que me pês..»

[AUTO PASTORIL PORTUGUÊS]

«Não hajades vós *aquella*
bem vejo que estais pejada»

[COMÉDIA DE RUBENA]

No sentido de «calúnia, injúria», empregou-a Júlio Cesar Machado, *A' Lareira*, pag. 11: «Levantaram-lhe a *aquella* de ter roubado os lenços».

aquelar e *aqueloutrar* tomam pois, como formas verbais, acepções diversíssimas. De mais amplo emprego que o *atimar* (que não é só açoreano e antiquado, como quere o *Novo Diccionário*, mas tambem minhoto) e o *coisar*, de Freixo-de-Espada-á-Cinta, *aquelar* e *aqueloutrar* parecem velhas formas da língua portuguêsa.

Do antigo castelhano *quellotro, quillotro, quellotrar, quillotrado, quillotranza*, existem sobejos documentos clássicos. Da variedade de acepções que podem tomar diz-nos Canete na sua edição das *Églogas y Farsas* de Lucas Fernandez [3]: «Son tantas y tan distintas las acepciones en que los verbos *desllotrar, llotrar, quillotrar, perquillotrar* etc., se hallan usados en estas y otras coplas de pastores que parecen más bien muletilla».

Nos inícios do século XVI dizia o douto reformista Juan de Valdês no *Dialogo de la lengua:* «VALDÉS. Un *quillotro* decian antiguamente en Castilla, por lo que acá decís un *catál:* ya no se dice de ninguna manera.— MARTIO ¿Ha sucedido algun otro vocablo en su lugar? — VALDÉS. Ninguno, ni es menester, porque aquel *quillotro* no servia sino de *arrimadero* para los que no sabian ó no se acordaban, del vocablo de la cosa que querian decir».

---

1 V. *Apostilas*, I, 79.

2 V. *Revista Lusitana*, XII, 117

3 *Farsas y Églogas al modo pastoril y castellano, fechas por Lucas Fernandez, salmantino*. Madrid, 1867.

Usou-os Gil Vicente nas suas obras castelhanas ou bilíngues, parecendo que já então em Espanha se ouviam apenas na linguagem rústica.

Na *Farsa ó cuasi Comédia de Prábos* [1], diz o

«SOLDADO

Sociega, ten quietud,
. . . . . .
al frio cura el calor
y al desamor el amor

PRÁBOS

Ño es mi mal dese *quillotro.*»

E no *Auto del Repalon,* de Encina [2]:

«Ño, la paga ño se escusa
. . . . . pues cual otro?
Hora débele un *quellotro*
Y verás como te acusa»

Aqueste, na linguagem arcáica portuguêsa, tem a mesma diversidade de acepções:

«E de tudo fiz *aquesta,*
como homem diz, avantairo»

Gil Vicente [AUTO DA BARCA DO PURG.]

arame, dinheiro; na ling. pop. de todo o país. «O' Freiamunde, petisca lume para este tio ver onde está o *arame*». — Camilo. *Novelas do Minho.*

arcabuz, mulher alta e magra; em Viana-do-Castelo.

arganéu, argola com espigão que se embebe em qualquer ponto, a bordo, para a fixar. «cabo.. tendo n'um dos chicotes mão com gato e sapatilho para engatar n'um arganeo da mediania... «*Ap. e Man. de Navios,* 128.

argau. V. **cagarra.**

arfar, elevar uma embarcação por meio de engenhos para a colocar sobre picadeiros. O mesmo que «querenar».

arquibanco, artibanco. O *Novo Diccionário* regista *archibanco:* «o maior banco de uma casa; banco de costas».

Ouvi em Viana a forma *artibanco* e registei-a nas minhas notas como «banco comprido, de costas, do mobiliário antigo. A parte inferior fecha como uma caixa a que o assento serve de tampa».

Canete, no glossário das *Farsas y Églogas,* de Lucas Fernandez, define: «*Arquibanco.* Banco largo com cajones cuya tampa sirve de asiento.»

A forma *artibanco* encontra-se na *Avaliação de vário mobiliario no anno de 1825,* a pág. 199 do vol. XII da *Rev. Lusitana*: «Hum *artibanco* de Espaldar...»

armar, fazer, arranjar, conseguir, obter. «*Armar* uma quinta; *armei* uma dor de cabeça; *armou* um bom negócio.»

Em Parêdes-de-Coura.

arrabaldado. «.. oliveiras *arrabaldadas* termo trasmontano que significa «dispersas pelo termo da freguezia.» — Meneses Pimentel. *Gazeta das Aldeias,* n.º 641, pag. 175.

arrasar «se cá viesse alguem *arrazava-se o mundo*». — Camilo. *Serões S. Mig. Seide,* II, 11.

V. *Acabar.*

arrebaçar, arrancar, tirar com violência; em Parêdes-de-Coura. «*Arrebaçar* erva». Por *arrefeçar?*

arreatar. (Vid. infra).

arrebem. O *Novo Diccionário* define este termo como «pequeno cabo, de vários usos a bôrdo.» *Pequeno cabo* está aqui impropriamente por *cabo delgado.* O *arrebem* é um cabo de linho formado por três cordões ou ramos, de pouca espessura, usado especialmente nas enfrechaduras.

arreganhar, diz-se da cebola muito seca que larga a casca. No Minho. «*Arreganhar* a taxa», rir-se; dizer

---

1 Vide nota 3, pag. 214.

2 *Teatro Completo de Juan del Encina.* Madrid, 1893.

ou receber gracejos agradavelmente. «Está sempre com a *taxa arreganhada* a quem lhe diz gracejos».— Camilo. *O Degredado*, 61.

«*Arreganhar* o dente», refilar, mostrar-se ríspido. «D. João VI era bem fracalhão e foi obrigado a *arreganhar o dente* e dar o golpe de Estado». — Teófilo Braga.

Em calão de caserna, *arreganhar o talher* é o mesmo que *arreganhar a taxa*.

arreatar; arrotar, arrotadura. *Arreatar* ou *arrotar*, em ling. náutica, significa «prender, ligar com voltas, de corrente especialmente». *Arrotadura* é a «ligação formada por muitas voltas de corrente ou cabo».

«Pode-se fazer a *arrotadura* mesmo no mar. Rendi o mastro do traquete mas posso *arrotá-lo* no mar». — *Codigo Internacional de Signaes*, 220.

«. . duas vergas de gavia cujos laises... serão reforçados e *arrotados* com barras de cabrestante... Duas vergas de papafigos *arreatadas* com paus de cutelo..» — *Ap. e Man. de Navios*, 109 e 110.

Talvez por *garotadura* e *garrotar*, de *garrote*.

arruela, virola de ferro, de vários diâmetros, usada em construção naval, servindo geralmente para fechar sobre ela a extremidade inferior das cavilhas de ferro, à face da madeira. «As cavilhas dizem-se . . vivas quando . . terminam por porcas ou arruelas que as sujeitam contra a madeira». — Barros-Freitas. *Construcção Naval*, II, 19.

arrufamento. «O eixo do gurupez forma com a linha do horisonte um angulo que varia de 20º a 35º. Chama-se a esse angulo *arrufamento*». —*Ap. e Man. de Navios*, 20.

arrumou! exclamativa equivalente a *acabou! disse!* «Quero que me deem a minha filha e *arrumou!*» — Bento Moreno. *Com. Campo*, 117.

arrunhar, abrir o javre e fazer o pente, afagando o topo das aduelas, em uma vasilha. E' termo de tanoaria em Lisboa.

asado, asada, asar. *O Novo Diccionário* define *asado:* «vaso com asa». Em Arronches e Campo Maior, segundo informação, *asado* é uma «panela de barro que serve geralmente para azeitona».

Outra acepção diferente tem nas abas da Serra-da-Estrela, como se vê no trecho seguinte de um estudo do Dr. Figueiredo da Guerra sobre lacticínios, inserto na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909:

«O leite é mungido para os *ferrados* (nome que na localidade dão a uma especie de baldes) onde é levado para a queijeira, ahi passado para os *azados* (especie de gamella) e juntam-lhe então o coalho».

Outra acepção atribuida de um modo geral a todo o país: «O mel das crestas é recolhido em uma vasilha outr'ora de barro e hoje de folha de Flandres, chamada *azado*, por ter duas azas e não uma só, como os cantaros e bilhas para agua. Estes *azados* possuem duas azas ou pégas, por isso que sendo muito grandes e pesados, necessitam do esforço de dous homens para serem erguidos e transportados». — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 195.

Na Nazaré, *asado* é a «tijela-da-casa». *asar*, na Beira Alta, é o mesmo que «fazer, ajeitar, compôr».

assanicar. abanar com força e repetidas vezes, abanar; em Viana. «*Assanicar* com a porta; *assanicar* com o leque».

assaralhopado, confuso; atrapalhado. «os povos falavam uma lingua *assaralhopada* que nem era latina nem deixava de ser». — Pinheiro Chagas. *Historia Alegre de Portugal*, 41.

assens, encefalite (?) dos porcos; na Vila da Feira.

V. *Gazeta das Aldeias*, n.os 889 e 892.

assobiado, ponteagudo, esguío; no Minho.

«O crioulo nasceu assim, com a cabeça muito *assobiada*».

atrefícios, o mesmo que «utensílios»; na Beira-Alta. *Atrefícios de laboira.*

atuir, obstruir, entupir; no Minho e não só em Trás-os-Montes, como diz o *Novo Diccionário.*

Cf. esta cantiga de Viana, na *Rev. do Minho*, XIX, 58:

«Adeus, jardim de Biána,
Hei-te mandar *atuir*,
Pois tu és a perdiçòu
Das criadas-de-serbir».

avaria, palhaçada, cabriola; feito digno de ser notado.

Em Ílhavo.

azambrado. *Malazambrado*, diz-se, no Minho, do indivíduo desairoso e mal vestido.

aziar. *Aziar-de-ovos*, especialidade de doce. «atasca essas linguas em podim de batata . . deita-lhes *aziar de ovos* em fio . .» — Camilo. *Cego de Landim.*

azovia. «Os pobres fazem ainda com mel outras lambarices, como as *azovias* . .» — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 129.

azougue, azougar. Chama-se *azougue*, a bordo de alguns navios mercantes, a uma camada de óxido, de aparência metálica, de que os objectos se cobrem, por efeito dos gazes provenientes da decomposição da água das cavernas.

B

bacia. *Bacia-de-forno* é, no Minho, uma «vasilha de barro vermelho, oblonga e pouco alta, para assados no forno».

badêle, pá-do-lixo; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Cf. o esp. *badil:* «pequena pá de ferro».

baldear, tornar-se amalucado, doidivanas, tanso.

Baldear ou *baldear da bola.* Minho.

banqueta, em Viana-do-Castelo, é o mesmo que «passeio», i-é, «parte lateral e um pouco elevada das ruas, destinada ao transito de pessoas a pé». «Conheces aquelle sujeito que ali vae? — Pela *banquêta?* — Não te percebo. — . . Pelo *passeio?* . . Nós chamamos *banquêta*». — F. Fonseca. *Praça da Rainha*, 50.

barba, barbar. «Fazer *barba*» ou *barbar* é, no Minho, o mesmo que *abarbar* (a colmeia).

V. *Gazeta das Aldeias* n.º 777, pag. 248.

bardo. V. **Lata.**

barrado. «Mas, commendador, parece-me que vae *barrado*». — Camilo. *Corja.*

barramento, barras paralelas ao longo do torno mecânico. «nos vãos das diferentes peças que formam o carro e o *barramento*...» — João Santos. *Manual do Torneiro Mechanico.*

Nas fábricas de móveis de ferro, *barramento* é o conjunto das duas peças ou barras laterais da cama.

barrégo, o mesmo que o *berrégo* do Minho, = grito, berreiro; em Carvalhos (Gaia).

barro. No concelho de Moncorvo, os apicultores ou abelheiros chamam *barro* ou *calças* ao polen que as abelhas trazem nas cestas das patas.

V. Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 198.

basteza, terreno de pinhal novo; no Vale-do-Côina.

bastir, bastição. Em tanoaria, *bastir* é vergar ou arquear ao fogo as aduelas de uma vasilha «agalhada» (v.)

bastição é o acto ou efeito de *bastir*, fechar a vasilha, metendo os arcos à força de marreta para que as aduelas verguem.

beber. *Beber a virar* é «beber de uma só vez, de um trago». «Espero que todos *bebam a virar*. — Camilo. *Eusebio Macario*, 113.

Beber os ventos é o mesmo que «suspirar», amar com intenso desejo de posse. «Anda ahi o morgado da Figueirôa a *beber os ventos* e ella sempre na mesma.» — Camilo. *Engeitada*, 35.

Ir beber trinta réis, é assim como «ir á fava» ou talvez coisa peor. «..que fosse o mundo *beber trinta réis*». — Camilo. *Corja*. Não será expressão muito limpa mas é antiga porque vem registada nas *Infermidades da Língua* de parçaria com essoutra que se lhe liga pela analogia monetária: «como a velha dos trinta réis.»

Na gíria de Lisboa, *bebida branca* é uma «mistura de agua, aguardente e limão».

Registarei aqui uma particularidade da linguagem familiar de Viana-do-Castelo, em que o participio *bebido* entra como adjectivo, em frases como: «Tomei uma chávena de chá *bebido*». «Estou com uma pinga de café *bebido*». Isto quere dizer que se bebeu «simplesmente uma chávena de chá» ou «uns golos de café», sem mais nada.

bègueiro, burro; em Viana-do-Castelo (Areosa). O povo ali chama *burros* a todos os outros indivíduos da espécie cavalar ou muar.

belharuco, o mesmo que *beilhó* ou *filhó*: em Ílhavo.

Cf. *velharaco*: «uma espécie de filhó»; na Bairrada. *(Novo Diccionário)*.

belmandil. «..preferindo para maior certeza de bom exito, os [figos] de castas que não vinguem sem caprificação — *cuchário, belmandil, carvalhal, bêbera*..» — Mello Leotte. *Gazeta das Aldeias*, n.º 725.

Refere-se ás figueiras do Algarve

berpilheiro, burpilheiro, o mesmo que «lhagalhé».

No Minho.

berundanga, burundanga, comida mal feita; o mesmo que «garrafada» ou «remédios-de-botica»; na ling. fam. de Lisboa. «Receitou para ali umas *berundangas*...» — Fialho. *A Ruiva*.

bica, o mesmo que «caruma»; na Gafanha [Aveiro].

bicha. *Bichas* são, a bordo, pedaços de cabo cosidos no vergueiro, de espaço a espaço, para amarrar ou ferrar a vela. — *Bichas-de-tempo* são outros pedaços de cabo mais compridos que *abafam* a vela. «Navios ha que usam de *bixas de tempo*, umas gachetas compridas para abraçar a vela e verga». *Ap. e Man. de Navios*, 172.

bico, esbicar. *Bico* é, no Minho, a renda estreita de bilros que toma várias designações conforme o desenho ou risco sobre que se executa. «A renda dos pinheiros?... — E' o nome dum risco e ha tambem o *bico d'amendoa*, o *do tremoço* e muitos mais». — F. Fonseca. *Praça da Rainha*, 17.

Esbicar é cortar em bicos ou dar forma de bicos. «*Esbicou* os punhos do chambre; renda *esbicada*». «Beijos *esbicados*» são os beijos prolongados como chilreio.

V. **rebicar.**

bife. O povo, considerando o bife como um luxo gastronómico a que raras vezes pode chegar, aplica esta palavra ironicamente, seguida de um qualificativo mais ou menos pinturesco, a qualquer iguaria vulgar: *Bife-de-cabeça-chata* é, creio que em todo o país, a «sardinha».

Bife-de-gaivota, no Seixal, Barreiro e Vale-do-Cóina, vem a ser o mesmo que o anterior.

Na mesma região, *bife-de-cafeteira* é a «chícara ou caneca de café do almoço».

biqueira, biqueirada. *Biqueira* é o mesmo que «pontapé». «Dá-se-lhe já duas *biqueiras* n'este padreco, ó meu sargento!» — Camilo. *Braz. de Prazins*.

Em Parêdes-de-Coura dizem *biqueirada*, no mesmo sentido.

biscatar, fazer «biscatos», pequenos trabalhos, obra sem importancia. Como termo de operários, em Lisboa.

bitão, boitão, o mesmo que «betão», adaptação do fr. *bèton*. Dizem os pedreiros do Barreiro e Vale-do-Côina.

Bolear, boleio = chulear, chuleio. *Chulear* é «pontear a orla de um tecido para que se não desfie». A esses pontos chamam em Lisboa *chuleio*, termo que não occorre nos dicionários apesar de muito usado na ling. familiar.

As palavras que lhes correspondem em sentido, no Minho, são, respectivamente, *bolear* e *boleio*.

bolinête (= molinete). *Bolinete* é o maquinismo usado a bordo dos navios para guindar as âncoras por meio do enrolamento da amarra em «um grosso cylindro de madeira, atravessado de bombordo a estibordo, á prôa, por ante a vante do mastro do traquete, tendo proximo das bases, e sobre a superficie a um e outro lado, caixas quadrangulares abertas na direcção dos raios, nas quaes entram barras de madeira destinadas a dar movimento de rotação ao cylindro..» Transcrevo este excerto de pag. 123 do *Ap. e Man. de Navios*, do sr. João Braz de Oliveira.

O *Novo Diccionário* dá esta palavra como derivada de bolina, parecendo, no entanto, que só a analogia fonética poderá identificar estes dois termos. *bolinete* será antes forma popular de *molinete*, do esp. *molinete:* «máquina para virar el cable del ancla» (Rodriguez-Navas), com troca do *m* inicial por *b*, caso freqùente na ling. popular. Cf. *belancia* por *melancia; bicheiro* pelo esp. *mechero;* etc.

Não só o aparelho acima descrito mas tambem o antigo cabrestante octogonal, ambos com os seus espeques ou barras que lhe imprimem o movimento de rotação, se prestavam a uma tal relação ideológica: *molinete*, de *molino* = «moinho».

O *Codigo Internacional de Signaes* (ed. oficial de 1901) só regista *molinete* (*Vocabulario*, pag. 321).

Os modernos *molinetes* quando não são movidos pelo vapor ou electrícidade, «teem um systema de alavancas similhante aos braços d'uma bomba-*guinchos-bombas* — e pelo seu movimento alternativo, baixando e elevando, dão movimento a uma engrenagem circular, que a seu turno a transmite ao eixo...» — *Ap. e Man. de Navios*, 123.

boneca; bonecrice. Em tecnologia metalúrgica *boneca* é um «grampo móvel que se adapta aos tornos mecânicos». (V. *Man. Torn. Mecânico*, de João dos Santos).

Nas fragatas do Tejo é a «mêsa das malaguêtas», i-é, a peça de madeira, colocada por ante a vante do mastro, em que dão volta os cabos das velas.

bonecrice (de *bonecra*) é, na ling. fam. de Lisboa, o mesmo que «bugiganga, ninharia, coisa vistosa mas sem utilidade ou valor». «Estabelecer o uso de dar *bonecrices* que custam muito dinheiro...» — Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 57.

borcar, o mesmo que «emborcar», no concelho de Moncorvo. Na mesma acepção o regista o *Novo Diccionário* como provincialismo beirão.

borneiro = verrumeiro. O *Novo Diccionário* dá *borneiro* em segunda acepção como provincialismo, no sentido de «buraco em o tampo do tonel ou pipa, no qual se introduz a torneira.» Nos *Estudos da Lingua Portuguesa* apresenta o sr. Júlio Moreira idêntica definição do mesmo vocábulo referindo-a á província de Trás-os-Montes.

Nas oficinas de tanoaria e talabarte (v.) de Lisboa, *borneiro* ou *verrumeiro* significa o mesmo que «batoque» ou «rolha de madeira torneada em cone, servindo para tapar o orifício do bojo ou do tampo das vasilhas de aduelas».

Em um anúncio da tonoaria Valente Perfeito, do Poço do Bispo, inserto em *O Seculo* de 22 de Maio de 1911, lê-se: «Vende-se todos os materiaes para todo o vasilhame, como seja... batoques e *borneiros* de madeira, arcos de pau...»

Ha *borneiros* para barris, para pipas e para toneis.

borracheira, não é só «bebedeira ou acções de bêbado». Na ling. popular significa mais: «qualquer coisa mal feita; acção ridícula por incompetência de quem a pratica». «Estou a acabar de jantar e lá vou ver essa *borracheira*». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 205. «mandou-lhe um pataco de banha do cabello com espirito de cravo embrulhada na poesia, que por signal era uma borracheira». — Camilo. *Eusebio Macario*, 72.

bôsto, bostêlo = branda. É a bouça de mato, pastagem nas montanhas da serra da Penêda.

(Informação do Dr. Figueiredo da Guerra, com as seguintes notas: «*Portugalia*, I, 311; Alex. Herculano, *Hist. Port.*, vol. 3.º, pag. 280, nota 1.ª da 2.ª ed.; com o nome de *Branda* na Carta Corograph. de Portugal, $\frac{1}{100:000}$, folha n.º 1, na serra da *Penêda*, Arcos-de-Val-de-Vez).

Cf. *busto* (ant.) no *Novo Diccionário*.

bouça. O sr. Gonç. Viana, nas *Apostilas*, I, 165, firmando-se em um trecho de *As Villas do Norte de Portugal*, deduz para a palavra *bouça* acepção mais ampla que a que lhe dão os dicionários.

De facto, *bouça*, no Minho, não é apenas o «terreno inculto», como define o *Novo Dicionário*, nem o «terreno onde se cria matto para adubo por não ser proprio para cultura», segundo o *Diccionario Contemporaneo*. *Bouça* é uma certa extensão de terreno delimitada por um muro de pedra solta ou simples marcação de pedras e valados, onde se cria mato, para todas as aplicações usuais nas aldeias, e pinheiros ou carvalhos.

Na *Aurora do Lima*, de 6 de Abril de de 1908, lê-se em um anúncio judicial: «Uma bouça de matto e pinheiros no sitio do Barroso... Uma bouça de matto com pinheiros e carvalhos..»

branquinha. «No concelho de Moncorvo chamam *branquinha* ás flores do mez de Setembro e Outubro..» — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 198.

brôcho, prego curto, sem cabeça, próprio para calçado; na Beira-Alta.

bronze, bronzeado. *Bronze*, em mecânica, é um cilindro vasado, geralmente de bronze, cortado longitudinalmente em duas peças que se ajustam no moente de um veio, entrando depois nas chumaceiras.

O *bronze* das rodas de poleame é um cilindro vasado, de ferro, cravado na espessura da roda, em que gira o perno. Ao poleame provido destas rodas chama-se «poleame *bronzeado*».

Na ling. popular *bronze* é o mesmo que *cobres* = «dinheiro». «...que o rapaz em se lhe acabando o *bronze*, lá o tem». — Camilo. *Volc. de Lama*, 43.

bujão, rolha, batoque ou chumaço com que se tapa um orifício de bueira; a bordo.

burro, burrinho, pequeno motor para alimentação das caldeiras de vapor.

C

cabalim. «..e o seu chambre de *cabalim* a reluzir de branco..» — Adolfo Portela. *Águeda*, pag. 380.

cabeça, cabeçalho, cabeçote. *Cabeçotes* do torno são as duas peças em que se fixa o objecto a tornear. O «*cabeçote* da árvore» ou «fixo» está do lado da engrenagem transmissora do movimento e o «*cabeçote* do ponto» ou «movel» deslisa ao

longo do barramento. (V. *Man. Torn. Mecânico,* de João dos Santos).

cabeçalho, na gíria de caserna, é a «almofada de cama».

cabeça-de-atum ou *cabeça-de-avelã* é o «individuo falto de senso». No Minho, *cabeça-de-cobra* é a «rapariga leviana, estouvada, namoradeira». *cabeças-de-pau* chamam em Lisboa aos «adelos» ou «estabelecimentos que compram e vendem roupas usadas». «..alugou num *cabeça de pau* um vistoso cinto de pennas..» —Cesar Machado. *Lisboa de Hontem,* 188.

Andar com a cabeça à roda é «tresvariar, fazer tolices, andar perdido de amores» «..quando as mulheres lhe não faziam *andar com a cabeça a roda* . .» — Pinheiro Chagas. *Hist. Alegre de Portugal,* 51.

cabeça-de-água é a maré mais alta, três dias depois da lua-nova: no Tejo.

cabo. Qualquer corda, ainda que seja de espessura mínima, tem a bordo o nome de *cabo.* Diz-se «*cabo* delgado» ou *cabinho* para designar o de menor bitola, como o que se emprega em enfrechaduras, e a que vulgarmente chamam *arrebem* (v.).

cabo, no sentido de «corda grossa» é tambem usado no Minho.

cabra. *Botar a cabra,* nos Arcos-de-Vale-de-Vez, é o mesmo que *pregar uma cabrita,* em Parêdes-de-Coura. V. *Revista Lusitana,* XIV, 150.

cábula, manha, ronha. «O abade tem andado com uma *cábula* muito fina» —Camilo. *Braz. Prazins,* 215.

cacarejante, sonoro, imitando cacarejo. Como neologismo de Eça, não cheira a francesia e é de um pitoresco expressivo. «...o nome galante e *cacarejante* de Maricòquinhas...» — *Relíquia,* 108.

cacau, dinheiro. «...e d'outros bicos de obra que podiam dar muito *cacau.* —Camilo. *Corja,* 304.

cacetar. «...o ex-corregedor Albano que *cacetara* os presos liberaes..» — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide,* III, 24.

cachicha!, o mesmo que *catixa!* ou *cativa!* (V. *Rev. Lusitana,* XIV, 152) «As mulheres presentes fizeram uma momice de enjoadas e, cuspinhando para o lado, disseram *cachicha.*»—Bento Moreno, *Com. do Campo,* III, 49.

cachola, cacholeira. O *Novo Diccionário* regista *cachola* como provincialismo: «figado de porco ou de outro animal».

cacholeira no mesmo sentido vem na *Agenda Fam. e Com. dos Armazens Grandela,* para 1913, pag. 319: «*Cacholeira* ou *cachola.* Termo pelo qual n'algumas provincias do sul do paiz designam o figado de porco».

cachoreta. «Peixe vendido na lota de Villa Real de Santo Antonio... 32 atuns, 44 atuarros, 7 albacoras e 17 *cachoretas*...»—*O Heraldo* [Tavira], 24 de Maio de 1908.

cadeado, calabre de ferro, articulado em cadeias ou fusis, usado em engenhos ou noras metálicas. «Engenhos com importantes melhoramentos... O *cadeado* não se desarranja e aos pucaros não se lhe desligam as costuras...»— *O Beirão* [Mangualde], de 5 de Abril de 1908.

cadela, cadelice. *Cadela* é epíteto injurioso aplicado á «mulher mal comportada», «...que era como o do Côxo e a Carrasqueira, uma *cadela* sem vergonha».— Camilo. *Eusebio Macario,* 33.

De tal acepção se formou o termo minhoto *cadelice* que significa o mesmo que «femeaço, mulherío reles». *Andar na cadelice* é «andar na estúrdia com mulheres fáceis ou persegui-las por vício cúpido.»

cadernilha, cadenilha, o mesmo que «barbela»; na Beira [S. Pedro-do-Sul]

Do esp. *cadenilla,* de *cadena.*

cadoiço. O *Novo Diccionário* regista esta palavra como «prov. [incialismo] minh.[ôto]» significando «aloque vasto e fundo», tendo explicado no lugar próprio que *aloque* é um «esconderijo (de peixes, principalmente no rio)».

Cadoiço tem o mesmo significado no Vale-do-Cóina, e possível é que seja conhecido em outros pontos do país.

O sufixo derivativo *-ouço* ou *-oiço* não exprime apenas «ajuntamento, grande quantidade» mas serve tambem para os aumentativos. Cp. *ricouço, tamanhouço.* (Vid. J. Moreira, *Estudos da Língua Portuguesa*, I, 193). *Cadoiço* poderá ser um derivado de *cado;* «antigo vaso para líquidos», se não é propriamente e mais provavelmente o esp. *cadoso:* «lugar profundo en el rio, donde hace remanso el agua» (Rodriguez-Navas).

cafra. «A ama ia dizer ás criadas que a brasileira era uma *cafra* que não podia ver o anjinho do ceu». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 381.

caga-lume, lampianista, acendedor dos candieiros de gás da iluminação pública; em Setúbal.

cagarra. No *Novo Diccionário*, vem esta palavra como termo «*Açor.* [iano]» no sentido de «Espécie de gaivota».

E' o nome que os nossos pescadores de bacalhau dão a uma gaivota dos Bancos da Terra Nova a que em Ílhavo chamam *argau*.

caiador, o mesmo que «trôlha» = pedreiro; no Minho. «recolheu ao hospital com um grave ferimento na perna esquerda feito com uma colher de *caiador*». — *Fôlha de Viana*, 4 de Janeiro de 1912.

caìdela, (descaìdela), caìmento. *Caidela* é o mesmo que «queda»; em Viana.

Cp. *descaidela, descaida*, por «descuido»; por analogia com *escorregadela* no mesmo sentido.

Caìmento é a «inclinação mais ou menos pronunciada dos mastros de uma embarcação para ré». Diz-se que um mastro tem muito ou pouco *caimento* conforme o ângulo da sua inclinação. «...collocadas por ante a ré dos mastros, e com a sua inclinação ou *cahimento*...» — *Ap. e Man. de Navios*, 24.

caimbas, cambas, são as peças laterais do freio.

Morais regista *caimbas*. O *Novo Diccionário* não insere nenhuma destas formas em tal sentido.

caiporice. «...que levasse o diabo o frade mais a *caiporice* dos exorcismos.» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 215.

caixeiro, é, em Parêdes-de-Coura, o indivíduo que toca «caixa» ou tambor, acompanhando os *zés-p'reiras* ou gaitas-de-foles, nas festas populares.

Em Viana chamam-lhe «zabumba» ou «tamborileiro».

caixêta, caixêtas. *Caixêtas* chamam os serralheiros a uma série de molas que, dispostas a alturas irregulares no interior da fechadura, se movem ao mesmo impulso da chave cujos *sombreirêtes* (v.) correspondem a essa disposição, fazendo avançar ou recuar a lingüeta. *Fechadura de caixetas.*

«Peça da espingarda». «...para certificar-se que o desarmador, a *caxêta* e o fradete trabalhavam harmonicamente». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 211.

calaça, calacice, calaceiro. *Calaça*, significando «preguiça, ociosidade, vida de mandrião», é muito usado no Minho. No mesmo sentido se emprega tambem *calacice*.

Calaceiro, como adjectivo, no sentido de «femeeiro, frascário» vem no *Novo Diccionário (Supl.)* deduzido de um trecho da *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel: «...maridos *calaceiros* de criadas».

Na *Eufrosina*, acto III, cêna VI, empregou-o Jorge Ferreira em passo semelhante, porem com sentido que poderemos considerar mais abstrato: «sou mais *calaceiro* de moças de rio que minhoto de tripas». Parece significar o mesmo que «perdido por».

calão. V. **chavega.**

calduro, sopa de castanhas piladas; no Fundão.

V. *Gaz. das Aldeias*, n.º 733.

cale. No Vale-do-Côina *cale* é a «parte mais funda do rio entre os parceis», o que é, pouco mais ou menos, a definição dada pelo *Novo Diccionário*, referida a Aveiro.

calemburizar. «Era a casa-da-tia, *calemburisava* o povo jogando de vocabulo maliciosamente. — Camilo. *Volcoens de Lama*.

calmeiro, o mesmo que «calma» ou «calmaria», no Vale-do-Côina. «Dia de naboeiro dia de *calmeiro*».

câmara, camarinha, camarote. Nos navios mercantes *câmara* é o aposento à ré destinado aos oficiais de bordo. *Camarinha* ou *camarote* é a pequena *câmara* em que dorme o capitão.

camarinha era o «quarto-de-dormir», como ainda hoje no Brasil V. em Gil Vicente;

> «...um coxim e todo o al
> que está nessa *camarinha*
> debaixo do meu brial»
>
> [COMÉDIA DE RUBENA]

> «e Menoba está saindo
> no meio da *camarinha*».
>
> [AUTO DA LUSITANIA]

cambão, reunião de indivíduos que, nas arrematações de gado cavalar nos regimentos, se quotizam ou combinam para a compra em comum, fazendo depois uma nova arrematação entre si com divisão proporcional dos lucros.

Em Lisboa.

camisêta. O *Novo Diccionário* regista esta palavra no mesmo sentido de «camisola» como «*Prov.* [incianismo] *alg.* [arvio]». E' tambem conhecido assim em Viana e Ilhavo.

camurro, camurrão, teimoso, «casmurro»; no Minho.

Usado tambem em Vila-Real. V. *Rev. Lus.*, XI 299.

candeio é a floração das oliveiras; no Vale-do-Côina.

candelissa. «Antigamente usava-se formar com duas polés, tendo cada uma os eixos das roldanas parallelos, um aparelho a que se chama *Candelissa* e que se gurnia como a talha dobrada. Alguns mercantes chamam *condelissa* a um teque formado por dois moitões de cilindro, um dos quaes engata n'um vergueiro, que vae ao lais da verga grande e serve para guindar a carga.» — *Ap. e Man. de Navios*, 37.

caniço, é uma espécie de cana aquática, delgada e flexível que cresce no rio, em lugares pouco fundos. No Vale-do-Côina.

cangado. V. **adernar.**

cantar, cantilena. *Cantar* equivale a «dizer; dizer sem rebuço e sem receio». «Ai, fica por minha conta .. hei de lh'as *cantar*.» — Eça. *Crime Padre Amaro*, 311.

Cantar desafinado é «provocar com palavras ou ditos inconvenientes; refilar; responder com grossaria ou imposição.» «...que se fechavam em forma de box assim que os pimpões lhe *cantavam desafinado*.» — Camilo. *Cego de Landim*, 47.

Cantar lérias é «usar de artimanhas, palavreado, para convencer alguem». «Vinha cá a santinha de pau carunchoso *cantar-me lérias*». — Camilo. *Corja*.

É vulgar a expressão *é como canta!* para significar: *é isso mesmo!*

cantilêna, em português, como em espanhol, é a «repetição enfadonha de qualquer ideia ou de quaesquer pala-

vras». Tambem significa o mesmo que *cantiga* = «narração ou conversa astuciosa, para iludir». — *Cantilênas, cantilenas*. E principiou a assobiar».— Bento Moreno. *Com. Campo*, 32.

capa. *De capa e espada* é, no Vale-do-Côina, qualificativo para tudo que é «optimo, perfeito, excelente». «Dia *de capa e espada*. Cavalo *de capa e espada*, etc.»

capôlo, em Ílhavo, é uma «espécie de cogumelo que ataca as madeiras de construção».

caquear, o mesmo que «titubear»; amodorrar.

Em Viana-do-Castelo.

cara. Entra na formação de numerosas expressões populares ainda não registadas, tais como: «*cara* sem vergonha; estanhada; de caso; de lua cheia; de Páscoa; alegre; de poucos amigos; de réu; de carrasco; de asno; de parvo; de enjoado; torta; de pau; de fome; de fastio. Ha tambem a expressão minhota: *cara de rei galêgo* que é o mesmo que «cara de poucos amigos».

Fazer cara é «mostrar má vontade ou repugnância».

Ficar de cara à banda quere dizer «ficar desapontado, despeitado, corrido». «Os castelhanos que tinham *ido de cara à banda* voltaram á carga...» —Pinheiro Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 35.

caraçudo, carregado, ameaçando trovoada (falando-se do tempo). Seixal, Barreiro, Vale-do-Côina.

caramelo, é o trabalhador rural que vem geralmente do distrito de Coimbra para os campos do Alemtejo. «...e ainda agora mesmo na extensa charneca dos Marinhaes continua com intensidade a implantação do *caramelo* «originario dos campos do Mondego», cuja energia de trabalho quasi permanente não esmorece diante da aridez alemtejana...» — *O Seculo Agricola*, n.º 13.

caramuja, caramujão; encaramujar. *Caramuja*, no litoral do Minho, é um molusco univalve a que em Lisboa chamam «burrié». *Caramujão* é o «burrié» grande.

No mesmo sentido de «encaracolar» dizem no Minho *encaramujar*. Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 805, diz um consulente da *Praia-d'Ancora*: «Tenho um limoeiro ha uns quatro annos, do qual não tenho colhido nada. Fruto mostra muito mas não dá nenhum. Chegam apenas ao tamanho de amêndoas, cáem e a folha *encaramuja*».

carcanel, cracánel, ferro de calafêto, com um ou mais gornes.

carcanhão, carcanhoes, *Carcanhão* significa «ostra», no Barreiro, umas veses e... sentido concreto e outras colectivamente: «porção de ostras».

A alguns pescadores da Fuzeta ouvi empregar *carcanhoes* no mesmo sentido colectivo. Não sei se será forma corrente no Algarve.

cardife. Vulgarmente, nas emprezas de transporte, fábricas industriais, etc., designam assim, pela procedência, a hulha originária das explorações mineiras de Cardif. «O stock de 2.000 toneladas consistia em *cardiff* misturado com carvão americano». — *Almanaque Maritimo* (1903).

Cp. *alcobaça* = lenço tecido nos teares de Alcobaça. [«...e aparando as lagrimas ternas no *alcobaça*...» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 75].

carepa, pequenas laminas de óxido de ferro que saltam do ferro candente, batido na bigorna [1].

Limpar-se da carepa é «sair da miséria para uma relativa mediania; elevar-

---

1 «Sempre que possa ser é conveniente que o aquecimento seja feito com carvão de madeira afim de evitar a *carépa* que se forma ao aquecer». — João dos Santos. *Man. Torneiro Mechanico*, 34.

se, progredir com o auxílio de outrem ». « *Limparam-se da carepa*, é o que é . . . » — Camilo. *Corja*.

carêta; peneiro. *Carêta* ou *tapa-rosto*, no concelho de Moncorvo, chamam os abelheiros a um pano de serapilheira em que envolvem a cabeça quando crestam as colmeias. « . . envolve a cara em um panno com dois pequenos orificios no sítio dos olhos, panno a que dão o nome de *tapa-rosto* ou *carêta* . . » — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 195.

No Vale-do-Côina cosem a este pano, no lugar do rosto, uma rêde fina de arame, de forma côncava. Chamam-lhe *peneiro*.

carocha. Os calafates de Lisboa chamam *carochas* a uns « rolinhos de papel que se enchem de breu em fusão para tapar as costuras do convés dos navios ».

carôcho, é o carro funerário da Misericórdia; em Coímbra.

carrada. Como medida de quantidade determinada, não ocorre nos dicionários, apesar de muito vulgar no país, a par de *carro* (V. *Rev. Lus.*, XIV, 151).

No Vale-do-Côina « uma *carrada* » de palha equivale a quatro *talhas* (v.) ou sessenta molhos; « uma *carrada* » de mato a quatro *talhas* de cincoenta molhos; e « uma *carrada* » de rama-de-pinho a quatro talhas de sessenta molhos.

carrela, padiola; em Viana (Areosa) (V. *Rev. Lus.*, XV, 73) e nos concelhos de Penafiel e Arcos-de-Vale-de-Vez.

carro, caro, cairo, carreta, carreteira. *Carro*, *caro* ou *cairo* é a « parte inferior e mais grossa de uma verga de vela latina triangular. Qualquer destas tres formas é usada entre os maritimos do Tejo, predominando, contudo, a segunda.

Informações de Olhão dizem-me que os pescadores de lá só conhecem a primeira.

[V. *Diário de Notic.* de 25 do I; 4, 6, 12 do II; 8, 11, 15 do V; 25 do VI e 5 do VII de 1912; e *Rev. Lus.*, XV, 269 ss.].

Carro, em Espòsende, é a « polé de alar as rêdes ».

No Vale-do-Côina chamam *carrêta* ao « carro-de-bois ». *Carreteira* é ali o « caminho por entre matos » que o *Novo Diccionário (Supl.)* dá como « prov[incialismo] beir[ão] », colhido em Ceia.

Em um conto do sr. Brito Camacho inserto em um número da *Lucta* de Julho de 1907, vem o termo, em acepção idêntica, referido ao Alentejo: « . . n'uma pequena pelada que havia no mato, perto da *carreteira* . . »

Abelhas carreteiras, no concelho de Moncorvo, são as « abelhas obreiras » de uma colmeia. V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

carruço, caneco pequeno, de pau, para água; na Beira Alta [S. Pedro-do-Sul, arredores].

carrulo, nuca; no Minho.

cartola, pessoa de importancia ou valimento; na ling. popular. « Chamam-lhes *cartolas*, casacas, fidalgos . . » — *Vanguarda*, 2 de Julho de 1904.

carvalhal, variedade de figo; no Algarve. V. **belmandil.**

casa. No concelho de Moncorvo, chamam *casas* aos alvéolos dos favos das abelhas. O alvéolo da mestra é a « *casa* da abelha nova ». V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

casa-mestra, em const. naval é a « largura ou boca, medida na maior secção do navio, perpendicular á quilha ». *Ap. e Man. de Navios*, 1.

casa-da-tia é o « local onde se conjugam relações ilícitas ». « Era a *casa-da-tia*, calemburizava o povo jogando de vocábulo maliciosamente. » — Camilo. *Volcoens de Lama*.

De casa e pucarinho significa intimidade afectuosa, com ou sem ideia de conúbio ou mancebia. « Dezesseis

annos *de casa e pucarinho!* queixava-se! — Camilo. *Eusebio Macario.* «Isto é ter *de casa e pucarinho* um amigo intimo de Nosso Senhor Jesus Christo!..» — Eça. *A Reliquia,* 398.

casar; casamento. «Quando eu vim *cazar para aqui* já meu cunhado tinha morrido». — Camilo. *Braz. de Prazins,* 12.

casar = «morar»? [1]

casamento com a mão esquerda chama o povo airosamente á «mancebia ou concubinagem».

Cf. o *argot: mariage de main gauche* (V. *L'Argot au XXe siècle.* Bruant)

casca, cascaria; cascar. *Casca-de-noz* é um «barco de pequenas dimensões». «Colombo então foi-se embora e começou a offerecer os seus serviços a quem lhe desse uma *casca de noz*». — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal,* 69.

Dar a casca não é só «encavacar, amuar». Tambem significa «morrer». «O homem estava com certeza a morrer e *daria a casca* mais mez menos mez». — Camilo. *Volcoens de Lama,* 115. «..o José Dias estava em Braga, muito acabado, a *dar a casca.*» — *Braz. de Prazins,* 265.

cascar, na ling. popular, é «bater» e tambem «beber». «O tanso do abade *casca*-lhe rijo no verdasco». Camilo. *Braz. de Prazins.*

Como derivado de *casca,* usou Camilo o termo *cascaria* «..mostrava o pé rubro, cheio de *cascarias* calosas. — *Eusebio Macario,* 22.

cascaria é o «conjunto de *cascos;* vasilhame», como termo de tanoaria, em Lisboa.

casquilho, em mecânica, é um «cilindro de metal, vasado, que entra justo no furo de uma peça para lhe diminuir o diâmetro, ou reforça um veio no lugar do moente».

casquinha. «Semear à *casquinha*», no Vale-do-Côina, é «semear quáse á flor da terra, sem *estonar*» (v). Geralmente este sistema é usado só para praganas.

catrina, na linguagem dos pedreiros, em Lisboa, é uma «roldana de ferro para içar qualquer peso».

Por *cantarina,* de *cantar?*

catraio; catraeiro, catraiar. No litoral do Douro, pelo menos, *catraio, catraia* é o «rapaz ou rapariga». Camilo usou o termo na *Braz. de Prazins,* 78: «Não respondes, *catraia?*»

Em Viana-do-Castelo, *catraia* é a «mulher despresível», o mesmo que «marafona».

Os dicionários não registam o verbo *catraiar* empregado entre os marítimos do Tejo para designar o «serviço feito em *catraio,* navegar em *catraio;* ocupar o mister de catraeiro».

Catraeiro, nos pinhais do Vale-do-Côina é um «machado pequeno, de cabo curto, para descascar ou esgalhar troncos».

catrafiar, segurar com voltas de fio a percinta de um cabo, antes de a forrar. É termo de ling. marítima.

cavalinho, peça de ferro que se adapta ao objecto cilindrico que se quer tornear, servindo de ponto de apoio na espera do torno. «Feito isto, enfiam-se e apertam-se os *cavallinhos..*» *Man. Torn. Mechanico,* 92.

càveira, cabeça. «Se você não fosse um velho dava-lhe com este machado na *càveira!*» — Camilo. *Braz. de Prazins,* 26.

càvirão é uma espécie de «espicha» de grandes dimensões própria para costuras em cabos grossos, a bordo.

cedeiro, cedico. «Marés *cedeiras*» são aquelas cujo preamar se antecipa ao nascer do sol. Em oposição a «marés *tardeiras*». No Tejo.

cedico é o mesmo que *cedinho,* «muito cedo». «Ainda é *cedico,* rapaz!» —

---

[1] Cp. *casado* «(ant.) morador de uma povoação, tendo nella casa sua». V. Viterbo. *Etucidario.*

Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 128.

centrar, marcar ou determinar o centro. «Em geral é empregado para *centrar* veios». — *Man. Torn. Mechanico*, 54.

centieiro, variedade de cogumelo comestivel; no concelho de S. Pedro-do-Sul.

cércea, molde do perfil de qualquer peça, recortado em madeira; em carpintaria naval. «O trabalho das differentes partes que constituem o casco, requer o emprego de fôrmas, ditas *cércias* . . » — *Construcção Naval*, I, 65.

cepo, cepudo, sapudo (=çapudo). *Cepudo*, no Minho, quere dizer «atarracado». «Uma mão *cepuda*» é uma mão gorda e pequena. «. . tem as pernas grossas e *cepudas*, com borbulhas escarlates». — Camilo. *Eusebio Macario*, 23.

De *cêpo*.

Na mesma acepção usa-se na ling. familiar de Lisboa *sapudo*. «E com o seu ar bonacheirão para Prospero, as mãos *sapudas* em cruz sobre o gato. . » — Abel Botelho. *Prospero Fortuna*, 44.

De *sapo*. Cp. *sapolga (Novo Dicionário)*. Talvez *çapudo*, contracção de *caçapudo*, de *caçapo*.

cepo V. **encepar.**

cerquido. souto de carvalhos cerquinhos; no Minho.

chamadeira. «. . e olhava de vez em quando para a quelha d'onde cae o milho graeiro a graeiro, ao som impertinente e monotono da *chamadeira*». — Bento Moreno. *Com. Campo*, 13.

chanato, remendo, pequeno concerto; em Carvalhos (Gaia).

chapuz, peça de madeira sobreposta a outra, como reforço de uma abertura; á bordo.

charaviscar, fariscar? «Poz-se a *charaviscar* no quarto como um podengo á roda de uma moita. . » — Brito Camacho. *Lucta*, Setembro de 1907. Cp. *charaviscal (Novo Dicionário)*.

charepe, pequeno lavrador; no Alentejo. V. *Gaz. Aldeias*, n.º 733.

chibarro, flor do vinagre; é o *mycoderma aceti* da ling. scientifica; na Beira-Alta.

Lat. *cibarium?*

chavega, é uma rêde de arrasto usada na pesca da sardinha, no Algarve.

Tenho a seguinte informação: «A arte de chavega» começou a desaparecer do Algarve com o desenvolvimento das armações valencianas e cercos americanos. Dizem-me que na Costa de Caparica a rede, ao recolher, é puxada a bois. Aqui [Olhão] são os homens que a puxam. Antes das armações e quando as artes eram ás dezenas empregavam toda a gente valida. Hoje porem só ali se empregam as crianças e os velhos. Entre o povo só é conhecido por «arte». Diz-se: «andar á *arte;*» a *arte* pescou; venho da *arte*»; etc. Só entre os mais ilustrados se diz «arte de chavega».

Uma «arte de chavega» consta de duas embarcações especiaes alem dumas canôas que lhe vão agregadas. Dessas duas, a maior e que transporta a rêde, é o *calão;* a outra, do mesmo typo mas mais pequena, e que transporta o peixe, é o *batel*. Á falta de embarcações [quando a pesca é abundante] tambem o *calão* mete peixe».

No *Heraldo* (Tavira) de 8 de Dezembro de 1908 lê-se este anúncio:

«Vende-se uma arte de *chavega*, duas canôas e um calão.»

chicha, carne de vaca; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Na ling. fam. de Viana-do-Castelo: «toucinho».

Cp. o esp. *chicha*.

chincar, obter, alcançar a satisfação de um desejo; no Minho.

chincho, persevejo; no Algarve. «. . sempre em defesa contra os *chinchos* que n'esta região teem ferocida-

des de cannibal...» — *Heraldo* [Tavira], Setembro de 1907.

V. *Chinche* no *Novo Dicionário.*

chinfrinice, coisa réles, caricata; sovinice. «A largueza confina com a prodigalidade, a fronteira ponteiro da economia toca com a *chinfrinice.*» — Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 101.

chiola, chinela velha; bota grande e mal feita. Em Viana.

chiura, obtusidade de um ângulo ou escantilhão; em construção naval.

Quando o ângulo é agudo, diz-se *solinhado.* «Se o escantilhão do braço é *solinhado* ou em *chiura*, basta substituir o esquadro por uma suta...» — *Construção Naval*, II, 23.

chochice, banalidade; coisa réles, sem valor; na ling. familiar. «A *chochice* rimada tomou o logar ao juizo...» — Cesar Machado. *Manhãs e Noites*, 99.

chôco; choquiço. Ovo *chôco* é o que, passado certo tempo da postura, se decompõe. Por este motivo *chôco*, em certos casos, quere dizer «fora de tempo, antigo». Neste sentido empregaria Camilo o termo na *Brazileira de Prazins*, pag. 206: «Vai uma pinga do *chôco?*» E a pag. 327: «Banhos do mar, aconselhava, bife na grelha e vinho do Porto, quanto mais *chôco* melhor».

choquiço é o mesmo que *chôco* (das galinhas).

chora, carro de transportes de passageiros, da «Lusitana»; em Lisboa. «Oh! que se houvesse um *chora* que podesse girar pela linha do Principe Real..» — *A Epoca*, 12 de Fevereiro 1904.

choussar, chouver, chousseira, chossa. *Choussar* ou *chouver* é, no Alto-Minho, «fechar, vedar (um montado)». Do lat. claudere.

chousseira é uma «tapada; baldio tapado, vedado».

No Porto chamam «carvão de *chóssa*» ao «carvão de sobreiro», que provavelmente vinha das antigas *choussas* ou «tapadas».

V. *Choussa* ou *chousso*, no *Novo Dicionario;* e *chouvir*, no *Supl.*

chumaceira, em mecânica, é a peça de ferro que serve de ponto de apoio ás extremidades de um veio. É formada de duas partes que se adaptam superior e inferiormente ao veío, suportando o *bronze* (v.)

chúria, o mesmo que «escatilhão» ou «sutamento»; em construção naval.

V. **chiura.**

cibato «... para ensinar os pintainhos que disputavam a posse do *cibato* em corrimaças impetuosas...» — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide*, v, 41.

cintel, em tanoaria (Lisboa) é a «peça lateral do fundo das vasilhas».

Em construção naval, é um «compasso especial para traçados de grandes curvas». «Para o traçado de perpendiculares emprega-se o methodo dos arcos de círculo, servindo-se do *compasso de pinulas* ou *cintel*, formado de uma regua de madeira, ao longo da qual correm dois cursores que se podem fixar em qualquer ponto da régua, por meio de parafusos de pressão». — *Construcção Naval*, I, 67.

coanhos, co(a)nhadeira, coanhar. *Coanhos* são, em Chaves, os restos da palha que ficam na eira depois de malhado o trigo.

Pertence tambem ao dialeto de Penedono (v. *Rev. Lusitana*, XII, 312).

cònhadeira ou *coanhadeira* é, ali, uma «vassoura de ramos de leituga, própria para varrer os *coanhos*, ou *coanhar* = *acoanhar*, como lá se diz.

Cp. *conhos.* (*Novo Dicionário*, [*Supl.*]).

côbro, é a disposição livre dos seios da amarra, por ante a vante do molinête, de forma que recorram sem impedimento, colhidos em uma extensão calculada como necessária á altura do fundo. Diz-se «fazer ou pôr *côbro* na amarra» ou simplesmente «fazer o *côbro*». «Faça V.

côbro na amarra. Tome V. cuidado em que o *côbro* esteja claro». — *Codigo Internacional de Signaes*, 213, 244.

côca, diz-se de uma variedade de amendoa de casca pouco consistente e fibrosa. «amendoa *côca*...» *Heraldo* [Tavira], 4 de Agosto 1908.

Nos mercados belgas e francêses chamam a esta amendoa: *coque tendre Faro*.

còcão. O *Novo Diccionário* insere *cocão* definindo-o assim: «cada um dos paus, sob o taboleiro do carro de bois e entre os quaes gira o eixo», e, como provincialismo minhoto: «vazadura por baixo do chedeiro, entre aquêlles paus verticaes, a que tambem se chamam cantadeiras, e contra a qual gira o eixo do carro».

Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 731, informa-me o sr. Rocha Belêza que em Carvalhos (Gaia) *còcão* é uma «espécie de cunha de pau que conserva o eixo do carro dentro das cantadouras e que, uma vez apertada, faz chiar o carro».

còcaria, local onde se faz a comida dos trabalhadores do campo. Ouvi o termo no Vale-do-Côina mas dizem-me que é mais usual no Alentejo.

coceira, o mesmo que «sarna»; no conc. de Abrantes.

côdea, não é apenas a «immundície do corpo ou da roupa», como disse a pag. 153 do vol. XIV da *Rev. Lusitana*, mas tambem a que se nota no sobrado, no mobiliário e, em geral, em todos os utensílios de uso doméstico». No Minho.

Fazer a côdea, chama-se, nas queijarias da Serra-da-Estrêla, á operação de «dar côdoa» ao queijo. Em um interessante artigo do Dr. Figueiredo da Guerra sobre a *Industria dos Lacticinios*, na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909, lê-se: «Concluida esta operação resta realisar o que os queijeiros denominam *fazer a codea*, e que consiste em picar superficialmente a parte superior ao queijo e depois alisar a superficie com a palma da mão, afim de ficar unida e com compacidade uniforme, fazendo-se o mesmo na outra face do queijo».

coira. «.. metteu-se com a coruja um tratante de um padreca que lhe principiou a contar tantas lonas que a *coira* vae deixar tudo lá a uma confraria..»—Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 34.

coisar. Como *aquelar* (v.) toma várias acepções e emprega-se sempre que o termo próprio não ocorre: «*coisar* a roupa, o caldo, o gado, etc.» É voc. trasmontano.

colarête, o mesmo que «punho»: colar ou gola de um vestido. No Minho. Por ext. significa ás vezes o mesmo que «trincha» (v.).

comareiro, cômoro; no Minho.

compodoiro, abacelamento, i-é, acto de soterrar provisoriamente as raizes das couves novas extraídas dos alfobres, para as ir dispondo seguidamente ou mais tarde no local definitivo.

conhecer, conhecença, conhecimento. *Conhecer*, tem, na Beira-Alta [Arredores de S Pedro-do-Sul] a acepção especial de «brindar, presentear, gratificar», e assim *conhecimento* é o «presente, gorgeta ou espórtula». «Ele *conhece* sempre todas as pessoas que lhe fazem qualquer serviço. Tem sempre um *conhecimento* qualquer para todos». V. **Convidar.**

Cp. *lembrar*, *lembrança*, no mesmo sentido.

conhecença é o ponto determinante de um rumo, na costa; em ling. náutica. «São *conhecenças* boas a serra que vem terminar no Cercal.. A regular *conhecença* n'esta parte é a povoação de S. Thiago do Cacem, sobranceira ao monte.»—*Almanaque Maritimo*, (1903).

convidar, que hoje tem a acepção de

«convocar, pedir comparência, solicitar» era antigamente tomado no sentido de «obsequiar, presentear», como nota o sr. Gonçálvez Viana nas *Apostilas*, I, 323, citando um trecho do cap. CXXVIII da *Peregrinação*, de Fernam Méndez e outro da *Crónica de El-rei Dom Afonso V*, de Rui de Pina.

Mas o facto, e de certo curioso, é que nem se perdeu de todo a antiga acepção nem esta era a única que por então se atribuía ao verbo.

Na Beira-Alta (Serrazes, Carvalhais [S. Pedro-do-Sul]) ainda hoje dizem *convidar* no sentido de «presentear, obsequiar, gratificar, favorecer», a par de *conhecer* (v.) «Bai tu trabalhando qu'eu te *combidarei* cumo mer'ceres». «O meu padrinho *cumbidou-me* c'um cordão de dez moedas».

O sr. Gonçálvez Viana cita tambem o emprego especial que ainda hoje se faz deste verbo e em que, ironicamente, perdura a reminiscéncia da antiga acepção: «O Taboada, um bailão ali do sitio, convidou o Navalhadas, seu collega, com duas ditas no peito».—(*O Economista*, de 22 de Agosto de 1885).

Desta acepção irónica, tambem pouco conhecida ou quáse obliterada, resultou por translação, para *convidar*, no Minho, o sentido directo de «castigar, ser molesto ou incómodo». (Cf. *percalço*). Certas expressões populares, aplicadas a quem é repreendido ou castigado, tomam o verbo neste sentido translato, tornando-se, por assim dizer, inconsciente a ironia: «Deixa 'star que fostes bem *cumbidado!* Anda, que bais *cumbidado!*» E ainda nas ameaças: «Olha qu' eu *cumbido-te!*»

No sentido de «molestar ou ser incómodo» não é ali menos popular: «Roçar tôd-ó dia, olhai qu' isto *cumbida* um! «O criôlo é pequenino mas *cumbida* quem o traz ó colo!»

Cf. as expressões «levar para o seu tabaco; levar para amêndoas», em que *levar* como *apanhar*, *comer* e *chuchar* de outras expressões parelhas (e mais frisantemente nas expressões elípticas: tu *levas!* tu *apanhas!* *comes!* *chuchas!*) perdeu já, praticamente, a intenção irónica.

Na *Crónica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereyra*, encontra-se o verbo na acepção em que é tomado hoje: «..tornou-se o Condestabre e a sua geente a Olivença e mandou convidar a mayor parte dos grandes.. e fezelhe em Olivença huũa falla assaz de hõrrada e muy abastada».

E tambem na *Lenda dos Santos Barlaam e Josafate:* «E os santos homẽes assim se chegavam aos marteiros cõ forte coraçõ como se fossẽ convidados pera bõos manjares..»

convidar tinha pois duas acepções: «presentear e convocar». Enquanto o segundo persistiu, através dos séculos, o primeiro perdeu-se pouco a pouco na evolução linguística até se tornar quáse esquècido.

copejo. De *copejar* = «tirar das armações ou da rêde de galeão o peixe que nelas caíu» formou-se no Algarve o subs. verbal *copejo* pela necessidade de dar um nome á «acção ou efeito de copejar».

Diz-se no *Heraldo* [Tavira] de 4 de Outubro de 1908, sobre a pesca do atum: «.. durante a temporada finda.. verifica-se que a armação de maior *copejo* foi a de *Barril*.. as armações da nossa costa faziam *copejos* superiores a 40.000 e 50.000 atuns».

corcar, entortar, empenar, torcer; como termo de carpinteiros de construção civil e naval, em Lisboa.

cordão, madeixa de fios torcidos com que se fazem os «cabos» ou cordas. «Um certo numero de filamentos torcidos ão um *fio de carreta*, e

do agrupamento de fios forma-se o *cordão* e de tres ou quatro *cordões* coxados, torcidos, faz-se o cabo de massa». *Ap. e Man. de Navios*, 29.

Diz-se «cabo de três ou quatro *cordões*».

Cordão-de-oiro ou, simples e mais vulgarmente no norte do país, *cordão* é a «correntezinha de oiro mais ou ou menos grossa, que as mulheres usam em voltas pendentes do pescoço, como adorno». «No pescoço.. tinha uma gargantilha de ouro e tres *cordões*, com um crucifixo de uma esculturação antiga..» — Camilo. *Eusebio Macario*, 63.

cornudagem. «Uma dama da comitiva era a D. Paschoela, mulher do Trigueiros, doida garantida.. mestra em *cornudagens*..» — Camilo. *Eusebio Macario*, 100. «Quando Deus queria não sofria eu *cornudagens*, porem já que sou tão mau cabrão que me afeiçoei sendo livre, que me fação tudo». — *Ulisipo*, 53.

corôa, moeda de quinhentos-réis; no Minho.

corredor. V. **lata.**

cortiçada. É a assuada ou troça que os povos da Maia fazem aos noivos dias antes e depois do consórcio, quando o contraem em segundas núpcias. «.. empregam actos mui condemnaveis, constituindo um dos costumes mais revoltantes, que nos aponta a ethnographia — as *cortiçadas*, segundo lhe chamam aqui». — Abilio Monteiro. *O Caracter Revelado*, 347.

còrtinha, é uma pequena extensão de terreno (200 ou 300 braças aprox.) vedada por um muro ou parêde de pedra solta. «*Còrtinha* de lavradi-o e vinha». No Minho.

«Tambem se vendiam as leiras e *còrtinhas* que o pae da tecedeira Brites tinha jogado nas batotas das feiras». — Camilo. *Seroens de S. Mig. de Seide*, I, 40.

corucho. (V. *Rev. Lus.*, XIV, 153) «O rapazito, que ficara no caminho, guardando os bois, aconchegava-se, tiritando, ao velho corucho de palha que o cobria». — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 38.

costaneira, não é só a «primeira e última tábua de um tronco serrado em folhas». «A esquadria de um tronco faz-se do seguinte modo: marca-se no topo a secção com que deve ficar e em seguida cortam-se á serra ou a machado as [linhas da esquadria. As partes exteriores do tronco que a serra separou] [1] chamam-se casqueiras ou *costaneiras* — *Construcção Naval*, II, 12.

covilhête, em Freixo-de-Espada-à-Cinta, é uma «espécie de púcaro de barro ou de folha, com duas asas, servindo para as sopas das crianças».

coveiro. «Vinho com gosto ao *coveiro*», é, em Coimbra, o vinho caracterizado pelo seu mau paladar devido à podridão da vasilha. «Tenho uma pipa que dá mau gosto ao vinho, que aqui [Coimbra] chamam *gosto ao coveiro*». — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

No mesmo sentido dizem no Minho «gosto ao velho».

cozinha. Em Coimbra chamam *cozinha* ao «caldo-verde». *Cozinhar* é «fazer caldo-verde».

crabunho, caroço da fruta; em Chaves. Cp. *carabunho (Novo Diccionario)*.

cramulhano, mafarrico, demónio; nos Açores. «Pois olhe o senhor que aquelle *cramulhano* — Pae do Ceu perdoai-me! — » — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*, 95.

crêspo. *Bater a roupa ao crespo*, no Minho, é batê-la na pedra do lavadouro, apenas humedecida.

crostes, o mesmo que «colostro»; na Guarda, segundo informação.

---

1 As palavras entre colchetes substituem as referências do texto à gravura elucidativa.

cuada, fundilhos; na linguagem fam. de Viana-do-Castelo.

cuchário, variedade de figo temporão; no Algarve. «Entre nós os primeiros [figos] que amadurecem são os *cuchários*..» — Melo Leote. *Gazeta das Aldeias,* n.º 725.

culatrão, mulher gorda e desajeitada; no Minho.

curro, cavalo reprodutor; em Parêdes-de Coura.

V. **acurrar.**

cuturuto, cume, cucuruto; em Viana-do-Castelo.

D

decalitro, chapeu-alto; na ling. popular.

No *argot: decalitre (L'Argot au XXe siécle).*

demo, diabo. *Deu o diabo com sua mãe,* i-é, «juntaram-se dois génios iguais para mau fim», dizem na Beira-Alta [Carvalhais].

Esta invocação da «mãe do diabo» aparece tambem em uma apóstrofe vulgar, no século XVI. Usou-a Gil Vicente na *Farsa de quem tem farelos:*

» Vae-te ó Demo com sa mãe »

Provavelmente foi esta mesma expressão que sofreu translação de sentido. O que exprimia uma praga espontânea veio, por comparação, a significar um «conlúio de partes entendidas num acordo geralmente maldoso.»

derrota. Não registam os dicionários a acepção especial em que tenho ouvido empregar este vocábulo aos oficiais de marinha mercante: «cada um dos dias de viagem, marcados no diário náutico». «Neste mês contei vinte-e-duas *derrotas,* que tantos foram os dias que trouxe de viagem para leste».

desabêlho «[os enxames, no concelho de Redondo] são batidos ou expulsos para outros cortiços, [na ocasião da cresta] ás vezes dous ou tres para um só que recebem então o nome de *desabelhos* [os enxames].—Ed. Sequeira. *As Abelhas,* 197.

desalapar, desencovar, fazer saír da toca (o coelho); em Parêdes-de-Coura.

desàmão. *Á desàmão* quere dizer no Minho o mesmo que «fora de mão».

desapeirar, tirar os bois do carro; no Vale-do-Côina. Usou-o Camilo nos *Seroens de S. Mig. de Seide,* III, 28: «Quando o velho ás onze da manhã *desapeirou* os bois..»

Na Beira-Alta [Carvalhais, Serrazes, etc.] empregam no mesmo sentido «desapôr». Em sentido oposto encontra-se «apôr» na *Braz. de Prazins,* 46: «..o lavrador que estava *apondo* os bois ao carro..»

desbarato. *Ao desbarato* «Os lavradores que as arrematataram ao desbarato, pegaram a desandar..» — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide,* I, 26.

descontravontade, o mesmo que «contra vontade»; no Algarve. Neste caso, como noutros parelhos (cp. *descontra,* nos *Subsídios,* de Cortesão; *desinfeliz, deslado,* etc.), *des* é apenas uma prepositiva de realce.

desencolar. V. **encolar.**

desfeita, guisado de bacalhau, com grão-de-bico; na gíria lisboeta. «Na taberna de Domingos Barradas.. entrou hontem Thiago Antonio Mario.. que pediu uma *desfeita,* comeu e não quiz pagar..» — *O Seculo,* de 7 de Dezembro de 1910.

Tambem se diz *meia-desfeita.*

desenculatrar, desencaixar, saír fora do seu lugar; desengonçar. Em Ílhavo.

desenfadado, alegre, brincalhão, espirituoso, traquinas; no Minho.

desfalcaçar, desfalcaçado. *Desfalcaçar* é, em ling. marítima, «tirar a *falcaça* (v.) (a um cabo)». Em sentido fig. *desfalcaçado* quere dizer

«falto de dinheiro ou de qualquer objecto necessário».

desgrenhar. Em Chaves *desgrenhar* (o milho) é o mesmo que «descamisar, esfolhar».

deslado, o mesmo que «lado», em determinados casos; em Trás-os-Montes [Freixo-de-Espada-à-Cinta].

Usado no mesmo sentido nos Açores: «desapareceu, sacudido, por um deslado da gróta...» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro.*

desmanilhar, tirar ou desprender as *manilhas* (V.) das correntes ou das âncoras. «*Desmanilha*-se a amarra por ante a ré da abita.. — *Ap. e Man. de Navios,* 141.

desneixa, desleixado, indolente; em Trás-os-Montes [Bragança].

desperdícios, aglomerado de fios que não servem na indústria de tecidos e que se empregam na limpêza de máquinas. Tambem chamados «estopa branca» ou «limpêza».

V. *Codigo Internacional de Signaes, vocabulário,* s. V. *Algodão.*

despescado, descaçado. «Estar ou ficar *despescado*», em estilo figurado, entre marítimos de Ílhavo, quere dizer o mesmo que «ter falta de alguma coisa».

No mesmo sentido empregou Camilo o termo *descaçado* no *Eusebio Macario,* 67: «O egresso não tinha presente a sua theologia, estava descaçado nestas materias..»

dessarrar, tirar o sarro (das vasilhas). «Em resumo: é preferível *dessarrar* os toneis.. « — *Gazeta das Aldeias,* n.º 694.

destorcimento. «Enquanto ao *destrocimento* do cabeçote.. « — *Man. Torn. Mechanico,* 82.

dez. Como ameaça de castigo corporal é vulgar no Minho [Viana] a expressão *dizer quantos fazem dez* «Se boltas a ateimar olha qu'eu *digo-te quantos fazem dez!*»

Ha nisto provável referência aos *dez* dêdos das *duas* mãos que aplicam o castigo: «*quantas* [mãos] fazem dez [dedos]». [1]

Na *Ulisipo* emprega porêm Jorge Ferreira duas expressões semelhantes em sentido diverso: «Já sabeis que sou ladino & sei quantos fazem cinco & a hum falso dous tredores..» [pag. 65.] «Esse he hum bom escudo para receber todos os golpes sem medo: bem sei quantos fazem tres.» [pag. 35].

Aqui o sentido é de «esperteza, vivacidade, argúcia».

diafa. «No Alemtejo, porem, essa palavra [diafa] envolve o bailarico, o jantar e todos os mais divertimentos a que o acabamento de qualquer trabalho serve de pretexto». — Ernesto Rodrigues. *Contos Alemtejanos,* 12.

disco. Com a invasão dos fonógrafos importámos uma nova acepção para este termo, ainda não registada: «placa redonda de celulóide ou substância análoga na qual estão gravadas em espiral depressões tenuíssimas correspondentes aos sons de vária intensidade, que se reproduzem por meio de um estilete adaptado á placa vibratória do fonógrafo».

disparar. Diz-se, em ling. de oficina, que a solda *dispara* quando «se derrete» ao calor do ferro ou da chama do maçarico.

donzelice «por uma dama da rainha muito na flôr da *donzelice*..» — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide,* VI, 66.

droga. *Dar em droga,* perder-se, prostituir-se. «.. perguntava aos padres por Felicia e queria saber se ella *dera em droga* como a do Côxo» — Camilo. *Eusebio Macario,* 25.

---

1 Cp. «aplicar os dez mandamentos»

E

eco, trovão; em Parêdes-de-Coura.

êle. Como exclamativa traduzindo «espanto, dúvida, negação, repulsa,» usa-se no Minho a expressão *Ou êle!*, equivalendo a *Ora essa!*

Às vezes o pronome refere-se à pessoa a quem se fala ou de quem se fala e daí a variante: *Ou ela!* «*Ou ela!* Então não é verdade que a menina fala com o filho do Dr. Monteiro?— *Ou êle!* rosnou uma das Santeiras.» —Delfim Guimarães. *O Rosquêdo*, 151, 91.

Como a expressão tambem popular *homéssa!* que é eliptica, talvez por «*homem! essa* maneira de falar causa-me espanto, dúvida, etc.», esta apresenta um pronome *êle* que não é mais que o sujeito, na sintaxe popular, do verbo *haver* de uma oração oculta: «*êle* ha cada cousa!» ou «*êle* sempre ha cada dito!» ou expressão equivalente.

Como fórmula enfática usa-se tambem no Minho a expressão *não que êle!*, só por si, como apoio a uma afirmação anterior, ou precedendo-a para realce: «*Não que elle* ha marotos muito grandes na tropa!—obtemperou o padre João da Eira...»—Camilo. *Corja*, 24.

Em *ou êle!* o *ou* representará foneticamente a evolução popular lenta de *home* por simplificação da fonação nasalada *õ*, de *om*, de *om'* em iguais fórmulas sintáticas: *om'essa, om'êle.* «*Om'êle* sempre ha cada um!»

electrico. Com a moderna viação electrica veio a denominação de «carro electrico» para designar os que são movidos pela força electro-motriz. A expressão, porêm, reduziu-se, como já acontecera com «americano», por «carro americano», e passou a dizer-se simplesmente *electrico*. «O *electrico* foi carrilado por um outro da carreira do Principe Real..»— *O Seculo*, 18 Março 1908.

Com o uso e abuso deste convencionalismo não admira que a palavra viesse a designar... o próprio pessoal empregado no movimento dos mesmos carros, como se lia ha mêses nos jornais: *Grève dos electricos.*

V. **gasolina.**

embaralhação, baralhada, confusão; em Ílhavo.

embarrar. «Tu que te queixaste é que alguem *embarrou por* ti —Se alguem *embarrar por* mim..»— Camilo. *Braz de Prazins*, 17 e 163.

embezerramento «.. e o outro extraía do seu taciturno *embezerramento*..»— Camilo. *Seroens de S. Mig. de Seide*, v, 36.

emboléu, o mesmo que «boléu», encontrão; em Viana-do-Castelo.

emoleirar, enfarinhar, empolvilhar; na Beira-Alta (Serrazes, Carvalhais).

empancar. vedar com empanque (as juntas de uma máquina de vapor).

empatar, empate. «*Empatar* anzóis» é prende-los á linha de pesca com um nó especial a que os pescadores chamam *empate*.

empecadado, o mesmo que «fora da graça de Deus», para designar o «indivíduo desastrado, falto de sorte, de juizo ou de paciência»; no Minho.

Diz-se que «está *empecadada*» «qualquer coisa que se procura e se não encontra ou qualquer trabalho que corre mal».

emprestadar é verbo de formação espontânea e caracter burlêsco. Resulta de *emprestar* e *dar*, significando «fazer uma dádiva sob título de empréstimo».

É corrente não só em Portugal mas tambem no Brazil. V. João Ribeiro, *Frazes Feitas*.

encabeçar, encabeço. «*Encabeçar* o pano «é substituir por novos os pedaços de lona velha da parte superior das velas». «Diz-se *encabeçar a vela* quando se substitue a parte su-

perior dos panos do guturil ». — *Ap. e Man. de Navios*, 53.

Por extensão *encabeçar* refere-se tambem à substituição dos panos da parte inferior das velas. Cp. *cabeça* que é, em muitos casos, « qualquer extremidade, quer superior, quer inferior ».

Os pedaços de pano com que se *encabeçam* as velas chamam-se *encabeços*.

encalir, encalidela. *Encalir*, no Minho, quere dizer « ferver ligeiramente qualquer alimento, deixando-o encruado, quer para o conservar temporariamente, quer para ser comido assim ». « *Encalir* as couves, o toucinho, a galinha, etc. »

Ao acto ou efeito de *encalir* chama-se *encalidela*.

Correspondem ao provincialismo beirão *entalicar (Novo Dicionário)* e ao lisb. *entalar, entaladela*.

V. **engalhar, engrolar, entalir.**

encartolar-se, vestir-se com elegância e primôr, em trajo que requere chapeu-alto; em Viana.

«..por isso se encasacam, *encartolam* e *engravatizam* varonilmente.. » — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide*, V, 66.

encasquilhar, meter *casquilho* (v.), forrar com *casquilho;* em mecânica.

encepar, desencepar, (cepo). « *Cêpo* da âncora » é a « haste de ferro ou barra de madeira que se enfia na *noz* (v.) da âncora, ficando num plano perpendicular ao dos braços da mesma ».

encepar ou *desencepar* é « colocar ou tirar o cêpo ». « *Encepar* é collocar o cepo em angulo recto com a haste e fixal-o na sua posição. *Desencepar*, o contrário ». — *Ap. e Man. de Navios*, 116.

V. **entoucado.**

encolar, desencolar, encolamento, (empolar). Como termo de carpintaria, em Lisboa, *encolar* significa « torcer, empenar, corcar (tomando a forma de curva) ».

desencolar é, como regista o *Novo Dicionário*, « desbastar a borda de (uma tábua) ».

encolar, será, mais propriamente, « fazer *colo*, tomar a forma de *colo* » e dai *desencolar:* « tirar *os colos* ou excrescências da borda de uma tábua, aplanando-a), e *desencolamento*. Cp. *encollar* = « trazer ao collo » no *Novo Diccionário*, e na *Rev. Lus.* XII, 94.

empolar toma-se na mesma acepção de *encolar*, e assim *desempolar* e *desempolamento* que é o « traçado ou corte perfeito de uma linha recta ou curva ». « Devido a esses erros, os pontos obtidos no longitudinal para o traçado dos cortes, não permitem obter uma curva bem regular, com boa aparencia e continua, uma curva bem *desempolada*, como se usa dizer ». — « N'este caso, cada uma das suas partes deve ser bastante prolongada para alêm da *balisa mestra*, afim de assegurar o bom *desempolamento* das suas linhas.. » — *Construcção Naval*, I, 50 e 66.

encolamento, em tecnologia de construção naval, é a « curvatura do bojo da embarcação, abaixo da linha-de-agua, na parte mais saliente das cavernas, ao longo do costado ».

enconicar, no sentido de « fazer repanhados ou refêgos na costura », dado por mim como minhotismo (V. *Rev. Lus.* XIV, 153) é tambem usado em em Carvalhos (Gaia).

engadelhar, brigar, lutar; em Carvalhos (Gaia).

Cp *engadelha* = briga. *(Novo Diccionário)*.

engaldrapar. V. **galdrapo.**

engalhar, encruar, enrijar por defeito na cozedura (legumes, especialmente); no Minho.

V. **encalir.**

engamiado, entrèvado; no Minho.

engradar, engradado. *Engradar*, no sentido de « embeber as espigas (de uma peça de madeira) nos respectivos orifícios » que o *Novo Diccionário* apresenta como « colhido na

Bairrada», é tambem usado pelos carpinteiros de Lisboa.

Em carpintaria naval diz-se que «está *engradada*» a embarcação cujo cavername está completo e prompto a receber o convés.

engrolar, o mesmo que «encalir» ou «entâlar»; no Minho.

enjeitar, conceber, engravidar-se; em Parêdes-de-Coura.

enozelhar, dar nós, tomar a aparência de nós; em Carvalhos (Gaia).

enrega. Substantivo verbal de *enregar:* «começar»; no Vale-do-Côina. «Fazer uma *enrega*» é «começar uma sementeira».

entalir, o mesmo que «encalir» ou «engrolar»; em Carvalhos (Gaia).

entancar, empoçar; na Beira-Alta. Diz-se que «entancam» as águas que, correndo para os terrenos baixos, represam, formando charcos.

enterrar, confundir, suplantar na discussão. «Amaro afastara a cadeira, pozera-se em atitude de controvérsia, contente de poder diante de Amelia, *enterrar* o conego». — Eça. *Crime P.e Amaro*, 426.

entoucado, encepado. Diz-se do *ferro* (âncora) que caíu no fundo com uma volta da corrente de amarração passada por debaixo da *pata* superior ou do *cêpo* (V.) «Pode tambem a amarra enrascar-se no seu proprio ferro, enrolando-se no braço superior ou no cepo, ficando o ferro *entoucado* ou *encepado*..» — *Ap. e Man. de Navios*, 131.

emtrombar-se, amuar, zangar-se, mostrar má cara. «..e vai eu *entrombei-me* tambem». —Camilo. *Eusebio Macario*, 70.

enxamagem, enxamelha, enxabelho. *Enxamagem* é a «tendência natural do enxame a multiplicar-se por meio da emigração de uma parte da colónia de uma colmeia». Do fr. *essaimage*. «A *enxamagem* artificial tanto se pode fazer com as colmeias fixas como com as móveis..» — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 58.

«Os enxames primarios são *enxamelhas*..» (no concelho de Moncorvo). — *Ibidem*, 198.

«*enxabelhos*, ou reunião de dois ou tres enxames fracos em um só cortiço..» —*Ibidem*, 199.

esbarrigar, parir; no Vale-do-Côina.

esbeiçamento, «..n'um largo mocho de cerdeira com assento de junco rôto, espipado, com uns esbeiçamentos de palhiça..» — Camilo. *Eusebio Macario*, 16.

escaldeirar, o mesmo que «encaldeirar»: abrir covas ou *caldeiras* em volta dos pés das árvores ou bacelos; no Vale-do-Côina.

escalête, esqueleto; pessoa extremamente magra, «estava muito escanifrado, um *escalêto*, e não ia longe.» — Camilo. *Volcoens de Lama*, 20.

escamar. A loc. «a *escamar*», quere dizer, em Parêdes-de-Coura, «a toda a pressa».

escantudo. «A forma do rosto oblonga, testa *escantuda*, barba tirante a redonda..» Camilo. *Bruxa Monte Cordova*, 10.

escaroçar, o mesmo que «escamisar» (o milho); em Chaves.

Talvez *escoroçar*, de *coroça*.

escarnar. Diz-se que *escarna* muito ou pouco o baixa-mar das marés grandes que põe a descoberto os parcéis do rio. No Vale-do-Côina.

escopeiro, utensílio de calafate, consistindo em um pau cuja extremidade se forra com um pedaço de pele de carneiro, servindo para brear o costado das embarcações.

escordar-se, recordar-se; na Beira-Alta. «Vossemecê *escorda-se* d'aquelles tres pintos que lhe emprestei?» — Camilo. *Eusébio Macario*, 123.

escortinhar, cortar, recortar em pedacinhos; na ling. fam. de Lisboa.

escritório. Aos «baixos» ou rés-do-chão de um prédio chamam em Viana-do-Castelo *escritório*. «[um pré-

dio] composto de 1.º andar com dez divisões, alem de grande sótão, armazem próprio para vinhos, *escriptorio* e quintal..» *Vida Nova* [Viana], 6 de Agosto de 1912.

esmadrigado. «..e os poetas em *esmadrigadas* cantilenas..» — Camilo. *Bruxa Monte Cordova*, 10. «A songuinha que não olha direita p'ra um home, que anda ali *esmadrigada*, de cabeça ao lado..» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 26.

esmarrir, trabalhar muito, extenuar-se com o trabalho; em Carvalhos (Gaia). Cp. *esmarrido (Novo Diccionario)*.

esmatruçar, espèzinhar, amarfanhar; na ling. fam. de Lisboa.

esfoçar, «..varas de porcos.. esfoçavam nas esterqueiras..» — Camilo. *Eusebio Macario*, 16.

esfregante. A locução *num esfregante:* «num momento, enquanto o diabo esfrega um olho», não é apenas trasmontana *(Novo Diccionário)*. Usa-se tambem no Vale-do-Côina, pelo menos.

espanhóis, na linguagem familiar de Freixo-de-E.-à-Cinta são as «fagulhas expelidas do brazido» de um ferro de engomar, por exemplo.

esparcelar, espraiar; descobrir os *parcéis;* no Seixal, Barreiro e Vale-do-Côina. «Rio *esparcelado*» é o que descobre ou mostra muitos *parcèis*, na baixa-mar.

espartilho, varinha de junco que entra na confecção dos coletes das mulheres; em Viana-do-Castelo.

esparvoado, o mesmo que «esparvonado», maluco, doidivanas; no Minho.

esperar, espera. *Espera* é a peça fixa no barramento do torno, entre os cabeçotes, para suportar a ferramenta.

«Fósforos de *espera*» ou «de *espéra* galego» é a designação pinturêsca dos «forforos de enxofre».

esperar pela pancada é «aguardar o resultado desagradável de qualquer acção». «. mas que o povo depois.. *esperasse pela pancada*..» — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 64.

espicha, espichar. No *suplemento* insere o *Novo Dicionário*, os vocábulos *espicha* e *espiche* dando-lhes acepções diferentes como utensílio usado por marinheiros em trabalhos de bordo. Creio haver equivoco porque *espicha*, e raramente *espiche*, é uma «espécie de furador de ferro, pau ou osso, servindo para as costuras dos cabos, panos, etc.» Aos de ferro dão mais geralmente o nome de «passadores».

A forma *espiche* julgo-a extraída de um diminutivo *espich'zinha*, do falar de Ílhavo.

A formação dos deminutivos em *-z-inho*, com perda da vogal final da palavra, é peculiar à linguagem de Ílhavo. Cp. *caix'zinha; tamp'zinha;* etc.

Na Farça *O Juiz da Beira* nota-se um caso identico:

«E traga logo a recado
Um *banquezinho* assim usado
Porqu'is-o não sei que he.» [1]

Na versão trasmontana (Vinhais) da *Vilaninha*, a pag. 567 do Vol. III do *Romanceiro Geral Portuguez*, de Teófilo Braga, vem uma forma semelhante:

«—Oh quem fôra, senhor, fôra
De tão *alvezinhas* pernas!»

Entre os catraeiros do Tejo, *espicha* é a vara que levanta, por uma extremidade, o angulo superior, livre, da vela do catraio, fixando a outra ex-

---

1 Na mesma farça:

«Eu andava namorado
De hũa moça *pretezinha*,
Muito galante Mourinha.»

tremidade em um *estrôpo* (V.) preso ao mastro.

espichar significa «esticar, retezar», como termo de marinheiro.

No Minho chamam *espicha* não só a uma «pequena peça de osso fixa á ponta da correia, na roca», mas tambem a «uma espinha que ha na cabeça da lampreia.»

esquinheiro, passagem estreita entre dois esteios, de uma propriedade para outra. Em Carvalhos (Gaia).

V. *Gaz. das Aldeias,* n.º 700.

estadio. «E' indeterminavel o estadio que elle ganharia, se um militar imperialista lhe não cortasse o rosto com um latego.» — Camilo. *Novellas do Minho,* III, 16.

estela, o mesmo que «farpa»: «lasquinha de madeira que acidentalmente se introduz na pele»; em Freixo-de-Espada-á-Cinta. Por *hastela?*

esterroar, divulgar por todos os meios qualquer acontecimento; no Minho.

estinhar, estinhadeira. No Valedo-Côina, e presumo que em outros pontos do país, *estiuhar* é tirar a *tinha* (V.) dos cortiços e dos favos das abelhas, raspando-os com uma face ou estilete de ferro a que chamam *estinhadeira.* «[Em Felgueiras, concelho de Moncorvo] chamam *estinhar* a tirar a traça ou tinha das colmeias». «..ao ferro com que arrancam os favos e tiram o tampo ao cortiço *estinhadeira*». — Ed. Sequeira. *As Abelhas,* 197, 199.

estirote, coisa esguia, delgada e comprida. Pessoa alta e magra. Em Viana-de-Castelo.

estonar, estono. *Estonar,* no Valedo-Côina, é «cobrir o rego em que se deitou a semente com a terra do rego aberto ao lado, e assim seguidamente.» A estes regos ou valas, chamam *estonos.*

Na Beira-Alta, *estonar* significa ás vezes «tosquiar». Um lavrador de Freixo-de-Serrases, afirmava-me sentenciosamente: «O tempo próprio para *estonar* as ovelhas não é Março, mas Abril e ás vezes Maio. Bem vê o senhor que em Março ainda faz muito frio e uma ovelha *estonada* neste tempo sofre como uma alma cristã».

estrela, Em todo o litoral do norte, pelo menos, de Aveiro para cima, *estrela* é um «papagaio» de papel, de forma poligonal.

estremecer, estremecido. *Estremecer,* no sentido de «amornar (a água)» é usado não só na ling. fam. de Lisboa, mas tambem no Minho.

Agua-estremecida é o mesmo que «água quebrada-da-friúra».

estrepassar, esquecer; no Minho e Beira-Alta.

estroçado, forte, vigoroso, desempenado; no Minho.

estrôpo, estrôvo. *Estrôpo,* além de várias acepções, é o «cabo que prende a extremidade inferior da *espicha* (v.) ao mastro (nos catraios)».

estrôvo, na acepção de «corda que prende o remo ao tolete» é metátese popular de *estôrvo;* de *estrovar,* por *estorvar* já usado no tempo de Gil Vicente:

> «E mais verei quem m' *estrova*
> De ser eu o maior della»
>
> [AUTO DA FEIRA]

europas, inrópias. O povo, achando vasta e incompreensível a nomenclatura geográfica, engloba-a em um termo único que satisfaz toda a sua curiosidade científica e lhe dá a ideia grandiosa da vastidão do mundo: *as europas.* Geralmente diz *inrópias,* com uma feição mais característica de maravilhoso.

Gomes Leal, serviu-se pinturescamente do vocábulo e da ideia no *Mefistófeles em Lisboa:*

«Mas o que fez pasmar essas *Europas*...»

F

facataz, o mesmo que «fatacaz, paixoneta». «Ella tinha pelo seu Pedro um *facataz* lá de dentro..»—P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal,* 46.

faceiro «..e foram todos derreados de cortesias, muito *faceiros*..» — Camilo. *Eusébio Macario,* 79.

fachina, toro de pinheiro, tronco, de comprimento aproximado a uma braça; no Vale-do-Côina. Usa-se tambem como colectivo.

V. **afachinar.**

faladrar. É verbo popular, de formação irónica. Resulta de *falar* e *ladrar* e aplica-se aos tagarelas, aos que falam muito e a tôa.

Cp. **emprestadar** (v.)

falhopa, o mesmo que «faúlha»; em Carvalhais [S. Pedro do Sul].

Por *faúlhopa;* cf. **fopa.**

falôa. «..ora faiscando através de *falôas* frases irónicas, cortantes, deprimentes».— Abilio Monteiro. *O Caracter Revelado,* 342.

Em nota da mesma página o autôr define o termo: «Instrumentos de lata com a forma de corneta e o comprimento de um metro, pouco mais ou menos, adrede feitos para este fim e cuidadosamente conservados». É termo da Maia. Fem. de **falão,* de *fala.*

falquear, falquejar, falquejamento. Nota o sr. Gonçalvez Viana nas *Apostilas* (I, 435) que o *Diccionario Contemporaneo* refere o segundo ao primeiro destes verbos que define: «desbastar (a madeira) com machado, enxó», não lhe parecendo isto rigorosamente certo, visto que José da Silva Picão, na *Ethnographia do Alto Alemtejo,* estabelece distinção que a definição não faz: «se trabalham em pé [os carpinteiros], vemol-os com o machado, vibrando golpes certeiros na madeira.. desbastando assim de *falquejo* para depois aperfeiçoarem á enchó».

Efectivamente, a definição do *Contemporaneo* não é rigorosa. O *Nôvo Diccionário,* tomando o verbo em três acepções, foi exacto na primeira e pecou pelo mesmo defeito do *Contemporaneo* na segunda: «desbastar (um tronco de madeira); tornar quadrado, esquadriar, com machada, machado *ou enxó;* acunhar». Morais teria sido mais preciso: «aparar com o machado a casca e tanto do toro de madeira quanto he necessario para que fique com quatro faces regulares em quadrado».

falquejar, como várias vezes tenho observado praticamente, é desbastar um tronco, quer para lhe tirar um excesso de madeira inútil ou mesmo a casca e parte do lenho para pôr o tronco *em branco,* quer para lhe dar uma secção rectangular, trabalhando simplesmente com o machado ou com a serra própria dos serradores. Se o *falquejamento* é feito com o machado, poderá depois a madeira ser aperfeiçoada com a enxó, como bem se deduz do texto citado nas *Apostilas.* «A esquadria de um tronco, faz-se do seguinte modo: marca-se no topo a secção com que deve ficar e em seguida cortam-se á serra ou a machado as.. *costaneiras* (v.) ficando então com uma secção quadrada que toma o nome de *viga.* A esta operação dá-se o nome de *falqueamento* ou *falquejamento*». — *Construcção Naval.* II, 12.

No Seixal e Barreiro dizem *falquejar, falquejamento.*

falquito, tábua volante que se sobrepõe á *falca* ou á borda das embarcações.

fanchonaça. O *Nôvo Diccionário,* neste vocábulo, remete-nos para *fanchona* que define da seguinte forma: «mulher robusta, de aspecto viril e de habitos *ou* predilecções proprias do sexo masculino.» No *Suplemento,* insere *fanchonice* e diz: «qualidade de mulher robusta e airosa;

qualidade de fanchonaça,» o que pressupõe para *fanchona* uma outra acepção: «mulher robusta e airosa,» que é, com pequena diferença, a definição dada nos *Subsidios*, referida a Coimbra: «mulher bem trajada, bem ataviada, vaidosa.»

No Minho, *fanchonaça* é a «mulher airosa, de formas robustas e perfeitas», sem envolver o sentido de virilidade de hábitos. E' termo que entra naturalmente na linguagem familiar.

fanfar, significa mais, na ling. popular, «replicar com insolência; respingar.» «E você não me esteja ahi a *fanfar* que já o não enxergo.» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 257.

fanicho, em Viana-do-Castelo, o mesmo que «fanucho»: estreito, apertado, em Parêdes-de-Coura.

V. *Rev. Lus.*, XIV, 156.

faniqueiro. «nela [quinta] trabalham catorze homens e mulheres, entre maltezes e *faniqueiros*, designação por que são conhecidos os jornaleiros admitidos a trabalhar a dias.» — *A Republica*, 21 de Maio de 1912.

fardo, mulher despresivel, de maus costumes; em Viana-do-Castelo.

farpão, inflamação na pálpebra; na ling. fam. de Lisboa. Na Beira-Alta chamam *farpão* a um serrafo ou ripa curta.

farronqueiro, parlapatão, impostor, blazonador. «..é de boa condição para amansar *farronqueiros*» — Campos J.or. *Guerreiro e Monge*.

fasta-fora. «Brodios e vinho *fasta-fora*..» — Camilo. *Cego de Landim*, 49. «não avia ahi se não boa ventura, comer *fasta fora*..» — Jorge Ferreira. *Eufrosina*, 331.

feirão, mercado de pouca importancia, fora dos dias regulares da feira; no concelho de Penafiel. (V. *Rev. Lus.*, XV, 74).

ferrado. V. **asado.**

ferramenta, palavreado, trêtas, mentirolas; em Ílhavo. *Meter ferramenta* é procurar iludir com blandícias.

ferragem, tem geralmente mais ampla acepção que a que lhe dão os dicionários. *Ferragem* não é simplesmente o «conjunto de peças de ferro» mas tambem o de peças de outros metais como o latão, zinco, estanho, etc.

Nas *lojas de ferragens* vendem-se os productos da indústria de serralharia que emprega como matéria prima metais diversos, e *ferragem* se chama em construção civil ao conjunto de peças meúdas necessárias á colocação de portas e janelas, tais como fechaduras, fechos, dobradiças, aldrabas, etc., que podem deixar de ser de ferro. Ás vezes, e neste caso, o colectivo toma a designação da espécie e diz-se: «*ferragem* de latão, de cobre, etc.»

Em sentido geral diz-se em algumas oficinas: *metalagem*.

ferrar, não ocorre nos dicionários na acepção de «prender, enrolar (as velas, nos mastros, nas vergas, etc.)», como verbo importante da linguagem náutica. «O panno redondo depois de carregado *ferra-se*, para o que se distribue a gente como se fez para o largar. A marinhagem sae á verga, prolonga as testas do pano com o gurutil e abafam o pano dentro da camiza da vela, amarrando bem as *bixas* [v. *bicha*]. . Quando os estingues são de carregar ao lais o pano *ferra* enrolando por igual por toda a verga». *Ap. e Man. de Navios*, 172.

ferro. O *Nôvo Diccionário* dá o plural *ferros* na acepção de «âncoras».

Não é só no plural. O marinheiro diz quáse sempre «o *ferro*» e em raros casos «a âncora». «..se o *ferro* não estiver unhado em fundo de boa tença, poderá o navio ir á garra..» — *Ap. e Man. de Navios*, 134

O *repertorio alfabetico* do *Codigo Internacional de Signaes*, no voc. *Ancora* remete-nos para *Ferro*.

A um utensílio de madeira, talhado em forma de cunha, com que se amoldam as chapas do forro metálico ao costado e fundo dos navios, chamam os carpinteiros de construção naval *ferro-de-pau*.

ff e r r, minuciosidades, requisitos.

«...quatro camaradas tão benignos
feiticeiros, fataes, fortes e finos;
(vão com ff. e RR. mas paciencia)...

— Pinto Brandão. PINTO RENASCIDO, 140.

férrea, pequena pá de ferro com que se queima ou cresta o leite-creme; em Viana-do-Castelo.

ferreta. V. **viradeira.**

fieira, correntezinha de oiro, de malhas muito finas, ou fio de pequeninas contas do mesmo metal, que as mulheres e crianças trazem ao pescoço, como adorno. No Minho.

«*Fieira d'ouro* com berloques, perdeu-se no domingo, desde o Jardim Publico á rua dos Rubins.» — *O Povo* [Viana-do-Castelo], 12 Setembro de 1912.

fieldade, em vez do eruditismo «fidelidade», usa-se no Minho e tambem em Trás-os-Montes [Freixo-E.-Cinta].

fio, é a serragem que se dá em uma peça de madeira e por uma só vez, dividindo-a em duas. Diz-se: «tábua a *um fio, dois fios, três fios*», conforme o numero de folhas em que foi dividida. *Fio ao alto* é a serragem feita no sentido da largura da tábua, dividindo-a em espessura. *Fio ao baixo* é a que se faz no sentido da espessura, dividindo-a em largura. *Fio á banda* é a que se dá a um terço da espessura. V. *Construcção Naval*, II, 12.

meio-fio é, a bordo dos navios mercantes, a antepara provisória que divide a meio o porão, no sentido da quilha, para que, com o balanço, a carga não corra a um lado. Usado geralmente para carga de cereais a granel.

fita. Modernamente esta palavra tomou acepção especial com a vulgarização da cinematografia. *Fita* é a tira de gelatina em que estão impressas fotográficamente as posições sucessivas e momentáneas de um assunto movimentado que se reproduz por meio de projecção.

fita substituiu vantajosamente o inglês *film* que se ia impondo á purêza da lingua. No mesmo sentido se usa «película». «As *fitas* hontem estreadas n'este magnífico e luxuoso salão.. No Salão Coliseu encontra o público as mais recentes *películas*..» — *Epoca*, 22 de Maio de 1908.

Deste sentido veio o dizer-se *fita* para designar um caso interessante mas repetido, a repetição de um facto muito conhecido, etc., como, por ex., o noticiário das prisões, condenações e descoberta dos implicados nas tentativas de restauração monárquica, que alguns jornais epigrafávam: «A *fita* dos conspiradores».

flautista. cadávar para estudo, no museu anatómico.

Em Coimbra.

fôgo. *Fogo-de-vistas* é o conjunto de peças de fogo-de-artifício mais ou menos engenhosamente confeccionadas. Por isto se diz *fogo-de-vistas* no sentido de «palavreado astucioso, de efeito, mas sem utilidade prática», e tambem «coisa de pouca duração, que depressa se inutiliza».

Nesta última acepção concorre tambem a expressão *fogo viste, linguiça!* que deve ter origem anedoctica, sendo provável que a anterior provenha desta. «E parece-me ser uma grandissima cavalgadura aquelle que, por causa de uma distracção que é *fogo-viste-linguiça*, se arrisca a penar..» — Eça. *A Reliquia*.

Está registada a pag. 124 das *Infermidades da Lingua*.

folestrias, trejeitos; palhacices; rapaziadas; na ling. popular.

fonte, o mesmo que «palangana»; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

fopa, fagulha expelida de um brazido ou fogueira; na Beira-Alta. [Carvalhais]. É usado no mesmo sentido em Vila-Real (V. *Rev. Lus.*, XII, 99).

Cp. **falhopa.**

força. *Fazer força de vela* quere dizer, no Minho, «empregar um esforço máximo de execução, ou mostrar vivo desejo de realizar qualquer coisa»

A expressão mostra a revivescência inconsciente dos restos de uma velha fraseologia náutica, muito usada na linguagem dos séculos XV e XVI, que atestava o génio de um povo de navegadores.

Em sentido análogo occorre em vários textos clássicos a expressão *meter velas e remos* [1] que equivalia a «pôr todo o interesse próprio ou mover o doutrem (para resolver uma questão).» No mesmo caso está o *meter remo de ajuda,* como vem no *Cancioneiro Geral,* I, 8 [2]:

> «Mas poys vos senhor *metes*
> *rremo dajuda* que vogue...»

Fazer força de vela ainda se usa, no sentido próprio, na linguagem marítima: «E' de urgente necessidade *fazer força de vela* para lhe dar o maximo seguimento [ao navio]..» — *Ap. e Man. de Navios,* 193.

fôrma. (V. *Rev. Lus.,* XIV, 157) «... botões amarellos de armas reaes, que valiam cada um doze *fôrmas!*» — Bento Moreno. *Com. do Campo,* III, 15.

forro, alem de «revestimento interior para tectos» é tambem revestimento para soalhos.» (V. *Catalogo* da Casa J. Lino, de Lisboa.)

forro entra na classificação do tabuado de várias grossuras, empregado em construções. «As folhas das pranchas tambem se designam pelo nome da obra em que em geral se applicam, e assim as folhas de casquinha de 1 a 2 *fios* (V.) chamam-se *taboas de sôtho;* as de tres, quatro e cinco fios são *taboas de forro.* As folhas de pinho da terra a um fio dizem-se *taboas de solho da terra,* e a dois fios *taboas de forro e meio,* a tres fios *taboas de forro* e de quatro fios *taboas de meio forro*». — *Construção Naval,* II, 13.

forte!, voz que suspende a pancada do martelo ou marrêta; entre carpinteiros de construção naval.

francela. *O Novo Diccionário* insere esta palavra como «*prov.* [incialismo] *beir.*[ão]» atribuindo-lhe acepção idêntica a *queijeira* que define, em primeiro lugar,: «casa em que se fabricam queijos.» No seguinte excerto de um artigo do Dr. Figueirêdo da Guerra sobre a indústria dos lacticínios, inserto na *Aurora do Lima* de 12 de Julho de 1909, vem uma definição completa de outra acepção da mesma palavra. Refere-se á Serra-da-Estrêla: «Entretanto deve-se ter preparada a *francella* (n'alguns sitios é uma espécie de mesa com uma pequena inclinação, tendo a forma rectangular com um sulco para a sahida do sôro por um dos lados menores)..».

franzeleiro, franzino, flexível, frágil; em Viana-do-Castelo.

frescura. «..mas porque o linho e seus derivados, tecidos em família, fornecem-lhe a *frescura,* isto é, a roupa branca, os lençois, as toalhas, os guardanapos, etc..». – *Fôlha de Viana,* 28 de Dezembro de 1911.

Parece equivaler a *limpêza* que registei na *Rev. Lusitana,* XIV, 160, mas nunca ouvi o termo em tal acepção.

frècheiro, femeeiro. «..que era *frécheiro* e se fartou de ter filhos bas-

---

1 V. «*Frazes Feitas*», *breves considerações ao livro do sr. João Ribeiro.*

2 Edição da Imp. da Universidade.

tardos...». — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 43.

friesta, fresta; postigo; pequena janela. Em Viana-do-Castelo; Freixo-Espada-á-Cinta; Aveiro.

Em um documento de 1510 com o título: «Livro de receita e despeza que se fez no mosteiro de Sant'Anna, arrabalde de Vianna do Castello», transcrito na *Memória sobre o convento de Sant'Anna em Vianna do Castello*, do ilustre arqueólogo Dr. Luís Figueirêdo da Guerra, lê-se: «..que elles lhes fizesse um mosteiro de Santa Anna, para freiras..com seus cunhaes, *friestas*, e arcos da porta e da tribuna..—..assim do vasio dos arcos e *friestas*, como do cheio..— e as portas e *friestas* dos dormitórios..».

Tambem significa o mesmo que «fenda ou greta».

fritas, pasteis de massa em calda de açucar ou mel; nos concelhos de Miranda e Mogadouro.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 126.

fundo, fundar. *Fundar*, na acepção de «pôr os tampos ou fundos em (tonel ou pipa)» diz o *Novo Dicionário (Suplemento)* que é termo da Bairrada. Julgo que é termo usado vulgarmente em tanoaria porque assim dizem tambem em Lisboa, Barreiro, Seixal e no Vale-do-Côina, e não se refere só ao «tonel ou pipa» mas tambem a qualquer vasilha de aduelas.

fundo é qualquer dos tampos da mesma vasilha. «Vende-se todos os materiaes para todo o vazilhame, como seja: aduellas e *fundos* de castanho para toneis e quartolas..» — Anúncio da «Tanoaria Valente Perfeito», no *Seculo* de 22 de Maio de 1911.

G

gaiola. Não se encontra nos dicionários nenhuma acepção desta palavra que se possa identificar á que se depreende do seguinte trecho do *Eusebio Macario*, pag. 66: «..se a gente se pilhava a bater um trem descoberto por aquella Braga dentro, os caixeiros da rua do Souto pasmados ás portas, as mulheres a abrirem as *gaiolas*, o povoléo e os padres de capote a tirar-nos os chapeus..»

Talvez seja os rótulos ou grades de madeira das antigas janelas e portas.

gaiúlo. «*Gaiulo* é uma palavra de gíria, acuta e cheia de propriedade que designa o garoto de Coimbra.. que de dia apanha pontas de cigarro e á noite se roça pelos cantos». — Alex. de Albuquerque. *A Epoca* (Rio), 27 Outubro 1912.

gaiúta, casinhôto á ré de alguns navios, que abriga a engrenagem do leme, e onde estão as latrinas.

gajo, gajão. *Gajo* nem sempre é o «matulão, súcio, tipo; finório, velhaco». É ás vezes, «qualquer indivíduo» de que se não cita o nome; o mesmo que «coiso». *Gajão* é o «grande espertalhão». «D'uma vez tinha tosado um *gajo* na Perna de Pau..—..tudo *gajões* que a pregam na menina do olho». — Fialho. *A Ruiva*

galdrapo, galdripeira; engaldrapar. *Galdrapo* é, no Minho, o «indivíduo molhado pela chuva». Talvez por extensão do significado de «andrajoso, mal vestido, esfarrapado». Cp. o cast. *gualdrape:* «calandrajo desliñado y sucio que cuelga de la ropa» (Rodriguez-Navas).

galdripeira é a «mulher porca, andrajosa, mal vestida; em Viana e tambem em Vila Real (V. *Rev. Lus.*, XII, 100). Cp. o cast. *gualdrapero:* «que anda vestido de andrajos». (Rod.-Navas).

engaldrapar-se, «sujar-se, emporcalhar-se»; no Minho.

galhustro, felpudo; em Vizeu.

galinha, galinhaço. Na acepção de «infortúnio, azar» qualquer destas duas palavras é muito usada na lin-

guagem popular de Lisboa, pelo menos.

Para se significar que um facto se não rializará, querendo contudo determinar-se ironicamente uma época ou uma ocasião que já de per si mostra impossibilidade, usa-se, a expressão *quando as galinhas tiverem dentes*. Corresponde ao fr. *quand les poules auront des dents* (V. *L'Argot au XXe Siécle*, de Aristide Bruant).

Outras expressões exprimem o mesmo conceito: *para as calendas gregas* (fr. *aux calendes grecques*); *dia de San Nunca, á tarde; dia de San Cerejo; para a semana dos nove dias*; etc

Diz o *Novo Diccionário* que na Bairrada chamam *galinha-de-água* á «rabila». É o nome que lhe dão tambem no Vale-do-Côina.

galvanizar, galvanizagem. No comércio do ferro e nas indústrias metalúrgicas adopta-se às vezes a designação de «ferro *galvanizado*» para o ferro coberto por uma delgada capa de zinco pelo processo de imersão em um banho de zinco fundido a uma alta temperatura. A esta operação dá-se o nome de *galvanizagem*, concorrendo com o termo próprio e mais freqùente: *zincagem*. «..todos os salvados ..que constam de 90 braças de corrente *galvanisada*..» — *O Seculo*, 5 de Maio de 1910. «Arco de ferro alemão, arame para enfardar, chapas de ferro *galvanisado*..» — *O Seculo*, 4 de Junho de 1910.

garra, garrar. Diz-se que *garra* ou «vai de *garra*» o navio que, estando fundeado, é levado pela impetuosidade da agua ou do vento, arrastando a âncora cuja unha ou pata não encontra fundo firme em que se fixar. Não lhe ouvi ainda dar o significado de «desprender as amarras», registado no *Novo Dicionário*. «Nos fundos de boa tença, areia e lodo, o *ferro* [v.] unhará assim sem probabilidades de garrar..—..se o ferro não estiver unhado em fundo de boa tença, poderá o navio *ir á garra*..» — *Ap. e Man. de Navios*, 130 e 134.

garrancho, garruncho, gadanho ou ancinho de três dentes, para mato; na Beira-Alta (S. Pedro do Sul).

gasolina, entra no número dos convencionalismos geralmente adoptados, como «electrico» (V.), «vapor», etc. *Gasolina*, é um «barco com motor acionado pela gasolina».

gatesma, pequena corda que se prende às cabritas da serra para auxiliar o serrador; em Carvalhos (Gaia). V. *Gaz. Aldeias*, n.º 731.

Cp. *gatesga*.

gavança = gabança, gavanela, gavarrista. *Gavança* é a «vaidade, orgulho, presunção». «Mas o que elle vae é lindo. Podes ter essa *gavança*, mulher!» — Bento Moreno. *Morte Negra*.

Em Bragança *gavanela* ou *gavarrista* é o «jactancioso, gabarola, presunçoso».

gemer, ressumar, transudar, verter pelas juntas (uma vasilha); na Beira-Alta.

Tem a mesma acepção em Torres Novas, como se vê por este trecho de uma pergunta de um consulente desta terra á *Gazeta das Aldeias* (n.º 631): «..as vasilhas que tem vinho começam a verter (a gemer, como dizem)..»

gemiar, partir a meio, cortar em duas partes iguais; na Beira-Alta. «*Gemiar* uma tábua».

Lat. geminare

gigante, plaina grande, de carpinteiro.

goleira, garganta formada por estreitamento das margens de um rio ou ribeira. Na Beira-Alta.

gomação, gomada. *Gomação* são os primeiros rebentos de uma árvore. «..quando as árvores estão a deitar a gomação nova..» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

Em Abrantes chamam *gomada* á «seiva resinosa dos pinheiros».

gomil. Diz o *Nôvo Dicionário* que *gomil* é um «jarro de boca estreita para água». Em Bragança é um «jarro para qualquer líquido». Camilo escreveu a pag. 198 da *Bruxa do Monte Cordova*: «A mesma trempe de pedra. O mesmo *gormil* de estanho com vinho».

gordufo, o mesmo que «gorducho»; na ling. familiar de Lisboa. «Uma a uma, as nove piastras de oiro tiniram na mão *gordufa* de Fatmé.» — Eça. *A Reliquia*, 157.

governo. «[as meretrizes] dão o nome de *governo* ao [amante] que representa para ellas uma conveniencia do momento». — *O Seculo*, 11 de Setembro, 1907.

graínha. «O porco tinha em vida a cisticercose. vulgarmente chamada *chaveira*, *lazaria* e *graínha*». — *Gazeta das Aldeias*, n.º 889.

graminho, graminhar. *Graminho* não é só «instrumento de carpinteiro e marceneiro», mas tambem de serralheiro.

graminhar é «riscar, acertar, rectificar com *graminho*». V. *Man. do Torn. Mechanico*, 56.

gralheira, falácia, vozearia, «gralhada»; na Beira-Alta.

gralho, engralhar, desengralhar. *Gralho* é um carrêto dentado que, nos guinchos, engrena ou desengrena *(engralha, desengralha)* o movimento do tambor, por meio de um manípulo. Em Lisboa.

granito. V. **murra.**

grateia, gratear. *Grateia* é uma pequena fateixa de quatro braços terminados em pontas, servindo para buscar qualquer objecto caído no fundo dos rios; o mesmo que «rocéga» ou «busca-vidas».

gratear é o mesmo que «rocegar».

graveta, grapelim, fateixa pequena de quatro braços, usada pelos pescadores de bacalhau.

Talvez por *cravêta*, de *cravar*. Cp. *cravête*.

grugrulejar. «Nos rebordos da bica rustica por onde a agua *grogrolejava* nas algas..» — Camilo. *Serões de S. Miguel de Seide*, V, 40.

grumo, grumar. *Grumo* é o «rebentão» das árvores. Diz-se que «estão a *grumar*» quando aparecem os primeiros rebentos.

No Minho.

gueira é a matéria viscosa que cobre as escamas dos peixes; em Ílhavo.

guilhotina, faca ou aparelho para cortar papel, usada nas papelarias, oficinas de encadernação, etc. «*Guilhotina*, compra-se com 90 centímetros de corte.. — *O Mundo*, 13 de Setembro 1912.

H

horizontal, horizontalismo. *Horizontal*, termo importado do *argot* dos *boulevards* para servir o paladar requintado dos janotinhas da *alta*, é a meretriz fina, elegante, luxuosa, que passa envolvida em rendas caras, entre os setins *gris poussière d'automobile* (dizem êles) do seu *coupé*.

Fialho de Almeida, mestre em neologismos vibrantes de côr, criou *horizontalismo*, enriquecendo assim o vocabulário de alguns salões fidalgos onde o vernaculismo livre do padre Agostinho de Macedo infla de flatulências espasmódicas o ventre aristocrático da *vieille-roche*. «..uma reles esgrima de canivete.. de que até se riam as *horizontaes* da rua dos Alamos.. — .. tratar por tu o alto *horizontalismo* do largo de S. Carlos..» — Fialho. *Vida Ironica*.

I

imposturice, vaidade, empáfia; mentira. No Minho.

inculcadeira, mulher que se encarrega de procurar ou indicar serviçais;

na ling. fam. de Lisboa. «..mandou-o a todas as *inculcadeiras* procurar uma ama..» - Camilo. *Volcoens de Lama*, 166.

iguaria. «..que consta da arrematação de oferendas a que chamam *iguarias*..» — Florencio Terra. *Illustração Portugueza*, n.º 75.

É termo açoriano.

invejidade, o mesmo que *inveja*, tambem no Minho.

Formação espontánea comparável a *fieldade*.

J

jabardeira, javardeira, jebardeira, vasculho. São os nomes de uma planta silvestre de que se fazem basculhos ou vassoiras para eiras e para jardins, respectivamente na Beira-Alta, Trás-os-Montes, Minho e Lisboa.

jaja. Nas *Apostilas* (II, 21), nota o sr. Gonçalvez Viana que, na ilha da Madeira, *jaja* quere dizer «moça, amolgadura» e que este sentido é inconciliável com a definição que, do mesmo vocábulo, apresenta o *Novo Dicionário:* «Nome com que na Beira-Baixa, falando-se a crianças se designa o fato dellas: Que bonita *jaja* tu trazes hoje!», parecendo-lhe que «ou a informação dada para o *Nôvo Diccionário* foi errada, ou mal entendido o exemplo, ou então há dois vocábulos distintos entre si, e que se reduziram à mesma fórma».

Julgo provável esta última suposição porque o termo na acepção colhida na ilha da Madeira representa o inglês *jag:* «moça, depressão».

É notável a corrente de emigração insulana para a América do Norte e sendo por este, e por outros motivos mais directos, o inglês uma língua regularmente conhecida nas nossas ilhas, não admira que o vocábulo, um tanto corrompido, se aclimasse por lá como tantos outros.

Uma prova, em reforço deste asserto, nos fornece a acepção em que é tomado o mesmo vocábulo entre os nossos pescadores de bacalhau. Chamam êles *jaga* ao «orifício, bueira ou escoante de uma embarcação». Extensivamente é o «bujão ou batoque que tapa a mesma bueira» [1].

Estes pescadores estão, como é sabido, uma grande parte do ano em contacto com os pescadores da América do Norte e deles receberam uma apreciável quantidade de termos técnicos da pesca, corrompidos ou adaptados depois à modulação da língua [2].

O termo e respectiva acepção passaram já, pelas relações destes com todos os pescadores do litoral, e ainda pela necessidade própria de ocupação em todos os géneros de pesca durante o

---

1 Especialmente a «bueira» ou «batoque» dos *dories*, únicas embarcações miudas que empregam na pesca. *Dory* (pl. *dories*) é um pequeno barco, de fundo chato e feitio especial, de modelo americano. O nosso pescador transformou a palavra numa forma portuguêsa *douro* que seria conveniente registar porque já é muito conhecida no Seixal, Barreiro, Vale-do-Cóina, Trafaria, Áveiro, Porto e Figueira da Foz, e embora este sistema de embarcações seja por enquanto destinado só à pesca do bacalhau, é certo que alguns destes barcos, dados por incapazes, se empregam já na apanha da *murraça* nos parceis do Seixal e Vale-do-Cóina. No rio Lima vi ha três anos um *douro* transformado em escaler de recreio.

2 A par de *douro* registarei os que me lembram agora: *grapelim, singa; rôdo* (V.); *capinête; senàpaio* (bacalhau pequeno); *clame* (isca de marisco); *fôgone (fog horn); àfebuche (half bushel*—medida para o sal); *quête; trol* ou *trô (trawley); gangim* (espécie de linha de pesca); *trote, trotar, trotador* (o que separa a cabeça do peixe); *dêpa; suiblo* ou *suêblo (swivel); nêpa (nipper)*

Não é menos curiosa a adaptação da toponimia dos Bancos da Terra Nova: *Rocos (Virgin Rocs); Quirró (Banquereau); Istenicholas (Western Shoal); Leijo (Ledge); Mano leijo (Main ledge); Malonas (Maloney ledge); San Pires* (ilha de *Saint-Pierre*).

período em que os navios bacalhoeiros desarmam, a ser vulgares entre os pescadores de Setúbal e Cezimbra, pelo menos, segundo informação de pessoa que por lá andou tratando de pescarias durante alguns anos, parecendo natural que o sejam tambem no litoral do Algarve, que fornece o mais importante contigente de pescadores aos navios bacalhoeiros.

Sobre a acepção indistincta de «bueira» e «batoque» cf. *borneiro* (V.) que, em Trás-os-Montes é o «orifício da vasilha» e em Lisboa «é o batoque ou rolha que tapa esse orifício», parecendo que esta reciprocidade, notada tambem em outros casos diversos, resulta do contacto ou proximidade.

japôna, japónia, é como em Alcobaça designam a «nêspera».

jardar, em Viana, quere dizer «tirar a pele da língua do boi, (em trabalhos culinários)».

junto, o mesmo que *junta,* das aduelas; entre tanoeiros, em Lisboa.

juntura, jintura, o mesmo que *apeiragem,* conjunto de peças necessárias para jungir os bois ao carro; na Beira-Alta (Serrazes).

L

laço. «*Laço* do vinagre» é o mesmo que *chibarro* (v.) «.. junta-se-lhe o *laço* que anda ao de cima de outra vasilha de vinagre..» — *Gazeta das Aldeias,* n.º 694.

lagarto. «As *bichas* [v.] para que fiquem equidistantes do terço e symetricas cosem primeiro n'um bocado de passadeira que ronda e cose para o vergueiro [v.]. Á passadeira com as bichas se chama *lagarto* e tambem é usado nos latinos». — *Ap. e Man. de Navios,* 98.

lambril, lambrim, lembrim, chamam os carpinteiros, estucadores e pintores de Lisboa a um filête de estuque, ou madeira moldada, com que se reveste as paredes de uma sala, á altura do espaldar das cadeiras, ou como guarnecimento do tecto.

São formas singulares, espontáneas, de *lambris.* (V. *Nôvo Dic.)* do fr. *lambris.*

lambujinha, lamejinha. No Vale-do-Côina *lamejinha* é um molusco bivalve, semelhante á ameijoa.

Talvez por *ameijinha,* de *ameija.*

Em Lisboa e Viana-do-Castelo chamam-lhe *lambujinha.*

lamparão, o mesmo que «lapa», pequeno molusco univalve; em Viana-do-Castelo. Tambem significa «mentira». Cp. *lampana.*

lapão. «*Marvão.* Hoje, na Caleira, onde se extrae a pedra para a cal.. desabou um *lapão* ou galeria soterrando uma criança de 6 anos.. [é] necessario grande emprego de dinheiro e de trabalho para se remover toda a pedra e terra desmoronada». — *O Seculo,* de 17 de Janeiro de 1912.

lata, lato, latada, lateiro; parreira; ramada; bardo; cordão; jangada; (corredor); esteio; caibro, caibrada. *Lata* é um *corredor* (= renques de vides dispostas em armação, dos dois lados de um caminho) pouco extenso, de vinha alta, montada sobre *esteios* de pedra ou varões de ferro ligados entre si por *lateiros* ou *caibros* sobre os quais cruzam os *latos.* Os *latos* são troncos, em geral de carvalho, a que, sendo de pouca espessura, cortam os ramos secundários só na parte mais grossa, torcendo os restantes em volta do mesmo tronco para lhe aumentar a resistência. Ás vezes substituem os *latos* por arames.

Lateiro ou *caibro* é o barrote que assenta sobre os *esteios,* travando-os entre si, de cada lado. Ás vezes tambem chamam *lateiro* á *lata.* «*Capareiros*.. A casa da residência parochial tem os vidros todos partidos e o te-

lhado muito damnificado. Os arames dos *lateiros* e muitas videiras foram derrubadas». — *Aurora do Lima*, 10 de Março de 1910. «Uma casa alta e um tapume junto ao lado do nascente, terreno inculto e um pequeno *lateiro* junto á casa..» — *Ibidem*, 2 de Agosto de 1912. «.. terra cultivada de vinha em ramadas e lateiros..» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 880 (refere-se aos Arcos-de-Vale-de-Vez).

latada é o mesmo que *lata* mas com maior extensão.

Quando esta não forma corredor e cobre um pequeno recinto, chamam-lhe *ramada*. *Parreira* é o pé da vide, só por si, desamparado, quando coberto de folhas e frutos.

A um renque de vides, num plano vertical, ligadas entre si por arames presos a *esteios* ou arjões, chama-se *bardo*.

cordão ou *jangada* é a mesma disposição num plano horizontal.

Por extensão, *lato* ou *caibro* é o mesmo que «pau», e assim *latada*, *caibrada* querem dizer «pancada com pau; sova; reprimenda, descompostura».

latada é tambem, popularmente, a «assuada feita aos noivos na noite do casamento, com latas e panelas velhas». De umas destas arrelias tradicionais fala a *Fôlha de Viana*, de 7 de Dezembro de 1911: «A autoridade administrativa investiga sobre umas assuadas que em Santa Marta foram feitas a uns recêm-casados. Tambem a polícia investiga sobre outra assuada em Deão. São o que o povo chama tradicionalmente *latadas*, mas que se não podem consentir de modo nenhum».

V. **cortiçada.**

Todas estas acepções se referem ao distrito de Viana-do-Castelo.

lebre, «peça de madeira composta de dois moitões iguaes, unidos pelos topos, e que se colloca ligada a dois cabos fixos do apparelho. Serve para retorno de cabos de manobra. Algumas ha de um só gorne sem roldana. Alem do goivado onde entram os cabos como alça, tem a mais dois ou trez goivados nas faces para fazer as ligações, ou *cozeduras* de merlim». — *Ap. e Man. de Navios*, 36.

latento, espalmado, chato; em Carvalhos (Gaia).

[O sr. João Ribeiro, *Frazes Feitas*, II, 83, deriva *lata* (folha de ferro batido) do verbo obsoleto *latir* (bater) do latim medievel glattire.]

lazaria. V. **graínha.**

lei. Noto que a expressão *ter lei*, usada em Parêdes-de-Coura no sentido de «ter amor, estimar», e assim registada por mim na *Rev. Lusitana*, XIV, 159, pertence à velha linguagem portuguêsa do século XV. Na *Crónica do Condestabre de Portugal* escreve o cronista que sendo Dom Nuno Alvarez Pereira encarregado por el-rei de tomar sobre si a administração da justiça «dãtre Tejo e Odiana e do reyno do Algarve», tam severa e justamente se conduziu que «nõ *avia ley* cõ grande nẽ cõ pequeno, ne parẽnte nẽ criado nẽ amigo, senõ todavia fazer direito sem nenhũa afeyçõ».

Perder a lei é, no Minho, o mesmo que «perder o amor», i-é, «não ligar apreço ou valia». «*Perdeu a lei* a duas c'rôas só p'rá mostrar qu'era home de palabra!»

lérias, renda de croché; na ling. fam. de Lisboa e de Viana-do-Castelo.

lesme, lêsmia; lismo, lismar. *Lesme* é o mesmo que *lesma*; no Minho.

É forma antiga que ocorre, por ex., no «Tratado de Alveitaria de Mestre Giraldo» e se conservou tambem em galêgo a par de *lesma* e *lesmia* [1]. Esta última forma é tambem minhota.

Lismo, masculino de *lesma*, segundo o

---

1 V. *Rev. Lusitana*, XIII, 336.

parecer de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, é no Minho, não só a «saliva viscosa dos moluscos» [1], mas tambem a «matéria viscosa que cobre o corpo dos peixes». *Lismar* é «tirar o lismo» (aos peixes, para os cozinhar).

limoária, o mesmo que *limonete*, lúcia-lima; no Minho.

levadinho, traquinas, desinquieto, o mesmo que «*levado* da breca»; em Viana-do-Castelo.

língua. «Dar á *língua*» é «falar; falar muito; cuscuvilhar; revelar um segrêdo». Neste último sentido é mais freqüente dizer-se «dar com a *língua* nos dentes». «É vezo das velhas ..*darem* muito *á língua*..» — Camilo. *Seroens S. Mig. de Seide*, I, 39. «Se *der á língua*, esbarronda-se o negocio». — Camilo. *Braz. de Prazins*, 198. «E ainda que soubesse.. Irieis logo *dar com a língua nos dentes*». — Campos Junior. *Camões*, 10.

línguas do mundo é a voz do povo, a maledicência, são os comentários desfavoráveis a um caso geralmente pouco honesto ou que tem aparências de tal. «..e dizia-me que se eu fugisse, dava razão ás *línguas do mundo*..» — Camilo. *Seroens*, I, 35.

Ter língua; língua depravada; má língua; língua de víbora ou *viperina; língua de palmo; língua comprida; língua de prata;* etc., são expressões que servem para designar o caracter maledicente ou o descomedimento de palavras de alguem.

Pagar com língua de palmo, é satisfazer integralmente um compromisso monetário, embora represente uma extorsão, sem direito a reclamar justiça, como o supliciado no garrote. *Pagar pela língua* é sofrer as desagradáveis consequências das próprias palavras ou acções. V. **pagar.**

Aos descortezes, aos que falam com liberdade indecorosa, diz-se em tom de censura: *dobre a língua!*, como querendo significar que a teem «muito comprida..»

Registarei outras expressões populares em que entra esta palavra:

Língua de trapos
Meter a língua no saco
Não ter papas na língua
Querer dizer «amor» e não chegar a língua
Saber (a lição, o recado) *na ponta da língua*
Ter a palavra debaixo da língua
Dar que falar ás más línguas

Não deixarei esquecidas, já agora, as *línguas-de-sogra* que é a designação picarêsca de uns brinquedos que aparecem pelas feiras e que se compoem de um tubo comprido de papel de cores variadas, enrolado por meio de uma mola, e que se distende rapidamente quando se assopra, dando um silvo estridente, a modo de berro. [..producto do espírito inventivo de algum genro ingrato!.]

lubina, é uma variedade de peixe, seco pelo processo usado para o bacalhau; em Lisboa. Tem a pele muito escamosa, com dois traços negros ao longo do dorso.

Chamam-lhe *arenque* os nossos pescadores de bacalhau.

Cp. o esp. *lubina*.

lobeiro, cesto alto, de pequeno diámetro; na Covilhã. V. *Gaz. Aldeias*, n.º 734.

lume. No norte do país *lume* é o «fosforo». «*Lume* pronto» é o «fósforo amorfo ou de cêra». «*Lume* de pau» é o «de enxofre». «..foram aprehendidas pelo guarda-fiscal n.º 26, 4800 caixas de *lumes de pau*, de fabricação clandestina». — *Vida Nova* [Viana], 5 de Outubro de 1905.

«*lume* no olho» quere dizer «esper-

1 V. *Rev. Lusitana*, XIII, 336.

têza, vivacidade, inteligência», «..as quaes, no calão de optica mercantil se chamam: *lume no olho*». — Camilo. *Cego de Landim*, 15.

M

machia, chamam em Felgueiras (Moncorvo) à colmeia em que ha excessiva quantidade de zángãos.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

màdinho, espécie de fueiro que, pela estrubenga, é seguro à frente da cabeçalha do carro de bois, para segurança da carga. Em Carvalhos (Gaia).

V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 731.

malhada malhadeiro. «Os colmeaes são, em geral dispostos em uma encosta, voltados para o nascente; quando completos, são cercados com altos muros de pedras e uma casa de *hospedaria* e deposito de alfaias melliferas; não tendo casa de hospedaria nem muros, chamam-lhe em alguns locaes *malhadas*, enquanto que em outros, como por exemplo em Serpa, dão o nome de *malhada* ao colmeal inteiro». — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 196.

No mesmo livro se cita a *Memoria historico-economica do concelho de Serpa*, de Graça Afreixo, para dizer que em tempo de D. Diniz: «foram determinados [em Serpa] os limites dentro dos quaes só se poderia estabelecer uma *malhada* ou conjunto de dous estabelecimentos constituidos de uma cêrca, para resguardo das colmeias e casa para habitação do *malhadeiro*». «..[as continuas questões entre os donos destas malhadas motivaram] em 1368 uma nova postura com o título de *aranzel das malhadas* em que era determinado que cada malhada não poderia ter mais de quatrocentas colmeias e em que se regulava a exploração da serra». — *Ibidem*, pag. 194.

malhadela, porção de cabêlo de côr diferente da côr geral ou própria; em Parêdes-de-Coura.

malhal. (pl **malhais**). Nos *Estudos da Língua Portuguesa* diz o sr. Júlio Moreira que os dicionários não registam esta palavra no sentido de «bancos ou calços de madeira sobre os quaes assentam as vasilhas nas adegas».

Já Viterbo no *Elucidário*, referindo-se ao fôro da **galinha de canteiro** diz que nêle foi «comuttada a obrigação que alguns caseiros tinham de *encanteirar, ou dar canteiros que hoje dizemos malhaes*, para assentar as pipas, cubas ou toneis dos seus respectivos senhorios».

malhar. *Malhar*, ou *malhar abaixo*, é o mesmo que «caír»; na ling. popular. «..que era de um homem *malhar* de costas n'aquelle chão a rir». — Camilo. *Braz de Prazins*, 135. «..que o primeiro que mostrasse os calcanhares ia *malhar* da ponte *abaixo*». — Camilo *Ibibem*, 67.

malombada, pedaços de cabos velhos, sem préstimo; a bordo.

manada. (V. *Revista Lusitana*, XIV, 160). «E para o conseguir foi buscar manadas de agua que verteu sobre os rostos dos cadaveres». — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, III, 49.

mandar, o mesmo que «regatear»; oferecer para compra um preço menor que o indicado pelo vendedor; em Bragança.

Tem a mesma acepção em Parada-de-Infanções. (V. *Rev. Lus.*, XII, 108).

mandronga. «..minha corja de mandrongas!..» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 129.

maneio, cebo em rama; no Minho.

manga. *Em mangas* quere dizer, no Minho, o mesmo que «em mangas-de-camisa». «Prompto, senhor doutor Viegas — disse um rapazola *em mangas*, vestindo a blusa para servir o café.» — Camilo. *Eusebio Macario*, 134.

manilha, manilhar, desmani-

lhar. O *Nôvo Dicionário* define manilha, em quarta acepção, da seguinte forma: «elo da cadeia». Considerada a «cadeia» ou «corrente» uma «sucessão de elos», não podemos com propriedade dizer que seja uma «sucessão de *manilhas*».

manilha, em náutica, é um elo de abrir, i-é, uma peça de ferro em forma de U cujas extremidades são ligadas por meio de um perno que as atravessa. Com estas peças fazem-se as ligações das correntes entre si ou fixam-se as extremidades das correntes em qualquer ponto. Conforme o sistema de adaptação dos pernos nas manilhas assim estas tomam a designação de «manilhas de rosca ou tornel, de chaveta, e de tufo». «As amarras são correntes de.. 120 braças.. ligadas umas às outras por *manilhas*..» — As amarras são experimentadas ás quarteladas, juntamente com as *manilhas*..» — *Ap. e Man. de Navios*, 118 e 119.

manilhar, é «ligar, prender com *manilha*» e daí *desmanilhar* que é a operação inversa. «As quarteladas seguintes *manilham* no chicote da que entrou.. — .. *desmanilha*-se a amarra d'esse bordo..» — *Ibidem*, 130 e 136.

manilha é tambem, como medida de extensão da amarra, o mesmo que *quartelada*, i-é, um comprimento de 15 braças (=33,m). É esta geralmente a extensão de uma corrente seguida. Oito *manilhas* de corrente formam uma *amarra* (v.) «No fundeadouro de Porto Belgrano è conveniente.. arriar 4 ou 5 *manilhas* de amarra..» — *Almanaque Maritimo* (1903).

mão, mãozada. No Vale do-Côina *mão* equivale a «palmo» nas medições de toros ou fachinas, geralmente. V. **afachinar.**

mão-travessa é, creio que em todo o país, uma medida equivalente a «meio-palmo», tomada pela largura da mão com os dedos unidos.

No sentido de «aperto-de-mão», *mãozada* não é privativo do falar da Beira, como diz o *Novo Diccionário*. Assim dizem tambem em Lisboa, no Minho e outros lugares.

mar. No sentido de «onda grande, vagalhão», insere o *Nôvo Dicionário* este termo como antiquado. É ainda assim na ling. marítima «Dizem que o numero de *mares* é sempre impar, 3, 7, 9, e que depois dá jazida para se manobrar com mais segurança». — *Ap. e Man. de Navios*, 194. «Esta ponta [da Lamparoeira].. pareceu agora ser esparcelada; com a vaga de O N O que havia, rebentava até bastante distancia, que pelo numero de *mares* se podia computar em cerca de meia milha». — *Almanáque Marítimo* (1903).

maravalha, folhas secas de pinheiro, em sentido colectivo ou concreto; no Vale-do-Côina.

maria-da-fonte. *Uma maria-da-fonte* designa no Minho «uma desordem, confusão, desarranjo, balbúrdia, banzé, etc.». «Aquele quarto é *uma maria-da-fonte*». «P'rá môr duma palheira lebanta aí *uma maria-da-fonte*, que Deus te libre!»

Das lutas fratricidas que revolucionaram a sociedade portuguêsa aí por 1846, surgiu a figura heróica, lendária, de uma mulher cuja bravura caracterizou um período bélico da nossa história política. Restam ainda desse período que o povo classificou «das guerras da Maria da Fonte» poderosas reminiscências da constante intranquilidade, confusão e desordem internas, sugestionando a fantazia popular com um excesso de pavores das sangrentas represálias que eram a origem da tumultuosa inquietação e desorganização social.

Certos momentos de anceosa efervescência que agita o espírito popular através da história, repercutem-se, perdurando na memória do povo por largos tempos, em formas aforísticas

de que se chega a obliterar a noção histórica com a degenerescência gradual e inconsciente dos seus elementos, como aconteceu com o rifão popular:

«Quem tolo vai a Santarem,
Tolo vai e tolo vem» [1].

e ainda outros em que se descobrem apagadas reminiscências de períodos de mais intensa agitação da alma nacional.

No espírito do povo francês perdura de tal modo o sentimento de mágua pela espantosa queda do império napoleónico que ainda hoje na linguagem popular da França *un waterloo* significa «uma desgraça, uma fatalidade, um infortúnio irremediáveis».

A metonímia popular emprega muitas vezes os nomes de pessoas para designar factos que com estas se relacionam directamente; ou nos quais a sua acção foi, quer primordial ou intensa, quer decisiva e ainda exagerada, por ironia. Alguns exemplos: *gilvaz*=golpe ou cicatriz no rosto (de Gil Vaz); *carrasco*=algoz (de Belchior Nunes *Carrasco*, algoz na cidade de Lisboa. Vid. *Apostilas*, I, 245); *madalena*=mulher chorosa ou desgrenhada, como a pecadora bíblica; *marias-pias*=rolos de cabelo pendentes nas fontes, como penteado senhoril, talvez o mesmo que os modernos *mimis* (de Maria Pia, raínha D. Maria II, que introduziu a moda na corte de Portugal); *inês-de-carasto*=mulher prostituida [2] (de D. Inês de Castro); *camões*=indivíduo cego de um olho (do épico Camões); e tantos outros que me não ocorrem.

Na língua literária evoca-se tambem a personificação lendária da heroína minhota para classificar a «mulher destemida, de génio viril e arrebatado». Falando-se de uma mulher que em Portimão «provocava os republicanos e pessoalmente dirigiu ao administrador.. um *ultimatum* para que seu marido fosse posto em liberdade», diz-se no *Mundo* de 13 de Setembro de 1912: «Para prestigio da Republica torna-se necessario que sejam chamadas á ordem estas Marias da Fonte de fresca data..».

Nas *Apostilas*, II, 365, diz o sr. Gonçalves Viana: «Derivado do título do Conde do Restêlo, já falecido, grande influente eleitoral e trunfo político, criou-se um substantivo comum: — «Em quasi todo o paiz são os *restellos* que montam e manejam a machina eleitoral». *O Seculo*, de 26 de Novembro de 1900».

mariato, é o conjunto de bandeiras e galhardêtes usados para a comunicação de navios a distancia, entre si, ou entre um navio e a terra, em conformidade com as regras estabelecidas no Codigo Internacional de Sináis.

Provem, por deturpação, do apelido de Frederico *Marryat*, oficial da marinha inglêsa, que em 1837 coordenou o *Codigo de Sináis para uso da marinha mercante*, adoptado pelo governo de Inglaterra e pelas principais nações.

marrana, marrancha, marreca, corcunda; em Bragança.

mastrear. Diz-se em ling. marítima que «*mastreia* bem ou mal o na-

---

[1] Esquivando-se D. Fernando a dar batalha a D. Henrique de Castela, cujas hostes invadiam o país rapinando e desbaratando as terras e os haveres do povo «todo seu feito,—diz Fernão Lopes era de Santarem para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo *exvollo vai, exvollo vem, de Lisboa para Santarem*». A forma sofreu várias alterações mas o conceito conservou-se com a persistência dos sons.

[2] «Esta última afronta decidiu-a; sahiu n'um impeto de honesta iracundia e contou ao frade.. que até Inez de Carasto lhe chamaram!»—Camilo. *Eusebio Macario*, 32.

vio que mostra melhor ou pior disposição de mastros».

maúlo, utensílio de calafate que serve para tirar a estopa velha das costuras das embarcações. Emprega-se nos casos em que o *puxavante* (v.) se torna insuficiente.

mécha. «Mas, estavam ás escuras como os gatos, e ainda que quizesse acender a luz.. não sabia onde tinha deixado as *méchas!..*» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro,* 105.

É açoreano.

melar, produzir mel (uma colmeia); no concelho de Moncorvo.

mentir. Em terminologia de carpintaria diz-se que *mente* a peça de madeira que não assenta perfeitamente no lugar a que foi destinada, por erro de medida.

mentir, a virar ou simplesmente *mentir,* diz-se do navio que, ao orçar, não avança para barlavento. «Quando o vento é muito forte é arriscado virar por d'avante, não só porque o mar batendo na prôa, pode fazer *mentir a virar,* mas tambem quando o velaxo fica sobre, o navio cae a ré.. — No caso de o navio *mentir,* ou de escassear, tanto que se reconhece nada ganhar para B V, deve-se dar logo fundo a todos os ferros (V. **ferro)** pela prôa..» — *Ap. e Man. de Navios,* 185 e 195.

Na ling. familiar de Lisboa diz-se que «ferve *mentiras*» a água que está fervendo sobre o lume, sem que seja necessária.

merendeira, bolo de abóbora, farinha e mel, usado pelo Natal; no concelho de Penela.

Vid. Ed. Sequeira. *As Abelhas,* 134.

mestre, tomado como adjectivo, significa «grande, formidável, inexcedível». «..e que efeito fez? Um escandalo *mestre*». — Eça. *Crime P.e Amaro,* 364. A expressão *de mestre* ocorre no mesmo sentido. «Co'os diabos, tem você razão! É de *mestre!*» — *Ibidem,* 521.

mexão, pau ou espátula com que se «mexe» o líquido de uma vasilha; em Ílhavo.

mexeriquice, o mesmo que «mexerico» «.. decidem-me as tonteiras de um jornal que por *mexeriquice* quiz incabeçar um designio politico..» — Garrett. *Viagens na minha terra,* I, 2.

milagre. Dizem em Viana-do-Castelo, que «está fazendo *milagres*» a pessoa que transpira por efeito de um esforço ou do calor ambiente.

milheiro, equivale nas charnecas do Vale-do-Cóina a vinte talhas (V. **talha)** de mato. «Um *milheiro* de mato».

míscaro, variedade de cogumelo comestível; em Bragança e julgo que em outros lugares, como Vila-Real (V. *Rev. Lus.,* XII, 110). No n.º 779 da *Gazeta das Aldeias* um assinante do Jarmelo (Guarda) pregunta: «Como se faz conserva de cogumelos vulgarmente conhecidos pelo nome de *Míscaros?*».

Na mesma *Gazeta,* n.º 875, o Dr. Júlio A. Henriques, lente da Universidade de Coimbra, refere-se aos *miscàros* que define scientificamente *Boletus.*

misgalhar, metátese de *'smigalhar* < *esmigalhar,* ou por **esmisgalhar.* No Vale-do-Cóina.

Cp. *masgar* (V. *Rev. Lus.,* XIV, 161).

misgolho, «zarôlho, cègueta»; em Viana-do-Castelo.

môcho, cavilha de ferro que entra na extremidade do eixo do carro, para sujeitar a roda; em Carvalhais [Beira-Alta].

moenda, azenha; em Trás-os-Montes.

Vi no Tua as *moendas* laborando no próprio leito do rio, aproveitando a minguada corrente no verão pois que no inverno a impetuosidade das aguas obriga os moleiros a desmontar as suas construções já apropriadas a este estabelecimento periódico.

Pelo excerto abaixo transcrito vê-se que

assim são tambem denominadas as azenhas do Guadiana:

«Navegando pelo agradavel Guadiana alem, depara-se-nos pouco depois as moendas da Brava. *Moendas* é o nome que por lá dão ás azenhas». — Santa Cruz Magalhães. *Epoca*, de 1 de Agosto de 1905.

moente. O *Novo Diccionário* define este termo, como substantivo, da seguinte forma: «cavilha ou pequena peça cylindrica que gira dentro de um orificio circular», o que é pouco mais ou menos a definição dada pelo *Dicionario Contemporaneo*. *Moente*, em mecânica, é a «parte do veio, cavilha, munhão, etc., que gira dentro do *bronze* (v.) da *chumaceira* (v.), ou o próprio bronze ou chumaceira em que gira o veio. «Na extremidade da arvore (nome que se dá ao eixo que gira nos moentes do cabeçote [do torno])..» — *Man. do Torneiro Mechanico*, 13.

(Vid. *Apostilas*, II, 150).

moio; «um *moio* de sacas» são «dez sacas» vazias, destinadas a cereal, cal em pó, etc.; no Vale-do-Côina.

molida, o mesmo que «molhelha»; em Chaves.

montado, é a importancia paga ao proprietario ou arrendatário do terreno pelo mato que nêle se corta; nas charnecas do Vale-do-Côina.

morar, o mesmo que «servir» (como criado); em Coimbra. V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 737.

môrco, môrca. *Môrca* ou *morcão* é o indivíduo indolente, aparvalhado; em Viana-do-Castelo. Tambem lá chamam *môrca* á «borôa».

môsca. «Ás *moscas*» quere dizer «vasio, desocupado, desabitado». «Está a casa *ás moscas*». «Reconhecemos no publico razão de sobejo para deixar [o teatro de] D. Maria *ás môscas*». — Fialho. *Vida Irónica*, 174.

môsca-morta ou *mosquinha-morta* é o mesmo que «indolente, bonacheirão; dissimulado». «Ninguem t'o havia de dizer d'este *mosquinha morta* que parece mesmo um sonso!» — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, 119.

mosó, o mesmo que «moiçó», moela; em Paredes-de-Coura.

muchête. Nos *Estudos da Lingua Portugueza*, 194, registou o sr. Júlio Moreira *muchões* como termo de Trás-os-Montes significando «mosquitos». O sr. Gomes Pereira no vocabulário de Penedono; *in Rev. Lusitana*, XII, 314, incluiu *mochão* no sentido de «moscardo». Do mesmo radical é o termo *muchete* que, em Chaves, significa «beliscão». Talvez que esta acepção, única que colhi, seja tomada pela causa, por analogia do efeito, e *muchête* signifique mais propriamente «mosquito». Cp. *mosquête* = «bofetão».

mundo. A linguagem popular usa expressões em que entra esta palavra num sentido de «vastidão», servindo para dar intensidade a uma ideia: «É a coisa mais linda do *mundo*». «Fala com o maior descaramenro do *mundo*». «Não ha no *mundo* homem mais falador que este», etc.

Este modo de expressão já vem de longe. Aparece, por ex., na *Crónica do Condestabre de Portugal:* «aa mayor pressa do mundo.. mostrava o mayor asessego do mũdo .. Castello do Neyva q̃ he dos fortes Castellos do mundo..» [1].

Em linguagem marítima *dar a volta ao mundo* é manobra de navegação que consiste em «[um navio, que está afilado, ou na linha do vento,] dar uma volta completa virando por bombordo». «Para tornar a navegar na mesma amura teremos de virar em roda com o velacho sobre, manobra conhecida pela expressão de *dar a volta ao mundo*..» — Vidal Junior.

---

1 Edição Mendes dos Remédios, pagg. 116, 138, 167.

Guia Mercante, 227. «A esta manobra, em que o navio faz uma rotação de 360º, se dá o nome de *dar a volta ao mundo* . .» — *Ap. e Man. de Navios*, 188.

munumucaia. Deste vocábulo diz o sr. Gonçalvez Viana nas *Apostilas* (II, 172): «É o nome que se dá no canal de Moçambique ao tufão, como sou informado por pessoa que ali passou várias vezes, e esteve outras tantas na África Oriental Portuguesa».

Eis uma abonação do termo, referida ao mesmo lugar: «. . já não nos restava duvida que estavamos sob a influencia de uma grande *monomocaia*, descendo então o barometro com incrivel rapidez a 730mm». — Leotte do Rego. *Guia de Navegação*, cap. IX.

murra, murrão, murraça. Diz o *Novo Diccionário* que *morraça* é, no Algarve, «erva para alimento de gado» e o sr. Gonçalvez Viana nas *Apostilas* (II, 160), achando satisfatória esta definição, acrescenta-lhe outra mais explícita, extraída de *O Seculo*, de 19 de Junho de 1900: «. . morraça, ou os vegetaes nascidos no rio». E termina: «Conclui-se portanto que a *morraça, moliço, sargasso* ou *rapeira*, pois, conforme as rejiões essa vejetação vai mudando de nome, serve não só para adubo das terras, mas também, à falta de melhor, pára alimentação de gados».

A definição dada pelo *Novo Diccionário* não é, de facto, bem explícita, mas no mesmo caso está a que foi extraída do *Seculo* e que levou o sr. Gonçalvez Viana a concluir que *murraça* era o mesmo que *moliço* ou *sargasso*. Não é. Permita-me o ilustre filólogo esta rectificação. De um artiguêlho que, sobre a *murraça* publiquei na *Gazeta das Aldeias*, n.º 804, transcrevo os seguintes períodos:

«Em grande parte dos parceis do Tejo cresce uma planta vivaz de folhas alongadas, formando tufos ou extensos tapêtes de verdura que a preamar encobre por completo, e á qual as populações ribeirinhas dão o nome de *murraça*. Esta planta é muito útil na alimentação do gado cavalar e bovino, constituindo a sua colheita um dos recursos das classes necessitadas . . . é uma forragem muito apreciada . . atingindo a planta 30 a 40 centimetros de altura, invadindo as aflorações de terreno firme, argiloso, entre as lamas movediças dos parceis, etc.»

Julguei que fosse o *paspalum districhum*, L., ou o *paspalum notatum*, Fluegge, mas o sr. Eduardo Sequeira, ilustre naturalista, em carta que me escreveu, diz-me que é a *spartina stricta*, Roth. ou *paspalum cynosuroides*, Brot.

Não são pois «os vegetaes nascidos no rio» mas «planta que nasce nos *parceis* dos rios».

murra, em Parêdes-de-Coura, é a «porção de rôço que se corta no mato, aqui a ali, formando pequenas clareiras, em vez de se roçar a eito».

murraça é tambem, nas pedreiras dos arredores de Lisboa, a pedra miúda de calcetaria, de tamanho médio entre o *granito* (pedra miudinha para betonilhas) e o *murrão* ou *pedra-de-xadrêz* que é a pedra usada no calcetamento dos passeios das ruas.

mutena, medida de quantidade, para lenha, equivalendo a «uma dúzia» = quarenta-e-oito (achas). Em Carvalhos (Gaia).

N

nanar, dormir; em ling. infantil, no Minho. Está nesta quadra de berço:

«*Nana, nana*, meu menino
qu'a tua mãi logo bêim,
foi labar uns paninhos
ó riinho de Belêim».

No *Folclore da Figueira da Foz*, de C. Marta A. Pinto, sob o n.º 659 aparece uma quadra idêntica em que se emprega o mesmo termo. Cp. *Rev. Lus.*, X, 32.

nassa, nasso; enxalavar; (capinête), ganha-pão, camaroeiro. *Nassa* ou *nasso* é uma espécie de «camaroeiro», ou saco de rêde de forma cônica, tendo na base ou boca um arco a que se prende diametralmente uma vara comprida. Serve para recolher o peixe das rêdes; em Ílhavo.

Os pescadores de bacalhau empregam um utensílio idêntico, a que chamam *capinête*, para apanhar os painhos muito abundantes nos Barcos da Terra Nova [1].

O *enxalavar*, de maiores dimensões, tem a forma da *nassa* mas sem vara, e emprega-se como utensílio directo de pesca, nos rios, suspendendo-se por uma linha.

Tambem lhe chamam *ganha-pão*. Em Ílhavo.

nicles, como termo popular significa «nada, não, cousa nenhuma». «Ha uma precisão, uma doença, um hospede.. e depois *nicles*». — Bento Moreno. *Comedia do Campo*. «E a respeito de esportulas, *nicles*». — Camilo. *Corja*, 199.

É o lat. nihil < nichil < *niquel*.

> «Digo *nihil* por agora
> . . . . . .
> Não erra quem quer conselho
> porque inda que vos saia
> tudo *niquel*..»

[Ant Prestes. *Auto do Procurador*]

Vid. *Elucidário*, de Viterbo, sub. voc. *Veiza*.

Por um artifício de fonética popular que decompõe a sílaba final de vocábulo terminado em *l*, em duas sílabas distintas, (cp. *ma-le, Setúba-le, papé-le*, etc.) *niquel* deu *niquele* = *nicle*, e *nicles*; cp. *nentes*, do ital. *niente*.

norça. O *Novo Diccionário* define assim este vocábulo: «(prov. alemt.) pequena estaca de oliveira em plantio». Em um estudo do sr. Menezes Pimentel, sobre a «oliveira», no n.º 643 da *Gazeta das Aldeias*, encontro definição mais ampla e que julgo referida a Trás-os-Montes «.. nas oliveirinhas novas ou *norças*..» E em nota: «*Norça* é a oliveirinha proveniente de estaca que criou raizes; por generalização é um barbado de oliveira cultivada e até de oliveira silvestre, proveniente de estaca ou de semente».

Em Ílhavo, *norça* é o «nó do dedo».

nôvo. Nas *Apostilas* (II, 189) diz o sr. Gonç. Viana que «em Leiria o adjectivo *novo* acrescenta-se ao apelido, ou alcunha, no sentido em que na lingua culta se emprega o latinismo *Júnior*».

Assim é tambem em Ílhavo.

noz, parte superior da haste da âncora, abaixo do anête, em que ha uma abertura quadrangular ou cilíndrica onde entra o *cêpo* (v.).

«Hoje [i-é, modernamente] no lugar da *noz* abriu-se um furo redondo.. e por elle enfia uma barra de ferro cilíndrica..» — *Ap. e Man. de Navios*, 115.

O

obra, na ling. popular não é só «trapaça ou tramoia», que se expressa em frases como «aqui ha *obra!*», mas tambem «dificuldade, transtorno». «Para receber o dinheiro, foi *obra!*» «Come bem mas em chegando ás contas.. isso é *obra!*»

Obra acabada, fina ou *asseada* quere dizer «coisa boa, perfeita». «O sr.

---

1 Os painhos, depois de depenados, empregam-se como isca para a pesca do bacalhau, na falta de lula ou *clam*.

frei Justino, aquillo é que é *obra acabada!*» — Camilo. *Eusebio Macario*, 28. «Para arranjar soldados fez-se uma *obra fina*.. — P. Chagas. *Hist. Alegre de Portugal*, 94.

ocupados, no concelho de Paredes-de-Coura, são os indivíduos que conduzem o féretro, nos enterros.

oirar, dotar ou brindar com prendas de oiro (a noiva), nas vésperas do casamento. «*Oirar* a noiva». No Minho.

olho, olhar, olhal, olheiro, olheira, olheirada. De *olhar*, no sentido de «vigiar», resulta a expressão «*olhar* o gado» que, no Minho, é o mesmo que «apascentar [1]». *Olheiro* era, e é, o indivíduo encarregado de vigiar qualquer coisa, o mesmo que *olhador*, como vem neste passo do cap. CCXIX da *Perigrinação*, de Fernão Méndez: «..se quiz entremeter na jurisdição do capitão D. Antonio e se apoderou tanto d'ella, que ao capitão lhe não ficava mais que só o nome, e ser um *olheiro* da fortaleza..»

olho entra pois em expressões que exprimem «vigilância, atenção, cuidado; vivacidade; esperteza; entendimento;» — tais como:

olho!, isto é, «atenção!, cuidado!» Como formas equivalentes, recomendando ás vezes «a maior vigilância», empregam-se as expressões *olho atento, olho alerta*.

olho atrás, olho adeante, exprime geralmente o cuidado de quem segue um caminho e precisa ir precavido contra qualquer agressão provável ou embuste. Desta dualidade, ou significativa aplicação dos dois olhos em pontos distantes, fala-se já no *Cancioneiro Geral:*

«mas *hũu olho* nele atente
e *o outro* no parçeyro.»

[II, 94] [2]

Abrir o olho é «precaver-se contra qualquer embuste ou trapaça; dar mostras de vivacidade e esperteza». Ocorre tambem no *Cancioneiro Geral:*

«E porêm sede avisado
não v' tome salteado
mas *abry muy bem o olho*».

[I, 23] [2]

Daqui vem o dizer-se *ter lume no olho*, no sentido de «inteligência, esperteza, decisão firme», que se expressam ás vezes na vivacidade dos olhos *bem abertos*.

«Estremava-se dos seus broncos patricios no dom da palavra, nas lérias aos freguezes, nos ardis licitos do balcão, nas ladroices consuetudinarias que affirmam a vocação pronunciada, as quaes, no calão da optica mercantil, se chamam: «*Lume no olho*». — Camillo. *Novellas do Minho*, III, 15.

Deitar o olho é «ver, investigar cautelosamente e com disfarce; fazer uma rápida escolha sobreptícia com o olhar».

«porem alguem, que então *deitava o olho*, deitou tambem as barbas de remolho».

[*Pinto Renascido*, 115].

«donde descobrem uma e outra ilha
. . .
O conego de as ver se maravilha
. . . .
mas *deitou* á do Pico *o olho* logo».

[Azevedo Tojal. *Foguetário*, Canto III, 22].

Significando investigação visual mais rápida e cautelosa ainda, usa-se a

[1] «O comboio matou entre Moledo e Caminha uma mulher que andava a *olhar umas vacas*.» — *O Povo* (Viana), 27 de Outubro 1912.

[2] Ed. da Imp. da Universidade.

expressão *deitar o rabo do olho*, i-é, «olhar de revêz, olhar de lado e sem voltar a cabeça, para não causar desconfiança». No castelhano do tempo de Gil Vicente escreveu o salamantino Lucas Fernandez:

«Echa acá el rabo del ojo»

[*Églogas y Farsas*, 7] 1.

Trazer d'olho, é «acautelar-se de, ou interessar-se por alguem, espiando-lhe as acções» e ainda: «formar tenção reservada sobre qualquer pessoa ou coisa». «V. M. nos corta como navalhas, me disse a dona da Casa. Monsieur de Oliveyra nos *traz* já *de olho*, respondeu a Condeça de la Fuencilla». — Cavalleiro de Oliveira. *Cartas*, I, 141 [2].

Para exprimir «vigilia, falta de sôno», usa-se a expressão: *não pregar olho*.

«De cór se foi deitar o padre, e entanto a velha *pregar o olho* não podia..»

[*Foguetário*, Canto VI, 1.].

Outra abonação mais moderna: «Os noivos tinham-se deitado, e disseram que os assobios agudos das requintas os não deixaram *pregar olho*». —Camilo. *Eusebio Macario*, 106.

Outras expressões ha em que entra esta palavra em sentidos diversos:

olho da rua, vem a ser o mesmo que «meio-da-rua».

«Repolho em carne tão crua
que toda a cosinha atraza,
fóra da olha da caza,
logo no *olho da rua*.»

[*Pinto Renascido*, 188].

um pau por um olho, indica a «conveniência de se adquirir qualquer coisa que se oferece por baixo preço» e, por ext., a «ocasião ou situação vantajosa em qualquer caso.» *Dar um olho ao diabo* (se determinado facto, geralmente de dificil execução, se realizar) exprime a incredualidade do oferente, quando não quere dizer o elevado preço por que se pagaria o benefício recebido. «*Um olho dariam elles ao diabo* para terem umas mãos de cabeleireira como as tuas.» — *Teatro* de Costa Cascais, VI, 10 [3].

O alto valor estimativo dos olhos exprime-se popularmente em frases que indicam «custo elevado», como: *custar os olhos da cara*, *dar os olhos da cara*. «& *custarme ha* a cavalgada *os olhos da* cara.. — Que lhe tenhais *dado os olhos da cara*, tanto que sentem a bolsa seca, morto he o afilhado porque tinhamos o compadrado.» — Jorge Ferreira de Vasconcelos. *Eusofrina*, IV-VIII, e V-VIII.

menina-dos-cinco-olhos é o nome escolástico da «palmatória». Assim vem já no *Anatomico Jocoso*: «..e a *menina dos cinco olhos* andou dando a todos muitos bolos de assucar nas mãos..», pag. 60 [4].

A um senlido de «evidência» se relacionam expressão como: *meter os dedos pelos olhos; deitar poeira nos olhos; meter-se pelos olhos dentro; saltar aos olhos*, e numerosos provérbios.

olhal. Os dicionários não registam a acepção em que esta palavra é tomada a bordo. *Olhal* é uma pequena argola, geralmente de ferro, fixa em qualquer ponto das vergas, das chapas do aparelho, da amurada ou do convés da embarcação, com fim determinado. «As pegas reaes são chapeadas de ferro e tem varios *olhaes* para o poleame dos cabos de manobra.. — ..é aguentado [o vergueiro]

1 Madrid, 1867.
2 Lisboa, 1855.
3 Ed., 1905.
4 Ed. da *Bibl. Universal*.

á face da verga por *olhaes* de thesoura..» — *Ap. e Man. de Navios*, 21 e 74.

Esta designação torna-se extensiva a qualquer objecto análogo, embora de uso extranho a bordo. Um marinheiro chamaria *olhais* às argolas por onde enfiam os varões de uma passadeira de escada, ás argolas da extremidade das pás de fogão, etc.

olheiro, no Vale-do-Côina, é o ponto em que o terreno mal firme dos *parcéis* (V.) se torna intransitável, por aglomeração de massas líquidas no subsolo. Cf. *olheiro* no *Novo Diccionário (Suplemento)*.

olheira ou *olheirada* é, na Beira-Alta, o mesmo que «réstea», de sol.

onde. A locução *de onde a onde* equivale na Beira-Alta a: *de tempos a tempos*, *aqui e ali*, etc. «Passados seis dias cobrem-se as azeitonas com água limpa e nada mais se lhe faz a não ser a substituição da agua de onde a onde..» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 731.

orvalhudo. Este participio arcáico do verbo *orvalhar* é ainda usado no Vale-do-Côina. «Manhãs *orvalhudas*».

P

pai. *Pai-dos-filhos*. «[as meretrizes] dão o nome de «pae dos filhos» ao homem a quem querem..» — *O Seculo*, 11 de Setembro de 1907.

pafutaria, tratantada, patifaria; nos Açores. «..nunca vi a *pafutaria* que se tem feito hoje aqui dentro.» — Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*.

pagar; nas locuções:

pagar as favas, tornar-se responsável por uma acção que se não praticou, «..dizia ao Figueirêdo que as requintas é que *pagavam as favas*.» — Camilo. *Eusebio Macario*, 106.

pagar com língua de palmo, alem da acepção registada (V. **língua**) tem mais a de «sofrer represálias». «..mas eu cá sei como has-de ir *pagando com lingua de palmo*..» — Camilo. *Seroens S. Mig. Seide*, V, 32.

pagar pela língua (V. **língua**) «..elle, o barão, está a *pagar pela lingua*..» — Camilo. *Eusebio Macario*.

pagar na mesma moeda, «corresponder ao procedimento de outrem com igual procedimento». «Nem uma carta! Pois *paga-lhe na mesma moeda*, minha laverca!» — Camilo. *Volcoens de Lama*, 44.

pagar bom burro ao dizimo. «Asseguro-lhe que a Custodia ha-de *pagar* bem *bom burro ao dizimo*.» — Camilo. *Eusebio Macario*.

palaio. «Prefiro desancar-lhe o *palaio* a ensinar-lhe a gramática». — Camilo. *Eusebio Macario*.

Ocorre nas *Infirmidades da Lingua*, pag. 136, a expressão: «moeu-lhe o *palayo*».

palangana, pelangana. É, em Freixo-de-Espada-á-Cinta, uma tijela grande ou bacia de barro branco vidrado, «de loiça coimbrêsa», diz a minha informadora, acrescentando que tambem lhe chamam *fonte*.

Ilustrou, a seguir, o seu depoimento com uma observáção: «costuma-se a juntar os trapos velhos e trocamos-*i*-os p'las *pelanganas* q'ando aparece' as vendedeiras na vila.»

Dar ás palanganas é o mesmo que «dar ás gâmbias», ou «ás trancas» = fugir, neste passo do *Anatomico Jocoso*: «..e haviam o de fazer em cacos se não *desse ás palanganas*».

palhiça. «..com uns esbeiçamentos de *palhiça* muito amarellada do atrito...» — Camilo. *Eusebio Macario*, 16.

palito, por *palito fosfórico* = «fósforo», em todo o norte do país. «..a respeito do grande perigo que ofereciam os *palitos*..» — Cesar Machado. *Lisboa de Hontem*, 262.

palomba, palombadura, palombar. *Palomba*, diz o *Novo Diccio-*

nário, é o «fio grosso com que se cosem velas». *Palombar* é «coser velas com *palomba*».

Notarei que ha aqui um equivoco. O fio com que se cosem velas diz-se *fio-de-vela*. *Fio-de-palomba* é o que serve para *palombar*, i-é, «coser o cabo da tralha ás orlas da vela, fazendo passar os pontos pela cocha do mesmo cabo». A esta costura chama-se *palombadura*. Cp. o cast. *palomadura*: «costura que se hace de la vela com relinga [=cabo de tralha] á trechos». (Rod.-Navas).

palomba é tambem o novelo de mealhar de forma alongada e, por ext., a «peça (de mealhar)». «O mealhar colhe-se em forma de novelo alongado a que chamam *palomba*» — *Ap. e Man. de Navios*, 30.

Á alça que serve para içar no mastro a verga de uma vela latina chamam tambem *palomba*.

agulha de palombar é a agulha grossa para costuras de *palomba*.

ponto-de-palomba. «A vela é debruada por um cabo — *Tralha* — cosido a ella com *ponto de palomba*». — *Ibidem*, 39.

pancada. *Ter pancada, ter pancada na mola* ou *no realejo* são três expressões populares que exprimem o mesmo conceito: «ser idiota, tanso, maníaco ou extravagante nas ideias ou nas acções. «.. era um maníaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola». — Camilo. *Serões S. Miguel de Seide*, I, 17.

pangaio, pessoa inábil, sem préstimo; no Alto-Minho.

panela, o mesmo que «panelinha», i-é, «conlúio para fins geralmente pouco sérios; o mesmo que súcia». «Será você algum burro da *panella* d'elle?» — Camilo. *Bruxa do Monte Cordova*, 143.

papoilas, «são peças de poleame semilhantes a moitões, alceados de ferro e fixos a duas barras nas mezas de malaguetas a meia nau e por ante a ré dos mastros. Servem de retorno aos cabos de manobra do velame». — *Ap. e Man. de Navios*, 36. Cf. *papoias*.

pardejar; alpardecer. Nas *Apostilas* (II, 231) regista o sr. Gonçálvez Viana a locução adverbial *al pardo*, usada na Ilha-da-Madeira, no sentido de «ao escurecer», colhida no falar de um Madeirense (cabo da guarda fiscal).

O ilustre filólogo explica que *al* é, neste caso, contracção de *a lo*, por *ao*, de *a o*.

Por minha parte tenho notícia de uma expressão açoriana usada no mesmo sentido — *ao alpardecer* — e que se me deparou num livro de Nunes da Rosa, um observador minucioso dos costumes e da linguagem do seu torrão. É nas *Pastoraes do Mosteiro*, 103: «..o Antonio mais a sua noiva, botou-se, de tarde, pela freguesia, a fazer os convites p'rá visita com tamanhas minucias de deferencia, que, *ao alpardecer*, toda a gente lhe passaria diploma de cavalheiro..».

Certamente o verbo desta locução procede de uma forma que não é positivamente o substantivo da primeira: *pardo*, dando um suposto *pardecer* que está fora dos moldes morfológicos da língua, mas um composto *alpardo* por perda da noção do valor representativo da contracção antiquada *al*, de *a lo*, segundo o parecer do sr. Gonçalvez Viana.

Vemos que á forma verbal se antepõe a contracção normal *ao*, de *a o*, que mais acentua a inconsciência em que se iria caíndo do valor representativo da primeira contracção, mas pode tambem supôr-se que o elemento *al* proceda de outra palavra que antecedeu o substantivo em uma locução equivalente: *ar-pardo* < *arpardo* < *alpardo*. Cp. *alvorar*, de *arvorar*.

Morais, citando as *Décadas*, de Diogo do Couto, regista *ar-pardo* que defi-

ne «crepusculo» e Costa e Sá inscrevendo a mesma locução define «boca da noite». No *Cancioneiro Geral*, de Rèsende, diz um poeta louvando certas melgueiras amorosas:

«Como virdes o *ar pardo*,
que já quer anouteçer
sse tomar queres prazer
nunca v' mostres covardo..»

«*Ao ar-pardo* significava pois «ao entardecer [1]». Na expressão *ar-pardo*, considerada como um só vocábulo dar-se-ia dissimilação do *r*.

pardejar, forma verbal de *pardo*, no sentido de «escuro = crepúsculo», é usado na Beira-Alta e Alentejo (Santa-Eulália [Portalegre]). Empregou-o Camilo na *Bruxa do Monte Cordova*, 16: «Ao *pardejar* da tarde despediam-se tristes e ao outro dia encontravam-se como amantes desafogados de longas saudades».

parea, pareia. O *Novo Diccionário* regista estas duas formas na acepção de «régua com que se mede a altura das pipas e toneis», observando: «Vejo registadas as duas formas; inclino-me porém a que só uma é authêntica e que será *pareia*, de *parear*, de *par*».

A derivação não justifica porem o sentido dado que julgo provir de um erro de observação. Morais definira «**Pareia,** espécie de padrão pelo qual se deve regular a capacidade das pipas, que é de 30 almudes».

Ora esta capacidade, sendo determinada previamente, não se regulava simplesmente *pela altura* mas, principal e devidamente, *pela circunferência* do bojo e marcava o diâmetro a dar à vasilha.

A *pareia* é uma régua em que está marcada a linha rectificada da circunferência das vasilhas de determinada capacidade. A quantidade de aduelas que, colocadas *a par*, preencha ou forme a extensão dessa linha, é a necessária para armar a vasilha cuja capacidade essa medida determina.

É claro que pode haver uma *pareia* para cada volume de vasilhas ou uma só *pareia* com vários fulcros ou pontos correspondendo a várias capacidades.

Á régua com que se mede a altura das aduelas para pipas, toneis ou barris chamam os tanoeiros *talha*. O *Novo Diccionário* regista esta palavra, em 3.ª acepção como «([termo] *ant.*[igo]) Dizia-se de uma longura, que constituia uma das medidas usadas pêlos tanoeiros. Cf. Fern. Oliveira, *Liv. das Fábr. das Naus*, ms., p. 14».

A *talha* tem vários furos, correspondendo a alturas diversas, em que entra o *riscador*, e que marcam entre si e a extremidade daquela os comprimentos das aduelas.

As definições que dou referem-se a Lisboa e povoações do sul do Tejo.

parição, acto de «parir», falando-se dos irracionais; no Vale-do-Côina. Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 882, pregunta um assinante da Marinha Grande: «¿Qual a melhor ocasião de a mandar [a burra] ao cavalo? ¿Passados uns dias da *parição* ou esperar que venha o cio?».

parôlo, néscio, palerma, ingénuo; em Paredes-de-Coura.

parte, *Fazer a parte* é «finjir, dessimular, parodiar»; na ling. pop. de Viana-do-Castelo. «Foi levada ao hospital uma «dezinfeliz», que se dizia envenenada com mercurio. Quando lhe iam fazer a lavagem ao estomago, declarou que não estava envenenada, mas a «fazer a parte..» — *O Povo* (Viana), 29 de Dezembro de 1912.

pasmão, o mesmo que «palerma, boca-aberta, tanso»; em Viana-do-Castelo.

---

[1] *Ar dia, ao pôr do ar dia* são locuções que no Vale-do-Côina querem dizer «crepúsculo, ao entardecer». Por haplologia na expressão *ar de dia*.

passada, passagem=tensa; passadeira; passador. Entre carpinteiros de construção civil *tirar uma passada* é «tirar, com a plaina, uma delgada tira de madeira de qualquer peça, para a desengrossar levemente». Os de construção naval dizem, no mesmo caso, *tirar uma tensa.*

Tirar ou *dar uma passagem*, entre os torneiros de metais, é «desbastar em toda a sua superficie com o ferro de corte, no torno mecânico, a peça que se deseja tornear».

No Vale-do-Côina chamam *passadeira* á correia de coiro que passa pelo olhal da pritiga do carro e prende na canga.

Como utensílio de marinheiros, *passador* é uma «espécie de furador de ferro, para costuras nos cabos de aço, e outras aplicações». V. **espicha.** Na gíria de bordo *passador inglês* é a «faca de marinheiro».

Os tanoeiros de Lisboa e arredores chamam *passador* a um «arco de ferro de maior diametro que o bojo da vasilha, servindo para unir as aduelas *agalhadas* (V.).

patola, patolas. «Nos navios de cabotagem, e nos da navegação fluvial, uma *patola* — larga peça de ferro rectangular, recurvada em gato d'um dos lados, e fendida ao comprimento — permitte entalar n'ella um dos fuzis da amarra, não a deixando recorrer». — *Ap. e Man. de Navios,* 128. No plural, *patolas* é o conjunto de duas peças de ferro semelhantes á que acima se descreve, fixas aos extremos de um pedaço de corrente, de comprimento variável, servindo para o embarque e desembarque de vasilhame. Estas peças engatam nos pentes da vasilha, pegando o aparelho de içar no meio da corrente, onde está fixada uma argola.

Tambem se pode fixar a enxarcia abotoando os chicotes das encapalladuras n'uma barra de ferro, movel sobre um dos seus extremos, junto ás amuradas, e aguentada para outra barra menor por duas ou tres arruelas de correr. Chama-se a este systema *patolas de patente*». — *Ap. e Man. de Navios,* 63.

pé. Registo três expressões em que entra esta palavra, na tecnologia náutica:

pé-de-galo: «Uma ancora está a *pé de gallo* quando se tem arriado de modo a tocar no fundo, prompta a unhar assim que se folgue a amarra, se faltar o ferro sobre o qual o navio está portando». — *Ap. e Man. de Navios,* 122

pé-de-carneiro: varão, pau ou prumo de suporte. «Na face inferior ha um cavado para um *pé de carneiro* de supporte para o cesto». — *Ibidem,* 21.

pé-de-galinha: barra de ferro curvada em V que liga a verga pelo terço á forquilha da chapa das arreigadas do mastro. Chamam-lhe mais comunmente *pião da verga.*

Os carpinteiros de construção naval conhecem por *pé-de-galinha* «um dos primeiros symptomas da podridão [dos troncos], e que se manifesta por uma fenda partindo do cerne e caminhando para a peripheria, tendo as suas paredes cobertas de um bolôr exalando um cheiro nauseabundo». — *Construcção Naval,* II, 3.

pé-de-craveiro, no Vale-do-Côina, é um grupo de núvens rasgadas, como que divergindo de um centro comum; *stratus-cirrus.* Indica chuvas próximas.

pedra-de-xadrez. V. **murra.**

pêga. O *Novo Diccionário* dá este termo em segunda acepção como: «(naut.) peça de madeira que cobre a cabeça do mastro».

Ampliarei esta definição com a observação seguinte: Usam-se tambem *pégas* de ferro forjado e tanto umas como outras não servem apenas para *cobrir* «a cabeça do mastro». As *pégas* são peças importantes na consolidação do arvorêdo, como fortes

abraçadeiras que unem os mastaréus aos mastros, entrando nas mechas destes e suportando vários *olhais* (V. **olhal)** para o poleame dos cabos de manobra. «Tem duas aberturas [a *pêga*], uma circular virada para vante, e por onde espiga o mastareo, e outra quadrangular que se fixa no calcéz».— *Ap. e Man. de Navios*, 21.

pega (=péga), é uma rodilha ou chumaço de pano com que se pega nas vasilhas que estão ao lume; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

peia, é o cabo de aço que une o calcés do mastro da mesêna ao do mastro grande; nos navios.

pelar-se, peladiço. *Pelar-se*, no Minho, equivale a «queimar-se», especialmente nas mãos, por contacto com o fogo ou qualquer objecto muito quente.

peladiço quere dizer «muito sensível à acção do calor».

peleira, no sentido de «doença», registei-o na *Rev. Lusitana*, XIV, 162, como termo de Parêdes-de-Coura. É tambem conhecido em Viana.

pente. Diz o *Novo Diccionário* que *pente*, significando «a parte da aduela que resái dos tampos do tonel *ou* que fica para fora do javre» é termo da Bairrada. É assim usado tambem em Lisboa e povoações do sul do Tejo (Barreiro, Seixal, Almada, Vale-do-Côina) e presumo que em outros pontos mais afastados.

penteadela, sova, reprimenda; no Minho.

perna. Registarei quatro locuções muito conhecidas, em que entra esta palavra e que não ocorrem nos dicionários:

Ter alguem à perna, significa «ser perseguido, encomodado ou repreendido insistentemente por alguem». «.. escusavamos de *ter* o frei Joaquim *á perna*». Camilo. *Volcoens de Lama*, 198.

pernas para que vos quero, é expressão que indica «fuga precipitada» «..e estivera vai não vai, *ó pernas para que te quero!*» — Camilo. *Brazileira de Prazins*, 239.

Com uma perna às costas, quere dizer: «com facilidade, sem encómodo nem canseira». «Sendo tão facil a ordenação – uma coisa que se fazia *com uma perna ás costas*..» — Camilo. *Braz. de Prazins*, 22.

Dar à perna, dansar, e tambem: andar, caminhar.

pêrro, perrice. *Pêrro* é o mesmo que «mau, teimoso» e por ext., em Viana, quere dizer: «zangado, arreliado». «Ficou muito *pêrro* por lhe dizer as verdades». «O sr..., embora se mostre muito *pêrro* com o *Pôvo*, não pode perdoar á *Aurora* os insultos que ella dirigiu em tempos ao nosso director..» — *O Povo* [Viana-do-Castelo], de 14 de Dezembro de 1911.

Conseguintemente, *perrice* é a «zanga, arrelia, má vontade, desamor», alem de «maldade, teimosia». «Fiquei-lhe com uma *perrice!*»

petão. V. *Revista Lusitana*, XIV, 163. «Os principaes inconvenientes do porto [de Viana-do-Castelo] considerava-os pois: — .. 7.º As pedras Ladrão, Entre Bugios, Petão do Bispo, Petão dos Polvos e Sarne, que tornavam perigosa a entrada do porto e que deviam ser quebradas..» — Adolfo Loureiro. *O porto de Vianna do Castello* — separata de *Os portos maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*, 18.

petem, nos campos de Coimbra, é a extensão de terreno que o trabalhador cava sem mudar os pés do mesmo lugar, quer trabalhe só, quer ao lado de outros.

V. *Gazeta das Aldeias*, n.º 745.

picar. Os dicionários não registam este verbo no sentido de «cortar, cortar rente», usado na linguagem marítima. No *Apparelho e Manobra de Navios*, que várias vezes cito, diz o sr. João Braz de Oliveira, a pag.

204: «Se as bombas não poderem apagar o fogo *pica-se* o mastro, não hesitando o commandante em sacrificar a mastreação..»

E a pag. 141 do mesmo tratado: «*Picar a amarra* — Era o termo empregado para cortar a machado a amarra de linho.. que por força maior não se podia suspender».

A expressão ainda hoje se emprega, pelo menos nos nossos navios bacalhoeiros que usam amarras de manilha. Vem tambem no *Novo Código Internacional de Sináis*, 340: «*Pique* v. *a amarra* ou largue-a por mão..»

Para indicar o ruído característico das correntes quando recorrem, usou Camilo esta expressão no *Eusebio Macario*, 15: «os pesos quando subiam rangiam o estridor de um *picar de amarras* das velhas naus..»

picolête, pequena saliência ou ressalto em uma peça, que entra num rebaixo cavado em outra peça, a que esta se aperta, para evitar o deslocamento por torsão. Em serralharia.

Cp. o esp. *picolete*.

picondro, o mesmo que «pêco», i-é, «meticuloso, perguntador, rabugento, etc.».

Em Parêdes-de-Coura.

pinçote. *O Novo Diccionário* dá este termo na acepção de «pau na extremidade da cana do leme», citando o cast. *pinzote* que designa aprox. a mesma coisa.

Desconheço-o em tal acepção. Nas embarcações de velas latinas *pinçote* é a «corda delgada fixa por uma das extremidades á pena da verga, servindo para amarrar a vela de encontro a esta, quando a embarcação está fundeada».

pingato, vinho bom; em Viana-do-Castelo.

pingueiro, embriagado. «Custodia.. talvez um pouco *pingueira* dava risadas idiotas». — Camilo. *Eusebio Macario*, 86.

piòjota, bebedeira; em Viana-do-Castelo.

Acrescente-se aos equivalentes de «bebedeira» dados na *Rev. Lus.*, XV, 72, quáse todos conhecidos na giria lisboeta, mais estes que pertencem á linguagem popular de Viana: *anjinho, carapuça, caroça, cartola, gangrêna, japona, nabo, opa, sarampêlo, vinagreira*.

pireco, o mesmo que **pirralho.**

pirralho. *O Novo Diccionário* dá este termo como «bras[ileirismo]», significando «criança; criançola; homem de pequena estatura».

É tambem usado no Minho. «Vocês conhecem de sobra o primo da perna frouxa. Mausinho, quando *pirralho*, — sempre á caça das borboletas..» — Júlio de Lemos. *Campesinas*, 118.

pisada, pisa, pisão. *Pisada* é, no Minho, a operação de macerar as uvas no lagar, pisando-as.

Dizem tambem, e no mesmo sentido, *pisa*, subs. verbal. Cp. *ripa*, (V.), *debulha*.

pisão é, ali, o engenho ou azenha em que se amacia o burel, pisando-o.

Em uma correspondência de Miranda do Douro para o *Seculo*, do dia 15 de Dezembro de 1910, lê-se: «Consta que em Villa Chã, d'este concelho, a ribeira levou na corrente outro moinho e um *pisão*, nome que os mirandezes dão ás construcções onde é tecido o pardo ou burel que costumam usar». [1]

Julgo que a definição está mal observada. Onde se lê *tecido* deveria estar talvez *pisado* ou *amaciado*.

plano, o mesmo que «mapa» ou «carta»; em linguagem marítima. «Plano das costas da Noruega; do mar do Norte; etc. «..no caso de faltar o *plano* do porto e o prático para dirigir a pilotagem..» — *Ap. e Man. de Navios*, 131.

---

[1] Note-se tambem *pardo* como equivalente de *burel*.

poeta, bem falante; maníaco. Na Beira-Alta.

poleeiro. Muito restrictamente, diz o *Novo Diccionário* que *poleeiro* é o «fabricante ou vendedor de polés». Num sentido mais amplo, de uso geral hoje, é o «fabricante ou vendedor de poleame».

ponche, vasilha de aduelas, baixa e de muito diâmetro, de capacidade variável entre 800 e 1.000 litros; em tanoaria, no centro do país.

ponta. *De ponta a cordel* quere dizer, entre carpinteiros e pedreiros, em Lisboa e arredores, «corte ou alinhamento em sentido diagonal».

V. **trainel.**

porcento = percentagem. *Percentagem* é a relação proporcional entre determinada quantidade e o cento, e assim se chama tambem a «prestação proporcionada a certa quantia ou a certos lucros». Os tripulantes dos vapores de pesca, em Lisboa pelo menos, cujos salários se regulam por uma taxa fixa sobre a importância das vendas, alem do vencimento estipulado, usam um equivalente de formação espontánea: *porcento*. O porcento é, não só a importância recebida, proporcional á venda, mas tambem a quantidade básica ou taxa que a determina. «Recebi tanto de *porcento*» «Tenho tanto de ordenado, fóra o *porcento*».

Nas armações de atum do Algarve, em que os pescadores vencem um salário proporcional ás vendas da pescaria, emprega-se o termo no mesmo sentido.

proada, pancada com a prôa (da embarcação).

próximo, proximidade. *Próximo*, no antigo sentido de «caridoso, piedoso, bemfazejo», (V. por ex. a *Peregrinação*, de Fernão Mendes, cap. XXIV e XXXI) usa-se em Ilhavo.

proximidade era, e não sei se assim será ainda em Ílhavo tambem, a «caridade ou piedade».

prumo, prumar, prumada, prumador. Para as sondagens dos fundos, ou para medir a altura das águas, a bordo, emprega-se o *prumo*, peça de chumbo, de forma cónica, tendo na base um alvado que se enche de cêbo ao qual aderem moléculas que dão o reconhecimento da qualidade dos fundos.

prumar é «sondar com o *prumo*» e o «acto ou efeito de *prumar*» chama-se *prumada*.

prumador é o «marinheiro encarregado de *prumar*, o que lança o *prumo*».

A pag. 187 do *Apparelho e Manobra de Navios* encontra-se abonação d'estes quatro termos: «Quando se navega por pouco fundo.. vae-se *prumando*, para o que se collocam a um e outro bordo.. dois bons *prumadores*, que atirando alternadamente os *prumos* de mão.. medem a altura d'agua na *prumada* e vão acusando o fundo».

«N'esta parte da costa a Carta ingleza é muito omissa em sondas: em duas *prumadas* que se fizeram a cerca de de 1,5 milhas da praia.. não se encontrou fundo em 20 braças». — *Almanaque Maritimo* (1903).

púcaro, alcatruz de folha, em certos engenhos de tirar água. «Engenhos com importantes melhoramentos.. O cadeado não se desarranja e aos *pucaros* não se lhe desligam as costuras». — *O Beirão* [Mangualde], de 5 de Abril de 1908.

pulo, larva da abelha. «Logo que a larva ou *pulo*, na linguagem popular..» — Eduardo Sequeira. *As Abelhas*, 40.

No concelho de Moncorvo dizem que o «*pulo* é *verde* quando as larvas estão apenas nascidas e *maduro* quando as larvas estão a transformar-se em chrysalidas» — *Ibidem*, 198.

puxavante, pequeno ferro de calafate para tirar a estopa velha das costuras da embarcação.

puxar. Este verbo com a preposição

por emprega-se no Minho no sentido de «implicar, contender, provocar». «*Noun puxes por* mim que já num 'stou bô».

«. . talvez os pequenos gandulos tivessem mais respeito e não continuassem a *puxar por* quem passa».—*Vida Nova* [Viana], 2 de Setembro de 1908.

Q

quartelada. V. **manilha.** «As amarras são . . divididas em 8 *quarteladas* de $15^{b} = 33,^{m}$».—Braz de Oliveira. *Ap. e Man. de Navios*, 119.

quedar, frisar, ondear, dar *queda* ou quebra ao cabelo; no Minho.

Ferro-de-quedar é o «ferro-de-frisar».

quer não! É formulêta popular que, na linguagem minhota, antecede e realça uma afirmativa, uma dúvida, uma reprovação ou censura, como resposta perentória a qualquer objecção.

Empregou-a Camilo na *Brazileira de Prazins*, 55: «*Quer não* . . foi má mulher que deixou assim os filhos . .» E a pag. 33 do *Eusebio Macario*: «*Quer não*; se vossês me não deixam ir fazer-lhe as sustâncias, vou-me embora».

O sr. Júlio Moreira analisando esta expressão a pag. 163 dos *Estudos da Língua Portuguesa*, encontra-lhe valôr equivalente na forma *que não*, que vem nos *Autos*, de Prestes, a qual explica por uma oração eliptica dependente de outra: «digo ou entendo que não é assim», etc. «*Quer não*, supõe o erudito e saudoso professor, será uma transformação de *que não* devido a ter-se obliterado no espírito do povo o sentido da expressão primitiva, havendo talvez concorrido para essa transformação frases como *quer sim quer não?*»

Quer sim quer não é expressão conhecida na linguagem popular, equivalendo a «quer isto aconteça ou não», «*quer* (digas) *sim, quer* (digas) *não*», etc. No caso sujeito, em que a objecção vem contrariar a opinião do contendor, toma-se, a meu ver, a negativa para dar realce á oposição expressa na frase seguinte; *quer não*, i-é, «embora digas o contrário; ainda que julgues não ser assim».

No *Auto dos Cantarinhos* empregou Prestes esta formula:

«*Mãe.* Vae-se já?
João. Si, vai.
Mãe. *Quer não!*
Ida de João Gomes seja».

Outras expressões sincopadas, usadas no Minho, fortalecem este conceito: *Com'àssim* equivale á expressão popular *assim como (coma) assim*. [«*Assim com'àssim* estou perdido . .» —Camilo. *Braz. Praz.*, 196]; e *assim...* corresponde á locução *assim e assim*, i-é, «sofrivelmente, nem bem nem mal».

R

rabadilha, nádegas; e tambem «fim, extremo». Na Beira-Alta.

rabeiras; rabagem; rabêto. *Rabeiras*, na Beira-Alta [arredores de S. Pedro-do-Sul] são os «restos de qualquer coisa» e mais especialmente «pequena divida» ou «importância insignificante». Mais usado, neste sentido o diminutivo *rabeiritas*.

No Vale-do-Côina chamam *rabage[n]s* aos *stratus*.

rabêto diz-se, na mesma região, do animal a que cortaram o rabo. «Cão *rabêto*.

racha. V. *Revista Lusitana*, XIV, 165. «. . levou um naco de brôa e uma *racha* de bacalhau . .» — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, III, 98.

rachão, em tanoaria, é a folha de espessura desigual que se separa de uma aduela em grosso, rachando-a em comprimento. Os *rachões* dão aduelas menores para vasilhas de

pouca capacidade. «Vendem-se todos os materiaes para todo o vazilhame, como seja: aduellas e fundos.. *rachões* e serradura..» — *O Seculo*, de 22 de Maio de 1911.

rapão, o mesmo que «caruma» = folhas secas de pinheiros, que se apanham com ancinhos, nos pinhais; em Azeitão.

rapaz, rapazinho, é o *petim* ou «rosca» pequena; em Viana-do-Castelo.

Cp. *lacaio pequeno*, que era o «micho de 5 rs.», segundo Morais, no *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. **micho.**

Nos *Textos Archaicos* (2.ª ed., 98) o sr. Dr. Leite de Vasconcelos emparelha a definição de Morais: «*micho de 5 rs.*, tanto vale como *lacayo pequeno*» ao lado de determinadas expressões antigas de comparação, que depreciam o objecto comparado.

Julgo que neste ponto se deve atender apenas à determinação de uma equivalência de sentido estabelecida por Morais: «tanto vale», i-é, «equivale a», ou «quere dizer o mesmo que».

¿Não será o *rapaz* ou *rapazinho*, do Minho, uma variante no sentido de *lacaio pequeno*, dentro da mesma relação ideológica?

rapôsa, rapôso. *Raposa* tem vários significados a bordo. Assim chamam a um pedaço de madeira grossa, de forma oval, que se suspende por um cabo á borda para receber a unha da âncora, de forma que, ao alar, esta não roce no costado. Vai-se alando a *raposa* á medida que a âncora vai subindo. Chama-se a esta operação *trazer o ferro á raposa*. (V. *Código Internacional de Sinais*, 286).

raposas são tambem os madeiros sobre os quais assentam as abitas do molinête.

A uma pequena âncora presa por meio de corrente à cruz do «ferro da roça» e que auxilia este, para o navio não *garrar* (v.), chamam tambem *raposa*.

Por *repousa*, de *repousar*, em todos os sentidos dados.

rabo-de-raposa é uma alça comprida de cabo, de forma especial, de vários usos a bordo.

Em Trás-os-Montes chamam *raposa* ao «garavato»: pau com que se colhe a fruta.

raposo, v. **talha.**

rascada, tratantada; no Minho.

rebicar, cortar aos bicos, o mesmo que «esbicar» (v. **bico**) «..compondo-lhe o lençol *rebicado*..» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 128.

rebôjo. O *Novo Diccionário* regista esta palavra como brasileirismo, significando: «curva formada pela queda das cachoeiras; desvio ou redemoinho de vento».

Do *Almanaque Marítimo*, para 1903, deduz-se uma outra acepção: «O desembarque ao norte do Forte, [na ilha do Pessegueiro] no continente, nem sempre é possível quando ha mar de travessia; conquanto a ilha abrigue muito, formam-se *rebojos* de agua que podem pôr em risco as embarcações». (pag. 47).

recadeira, reprimenda, ralho; não só no Minho mas tambem em Trás-os-Montes [Freixo-de-Espada-á-Cinta].

rechinar. «..conservava o espeto sobre o brazido, a *rechinar*, a lourejar..» — Camilo. *Brazileira de Prazins*, 74.

É termo onomatopáico, usado na língua espanhola. Cp. **rijar** e **chisnar** (V. *Rev. Lus.*, XIV, 152, 156).

reclame, reclamo. O *Novo Diccionário (Supl.)* dá o primeiro destes vocábulos na acepção de «buraco por onde passa uma corda, no alto dos mastros dos barcos rabêlos do Doiro».

Nas embarcações de latino, do Tejo, *reclamos* são «calços de madeira rija, com uma goivadura, que entram em um gorne aberto no topo dos mastros, servindo para gornir a estaga

da verga». Tambem os usam os barcos de velas latinas do Sado e provavelmente de outras partes.

No *Apparelho e Manobra de Navios*, pag. 36, diz-se que «*Escoteiras, bonecas, tamancas, reclamo* [nos navios].. são disposições especiaes de rodas de moitão ou cadernal em varios logares do navio, para facilidade de manobra».

redenho, ancinho (=incinho, encinho), [branqueta]. *Redenho*, no litoral minhoto, é uma espécie de saco de rêde, com aro, fixo na extremidade de uma vara comprida servindo para o *amanho* ou apanha do sargaço nas aguas do mar. Para o mesmo fim usam tambem o *ancinho*, a que chamam *encinho* ou *incinho*, utensílio de compridos dentes de urze, geralmente, e grande cabo, com que arrastam as algas.

[O termo *amanho* equivalendo a «apanha, recolha», refere-se a Espòsende. O meu amável informador desta localidade ilustra a sua comunicação com o seguinte esclarecimento: «Os nossos *sargaceiros* usam uma roupa especial para este fim, chamada *branquêta*, que se semelha a um casaco antigo que chega até os joelhos, sendo apertada na cintura por uma larga correia de couro. Quando vão ao sargaço só levam aquillo em cima do corpo e nada mais. Esse trajo é feito de branquêta bastante grossa, tudo lã ou *lão* [pron. minh. *lãu*] e muitas dellas, as dos rapazes novos, com bordados a linha de marcar nos canhões das mangas e nos do pescoço e peito».

Assim é tambem para os lados de Anha (Viana). Na *Democracia do Norte*, de 24 de Agosto de 1911, vem a fotogravura de um sargaceiro com a sua *branquêta*. Acompanha-a uma descrição deste tipo varonil, de que destaco o seguinte trecho: «quando se lança, na sua fragil embarcação, a percorrer a costa ao embate da ressaca furiosa, cobre-lhe o corpo uma espécie de sobre-casaca de lã grossa e forte, a que dão o nome de *branquêta*. Uma carapuça vermelha cobre-lhe a nuca e as orelhas».]

redenheiro, ancinheiro (=encinheiro, incinheiro). São dois termos usados no litoral minhoto para designar os indivíduos que se empregam na apanha do sargaço com o *redenho* ou com o *ancinho*, distinguindo-os da designação geral de *sargaceiros*.

Na *Vida Nova* (Viana), de 30 de Julho de 1912, lê-se: «Soubemos que esta medida foi promulgada em vista da reclamação dos *ancinheiros* de Espòsende o haverem pedido, por se darem ali conflitos entre os *ancinheiros* e *redenheiros*.

O povo diz: *encinheiro*, *incinheiro*.

relambório, de mau aspecto, adoentado; no Vale-do-Cóina.

relheira, rilheira. No Vale-do-Cóina ouvi chamar *relheira* ou *rilheira* ao conjunto de dois *rails*, sistêma Decauville, unidos por travessas de ferro. Talvez por analogia com *relheira*: «sulco que as rodas do carro deixam na terra» (*Novo Diccionário*). ¿Ou influência do espanhol *rielera*, de *riel*?

remelento, o mesmo que «remeloso»; em Viana-do-Castelo.

remoucha. Assim chamam à sardinha salgada em Formariz (Parêdes-de-Coura).

remijar, remijo. *Remijar* por «resumar, gotejar, pingar, caír em gotas ou em fio (a água)», dizem no Vale-do-Cóina. *Remijo* é um substantivo post-verbal.

repalinha. *Á repalinha.* «..não lhe seria difficil topar com tudo isto.. alli pelos lugares de Riba-Águeda, que são como farrapos dessa alma atirados *á repallinha!* — Adolfo Portela. *Águeda*.

repuxo, varão de ferro que entra no furo de uma cavilha, pelo lado opos-

to á cabeça, fazendo-a saír da madeira.

resàbiar(-se), resàbiado. Segundo Morais, «besta *resabiada*» é o «animal que tem manha, espantadiço». Diz-se hoje ainda, em equitação, que «*se resábiou* ou *rasabiou* o cavalo que perdeu o ensino e dá mostras de indomável».

resgalha, é um diminutivo depreciativo de «rês», usado no Alentejo. «..com algum pedaço de carne de ovelha magra e negra—*resgalhas* que no inverno haviam morrido de lazeira..» — Ernesto de Carvalho. *Contos Alemtejanos*, 73.

rèssada, o mesmo que *rèssa* = «réstea de sol; calor excessivo». Em Viana-do-Castelo.

resto, rèstito, pequena quantia, geralmente constituindo uma dívida. Na Beira-Alta.

retambana, reprimenda, ralho; em Ílhavo.

retanchar. *O Novo Diccionário* dá a este verbo a acepção de «substituir (o bacêllo) por outro». No Vale-do-Cóina a acepção é mais vasta pois se não refere só aos bacelos mas tambem a qualquer planta. «*Retanchar* feijão, milho, trigo, etc.»

Metátese de *rechantar*, de *replantar*.

rijão. (V. *Revista Lusitana*, XIV, 166) «..os torresmos, a que chamam *rijões*, são os pedaços de unto derretidos na panella, e que já deixam menos apurados ou derretidos, para melhor se poderem comer». [Em Miranda do Doiro] — Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 127.

rincão. O *Novo Diccionário* define este termo, em primeira acepção, como «estria que o navalhão abre na peça de artilharia». É, em geral, qualquer estria produzida em uma peça de metal, quer acidentalmente, quer em virtude de uma fricção prolongada. «.. é necessario porêm lubrificar esta chapa constantemente com oleo, de maneira a não se pegar e formar *rincões* no material». — *Manual do Torneiro Mechanico*, 85. Cp. o esp. *rincon*.

rioste, cordão de linha entrançada; no Minho.

ripa, ripe, ripo, ripar, ripada, ripeira, ripeiro. «*Ripar* a azeitona» é apanha-la puxando-a com a mão ou com o *ripo;* em Trás-os-Montes, pelo menos. Num relatório de Oliveira Feijão apresentado na Associação Central de Agricultura Portuguesa, e transcrito no n.º 630 da *Gazeta das Aldeias*, lê-se: «Uso pentes com um pequeno cabo que servem para *ripar* os ramos..» São estes pentes que se chamam *ripos*. «O *ripo* deve ser de madeira leve e resistente..» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 641.

Uma outra acepção de *ripo* é a de «pente de dentes altos que serve para ripar o linho». «A colheita [do linho] é feita á mão arrancando os pés ás *manadas* [1] que.. são logo levadas ao *ripo* (um grande pente) para fazer a separação..» — Rodrigues de Morais. *Gazeta das Aldeias*, n.º 687.

ripar, na acepção de «tirar, puxar com força», talvez assimilação de *rapar*, do lat. rapere, pertence à linguagem popular e empregou-o Antonio Prestes no *Auto do Procurador:*

«Diz que o que eu hei de herdar
nem é justiça leixar,
que é meu de ligitimonio,
que ha de vir um dom demonio
e *ripar*-m'o a meu pesar».

No Minho (Viana), *ripar* a chila é separar-lhe as fibras com o *ripo* ou *ripeiro:* «um pedaço de cana ou tubo de lata com orifícios».

O acto ou efeito de *ripar* (o linho) chama-se *ripa*, no Minho. Cp. *pisa* (v.), *debulha*, etc. «Fazer um *ripa*». «A

---

1 V. *Rev. Lusitana*, XIV, 160.

ripa da azeitona á mão . . » — *Gazeta das Aldeias*, n.º 641.

ripeira, na Beira-Alta, é o mesmo que *ripa* = haste delgada de madeira, a que no Minho chamam tambem *ripe* [1].

Em Lisboa dizem *ripada* equivalendo a «chicotada», e, em sentido figurado, a «descomponenda, repreensão violenta».

Na *Aurora do Lima*, de 9 de Outubro de 1907, vem o seguinte informe: «*Ripar* o cavalo é dar-lhe com o *ripeiro* (chicote), chicotear. — Porto, Oliveira de Azemeis».

robalête. Nas *Apostilas* (II, 369) regista-se esta palavra, sem definição, documentada com um excerto do *Seculo*, de 28 de Outubro de 1901: «junto desta [a popa] tem o costado do barco uma saliencia de ferro chamada *robalete*».

O texto é insuficiente. *Robalete* é uma faxa de ferro cravada ao longo do costado da embarcação, um pouco acima do *encolamento* (v.), em sentido perpendicular ao plano da quilha, servindo para atenuar o balanço de bombordo a estibordo.

Usado geralmente nos barcos a vapor.

roça. A locução adv. *á roça* refere-se, como diz o *Novo Diccionário*, ás áncoras postas de prevenções para se lançarem rapidamente á água, sendo preciso».

Á áncora nestas condições dá-se o nome de «ferro-da-roça». V. **ferro.** *Ferro-da-roça* é qualquer áncora, logo que esteja emanilhada, i-é, ligada á corrente de amarração e pendente ou não da borda.

Eis abonações dos dois casos: «Deve haver todo o empenho em revistar a amarração e em ter sempre prompto um ferro *á roça*. — Enquanto o *ferro da roça* não se larga para o fundo ha tempo de sobra para abalroar . . » — *Ap. e Man. de Navios*, 134.

rôço, roçar. No Alto-Minho *rôço* é o mato, o mato bravio dos montes. *Roçar* é «cortar mato».

rôdo. Parece-me muito restrita a acepção em que o *Novo Diccionário* toma esta palavra: «utensílio de madeira, do feitio aproximado de uma enxada e que serve para ajuntar o sal nas marinhas ,e o cereal nas eiras». No *Suplemento* acrescenta: «utensílio de madeira com que se puxa a cinza do forno; utensílio análogo, pára, em certas mêsas de jogo, aproximar e recolher o dinheiro».

O *rôdo* é um utensílio de limpeza, como a pá e o ancinho, com diversas aplicações. Já na *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, se fala nestes *rodos* de limpeza: «E logo lhe meterom na mãao hũa vassoura, e hũa alcofa, e hũu rodo, e começou de varer e alimpar as bestas destrabaria que estavam aprisoadas por aquela orta a redor».

Para puxar as cinzas dos cinzeiros das caldeiras de vapor empregam-se *rôdos* de ferro e nos próprios fogões de casa ha pequenos rôdos de ferro para limpeza das grelhas.

A bordo dos navios bacalhoeiros usa-se um delgado cabo de pita, servindo especialmente para amarras dos *dories* (v. **jaja,** nota 1), a que chamam *rôdo*, por corrupção do ingl. *road* na acepção de «amarra» [2].

Na Beira-Alta e em Ìlhavo, *rôdo* é o mesmo que «circunferência». «Uma

---

1 «Ambas as formas [*tiby*, *tibe*=*tibo*], os advérbios *longe*, *toste*, *a meúde*, e os numerosos substantivos arcaicos e dialectaes em *-e*, onde se devia esperar *-o*, merecem exame». — D. Carolina de Vasconcelos. *Revista Lusitana*, XIII, 349.

2 *Rôdo* na acepção de «corda delgada» vai já sendo conhecido pela Beira-Alta porque muitos *ratinhos* que de lá veem todos os anos trabalhar na seca e preparação do bacalhau nas feitorias do Seixal e Vale-do-Cóina para lá levaram o vocábulo ha mais de vinte anos.

arvore de mais de sete palmos de *ródo*». Neste mesmo sentido é usado vulgarmente em náutica: «As pernadas de vante são menores, e proporcionadas ao rodo do cesto de gavea, que assenta sobre os vaus». — *Ap. e Man. de Navios*, 20.

rolar, á rola. No *Suplemento* insere o *Nôvo Diccionário* a locução *andar á rola* como usada em Aveiro no sentido de «andar á mercê das ondas (falando-se da bateira)» Julgo que a expressão é de uso geral na linguagem marítima, porque a tenho ouvido muitas vezes a vários marinheiros.

Refere-se a qualquer embarcação que boia sem governo, desprendida da amarração. Dizem *andar* ou *ir á rola*. Por extensão, assim falam de qualquer objecto que vai flutuando ao sabor das águas e, com maior latitude, de qualquer coisa que se deixa andar ao abandono.

Diz-se que *rola* a embarcação que, pela disposição plana ou quáse plana do fundo, navegando, descai muito para sotavento.

roqueira. «..atirando foguetes que nos Açores se denominam *roqueiras*..» — Florencio Terra. in-*Illustração Portugueza*, n.º 75.

roquinha. «Frisámos já, n'um dos nossos artigos anteriores, o perigo das tão vulgares, mas bem perniciosas *roquinhas*, que devem ser portas de parte por completo, pois as mães julgam dar assim allivio a seus filhos, quando lhes dóe a gengiva, mas afinal o emprego das *roquinhas* serve para maguar a gengiva, além de outros estragos que pode produzir». — *O Seculo*, 29 de Novembro de 1912.

rosca. «A *rósca* ou caruncho que é uma espécie de insecto parasita que corroe principalmente as velhas madeiras..» — *Construção Naval*, II, 4.

Em Viana-do-Castelo *rosca* é um pão torcido e em forma de argola. Ha de vários tamanhos. Aos *folares* ou *folares-da-Páscoa*, que são torcidos e teem a forma de um U, tambem, chamam *roscas*. *Rosca-de-pão-de-ló* é o *bate* ou *pão-de-ló redondo*.

[Ao pão torcido e sobre o comprido, a que em Lisboa chamam *rosca*, dão em Viana o nome de *petim*. (V. *Rev. Lus.*, XIV, 163)].

rostemanga = rastumenga, restumenga; trevêzes. Nas *Apostilas* (II, 366) regista-se *restumenga*, ou *rastumenga*: «peixe meúdo que o pescador vende para comprar os adubos e preparos para fazer a *caldeirada*, e que, como esta e a *carnada*, ou «isco para nova pesca», é isento do imposto de pescado.

No Seixal, *rostemanga* é o «peixe muito meúdo que fica nas rêdes depois de tirado o mais aproveitável para a venda».

Tambem lhe chamam *trevêzes*.

rouca. «Em Elvas andam pelas ruas com uma pelle de carneiro atada ao gargallo de uma bilha [pelo Natal], a que lá chamam *rouca*, e batendo na pelle com um pau vão tirando sons que fazem o dito verdadeiro». — J. Cesar Machado. *Á Lareira*, 38.

roupa-velha, guisado dos sobejos de carnes, hortaliças, etc.; em Viana-do-Castelo. Cp. o esp. *ropa-vieja* = «guisado de carne cocida y sobrante». (Toro e Gomez) [1]

S

saím. Na *Rev. Lusitana*, XIV, 166 registarei *saím* na acepção de «graxa, gordura das sardinhas, usada geralmente nas candeias». É corrente no litoral minhoto.

V. o erudito estudo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre **saím**

---

1 *Nuevo Diccionario Enciclopedico Ilustrado de la Lengua Castelana*. Paris, 1906.

e seus compostos ou derivados, na *Rev. Lusitana*, XIII, 376.

salagarta = salargata, lagartixa; em Viana-do-Castelo.

salão, argila dos parcéis do Tejo.

De *sal?* Ou assimilação de *solão*, de *solo?*

salto, elevação do convés, á ré do navio. Diz-se que um navio «tem *salto*» em oposição ao que é de *convés corrido*.

sâmago, samo. Na *Revista Lusitana*, XIII, 250, num erudito artigo sobre *âmago*, diz a ilustre romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos que o vocábulo *sâmago* se emprega na Galiza como sinónimo de «alburno» e «sabugo»: «parte branda do interior das madeiras».

Verifiquei que os nossos dicionários não registam esta palavra que é tambem portuguêsa, na mesma acepção. «O lenho compõe-se de duas partes — uma pouco consistente, adjacente ao *liber*, de côr geralmente mais clara que a das camadas do centro..é o *alburno* ou *samago*..» — *Construcção Naval*, II, 2.

Sâmago, *samo* ou *same* chamam os pescadores de bacalhau a uma parte do peixe que julgo ser a «bexiga natatória».

sanca, em construção naval, é a parte do corrimão da borda de um navio que sai fora do talabardão, e, em geral, qualquer «friso ou verdugo»; o mesmo que sanca.

san-miguel; san-martinho. Pelo S. Miguel (fins de Setembro e começos de Outubro) vem, com as colheitas, a época da abundância e da riqueza do agricultor. Daí o dizer-se no Minho e na Beira-Alta *san-miguel* no sentido de «abundância, fartura», como em Lisboa se diz *san-martinho*. «Os cocheiros e os *chauffeurs* tiveram o seu *S. Martinho*, tres dias depois do verdadeiro, recebendo alugueis exaggerados e andando n'uma constante faina, que se prolongou por toda a noite». — *O Século*, 15 de Novembro de 1910.

saraiveiro, o mesmo que «saraivada, granizo, chuveiro»; na Beira-Alta.

saramela, o mesmo que *salamântiga* = «salamandra»; em Viana-do-Castelo.

Dizer sapos e saramelas é o mesmo que «dizer cobras e lagartos». Em *O Povo* (Viana), de 20 de Junho de 1912 leio a seguinte variante: «O beaterio affirmou tambem que as mulheres dos eleitores republicanos *faziam sapos e saramellas*».

V. **seramela.**

sarrafo, carne dos quartos inferiores da vitela, na nomenclatura dos talhos, em Lisboa.

Na gravura elucidativa, sub. voc. *Vitella*, do *Diccionario Prático* (Séguier), vem indicada a posição do *sarrafo*, embora nas acepções deste termo não ocorra o significado correspondente.

sarrêta, o mesmo que «fasquia», em certos casos; em carpintaria naval.

De *sarrar*, por *serrar*. Cp. *sarrafo*.

sarrêtas de uma embarcação de pequeno lote são as fasquias que travam interiormente as cavernas á altura dos paneiros e das bancadas.

sarrêtas das vergas dos navios, são as que se pregam a todo o comprimento das mesmas vergas para suporte dos *olhais* (v.) dos vergueiros.

O *Novo Diccionário (Supl.)* regista «*salretas* (prov. alg.). Diz-se que vai cheio até ás *salretas* o barco cuja carregação se eleva acima dos bancos». É provavelmente deturpação de *sarrêtas* no sentido aqui apontado em segundo lugar.

seinxa (=seixa). Variedade de cogumelo pequeno, amarelado e redondo; na Beira-Alta.

Talvez *seixa*, fem. anómalo de *seixo*. Cp. a pron. beir. *feinto*, *feito* = *feto*.

segundar-terceirar. *Segundar*, de *segundo*, em vez de *secundar* que é forma culta, lat. secundare. Por

analogia de derivação o povo do Minho diz tambem *terceirar* = «fazer pela terceira vez».

segura, segure. É uma espécie de enxó de cabo comprido e lâmina larga com que os tanoeiros desbastam as aduelas. Vem registado nos dicionários.

No Brasil o vocábulo *segure* tem acepção diferente, como se depreende dos seguintes versos de Gonçalves Dias em *Os Timbiras*, citados no vol. I da *Revista da Academia Brazileira de Letras*, pag. 234:

«Talvez o lenhador quando acomete
O tronco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da *segure*
De puro mel que abelhas fabricaram.»

Cp. o esp. *segur*. Do lat. securis.

seramela, o mesmo que «salamantiga»; em Braga. «..a salamandra, que o povo.. conhece pelo nome de *seramella*..» — *Gazeta das Aldeias*, n.o 727.

V. **saramela.**

sereia, é uma disposição de turbinas, acionadas pelo vapor de água, produzindo um som forte e prolongado, que, em alguns barcos de carreiras, substitue o apito.

No decreto de 30 de Outubro de 1896 sobre as *Regras para evitar abalroamentos no mar*, vem expresso no artigo 15: «Os navios de vapor devem ter um apito de som forte ou *sereia*..»

É tradução do fr. *siréne*.

serra, no Algarve é o mesmo que «mêda» ou «pilha», conforme se refere a «palha» ou «sal». «Vendem-se duas *serras de palha* em Cacella». — *O Heraldo* (Tavira), 4 de Outubro de 1908.

serra de sal tambem se diz nas marinhas do Tejo.

serrim, serradura de madeira; em Viana-do-Castelo.

sètia. *Prego de sètia* é uma variedade de prego de tamanho médio entre o «de fasquiado» e «de meia galeota».

V. os catálogos das fabricas de pregos, de Lisboa.

sobrebôjo, em tanoaria, é o arco que fica mais próximo do bojo, nas vasilhas.

sobressano. *O Novo Diccionário* define este termo da seguinte forma: «(naut.) parte do costado do navio abaixo do nível da água».

Houve evidentemente insuficiência de informação, de que resultou esta definição vaga que não esclarece a dúvida ao consulente porque, desde a linha de água até a quilha, o costado do navio tem nomenclatura variada em relação ás suas formas. É justamente «sob a quilha», na parte mais calada do navio, que está o *sobressano*. O *sobressano* é uma «comprida prancha de madeira que forra inferiormente a quilha em todo o seu comprimento, servindo-lhe de resguardo». Tambem lhe chamam *falsa quilha*. «*Sobresano* ou *falsa quilha* é uma prancha de madeira ligeiramente pregada á quilha pela sua face inferior e destinada a servir-lhe de protecção». — *Construcção Naval*, I, 5.

solada. auxílio que um carro presta a outro, por meio de uma corda. Em Carvalhos. (Gaia).

solaria, assim se denominam, não sei se geralmente entre sapateiros, o conjunto das duas solas do calçado. No *Democrata* (Aveiro) de 28 de Março de 1908, vem o seguinte anúncio: «Especialidade em calçado de vitella com *solaria* de anta e borracha».

sombreirêtes, recortes ou dentes que formam o palhetão da chave, nas fechaduras de *caixêtas* (V.), correspondendo à disposição das molas interiores.

sorte, o mesmo que «leira» ou «geira»; no Minho e Beira Alta (arredores de S. Pedro-do-Sul). «Uma leira ou *sorte* de matto e pinheiros no sítio de Bus-

tello..» — *Aurora do Lima*, 6 de Abril de 1908.

A *sorte* é uma parte de campo proveniente de divisão, em geral devida a inventário. Uma terra dá tantas *sortes* quantos os herdeiros.

suã. [O aforismo «ósso da *suãu*, // barba untada, barriga em vão», que registei na *Revista Lusitana*, XIV, 167, como dos Arcos-de-Vale-de-Vez, é tambem conhecido em Viana].

sumetidinho, acanhado, tímido, e tambem «raquítico»: falando-se de crianças, especialmente.

No Minho.

surêlo, chinelo velho; em Viana-do-Castelo.

sobreposta, pedaço de madeira que se *sobrepõe* às tábuas do convés ou do costado do navio, para as fortalecer em determinados pontos.

solecar; soleca!. *Solecar*, na linguagem marítima, é «aliviar gradualmente as voltas de um cabo excessivamente tenso». «..fecha-se o mordedouro do escovem para se poderem *solecar* as voltas na abita». — *Ap. e Man. de Navios*, 135.

soleca! é voz que manda afrouxar cautelosamente as voltas de um cabo retezado; a bordo.

Talvez do fr. *soulève*, imperativo de *soulever*.

sutrão, mulher gorda e desajeitada; marafona. No Minho.

tacuela, joelheira, i-é, caixa de madeira em que se ajoelha quem anda lavando soalhos; em Freixo-de-Espada-à-Cinta. O *Novo Diccionário* regista no mesmo sentido *tacoila*, como «(prov.[incialismo])».

Cp. o esp. *tajuelo*: «banquillo rústico que sirve para assiento de una persona» (Rod.-Navas).

taina, tainar. *Taina* é, no Minho (Viana) a «pagodeira», bródio, comezaina alegre e festiva. Daí *tainar*, «pagodar, petiscar alegremente, em agradável convívio». «Imensas famílias, deitadas pela erva, dormem, conversam e *tainam*». — *Fôlha de Viana*, 28 de Dezembro de 1911.

talabarte, fabricante e vendedor de arcos de madeira para vasilhame; em Lisboa.

talha, talhar. Nas povoações do Vale-do-Côina, pelo menos, *talha* é uma medida de quantidade determinada para as transações de mato, palha e rama-de-pinheiro. Assim, uma *talha* de mato tem 50 molhos, uma *talha* de palha 15 molhos e uma *talha* de rama 60 molhos.

Para o *mateiro*, que é o trabalhador que enfeixa os molhos, a *talha* tem mais um molho a que chamam *rapôso*. O *rapôso*, como unidade excedente de cada *talha*, fica de parte, servindo no final para a contagem do trabalho produzido, sem direito a remuneração como mão-de-obra.

O antigo sistema de contagem por *talhas*, para grandes quantidades, correspondendo aquelas a quantidades fixas determinadas, geralmente de dez, ainda hoje é seguido em vários pontos do país, como o Minho, Vale-do-Côina, etc. Usa-se tambem na prática dos embarques, nos navios mercantes.

A cada *talha* ou quantidade convencional corresponde um traço, feito geralmente a giz em uma tábua.

Talhar é riscar ou traçar as *talhas*.

V. **parea, pareia.**

tamalavez - tam-a-la-vez. O *Novo Diccionário* regista esta locução adverbial antiga, na primeira forma, dando-lhe o sentido de «um tanto; de algum modo», com citação de vários textos clássicos.

O sr. Gonçálvez Viana no seu *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*, insere-a tambem, separando-a nos seus elementos: *tam-a-la-vez* e repetindo a nota de «(ant.[iga])».

Ouve-se ainda, na acepção indicada, no Vale-do-Côina (Santo-Antonio-da-Charneca). Uma das pessoas de lá,

que a empregou diante de mim, foi um pedreiro, dizendo-me que a manilha de um cano de esgoto que tinha de colocar, em substituição de outra quebrada, «cobria *tam*[-]*a-la-vez*» a seguinte, por ser curta. Outra, um trabalhador rural, a quem eu disse que seria conveniente fortalecer uma passagem de areia solta com uma grossa camada de *salão* (v.) explicou-me que bastaria uma pequena quantidade «*tam*[-]*a-la-vez* como um dedo [de espessura]».

tardeiro, em oposição a *cedeiro* (v.). «Marés *tardeiras* são aquelas cujo preamar se efectua depois do meio-dia.

tarugo, na Beira-Alta, é o mesmo que «esbirro», i-é, espeque no travejamento de uma casa para agùentar ou forçar um madeiro.

temperado. Em calão de casas-de-pasto de baixa ordem, *meio-temperado* é um cozimento de feijão com couves, adubado com azeite e vinagre. Em Lisboa.

temperar. Em Felgueiras (Moncorvo), *temperar a colmeia* é tirar ou dar caça aos zángãos quando se tornam prejudiciais à colónia.

V. Ed. Sequeira. *As Abelhas*, 198.

terno. A despeito da etimologia, — o distribuitivo lat. *terni* —, *terno* no Vale-do-Côina quere dizer: «grupo de trabalhadores dirigido por um maioral ou capataz, geralmente nos trabalhos do campo.

Julgo que esta acepção não é privativa do local em que a colhi mas que para lá iria do Alentejo.

terra. *Capitão-de-terra* é o oficial de marinha mercante, desembarcado, que superintende no aprestamento, cargas e movimento comercial dos navios de uma empresa armadora. «O *capitão-de-terra*, Gonçalves, a quem hontem alludimos, veiu á *Capital* dizer-nos que nunca foi monarchico *enragé*..» — *A Capital*, 12 de Novembro de 1910.

arráis-de-terra é o arráis com atribuições idênticas, sobre fragatas de carga.

Ambos na linguagem marítima, em Lisboa.

terragido. *Meter terragido*, comover, causar espanto; em Carvalhos (Gaia).

tesura, aprumo, vaidade, empáfia; na linguagem popular. «Estranhou-lhe o tom espevitado, a farófia, a *tesura*..» — Camilo. *Eusebio Macario*.

tibar, tibado. No livros de *Alveitaría e Cetraria* usou mestre Giraldo os equivalentes *tibo*, *tiby*, *tibe*, no sentido de «morno», ou talvez temperatura mais elevada, segundo o parecer de D. Carolina de Vasconcelos (V. *Rev. Lusitana*, XIII, 349).

tibo corresponde ao minhoto *tibado*. «Agua *tibada*» é a «agua tépida» ou «quebrada da friúra» [1].

Na *Rev. Lusitana*, XIV, 167 registei *tibar* = «misturar água quente e água fria», i-é, «amornar».

Renovo o registo deste verbo e lembro o adjectivo *tibado* em face desta observação da ilustre romanista (*Rev. Lus.*, XIII, 349): «[*morno*] que é hoje o único termo usado pelo povo; correspondente do francês *morne*, prov. *morn*. *Morne* (respectivamente *borne*) na Galiza, emquanto aqui foi e é *morno* (respectivamente *borno*), *lauwarm*».

tinça. *A tinça de*, no Alto-Minho, equivale a «não obstante; apesar de».

tingenête, mascarra, laivo de sujidade, mancha, nódoa; em Freixo-de-Espada-à-Cinta.

tinha, é a lagarta de uma espécie de borboleta que ataca as colmeias, devorando a cêra dos favos. Chamam-lhe tambem *traça*. «As *tinhas* que mais em especial damnificam a cera dos favos da nossa abelha são as lagartas de duas borboletas vulgares entre nós, a *Galleria cerella* e a *Gal-*

1 Em mestre Giraldo: «auga *tiba*».

leria alvearia..» — Ed. Sequeira. *Gazeta das Aldeias*, n.º 607.

No n.º 656 da mesma *Gazeta* um consulente de Alvaiázere diz *traça* e outro de Cezimbra diz *tinha*, referindo-se ambos á mesma larva.

No Barreiro, Seixal e Vale-do-Côina tenho ouvido chamar-lhe *tinha*.

tocar, « As graínhas de figos caprificados ou *tocados*, como se diz no Algarve..» — Melo Leote. *Gazeta das Aldeias*, n.º 725.

tolheito, participio antiquado de *tolher*, é ainda usado no Minho, querendo significar o mesmo que «ingerido, tolhido de frio».

tone, maricas, efeminado; tanso. No Minho.

tôneira, aparelho composto de um cilindro de chumbo em cuja extremidade se dispõe uma corôa de anzoes; para a pesca da lula, no Algarve.

torneo. « Pelos sintomas indicados julgo porem ser o torneo ou vágado [no boi]..— *Gazeta das Aldeias*, n.º 893.

torno. Nas *Apostilas* (II, 491) apresenta o sr. Gonçalves Viana este termo no sentido de «borbotão», citando uma passagem do Antonio Francisco Cardim nas *Batalhas da Companhia de Jesus*.

Neste mesmo sentido persiste no falar da Beira-Alta (concelho de S. Pedro-do-Sul) e tambem nos Açores, por este excerpto das *Pastoraes do Mosteiro*, de Nunes da Rosa, pag. 84: «de uma barroca coberta de fétos e musgos verdes jorrava cantante um *torno* de agua fresca..».

toro, torar, toragem. *Toro* é um segmento de tronco ou ramo de pinheiro, de comprimento variável entre 5 a 6 palmos, geralmente destinado a combustível.

Com a febre de devastação que tem aniquilado quáse todo o nosso pobre regime florestal, veio a chamar-se *toro*, por esses pinhais fora, do norte ao sul do país, ao segmento de tronco de pinheiro com comprimento apropriado ao escoramento de minas.

toragem é o acto ou efeito de *torar*: «cortar *toros*», e tambem colectivo: «porção de *toros*». «A *toragem* hade acabar-se esta semana». «A *toragem* embarca amanhã».

No Minho *toro* tambem significa «pedaço de qualquer coisa, geralmente de forma arredondada, cortada em sentido transversal». «*Toro* de pescada, *toro* de carne».

torre, o mesmo que «trapeira, sotão», geralmente o «último andar de uma casa quando a sua frente fica um pouco recuada em relação ao plano da fachada». Em Viana-do-Castelo.

tôrta, o mesmo que *bôla* (v.); em Coimbra. V. *Gaz. das Aldeias*, n.º 737.

torteira, vaso de barro, de muito diâmetro e pouca altura; para ir ao lume. O mesmo que «fregideira». Em Viana-do-Castelo.

«..pôz a gallinha e o presunto n'uma *torteira* de barro..»—Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 99.

trabalheira, muito trabalho, o mesmo que «trabalhão»; no Minho.

trainel, atrainelar, atrainelado. *Trainel* ou *atrainelado* é o corte, risco ou disposição diagonais; entre operários de Lisboa. *Atrainelar* é cortar, riscar ou dispôr em sentido diagonal.

tralho, rêde de pesca que se estende de uma a outra margem do rio; na Beira-Alta (conc. de S. Pedro-do-Sul).

trambolhia, lenha de pernadas; no Vale-do-Côina.

trampicalho, o mesmo que «trapicalho»; em Ílhavo.

Nasalação do primeiro *a* por influência da palatal *lh*. Cp. *trampalho* (*Novo Dicc.* [*Supl.*]) e *choncalho* (*Rev. Lus.* XIV, 153).

tranqueiro, ombreira (da porta); no Minho. *Tranqueiros* são as duas pedras laterais da porta que assentam sobre a «soleira», sustentando

superiormente a «padieira». «O infeliz estava com outros a levantar um *tranqueiro* quando, partindo uma taboa do andaime, se despenhou por tal maneira que, caindo-lhe a pedra que tentavam soerguer, teve uma morte instantanea e horrorosa». — *Aurora do Lima*, 30 de Dezembro de 1910.

No trecho adeante transcrito julguei ver uma outra acepção da mesma palavra mas, pessoa idónea, garante-me que é a mesma: «..pediu auctorisação á camara para mandar construir um *tranqueiro* de ferro para o portão do tribunal judicial desta comarca». — *O Povo* (Viana), 1 de janeiro de 1911

tremoçar, tremoçagem. «Como me não convem fazer a *tremoçagem* indicada por V...—dará mais 200 kilos de phosphato se não estrumar nem *tremoçar*..» — *Gazeta das Aldeias*, n.º 694.

A *tremoçagem* consiste na sementeira de um tremoçal que se enterra quando chega á floração, para adubo do terreno.

trempe, é o conjunto de três pedras na lareira, para se acender o lume; em alguns lugares da Beira. «O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do canisso. A mesma *trempe* de pedra». — Camilo. *Bruxa do Monte Cordova*, 198.

trinca, dentada, pedaço; em Carvalhos (Gaia).

trincado. Em construção naval diz-se que uma embarcação é de «tabuado *trincado*», quando as tábuas do costado se sobrepõem. Este sistema usa-se geralmente na construção de escaleres ou pequenas embarcações de recreio. «O costado pode ser de tabuado *liso* ou *trincado*». — *Construção Naval*, I, 62.

O «tabuado *trincado*» é *abotoado* (v.) e não pregado.

trincha, cós da saia; em Viana-do-Castelo.

O *Novo Diccionário* dá este termo nesta acepção como «*(prov*[incialismo] *beir*[ão])».

V. **colarête.**

tripó. O *Novo Diccionário* regista esta palavra como variante de *tripé*, significando tambem «espécie de tripeça com assento de coiro».

tripé ou *tripeça*, diz-nos o mesmo dicionário que é um «banco de três pés». A bordo, porêm, chamam *tripó* a um banco de fechar, em forma de tesoura, com quatro pés e assento de lona ou alcatifa. Assim ouvi tambem chamar a estes bancos em Viana-do-Castelo.

Poderia a analogia das formas dos dois bancos fazer confundir os dois vocábulos que me parecem de origem diversa.

(Cp. o v. fr. *tripaut* no sentido figurado de «barrigudo» [V. *Stappers* 6.277] e *tripière* «mulher gorda e mal feita» [V. *Nouveau Dictionnaire*, do Padre Joseph Marques. Lisboa 1758]).

trôlho, matéria fecal. Por extensão: «obra mal feita» e ainda «rolo de cabelo no alto da cabeça».

Em Viana-do-Castelo.

troncaria, tronqueiro = tranqueiro. *Troncaria* é a «porção ou aglomerado de troncos». Nas estâncias de Lisboa quere dizer troncos de madeiras, úteis em marcenaria, por exemplo. «*Troncaria* de nogueira e amieiro». — Catálogo da Casa J. Lino.

No Vale-do-Côina é a «lenha de troncos».

O *Novo Diccionário* regista *trancaria* no sentido acima indicado, fazendo-o derivar de *tranca*. Julgo que o sentido restricto do étimo não daria ao derivado uma acepção tão diversa, desde que *troncaria* é forma corrente. De *tronco* veio tambem *tronqueiro* «aquêle que corta árvores» (*Nôvo Dic.*) e a que no Vale-do-Côina chamam *tranqueiro*.

tangalha, tanganho, tanganhão,

t(r)angalhão, t(r)angalha-danças, t(r)onga, t(r)ungalhão, (a)t(r)ungalhar. *Tango* ou *tángano* é, em espanhol, «hueso ó piedra que se pone para el juego de ese nombre» (Rod.—Navas). Do lat. tango. Este jogo consiste em colocar sobre um pequeno cilindro de pau ou osso uma ou mais moedas de cobre, esforçando-se os jogadores por as deslocarem, atirando de longe outras moedas ou pedaços arredondados de telha. É o que na Beira chamam *tanganéu*.

De *tángano* vem a locução adverbial cast. *en tanganillas* que quere dizer «com pouca segurança ou firmêza».

Do têma *tang.*, nêste sentido, se formariam determinadas palavras cuja etimologia não está bem averiguada, mas que se aproximam entre si pela relação ideológica.

De facto, á ideia de «mal seguro, tremente, pendente ou pouco firme» liga-se mais ou menos o sentido de palavras como estas:

tanganho, taramela que, pendendo sobre a mó do moinho, faz tremer a cale e caír o grão pouco a pouco.

tangalho ou *tanganho*, ramo seco e pendente na árvore.

tanganhão, homem de grande estatura (lembrando o *tángano*).

tangalha. Trazer a vela á tangalha, entre os catraeiros do Tejo, é velejar sem *espicha* (v.) na vela quadrangular dos catraios, com a extremidade superior desta solta ao vento ou amarrada ao mastro.

tanganheiro (ant.), preguiçoso, vàdio (de «molêza, indolência»).

E as formas com *r* epentético que dão a ideia de «desiquilíbrio, desarranjo, etc.», algumas com dissimilação do *a*:

trangalhão, homem mal vestido (Penedono). V. *Rev. Lus.*, XII.

tronga, mulher mal vestida, gorda e desajeitada; na Beira.

«Durante toda a manhã divertiu-se a observar a tronga da Antonia, andando no preparo do jantar..» — Bento Moreno. *Com. do Campo*, III, 98.

trungalhona, o mesmo que *tronga*; no Minho.

atrungalhar, fazer qualquer coisa desajeitadamente e á pressa.

vacão, em Coimbra, é o homem do campo, o aldeão rude e boçal.

valga, vale; no Alto-Minho.

ventrilho, é o «cilhão» ou «cilha» dos animais de carga, entre os fabricantes de arreios, em Lisboa.

Na tradução de um romance de Maury na *Vanguarda* de 9 de Julho de 1908 lê-se: «A meio da barriga um *ventrilho*.. cingindo o ventre do animal..»

verde. Nas *Apostilas* (II, 532), faz-se uma transcrição do jornal *O Dia*, em que vem este vocábulo no sentido de «pescador que vai pela primeira vez á Terra Nova». É conveniente notar que esta designação se refere aos pescadores de bacalhau. Está em oposição a *maduro* que é o «pescador de bacalhau que fez duas ou mais viagens aos Bancos da Terra Nova».

Na indústria da seca e preparação de bacalhau chama-se «bacalhau verde» o que apenas sofreu as operações de escala, salga e lavagem, por oposição a «bacalhau *seco*», que é o bacalhau pronto para a venda.

verdurengo, como sinónimo de *verdoengo*, vem registado nas *Apostilas* (II, 533), dando-o o sr. Gonç. Viana como «neologismo, ou termo dialectal do Norte».

Tenho-o ouvido, no mesmo sentido, no Vale-do-Côina e recordo-me de o surpreender na ling. familiar de Lisboa, ha pouco tempo.

verdurengo chamam em Viana ao «indivíduo raquítico, encolhido e de pequena estatura».

verga. Em Paredes-de-Coura diz-se que é *do rabo da verga* a pessoa «de má índole».

vergueiro, varão de ferro que passa pelos olhais das vergas dos navios, servindo para nêle se fixar o gurutil da vela. «Os estribos.. são cosidos ao *vergueiro*..» — *Ap. e Man. de Navios,* 74.

verrumeiro, o mesmo que «batoque». V. **corneiro.**

vidro, o mesmo que «frasco»; em Viana-do-Castelo. «Os dias passados, servindo-lhe em geral um *vidro* de ginjas em conserva ao almoço..» — *Collecção de Manuscriptos Ineditos,* III — *Fastigimia,* 39.

vidro-de-cheiro, é, em Viana, a «pessôa niquenta, cheia de *não presta*».

vinhateiras, são pedaços de cabo que se prendem de espaço a espaço nos *vergueiros* (v.) servindo para os marinheiros se segurarem quando andam pelo *estribo.* «Enfiadas no vergueiro ha de espaço a espaço pinhas de rosa, *vinhateiras* para a gente se segurar quando sae á verga».— *Ap. e Man. de Navios,* 74.

viradeira, pequena pá de ferro para «virar» o peixe na frigideira; em Ílhavo. Tambem lhe chamam *ferrêta.*

volvedeira (=bolbedeira), o mesmo que «espumadeira»; em Freixo-de-Espada-á-Cinta.

De *volver* — revolver, mexer (o cozinhado).

x. *Uma de x* quere dizer «importância mínima, em dinheiro», na linguagem popular de todo o país. «Não tenho filhos de que possa tirar *uma de x* com tal expediente». — Camilo. *Seroens de S. Miguel de Seide,* VI, 61. «Pode dar os bens ao outro filho que eu não lhe quero *uma de x*». — Camilo. *Braz. de Prazins,* 29.

zagaia, é, no Algarve, um utensílio de pesca que se compoem de um pedaço de chumbo, pisciforme, tendo em uma das extremidades uma corôa de anzois e na outra um furo em que enfia a linha.

[De ha dois anos para cá, os pescadores portuguêses estão adoptando este utensílio, com bom resultado, na pesca do bacalhau, nos Bancos da Terra Nova].

zarambêlho, indivíduo aleijado, disforme; em Paredes-de-Coura.

zarro, o mesmo que «áspero, rijo, inflexível»; em Ílhavo. Por ext. «mau, irascível, de mau génio (falando-se de pessoas); rigoroso, frio (falando-se do tempo).

zoupeiro, indivíduo gordo, alentado; «brutamontes».

No Minho.

Setembro a Outubro de 1912.

ÓSCAR DE PRATT.

Tradições populares de Barcellos

I. Romances

1. A devota da Virgem Maria

Um pai tinha uma filha
Que era muito devota
Da Virgem santa Maria;
Tres *rosairos* lhe rezava,
Tres *rosairos* cada dia,
Um era pela manhã,
Outro era ao meio dia,
Outro era á meia noite,
Emquanto seu pai dormia.
Por ella foram chamar
Para uma santa romaria:
— Não, Senhora, não,
Que tal conta não fazia.
Foi chamar seu pai á cama:
— Acorde, meu pai, acorde,
Mas acorde com cortesia.

O pai se alevantou
E seguir*o* sua jornada
Até á fonte d'agua fria;
Lá *le* appareceu nossa Senhora:
— Quéda aqui, minha devota,
Quéda aqui, devota minha,
Que has de estar aqui
Sete annos e um dia,
Sem ver o sol nem lua,
Nem claridade do dia.

Ó fim dos sete annos
Le appareceu nossa Senhora:
— Como te vai, minha devota,
Como te vai, devota minha?
— Senhora, vai bem,
Que não me par'ceu nem um dia.
— Se tu queres ser casada,
Esposo te arranjaria.
— Não, Senhora, não,
Que tal conta não fazia.
— Se tu querias ír *pró* pai,
Eu te levaria.
— Não, Senhora, não,
Elle não me conheceria.
— Se tu querias ir *pró* ceo,
Eu te levaria.
— Sim, Senhora, sim,
Que era o mais que eu pretendía.

Tocaram os sinos do ceo,
Todos com muito alegria,
De sair um corpo santo
Da fonte d'agua fria.

2. Romance da Paixão

Estando eu na minha sala
A fazer oração,
Passou Madanela
E mais S. João.
Elles me perguntar*o*:
— Vós que fazeis ahi?
Eu cheguei á janella
E já os não vi.
De porta em porta,
De rua em rua,
Jesus da minha alma,
Sem culpa nenhuma.

Este hom*e* que vos appareceu,
Que se chama Jesus...
Jesus está na cruz
Com tres cravos encravados,
S. João está ao lado
E a Virgem com tanta dor:
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Esta cruz de pau pesado
Que nem sete a levar*o*...
— Ajuda-me aqui, Simão.
— Sim, senhor, ajudarei,
Quinta feira de Indoenças,
Domingo da *surreição.*

Com sua santa divindade
Correu toda a cidade
C'o grande peso da cruz,
E por o caminho dando luz;
Mas o sol escurecia
E o Filho de Deus morria.
Chorai, olhos; chorai olhos.
Se vos disserem: por quem?
E' por Jesus, nosso bem.
Quem o não quiser crer,
Suba áquelle *citeiro.*
Lá verá a auguinha a regar,
E o seu sangue verdadeiro.
Por uma corre *auga,*
Por outra corre vinho,
E por outra corre sangue
Do seu coração ferido.

Quem esta oração disser
Quatro vezes na quaresma,
Outras quatro no carnaz,
Quatro almas *tirarás*
Das penas do Purgatorio:
A primeira será a sua,
A segunda de sua mãe,
A terceira de seu pai,
A quarta dum parente mais chegado.
Amen.

Variante

Estando na serra
Fazendo oração,
Passou Madanela
E mais S. João.
— Que fazeis ahi, Senhora?
Vosso Filho vai alli.
Foi atrás delle
De portas em portas,
De ruas em ruas,
Até que chegou á rua da amargura.
Pilatos, Pilatos,
O rei dos Judeus,
Escreveu uma carta
Para os Fariseus
Que prendess*e* a Christo,
Que morre por nós:
Cabeça sagrada
Coroada de espinhos
E atravessada de juncos marinhos.
Se o não quereis crer,
*A*ssubi àquelle *citeiro,*
Lá vereis a rua regada
Com seu sangue verdadeiro.
Adiante vai *cruzeiro*
Amarrado á coluna;
Se vós sois a madre sua,
Mais adiante não vades.
O hom*e* que vós buscais,
Eu vos darei sinais:
E' Jesus que está na cruz
Com tres cravos encravados.
S. João que está ao lado.
O' Virgem com tanta dor,
O' meu Deus, ó meu Senhor,
Que as costas levais abertas
Num madeiro tão pesado,
Que nem sete o levav*o.*
— Ajudai-me aqui, Simão:
— Sim, Senhor, ajudarei,
Mas vós haveis de o levar

Numa santa sexta feira
De Indoenças.
Vossa santa divindade,
Que correu toda a cidade
C'o grande peso da cruz,
As pedras *atromentavo*,
O caminho dava luz,
E o ceu escurecia,
O Filho de Deus morria
Para nos salvar.
J. Christo quer intrar
Pelas portas de Jerusalem,
Para sempre, Amen.

3. Romance do Anjo Custodio

(o Diabo a disputar com o Anjo Custodio)

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as doze palavras ditas e retornadas.
— A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não,
— Dize-me as duas.
— São as duas taboinhas de Moisés,
Onde J. Christo pôs os pés;
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as tres.
— São as tres pessoas da SS. Trindade;
As duas são as duas taboinhas de Moisés,
Onde J. Christo pôs os pés;
A primeira é que nasceu
J. Christo em Jerusalem
Para nos salvar, Amen.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as quatro.
— São os quatro evangelistas;
As tres são as tres pessoas da SS. Trindade;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as as cinco.
— São os cinco sentidos;
As quatro são os quatro evangelistas;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as seis.
— São os seis accidentes;
As cinco são os cinco sentidos;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as sete.
— São os sete pecados mortais;
As seis são os seis accidentes;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as oito.
— São as oito bemaventuranças;
As sete são os sete pecados mortais;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as nove.
— São os nove meses
Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre;
As oito são as oito bemaventuranças;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as dez.
— São os dez mandamentos;
As nove são os nove meses

Que a Senhora trouxe
Seu SS. Filho no ventre;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as onze.
— São as onze mil virgens;
As dez são os dez mandamentos;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as doze.
— São os doze frutos,
As onze são as onze mil virgens;
etc.

— Amigo Custodio.
— Custodio sim, amigo não.
— Dize-me as treze.
— Não ha treze.
Nem cousa nenhũa.
Arrebenta, Demonio,
Que esta alma não é tua.

II. Canções topicas

1

A villa de Barcellos
E' virada á estação:
As moças que nella moram
São a minha perdição.

2

O' Barcellos, ó Barcellos,
O' Barcellos, ó vàdío:
Caiste*s* da ponte abaixo,
Foste*s* beber agua *ó* rio.

3

Rua Direita de Barcellos,
Hei de te mandar varrer,
Com uma vassoira de prata,
Que d'ouro não pode ser.

4

Se ouvires tocar o sino
Ou a garrida nos Frades,
Não perguntes quem morreu,
Que fui eu com saùdades.

5

Frèguesia de Midões,
De pequenina tem graça:
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

6

Frèguesia de Midões
Ao longe parece villa:
Tem um cravo na intrada,
Uma rosa na saída.

7

Midões vale um pataco,
Remelhe vale um vintem:
Alvellos mil cruzados
Por ter as moças que tem.

8

O' igreja de S. Bento,
Feita de pedra morena:
Dentro della ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

9

Se passares por S. Bento,
Dai um tiro na Portella,
Para que diga a gente toda:
—Lá vai o bem desta terra!

10

No adro de Gilmonde
Não nascem senão urtigas:
Vai-se para o de S. Paio,
Vêm-se bellas raparigas.

11

Tenho um amor em Martim,
Outro em Macieira:
Ainda espero de ter outro
Em S. Miguel da Carreira.

12

Senhora das Necessidades,
Nao torno á vossa festa,
Que me tirastes a merenda
Mais a hora da sesta.

13

Senhora das Necessidades,
O vosso mosteiro cai:
Mandai-o levantar
Por a gente que lá vai.

14

Sete vezes fui ao Porto,
Passei á Ramada Alta:
Procurai quem diga bem,
Que quem diga mal não falta.

15

Tenho um amor em Braga,
Outro em Ponte do Lima:
Quando lhe quero fallar,
Vou pelo rio acima.

16

Dizeis que viva a Maria,
Não sei que graça lhe achais:
Terra de milho miudo,
Alimento dos pardais.

17

Santa Marta da Falpêrra,
S. João do pé de Braga,
Que me dê boa fortuna,
S'eu tiver de ser casada.

18

Terreiro de santa Marta
No meio tem uma ponte:
Dá de beber a quem passa
Para o Bom Jesus do Monte.

19

Santa Marta do Alto,
Para o anno lá hei de ir:
Casadinho ou solteiro,
Ou criado de servir.

20

Hei de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei de ir:
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao Ceo e torna a vir.

21

Senhora das Necessidades,
Senhora minha madrinha,
Botai-me a vossa benção,
Eu sou vossa afilhadinha.

22

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos da Maia:
O cuco perdeu as calças,
A cuca perdeu a saia.

23

O cuco e mais a cuca
Vieram ambos de fóra:
O cuco vem de Lordêlo,
A cuca de Villa Nova.

24

O' Brasil, ó Brasil,
O' Brasil, ó ganhar:
Em toda a terra é Brasil
Pra quem quiser trabalhar.

III. Ditados

1. Justiça de Barcellos, fugir della.

2. Deus desavenha quem nos a nós mantenha (dizem os advogados).

3. Articule quem souber, e advogue quem quiser.

4. Bem ensaboar é meia barba feita.

5. Dos enganos vivem os escrivões.

6. Quem vence uma demanda fica em camisa, quem a perde fica em leitão.

7. Talhe-me quem quiser, e prove-me quem souber (=é mais difficil *provar* um fato que talha-lo).

8. Janeiro geoso, fevereiro nevoso, março molinoso, abril chuvoso, maio ventoso, fazem o anno formoso.

9. Vinho de Março não vai a cabaço.

10. Quem poda sem collete, vendima sem cêsta.

11. Lá vem o Março corão, quem não tem meadas bota um steirão.

12. Quem em Abril não varre a eira e em Maio não sacha uma leira, anda todo o anno em canseira.

13. Em Abril cada pulga pare mil.

14. De Maio para Abril pouco ha que rir.

15. Em Maio lavra-se co'a agua pelo rego.

16. Chovam 30 Maios, e não chova um Junho.

17. A casca do sobreiro em Junho sai ao punho, em Agosto ao mascôto.

18. Chuva da Ascensão dá pão.

19. Chuva do S. João tira o vinho e não dá pão.

20. Ande o anno por onde andar, o mês de Agosto ha de aquentar.

21. Corra o anno por onde correr, o mês de Agosto ha de aquecer (variante do anterior).

22. Andar, marinheiros, andar, que vos não pilhe S. Simão no mar.

23. Quem deixa a malhada para Agosto, não malha a gôsto.

24. Semea as nabiças no pó, e por ellas não deites dó.

25. Pelo Sant'André vai o sete-strêlo á maré.

26. Para a sementeira do centeio do cedo não escarmentes, do tarde não avezes.

27. Mal corre a Portugal, se não ha tres cheias antes do Natal.

28. Santa Luzia tira á noite e põe no dia.

29. Vermelho ao nascente, chuva de repente.

30. Lã no ceo, chuva na terra.

31. Tres manhãs de nevoeiro ou dão chuva ou vento.

32. Vento soão, chuva na mão; de inverno sim, que de verão não.

33. Andorinhas a voar ao pé da terra, temos chuva.

34. Cantam as rãs e os raros, temos chuva.

35. Anno landreiro, anno falheiro.

36. Não ha melhor scavão que o dono do furão.

37. Se te derem o porquinho, pega-lhe pelo baracinho.

38. Quem não tem carro nem bois, ou anda antes ou depois.

39. Filho de ruim sair bô..., lá vem o neto que sai ao avô.

40. As obras fazem-se das sobras.

41. A morte Deus temeu-a.

42. Limpeza Deus a amou.

43. No tempo da realeza, era tudo uma limpeza.

44. Casamento, apartamento.

45. Quem se não sente, não é de boa gente.

46. Quem moe no seu *munho* e coze no seu forno, come o seu pão todo.

BARCELLOS

Midões, Abril de 1912.

A. GOMES PEREIRA.

A EXPRESSÃO POPULAR

"mais vale um gôsto que quatro vintens,,

I

D'esta expressão trata o Sr. João Ribeiro nas *Frases feitas*, II, 259, julgando que ella «deve ser uma aluzão, em Lisboa, aos preços elevados dos doces, pelos começos do seculo XVIII». O Sr. Oscar de Pratt, no opusculo que com o titulo do livro do Sr. Ribeiro publicou em Lisboa em 1912, e depois num artigo d'*O Povo*, de 28-III-1912, refuta aquela explicação, mas relaciona-a com outros ditados por modo que não me parece muito claro.

A frase, quanto a mim, originou-se no seguinte.

O dinheiro, na lingoagem corrente, serve muitas vezes, como é natural, para designar valores, quer pequenos, quer grandes. *Não tenho nem ceitil*, diz Gil Vicente, *Obras*, I, 158; *não ter vintem, não ter chêta, andar sem uma de x, isto não vale um pataco*, são modos de falar quotidianos, — e outros analogos se podem ler nos meus *Textos Archaicos*, 2ª ed., pag. 97-98. E ás avéssas: *vale mais um gôsto na vida que cem moedas na algibeira* (Celorico da Beira); de alguem que é rico se diz que *é apatacado*, que *tem milhões*, que *é milionario*, que *tem o seu vintem*, que *tem bons patacos*; os Hespanhoes dizem *tener cuartos, tener cuatro cuartos, tener muchos cuartos* (o *cuarto* é moeda antiga, de cobre); os Franceses: *il a mangé ses quatre sous* «il a mangé son peu de fortune» (Littré, s. v. «sou»), *je veux conserver mes quatre sous* (id., ib.), e tambem *il n'a pas un sou, sans un sou, cela ne vaut pas un patard*.

Por outro lado ha numeros redondos que denotam quantidade indefinida, como: *meia duzia de livros* «uns tantos livros», *duas bofetadas* «umas bofetadas», *mil anos* «muitos anos», — e vid. outros exemplos nas *Lições de Philologia Portuguesa*, pag. 304.

A expressão *mais vale um gôsto que quatro vintens* significa «mais vale um gôsto que dinheiro» ou que «certa quantidade de dinheiro»: *vintens* está na accepção geral de «valor», segundo o que fica dito a cima; e *quatro* corresponde a um número indefinido, como na mencio-

nada frase hespanhola *cuatro cuartos*, e na francesa *quatre sous*. Outros exemplos de *quatro* com função semelhante:

Em português: *galgar os degraus quatro a quatro, as lagrimas corriam-lhe quatro a quatro, não tenho quatro mãos, largou-lhe quatro mentiras* ou *quatro larachas, comer por quatro* (ou *por sete*), *vem para ahi com quatro cantigas:* e nestes versos de Gil Vicente,

Mais fremoso está ao villão
Mao burel que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter *quatro homens de recado,*
E leixar lavrar ratinhos. *Obras*, III, 219-220.

Em hespanhol: «*mas de cuatro* = muchos, ó número considerable de personas» (*Dicc. encicloped. hispano-americ.*, s. v., «cuatro»).

Em italiano: «*a quattro,* maniera usata per esprimere quantità grande; *quattro* si dice anche per dinotare un piccol numero di checchessia, come *far quattro passi, mangiar quattro bocconi*» (vid. *Vocabolario della Crusca*, s. v. «quattro»).

Em francês: «*quatre,* — il s'emploie quelquefois pour un petit nombre indéterminé: *à quatre pas d'ici, dire quatre mots, j'écris quatre lignes, pour quatre jours qu'on a à vivre je vivrais à ma mode, un théologue de quatre jours*», e: «*comme quatre*», beaucoup, excessivement: «elle a de l'esprit *comme quatre*, j'ai.. couru *comme quatre*» (Littré, s. v., «quatre»).

Os exemplos poderiam multiplicar-se; mas desde que fique provado o que se deseja, o mais sería erudição superflua. — A «quatro» como número redondo em hespanhol se refere Leo Spitzer na *Zs. f. rom. Philolog.*, XXXV, 301, nota, onde ao mesmo tempo cita exemplos franceses e italianos. Do italiano tambem já falára Mussafia, apud Diez, *Gramm. des l. roman.*, III, 15, nota. O português vem agora enfileirar-se nessas lingoas.

(Da *Revue de Dialectologie Romane*, v, 225-227).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

II

. . . . . .

Isto parece de uma intuição muito clara, e de bom grado eu ponho de parte a hermenêutica um tanto obscura de que me servi, para seguir a corrente de simpatia que esta me inspira.

No entanto, por muito lúcida que seja a explicação, alguma coisa de vago há ainda que me deixa em dúvidas.

Para justificar *quatro* como número redondo, indefinido, cita o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos êstes exemplos: *galgar os degraus quatro a quatro, as lágrimas corriam-lhe quatro a qurtro, não tenho quatro mãos, largou-lhe quatro mentiras* ou *quatro larachas, comer por quatro* (ou *por sete), vem para ai com quatro cantigas*, etc.

Em não ter *quatro mãos, quatro braços* ou *quatro pernas*, — e ainda nas expressões *mais vêem quatro olhos que dois, não tenho quatro olhos* (em paralelo: *duas caras — não tenho duas caras, homem de duas caras)* — há definidamente um sentido de duplicidade, restrito a cada acção (de modo geral diz-se *partir a meio — não me posso partir a meio).*

A' expressão *quatro a quatro* ou *quatro e quatro*, como o povo diz, correspondem outras que dão a determinação da quantidade: *um a um, dois a dois, três a três — contou as moedas uma a uma, subir os degráus dois a dois, comeu os bagos três a três, quatro a quatro*, etc.

Galgar os degráus quatro a quatro, as lágrimas corriam-lhe quatro a quatro, são, por assim dizer, expressões esteriotipadas, nas quais, sómente, *quatro a quatro* perdeu o rigor da sua determinação númerica. Ainda assim o sentido de intensidade que trouxe as expressões parece-me aqui sugerido pela coordenação de dois efeitos duplos: «dois degraus por cada pé, duas lágrimas simultâneas em cada face».

O emprêgo de *quatro* como número indefinido restringe-se, a meu vêr, a expressões como *quatro larachas, quatro trêtas, quatro lérias*, exprimindo quantidade insignificante, e *por quatro — come por quatro, fala, trabalha, lida por quatro* —, a par das equivalentes, em que a progressão numérica é quasi nula para o efeito intensivo: *por sete, por vinte*, etc.

Não me recordo de outros exemplos da linguagem popular em que *quatro* seja tomado como número redondo, e esta restrição parece-me ponderável.

Expressões que indicam «valor minimo», em dinheiro, são geralmente formadas com a unidade-moeda: *não ter real* ou *um real, não ter cinco-réis de seu, não ter uma de x, não ter cheta, não ter vintem* ou *um vintem, isto não vale dez-réis, um vintem, um patacо*, e outras: *não valer um patacо falso, cinco-réis furados, um chavo, um chavo galego, dez-réis de mel coado.* Para as que se referem a «valor elevado» diz-se: *um par* ou *meia-dúzia — tem um par, um bom par, meia-dúzia de vintens, de contos*, etc. — *cem moedas*, na expr. *cavalo de cem moedas*, etc.

Quatro vintens como quantia de valor indeterminado só se poderá

pois supôr na expressão debatida, o que se me afigura insuficiente para determinar com rigor o conceito primitivo desta, por muito acertado que pareça o processo semiologico seguido.

(Da *Folha de Viana*, de 13-x-913).

OSCAR DE PRATT.

III

Quando li, ha anos já, as «FRASES FEITAS» — BREVES CONSIDERAÇÕES AO LIVRO DO SR. JOÃO RIBEIRO [1], que o seu autor, o Sr. Oscar de Pratt, amabilissimamente me ofereceu, — nêsse opúsculo me chamou a atenção, particularmente, a maneira como o autor interpretava (pág. 10-12) o provérbio popular *mais vale um gôsto que quatro vinténs.*

O Sr. João Ribeiro, nas suas FRASES FEITAS, havia tentado explicar aquêle dito popular português, que, segundo o ilustre académico brasileiro, encontrava a origem e a justificação num facto histórico: a fixação do preço do açúcar em oitenta réis, no reinado de D. João V.

Faço fé pelo que diz o Sr. Oscar de Pratt no opúsculo citado, pois não tive ainda o prazer da leitura do aludido trabalho do Sr. João Ribeiro.

O Sr. Oscar de Pratt, depois nas suas CONSIDERAÇÕES, entendendo — e muito bem — que as razões do ilustre académico não colhiam, ensaiou uma nova interpretação que, a meu ver, não pode também aceitar-se. «No provérbio *vale mais um gôsto que quatro vinténs* há evidentemente — diz o Sr. Oscar de Pratt, no citado opúsculo, pág. 12 — uma ligação de sentido com o anterior [*a mulher e o melão calado é o melhor*, interpretado assim: «os melhores melões são os *calados* ou abertos, como as melhores mulheres são as já experimentadas» [2]], dado que — melhor é um gôsto certo que outro problemático.

---

[1] Lisboa, 1910.

[2] No provérbio *A mulher e o melão o calado é o melhor*, há, quanto a mim, sobreposição de duas acepções diferentes no mesmo vocábulo *calado*. Do melão, o melhor é o *calado*, aberto, rachado para deixar ver o interior; da mulher, a melhor é a *calada*, que fala pouco, que não é linguareira. Cfr. a comparação popular *comer como uma frieira* = comer muito, devorar muita comida. A mesma qualidade na mulher é pedida por estoutro ditado: «A mulher, e a cachorra, a que mais calla, he a mais boa» — Vid. *Adágios, Provérbios, Rifãos* e *Anexins*, por F. R. I. L. E. L.; Lisboa, 1780; pag. 169.

«*Quatro vinténs* parece pois relacionar-se no rifão à idea de virgindade e essa mesma idea está expressa nas «frutas inteiras» que são excluidas do provérbio: *as melhores frutas são as picadas pelos pássaros* [1].

«Entre êste e o provérbio *a mulher e o melão o calado é o melhor* nota-se claramente a comunidade de um sentido pouco delicado, para os ouvidos castos de algum leitor pio e pudico».

A explicação do provérbio pareceu-me logo, ao ler pela primeira vez estas palavras do interessante opúsculo do Sr. Oscar de Pratt, fácil. Pareceu-me logo fácil, porque vi, e vejo, nêsse provérbio apenas o sentido que o povo lhe dá.

Mais tarde, porém, no bissemanário de Viana-do-Castelo O POVO, de 28 de Março de 1912, o Sr. Oscar de Pratt além «da suposição de que os *quatro vinténs* representam o penhor de uma virgindade que não vale o prazer da queda», expôs outra conjectura que se resume nestas suas palavras: «mais valia certamente *um único visto*, préviamente preparado pelo suborno, que *três* ou *quatro itens*, i-é, alegações de justiça da parte contrária; como quem diz que a razão do direito se curva sempre à vontade dos juizes». Desta maneira a expressão *mais vale um gôsto que quatro vintens* seria uma adulteração de estoutra: *Mais vale um «visto» que quatro «itens»*.

O próprio Sr. Oscar de Pratt, no trissemanário de Viana-do-Castelo FOLHA DE VIANA, de 23 de Outubro de 1913, confessa que emendou para pior.

*

O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, na REVUE DE DIALECTOLOGIE ROMANE, V, 225-227, trata da expressão popular portuguesa «mais vale um gôsto que quatro vinténs», dizendo:

«.. A expressão *mais vale um gôsto que quatro vinténs* significa «mais vale um gôsto que dinheiro» ou que «certa quantidade de dinheiro [2]»: *vinténs* está na acepção geral de «valor».. e *quatro* corresponde a um número indefinido».

---

[1] As melhores frutas são as picadas pelos pássaros, porque êstes procuram as mais saborosas, as mais maduras. Não há relação entre esta expressão e a da nota anterior.

[2] *Vinténs*, por «*dinheiro*», é de uso popular, sem fazer parte de frases feitas, e sobressai em exemplos como êstes: *Juntar uns «vinténs»; lá perdi os meus «vinténs»; guarde os seus «vinténs»*... — Como *vintens*, «patacos»: *ter patacos*. Em francês: *il a sa poche pleine de sous (Larousse illustré*,

A expressão popular *mais vale um gôsto que quatro vinténs* não deve ser interpretada, a meu ver, senão desta maneira — que é também a mais fácil.

O ditado é assim olhado no que êle é, no que êle diz, sem a complicação das fantasias.

Era êste o juizo que eu conservava desde que a interpretação aventada pelo Sr. Oscar de Pratt no seu opúsculo me chamou a atenção para o referido provérbio, em cuja explicação jamais me demorara por sempre me haver parecido simples.

E êsse meu juizo fortalecia-o eu com as variantes que dessa expressão popular conhecia, as quais me não deixariam escorregar para as dificuldades em que se enredaram os Srs. João Ribeiro e Oscar de Pratt, mesmo que eu não quisesse ver no provérbio o que êle é e o que êle diz, e me aventurasses a conjecturas mais ou menos fantasistas.

Mais vale um gôsto que quatro vinténs, ou, como é mais corrente em o norte do país, *mais vale um gôsto na vida que quatro vinténs na algibeira* quere dizer que nos não devemos privar de *um gôsto*, lá por que êsse gôsto nos leve *alguns vinténs*. Não *paga a pêna* sacrificar a *uns cobres*, a *dois patacos*, a *quatro vinténs* — um gôsto. Mais vale gozar um bocado, do que evitar qualquer gôzo, só por forrar algum dinheiro. *Uns vinténs* que fiquem na algibeira não compensam *um gôsto na vida*, um gôsto *uma vez na vida*, o qual se perca só porque êle nos custe êsses *vinténs*.

Quatro vintens está, nesta expressão, como *quatro minutos* e *quatro palavras* no seguinte exemplo: — «Demore-se aqui *quatro minutos; quero-lhe quatro palavras*», isto é: «demore-se aqui *algum tempo;* quero ter com o Sr. uma *breve conversa*».

---

s. v. «sou»). — Em espanhol: *tiene «cuartos»* .. — Cfr. ainda *cartos* em galego:

Libremos Dios, que vos pille
o Demo do Bagamundo,
que rapa vida, facendas
Gando e cartos todo xunto,

De uma poesia de um anónimo, ano de 1808, in *El Idioma Gallego*, de A. de la Iglesia, I, 205 incluida por Eugénio Carré Aldao na sua LITERATURA GALLEGA, 2.ª ed. pág. 168.

*

O que mais embaraçou os Srs. João Ribeiro e Oscar de Pratt, na frase popular em questão, foram os *quatro vinténs*. E, por isso naturalmente, é que o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos no seu artigo da REVUE DE DIALECT. ROM. se ocupou em explicar aquelas palavras, tomando-as em separado e comparando-as assim com as correspondentes de outras línguas.

Mas, a meu ver, tal era desnecessário, pois que «*quatro vinténs*» é expressão vulgar que significa «*algum dinheiro*», paralela a *cuatro cuartos* e a *quatre sous*. — Ex.: *Gastou os «quatro vinténs» que tinha, agora anda a pedir! — Ainda juntou uns «quatro vinténs»!* E, desde que se considerasse esta «frase feita» popular, poucas palavras seriam precisas para explicar o provérbio e para destruir as conjecturas em volta dêle artificiosamente delineadas.

Se não bastassem, para desfazer todas as dúvidas, estas razões — entre elas, sobretudo, a acepção em que o povo toma *quatro vinténs* no referido provérbio, como noutras suas expressões —, e ainda alguem pudesse tropeçar naquele «*quatro*», — outros argumentos se poderiam tirar das variantes. Creio que a questão encontrará o seu ponto final no registo da seguinte variante que, em Viana-do-Castelo como noutras terras do norte do país é a mais usada, e, nalgumas partes, a única usada e conhecida:

Mais vale um gôsto na vida
que seis vinténs na algibeira.

em que *seis vinténs*, como *quatro vinténs*, corresponde a uma «quantia indeterminada de dinheiro». Ex.: «*Fulano tem quaisquer «seis vintens»! — «Ter uns «seis vinténs» arrecadados...»* [1].

---

[1] A titulo de curiosidade, meramente:

Quitard, nos PROVERBES SUR LES FEMMES etc. (nova edição; Paris, s. d.) cita o seguinte (pág. 200):

Un cheveu de ce qu'on aime
Tire plus que quatre bœufs.

«proverbe pris d'une ancienne chanson et employé pour marquer l'empire que peut exercer une femme sur les volontés de l'homme qui l'adore..»

«.. Nous disons encore: *On tire plus de choses avec un cheveu de femme qu'avec six chevaux bien vigoureux..*»

Aqui temos nós, nesta variante, *six* por *quatre*, como número indefinido.

*

Além de

Mais vale um gôsto na vida
que quatro vintens na algibeira;

Mais vale um gôsto na vida
que seis vinténs na algibeira [1];

Mais vale um gôsto na vida
que cem moedas na algibeira [2],

variantes já incluídas nêste escrito, há estoutras do meu conhecimento:

Mais vale um gôsto na vida
que cem mil réis na algibeira [3];

Mais vale um gôsto na vida
que um vintém na algibeira [4];

Nais vale um gôsto na vida
que um pinto na algibeira [5].

Vê-se que, sempre, *mais vale um gôsto* do que «*dinheiro*»: «algum dinheiro» ou «muito dinheiro», mas, em todo o caso, «quantia indeterminada de dinheiro».

*

Voltemos agora, para acabar, ao ponto de partida: aos versos que levaram o Sr. João Ribeiro a arquitectar a sua explicação:

A mim me dou parabens
De ver em bom preço posto
E já não direi que *um gôsto*
Vale mais que quatro vinténs.

---

[1] Porto, Viana-do-Castelo, Monção.

[2] Celorico-da-Beira. — Citado, como no texto se vê, na REVUE DE DIALECT. ROM. pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

[3] Arcos-de-Valdevez, Ponte-do-Lima, Ancora (Caminha), Ponte-da-Barca.

[4] Pôrto.

[5] Informa-me pessoa de Perre, frèguesia do concelho de Viana-do-Castelo, que desta maneira ouviu lá dizer, noutros tempos, aos «antigos». O *pinto*, como é sabido, corresponde a *24 vinténs*.

Tais são os versos com que é festejado o *Amigo Açucar já restituido ao seu antigo pôsto de oitenta réis;* no reinado de D. João V.

—¿Custará a acreditar que o poeta ali houvesse colocado o provérbio, tirando, no intuito gracioso mais natural do mundo, o sentido indefinido a *quatro vinténs?*

Viana-do-Castelo, 27-X-913.

CLÁUDIO BASTO.

(Da *Folha de Viana* de 28-X-913).

IV

Decididamente considero-me vencido nesta questão dos *quatro vintens*, e nenhuma razão havia para voltar ao assunto, se me não sobrassem razões para breves reparos ao interessante artigo do Sr. Dr. Cláudio Basto.

Erro será confundir o sentido originário de um provérbio com a sua ideia filosófica ou de aplicação. Entre o sentido translato e o sentido de formação ou directo há a diferença que caracteriza o espirito de observação do povo [1].

[1] Aí está porque o Sr. Cláudio Basto afirmou numa nota do seu artigo que os provérbios *a mulher e o melão o calado é o melhor e as melhores frutas são as picadas pelos pássaros*, não havia relação alguma.

Cotejando reversamente sentidos de ordem diferente, não é possivel, decerto, topar a relação natural.

No primeiro há, de facto, sobreposição ou junção de duas acepções diferentes *no sentido de aplicação*, mas no de formação e acepção é uma única (*calar*=abrir, fender), e daqui provém o equivoco pouco decente do provérbio. Cf. Prestes no *Auto da Ciosa*, citado pelo Sr. João Ribeiro:

«Faça Deus mulher melão
e casar-se-ha homem *à cala* . . .»

No segundo, ao contrário, toma o Sr. C. Basto o sentido originario quando o de aplicação, que estabelece o contacto entre duas ideias distantes, mostra que «as melhores frutas são as já *abertas* ou *provadas*» (porque se lhes conhece a qualidade), e, de um modo geral: «que não devemos julgar pelas aparencias mas pela experiencia». Cf. esta quadra popular em que está a filosofia do provérbio:

«Não me quêras pôr senões
qu'eu soltera é que não fico;
bim sabes qu'as milhor's frutas
são as qu'os pássers's pico'».

[Val-de-Cóina].

É claro que, no caso sujeito, a ideia de aplicação, tam evidente que julguei desnecessário evocá-la, é a de que «um gosto não tem preço, e que a êle não devemos preferir o dinheiro, os interesses e muitas vezes as conveniências».

Mas, se era êste o sentido de aplicação, importava conhecer a razão de facto que determinou a entrada dos *quatro vintens*, com sentido evidente de «valor» na expressão.

Confesso que, contestando a opinião do sr. João Ribeiro, me «enredei em dificuldades», acabando por saír pela porta falsa das «fantasias complicadas», porque, homem do centro do país, eu não conhecia a expressão esteriotipada *quatro vintens;* nem mesmo a tinha ouvido durante a minha longa permanencia no Minho.

Por outro lado também me não ocorreu, como no caso mais provável do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos — em que a aproximação lenta se opera num sentido natural entre a quantidade e o valor indefinidos — relacionar *quatro*, número redondo de quantidade indeterminada que aparece em expressões como *quatro larachas, quatro mentiras, quatro palavras*, com *vintem* «medida imprecisa de valor».

Remedeio agora o êrro, combinando a interpretação do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos com a sua obsequiosa informação particular e tendo no devido apreço as considerações do Sr. Dr. Cláudio Basto. Assim vim a aprender gostosamente que no provérbio discutido o sentido de aplicação se não desviou do de formação.

Quanto às variantes citadas no artigo do Sr. Dr. Cláudio de Basto, e ainda as que registei no *Povo* de 28-III-912, é evidente que elas não podem ser alegadas como elementos para a fixação do sentido originário, pois representam posteriores ampliações da ideia primordial com determinação de quantidade, em que o aumento da valorização se tornou necessário à intensidade do confronto.

A mesma necessidade de fortalecer o confronto levou Filinto Elisio a escrever num dos seus contos em verso:

«Um gosto val mais que *ouro e perlas*»

Não alcanço mais antiga documentação do provérbio que a do *Pinto Renascido:*

«e já não direi que *um gosto*
vale mais que quatro vintens».

Cp. o esp. *calar*, «tratándose de personas, conocer sus cualidades ó intenciones» (Segui), e tambem *calar el melon*, no mesmo sentido.

É pois manifesta a relação ideológica entre os dois provérbios.

Quatro vintens é a ideia inicial, no provérbio, de «valor indefinido». As outras formas representam o deslise natural dêste sentido para uma determinação gradualmente mais avultada, como os arredondamentos *na vida* e *na algibeira* são tambem ampliações posteriores que dão à expressão caracter definido e preciso.

Um caso análogo de «alteração de valor» está no provérbio:

«Lá vão leis onde querem *reis* [1]
[Lá vão leis onde quereis (=querereis] [2]
Lá vão leis onde querem *cruzados*» [2].

Reis (=*réis*) sugeriu *cruzados* (moedas).

É evidente que nos versos do *Pinto Renascido* o poeta aproveitou com graça a circunstância casual de os *quatro vintens* da expressão combinarem com o preço real do açúcar, e nisso está a facecia em que não reparou o Sr. João Ribeiro.

Barreiro, 1-XI-913.

OSCAR DE PRATT.

Da *Folha de Viana*, de 4-XI-913.

---

[1] *Quo volunt reges, vadunt leges.* Cf. J. Ribeiro, *Frases Feitas*, I, 135. Vid. *Proverb. alent.*, in *Rev. Lus.*, XII, 185: *Vale a lei o que quere o rei.*

[2] No adagiário de Rolland.

CANTIGAS POPULARES

(TRADIÇAO DA RAPA, — CELORICO DA BEIRA)

1

Tenho penas sobre penas,
E mais não posso voar;
A maior pena que tenho
É ver-te e não te fallar.

2

Tenho de ti mil aggravos,
Hei-de te mandar prender;
Na cadeia de meus braços,
Tyranna, has de morrer.

3

Ai menina, peça a Deus
Que eu tambem peço ao sol,
Que nos ajuntemos ambos
Quanto mais breve melhor.

4

Ai menina, peça a Deus,
Que eu peço a Santo Antonio,
Que nos ajuntemos ambos
No livro do matrimonio.

5

Meninas entre meninas,
Eu não sei qual d'ellas é;
Manda-me aqui não sei quem
Que vá não sei aonde é.

6

Menina, abra-me a porta,
Senão vou pelo telhado,
Que eu quero ver a meu gosto
Essa boquinha de cravo.

7

Menina, que anda no baile,
Dê a volta asseadinha,
Que não falta quem repare
No bolir do pé, menina.

8

O' que linda contradança
Anda naquelle terreiro!
Anda cravo, anda rosa,
Anda o ramalhete inteiro.

9

Esta rua é comprida
E' comprida, não tem fim;
Ao cabo d'ella se cria
Uma rosa para mim.

10

Esta rua é comprida
Para mim, que sou rapaz;
Meus passos vão adiante,
Meu coração fica atraz.

11

Esta rua é comprida,
Não se enxerga nada nella;
Bem pudéreis vós, menina,
Pôr candeias á janella!

12

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem;
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguem.

13

A' sua porta, menina,
Correm rios pelo chão;
Se os seus olhos me não prendem,
Não tenho que ir á prisão.

14

A' sua porta, menina,
Caí eu por desattento;
Caí do lado de fora,
Oxalá caíra dentro!

15

A' sua porta, menina,
Stá um degrau de velludo,
Onde vão chorar meus olhos
Lagrimas de sangue puro.

16

A' sua porta corre agua,
Menina, faça-lhe o rego;
Eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo.

17

Cada vez que eu vou á fonte
Sempre trago agua nova,
Para regar o craveiro
Que me nasceu na viola.

18

Rosa que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem,
Mimosa e regalada
A' sombra de tua mãe.

19

Cravos da minha janella,
Quem os houver de colher
Ha de ter o pé ligeiro
Para subir e descer.

20

O' rosa, se tu és rosa,
Sustenta a tua nobreza;
Andas na mão dos fidalgos,
Cheiram-te, põe-te na mesa.

21

Uma rosa e até duas
Inda se podem colher,
Mas o ramalhete inteiro
Deita o rosal a perder.

22

O' Rosa, anda commigo,
Pede licença a teu pae,
Que teu pae é meu amigo,
Logo diz: ó Rosa, vae!

23

O' rosinha solitaria,
Que gemes na solidão!
Não ha tormento que iguale
A nossa separação.

24

Rosa branca, toma cor,
Não andes tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas:
Rosa branca namorada.

25

O cravo depois de secco
Aventa-se por 'hi alem;
A rosa quanto mais sêcca,
Tanto mais prestimo tem.

26

O cravo depois de secco
Significa amor perdido;
Por mais que queira, não posso,
Tirar de ti o sentido

27

Deitei o cravo no poço
Fechado, saiu-me aberto;
Anda o mundo em desordem,
Ninguem o sabe de certo.

28

Deitei o cravo ao ar,
Caiu no chão, fez dois *ésses;*
Eu a ti nunca te lembro,
Tu a mim nunca me esqueces.

29

Ai de mim, ai de meus ais,
Ai de minhas alegrias!
Quem morre, morre uma vez,
Eu morro todos os dias.

30

Ai de mim, que eu vim ao mundo
Desgraçado, infeliz!
Eu amei uma tyranna,
Fez-se grave, não me quis.

31

Eu amei uma ingrata,
Não vi genio mais ruim;
Assim mesmo gósto d'ella,
Ninguem tenha dó de mim.

32

Eu amei-te, e tu quiseste,
Consentiu a tua gente;
Agora chorá-lo-hemos
Na cama, que é logar quente.

33

Se eu morrer numa campanha
Não tenhas pena, meu bem,
Que a morte de um desgraçado
Não causa pena a ninguem.

34

O sete-estrello caiu
No espelho da viola;
Compadeça-se, menina,
D'este rapaz que a adora.

35

O sete-estrello caiu
No adro de Taboaço;
Não faças conta de mim,
Que eu de ti já a não faço.

36

Perguntai ao sete-estrello,
Que é magano e sabe ler,
Em que ponto vai a lua
Quando quer amanhecer.

37

Perguntai ao sete-estrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que ponto vai a lua
Quando quer fazer escuro.

38

O sete-estrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas;
Mais alumiam as vossas
Que o sete-estrello as suas.

39

Já o ceu não tem estrellas,
Só tem sete a um cantinho;
E' a estrada do amor,
Que não tem outro caminho.

40

Menina, que está á janella,
Não se ria de quem passa;
Se tem olhos de cachorra,
Venha commigo á caça.

41

A' sua porta, menina,
Dei um ai, tremeu o chão,
Retiraram-se as estrellas,
Chegou o sol ao balcão.

42

A' sua porta, menina,
Dei um ai, tremeu a terra,
Retiraram-se as estrellas,
Chegou o sol á janella.

43

Destes-me um cravo á fonte
Com tres folhas a bulir;
Já me tivestes na mão,
Não me deixasseis fugir.

44

Deste-me um ramo de murta
Colhida nos murtinhaes;
A murta é miudinha,
Mais miùdos são meus ais.

45

Deste-me um lenço de seda
Dobrado á tyrannia;
Eram falsas as promessas
Que me fizeste algum dia.

46

Dá-me a tua mão direita
Para escrever quatro ais;
Quero que tu reconheças
Que a ninguem quero mais.

47

O' mar da variedade,
Fui eu o que variei;
Variaram os meus olhos
Quando para os teus olhei.

48

O' meu amor, se te fores,
Considera na partida;
Considera que me deixas
Em mar de penas mettida.

49

O' meu amor, se te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas asas de um passarinho.

50

Vai-te embora e não penses
Que eu fico a chorar;
Inda me deixas a tempo
De outros amores tomar.

51

O meu coração é terra,
Hei de o mandar lavrar,
Semeá-lo dos desejos
Que tenho de te fallar.

52

Meu coração é relogio,
Minha alma dá badaladas;
Os dias que te não vejo
Trago as horas contadas.

53

Meu coração veste luto,
E mais, ninguem lhe morreu;
Bem é que de luto ande
Quem o seu amor perdeu.

54

O meu coração palpita
E em segredo me diz,
Que comtigo tarde ou cedo,
Hei de vir a ser feliz.

55

Das penas que tu padeces
Dá-me cá o meu quinhão;
Não quero que tu padeças
Tantas penas e eu não.

56

Os olhos com que me vedes
Não são já os costumados;
O coração me dizia
Que os tempos 'stavam mudados.

57

O' olhos de amora preta,
Bem entendo o teu olhar;
Podes viver descansada,
Que eu outra não hei de amar.

58

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram d'Angola;
Inda não estavam cativos,
Mas cativaram-se agora.

59

O coração mais os olhos
São dois amantes leaes;
Quando o coração tem penas,
Logo os olhos dão signaes.

60

Tendes os olhos castanhos,
Os meus tambem assim são:
Só tendes de mais a mais
Um ingrato coração.

61

A maçã do acipreste
E' toda feita em cruzes;
Esses teus olhos, menina,
Para mim são duas luzes.

62

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azues, olhos verdes:
Estas quatro castas d'olhos
Em poucas caras as vedes.

63

Eu hei de subir ao alto,
Silva verde dá-me encosto:
Não se me dá que murmurem,
Sendo o amor de meu gosto.

64

Eu hei de subir ao alto,
Ao mais alto que eu puder,
Só para ver se eu caio
Nos braços de Manuel.

65

O' meu amor, quem te vira
Quem te vira agora, agora,
Cada semana seis dias,
Cada instante uma hora!

66

O' meu amor não embarques,
Agora não é maré;
Espera um poucachinho,
Que eu te direi quando é.

67

Lá vem o barco á vela,
Lá vem a sardinha boa;
Lá vem o meu amorzinho
Assentadinho á prôa.

68

Lá vae uma, lá vão duas,
Lá vão tres pela primeira;
Lá vae o meu coração
Em busca de quem o queira.

69

Adeus, meu amor, adeus,
Adeus que não ha remedio;
Se te ficam saudades,
Adeus, que eu tambem as levo.

70

O' José da linda graça,
Põe aqui a tua mão,
Ouvirás as pancadinhas
Que dá o meu coração.

71

O' José, olhos de amante,
Não te encostes á assucena;
O amor desconfiado
Qualquer cousa lhe dá pena.

72

Eu hei-de-me deixar-te,
Como a agua deixa a fonte,
Pois tambem me tu deixaste
Ao desamparo no monte.

73

Eu hei de me ir, hei de me ir,
Que eu cá não quero ficar;
Onde tu fores morrer,
Quero eu ir acabar.

74

Se tu queres vir commigo,
Busca outra camarada;
Não quero que diga o mundo
Que te levo enganada.

75

Vem tu cá, cego da vista,
Vario do entendimento:
Onde viste tu amar
Sem haver algum intento?

76

Toma lá esta laranja,
Nunca digas quem t'a deu,
Que foi a primeira fruta
Que o pomar de meu pae deu.

77

A silva que me prendeu
Veio do arco da fonte;
Silva verde, não me prendas,
Que está um amor defronte.

78

A silva que me prendeu
Veio d'aquella janella;
Nunca silva me prendeu
Do modo que foi aquella.

79

Não corteis a silveirinha
Que sobe pela janella,
E' escada do amor
Que sobe e desce por ella.

80

Passei pela oliveira,
Cinco folhas lhe colhi;
Eram os cinco sentidos
Que eu tinha posto em ti.

81

Deixae-me ir, que vou de pressa,
Levo agua, vou regar;
Amanhã é dia santo,
Temos tempo de fallar.

82

Hei de te mandar pintar
Na palma da mão direita,
Para sempre te estar vendo,
Minha assucena bem feita.

83

Hei-de-te mandar pintar
Na fivella do calção,
Para sempre estar-te vendo,
Minha rosa em botão.

84

Eu hei de morrer cantando,
Já que chorando nasci;
Já as glorias d'este mundo
Acabaram para mim.

85

Amar e viver ausente
Só em mim se póde achar;
Quanto mais ausente vivo,
Mais firme sou no amar.

86

Quem de meu peito saiu,
Grande delicto causou;
Não venho com piedade,
Que quem saiu não entrou.

87

Quem no meu peito entrou,
Fez o estrago que quis;
Foi á moita cortou lenha,
Fez de mim uma infeliz.

88

Venha cá, minha menina,
Venha cá, se ella quiser;
Venha-me alliviar penas,
Se ella penas não me der.

89

Venho cá, minha menina,
Venha cá, merendaremos;
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

90

Venha cá, minha menina,
Venha cá, suba ao leito,
Que lhe quero perguntar
O mal que lhe tenho feito.

91

Venho de jogar os dados
Numa meza de latão;
Logo ao primeiro jogo
Ganhei o seu coração.

92

Venho de jogar os dados
Numa mesa de marfim;
Cuidando que te ganhava,
Perdi-te, meu cherubim.

93

Ponha aqui o seu pèzinho,
Ponha aqui ao pé do meu;
Este meu bulir de pé
Foi geito que Deus me deu.

94

Dá-me a tua mão esquerda,
Que t'a quero apertar;
A direita não t'a peço,
Que já tens a quem a dar.

95

Tendes os olhinhos pretos,
Inda agora reparei;
Se eu reparasse mais cedo,
Não amava a quem amei.

96

Os meus olhos não são olhos,
Sem os teus starem defronte;
São dois rios caudalosos
Que correm de monte a monte.

97

Os meus olhos, de chorar,
Já nenhuma graça tem;
Já os tenho repr'endido
Que não chorem por ninguem.

98

Tenho chorado e choro,
Trago meu peito desfeito;
Chorar por quem me é falto
São lagrimas sem proveito.

99

Eu hei de me ir assentar
No circulo que leva a lua,
E de lá hei de clamar:
—Descansa, amor, que sou tua.

100

Assenta-te aqui, amor,
Tu numa pedra e eu noutra;
Aqui choraremos ambos
A nossa ventura pouca.

101

Assenta-te aqui, amor,
Nesta pedra, que é redonda,
Se te queres regalar
D'ouvir cantar uma pomba.

102

José chora no Egypto
Por seu pae, que era Jacob;
Tambem eu chóro e grito
Por me ver no mundo só.

103

O meu amor foi-se, e disse
Que eu por elle não chorasse;
Se lhe tinha algum affecto,
Que o não mortificasse.

104

A *silva* verde é cilicio,
A *faia* é penitencia,
As *lagrimas* são suspiros
Que eu chóro na tua ausencia.

105

A primavera no campo
Até o sol desafia;
Os meus olhos pelos teus
Vélam de noite e de dia.

106

Herva cidreira no campo
E' o regalo dos pastores,
Deitam o gado p'ra ella,
Vão fallar aos seus amores.

107

Entre o trevo nasce o trevo,
Entre o trevo nascem flores;
Entre o trevo bem me atrevo
Comtigo a tomar amores.

108

Hei de dispor um valverde:
Valverde, quer's tu prender? [1]
Para estar á sombra d'elle
Quando estiver a coser.

109

Cravos da sua janella
Fui eu o que os colhi;
Se sou ladrão encoberto,
Menina, querelle de mim.

110

Pus o pé no junco verde,
Fi-lo arrumar á banda;
Quem me dera agora ver
Quem no meu coração anda!

111

Pus o pé no junco verde,
Fi-lo andar de *redól:*
Se não querias que te amasse,
P'ra que eras com'ó sol?

112

Juro pelo junco verde,
Por ser a jura mais leve;
Não hei de quebrar a jura,
Emquanto o junco não quebre.

113

Juro pelo junco verde,
Que é jurar de lavrador,
Emquanto o mundo for mundo
De não ter outro amor.

114

Volta para cá os olhos,
Amor, de quando em quando,
De modo que não perceba
Quem para nós 'stá olhando.

115

Voltae para cá os olhos,
Meu amor, voltae, voltae,
Que não são moedas d'oiro
Que roubeis a vosso pae.

116

Tendes o cabello loiro,
Dae-me cá umas fev'rinhas,
Para cordas de viola,
Que lhe quebraram as primas.

117

O' José, cabello loiro
Penteado no deserto,
Sobrancelhas ramalhudas,
Olhinhos por quem me eu perco.

---

[1] O valverde é uma planta bem conhecida. Nesta região da Beira, diz-se vulgarmente que as plantas *prendem* (enraïzam) em logar de *pegar*.

118

Oh quem tivera vagar,
Meu amor, que te catára,
Nesse ramal de cabello
Que te assombra a linda cara.

119

Dei um ai, dei um suspiro,
Ouviram-me dois penedos;
A culpa tive-a eu
Em te contar meus segredos.

120

Esta alegria que eu tenho
Deu-m'a Deus de natureza;
Não é por me a mim faltar
No meu coração tristeza.

121

Quero cantar, ser alegre,
A tristeza nada tem;
Eu nunca vi que a tristeza
Désse bom pão a ninguem.

122

Quem me a mim ouvir cantar,
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

123

Quem me a mim ouvir cantar
E souber a minha pena,
Dirá: — ó triste, coitada,
Inda te o cantar alembra!

124

Canta comigo, meu primo,
Não és mais, nem ficas menos;
Formosura é a mesma,
O sangue pesa-lo-hemos.

125

Atiraste-me ao peito
A' parte mais melindrosa;
Não permitta Deus que eu morra
Sem te lograr, minha rosa!

126

Atiraste-me c'um cravo
E no ar se desfolhou;
Veio-me cair no peito,
Em meu coração ficou.

127

Oh quem me dera morrer,
Depois da morte ter vida,
Só por ver quem te lograva
Minha linda rapariga!

128

Mariquinhas, corpo lindo,
Rosto cheio de signaes,
O dia que te não vejo
Meu alimento são ais.

129

Aqui estou á sua porta
Como o feixinho da lenha,
A' espera da resposta
Que das suas mãos me venha.

130

Quando te vi, logo disse
Que tinha amor para sempre;
Conheci-te em falsidade,
Retirei-me aiorosamente.

131

Trazeis collete de linho
Apertado com retroz;
Para nora de um pae
Bem bonita ereis vós!

132

Trazeis collete de linho
Talhadinho á peralta;
Quem me dera a fôrma d'elle,
Panno de linho não falta!

133

Sobrancelhas mais bonitas
Não é possivel havê-las:
São laços de finas fitas
Que encobrem duas estrellas.

134

Não me namora o seu oiro,
Nem os brincos das orelhas,
Namoram-me esses seus olhos
Por baixo das sobrancelhas.

135

Corre, ventinho do norte,
Olha que não tenho medo:
Se me levares o lenço,
Bem sei ficar em cabello.

136

Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello;
Agora posso dizer:
— Já passei o mar sem medo.

137

Já passei o mar a nado
Numa maçã vermelhinha;
Inda espero de juntar
A sua mão com a minha.

138

Todo o mar corri a nado
C'uma vela branca accesa;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

139

Todo o mar corri á roda,
Todo o Brasil passeei;
De amores tão combatida
Só para ti me guardei.

140

Hei-de-me ir deitar num poço
Onde nascem cobras vivas,
Pois não posso supportar
Saudades tão activas.

141

O' adro, terra d'igreja,
Onde se enterram finados!
O' terra, que estás comendo
Corpinhos tão delicados!

142

Corpinho tão delicado,
Olhe não quebre com brio;
D'elle se pode gerar
Um limão para o fastio.

143

O limão tira o fastio,
A laranja o bem querer;
Tira de mim o sentido,
Se me queres ver morrer.

144

O' minha laranja doce,
O' meu limão repartido!
Mais de quatro tem inveja
De tu fallares commigo.

145

Tenho uma laranja doce
No fundo do meu bahu
Para dar ao meu amor,
Queira Deus não sejas tu.

146

A laranja quando nasce,
Logo nasce redondinha,
Tambem tu, quando nasceste,
Logo foi para ser minha.

147

O gôsto que tem a salsa
Tem meus olhos em te ver;
Trago-te no centro d'alma,
Não me podes esquecer.

148

A salsa tem um bom gôsto,
Eu gôsto faço em ti;
Quando deixar de te amar,
Faz de conta que morri.

149

Já não quero, já não quero,
Já não quero, tenho dito;
Já não quero o teu amor,
Tenho outro mais bonito.

150

Cupido perdeu as séttas,
Já não tem com que atirar;
Dae as séttas a Cupido,
Que é menino, quer brincar.

151

Tire-se d'essa janella,
Que a não posso lá ver,
Porque me dão tentações
De me deitar a perder.

152

Menina, que está á janella,
'Stá comendo pão e queijo;
Faça da bocca pistola,
Atire-me cá c'um beijo.

153

Atirei e não matei,
Mal empregado o meu tiro;
Ficou-me a polvora gasta
E o chumbo derretido.

154

Atirei e não matei:
Se eu matara, que fôra?
Arriscava a minha vida
Por amor d'ella, senhora.

155

Domingos e dias santos
Eu offendo mais a Deus;
Vou á missa, não a ouço,
Onde estão sentidos meus!

156

Vae-te embora, amor ingrato,
Deixa-me viver sem ti;
Vae buscar a quem te adora,
Não te lembres mais de mim.

157

Vae-te embora, meu bemzinho,
Longe de mim vae morrer,
Que deixas na minha casa
Duas fontes a correr.

158

O' ais, quem por ti dá ais,
O' ais, quem por ti suspira?
O' ais, quem por ti padece,
O' ais, quem te agora vira!

159

De que me serve dar ais,
Romper o ceu com suspiros?
A distancia faz com quê
Meus ais não sejam ouvidos.

160

De que me serve sem ti
Um bem que a fortuna dá?
Tambem vive quem é pobre,
Mas sem ti quem viverá? [1]

161

Você diz que me não quer,
Diga-me a causa porquê;
Se me não quer por ser pobre,
Que riqueza tem você?

162

O meu coração é teu,
Bem o podes entender;
Se o queres amar, ama-o,
Quando não, deixa-o morrer.

163

Tenho no meu coração
O que não posso dizer:
Uma pena de uma ausencia
Que me faz endoidecer.

164

Tenho no meu coração
Duas tulipas rajadas;
Quando chove, estão enxutas,
Quando faz sol, 'stão molhadas.

---

[1] Não parece genuinamente popular esta cantiga.

165

O loureiro bate, bate,
Que eu bem o sinto bater,
Com as pontas no telhado
Para o amor entender.

166

O loureiro bate á porta,
Alecrim vae ver quem é:
São os olhos de Maria
Que vem ver os de José.

167

A folha da oliveira
Deitada no lume estala:
Assim é o meu coração,
Quando comtigo não fala.

168

Debaixo da oliveira
Amor, é que é o fallar;
Tem a folha miudinha
Não lhe entra lá o luar.

169

Se a oliveira fallára,
Ella dissera o que viu:
Debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

170

Murmurae, murmuradeiras,
Que assim me deitaes a fama:
Eu sou como a oliveira,
Que no ar sustenta a rama.

171

Antes eu quero cantar
Que murmurar de ninguem,
Pois quem canta tem allívio,
Quem murmura penas tem.

172

Canta, minha voz d'um anjo,
Que eu gosto de te ouvir;
Se algum dia me occupares,
Folgarei de te servir.

173

Graças a Deus para sempre,
Já ouvi a tua falla:
Pareceu-me vir do ceu
Dos anjos acompanhada.

174

Graças a Deus para sempre,
Que já tenho claridade;
Já vejo a quem eu queria
Muito á minha vontade.

175

Rouxinol, que tão bem cantas,
Onde aprendeste a cantar?
No palacio da rainha
Onde el-Rei vae passear.

176

El-Rei passeia a varanda,
A rainha o seu quintal,
Apanhando laranjinhas
Que cáem do laranjal.

177

Já fui amada de um conde,
Querida de um general;
Agora sou d'um cadete,
Olha a baixa que eu vim dar!

178

Toma lá o que eu te dou,
Não me repares no dado,
Que me veio uma lembrança
Do nosso tempo passado.

179

Fui ao mato á carqueja,
Escorreguei no sargaço;
Ninguem se fie nos homens,
O meu amor foi me falso.

180

Oh quantos por ver madrugam!
Eu tão tarde me levanto;
Para lograr os teus olhos
Não me é preciso tanto.

181

Adeus, adeus, que me vou
Amanhã de madrugada;
Com as lagrimas dos olhos
Hei-de regar a estrada.

182

Carta, vae onde te eu mando,
Nunca o digas a ninguem;
Quem te leva sabe aonde,
Quem te manda sabe a quem.

183

Carta, vae onde te eu mando,
Lindos olhos vaes a ver;
Carta, põe-te de joelhos,
Quando te quiserem ler.

184

Peguei na penna, peguei,
Peguei na penna, escrevi,
Cheguei ao meio da carta
Deu-me um desmaio, caí.

185

O annel que me tu deste
Era de vidro, quebrou;
O amor que me tu tinhas
O annel o demonstrou.

186

O limão emquanto verde,
Tem um aparo galante;
Não te temas que eu te deixe,
Sem haver causa bastante.

187 [1]

Lenço, que enxugas o pranto
Derramado por um bem,
Minhas lagrimas esconde,
Não as veja mais ninguem.

---

[1] Foi moda, em tempo, as cachopas usarem na cabeça lenço de panninho branco com uma quadra escripta a ponto de cruz; as cantigas 187 e 188 enfeitaram dois dos taes lenços: a 188 parece ser pseudo-popular, d'aquelle gosto arrebicado dos fins do seculo 18 ou começou do 19.

188

Vae-te, lenço, corre, voa,
Limpar um rosto mimoso;
Vae gozar o que eu não posso,
Mais do que eu vae ser ditoso.

189

Sobre a pedra branca e dura
Teu nome mandei gravar
Com umas letras que dizem:
«Eu nasci para te amar».

190

Sobre a praia passeava
Sómente pensando em ti;
Era livre mas ao ver-te
A liberdade perdi.

191

Ondas do mar, abrandae,
Que eu quero pescar um peixe;
Eu quero deixar o mundo
Antes que o mundo me deixe.

192

As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura;
Todos logram seus amores,
Só eu não tenho ventura.

193

As ondas do mar, lá fora,
São pretas como o lemiste;
Dize-me como passaste
O tempo que me não viste.

194

Quem me dera dar um ai
Que se ouvira em Viseu,
Que dissesse o meu amor:
— Aquelle ai por mim se deu.

195

Maria, minha Maria,
Muitas penas te hei de dar;
Nem hei de casar comtigo,
Nem te hei de deixar casar.

196

Maria, minha Maria,
D'estas Marias ha poucas;
Umas são Marias varias,
Outras são Marias loucas.

197

Estamos no mês das flores,
Amor, emprega-te bem;
Procura mulher bonita,
Que a riqueza de Deus vem.

198

Meu amor, procura agrados,
Não procures formosura:
Formosura sem agrados
E' pior que noite escura.

199

Debaixo da laranjeira
Fiz a cama aos meus amores;
O vento desaustinado
Encheu a cama de flores.

200

Murmuradeiras da terra,
Calae-vos, que já é tempo;
Já 'gora me podeis pôr
No rol do esquecimento.

201

Suspiros me vem á mesa,
Lagrimas é meu comer,
Saudades me sustentam
Até te tornar a ver.

202

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua;
Suspira quanto quiseres,
Que eu sou d'outro, não sou tua.

203

Suspiros, ais e tristezas,
Maginações e cuidados,
E' o manjar dos amantes,
Quando se vem separados.

204

Suspirava por te ver,
Quando te vi suspirei;
Se eu ao pé de ti suspiro
Longe de ti que farei?

205

Não ha flor como o suspiro
Na minha estimação;
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão.

206

Quatro flores em meu peito
Fizeram sociedade:
Cravo branco, lirio roxo,
Martyrios e saudade.

207

Na rua onde eu assisto
Andam as penas voando;
Ellas sáem de mim mesma,
Eu por disfarce cantando.

208

Com penas peguei na penna,
Para penas escrever;
Caiu-me a penna da mão
Com pena de te não ver.

209 [1]

Mil mortes emquanto existem
Soffrem na ausencia os mortaes;
Na ausencia sempre se pena,
Quem morre não pena mais.

210

O meu coração fechou-se,
Fechou-se já se não abre;
O amor que o fechou
Ausentou-se, leva a chave.

[1] Não tem o sabor popular esta cantiga, mas sendo anonyma e conceituosa, não fica mal nesta collecção.

211

Uma rosa ao pé de outra
Tem o cheiro abafado;
Não ha cheiro mais bonito
Que uma rosa ao pé d'um cravo.

212

Fui-me ao jardim das tulipas,
Escolhi d'umas e outras;
Encontrei lá meus amores...
D'essas fortunas ha poucas.

213

Nem a rosa nem o cravo,
Nem o jasmin nem o lirio,
Nem a primavera toda
Tem comparação comtigo.

214

O' Rosa, anda comigo,
O' rosa, deixa a roseira;
Esta noite ha de chover,
Rosa molhada não cheira.

215

Eu hei de ir ao teu jardim,
Se encontrar a porta aberta;
A rosa d'Alexandria
Onde está logo penetra.

216

Não sei que me aqui picou,
Nesta rua não ha tojos!
Picou-me aquella menina
Da janella com seus olhos.

217

A magarça é má herva [1],
Que ella picou-me na mão;
Tambem a maldade pica
Aos homens no coração.

218

Não sei que mal eu fizesse
Ao ladrão do meu amor:
Passa por mim não me falla,
Tira o chapeu com rigor.

219

Passa por mim não me falla,
Nem o seu chapeu me tira;
E' certo que lhe disseram
De mim alguma mentira.

220

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não vae á minha rua.
Hei-de-me vestir de preto,
Que de branco anda a lua.

221

Não sei se cante, se chore
Para allivio d'uma pena;
Se canto, nada me esquece,
Se choro, tudo me alembra!

---

[1] O malmequer. Depois de seccas as flores, tornam-se duras e aceradas, penetrando nas unhas dos ceifeiros.

222

Menina que está ao lume
De conversa com seu pae,
Chegue á janella de pressa,
Que o seu amor aqui vae.

223

Vós chamaes ao meu cabello
Cannavial de Cupido;
Tambem eu chamo ao vosso
Laços que me tem prendido.

224

Vós chamaes ao meu cabello
Cannavial de Diana;
Tambem eu chamo ao vosso
Cabello de uma tyranna.

225

Dizeis qne tive bexigas,
Foi Deus servido eu te-las;
Não ha nada mais bonito
Que o ceu com suas estrellas.

226

Fui-me a contar as estrellas
Só a do Norte deixei;
Por ser a mais pequenina,
Comtigo a comparei.

227

Fui-me a contar as estrellas
Com a ponta da espada;
Comecei logo á noite,
Acabei de madrugada.

228

Mil vezes te tenho dito
Que seja o que tu quiseres;
Eu ausente e sempre firme,
Não sei que de mim mais queres.

229

Mil vezes te tenho dito:
«Comigo não gastes tempo»;
Se tornares a teimar,
E's falto de entendimento.

230

O' coração, pede, pede
Terra para um pomar,
Pois os meus olhos se obrigam
A dar agua p'ra o regar.

231

O' alto lirio roxo,
Deixa-me aqui esconder,
Que roubei uma menina,
Querem-me agora prender.

232

Anda cá para meu peito,
Verás a vida que te dou;
Não te quero ver captiva
De uma mãe que te criou.

233

Anda cá para meu peito,
Viverás em perolinhas,
Verás o geito que tenho
Para acalentar meninas.

234

Constancia, minha Constancia,
Quem o póde duvidar?
El-Rei nasceu para o throno,
Eu nasci para te amar.

235

O' Constancia, não me deixes,
Que eu inda te não deixei;
Amor tanto de meu gosto
Só por morte o deixarei.

236

Já te eu disse, murtinheira,
Que não desses mais murtinhos,
Que anda a justiça na terra
Prendendo quem faz carinhos.

237

Assucena c'o pé n'agua
Pode estar quarenta dias;
Eu sem ti nem uma hora,
Que farão noites e dias?

238

Mangericão redondinho,
Já meu peito foi teu vaso;
Já tendes outros amores,
Já de mim não fazeis caso.

239

Mangericão redondinho
Feito á luz da candeia;
Se tu me queres ver preso,
Faz' dos teus braços cadeia.

240

O mangericão florido
Não o leveis á cidade,
Que tem o cheiro activo,
Logo toma amizade.

241

Na janella onde eu coso
Não quero mangericão;
Mette-se o sol entre nuvens,
E eu fico na escuridão.

242

O' valverde, ó valverde,
Janella do mangerico,
A maior pena que tenho
E' se te vás e eu fico.

243

Sapateiro, casa a filha,
Ou a tira da janella;
Quantas passam e não passam
Todos dizem: quem m'a dera!

244

Vem cá morte, vem cá morte,
Que te quero procurar,
Quem morre do mal d'amores
Se vae para bom logar?

245

Eu subi ao acipreste,
Cheguei ao meio, morri;
Se elle o acipreste é morto,
Eu para morrer nasci.

246

Acipreste não se rega:
Se eu quiser, rega-lo-hei;
Amor firme não se ausenta,
Se eu quiser ausentar-me-hei.

247

O' acipreste dos vallés,
Retiro dos passarinhos,
A quem destes os abraços
Dae-lhe agora os beijinhos.

248

Lá te mandei um raminho
De quantas flores achei;
Se mais achara, mais dera,
Se mais dever, pagarei.

249

Lá te mandei um raminho
De alecrim por aparar;
Se tu tens outros amores,
Manda-me desenganar.

250

O' alecrim, rei das hervas,
O' oiro, rei dos metaes;
A uma triste que vos ama
Que resposta lhe mandaes?

251

Se fordes a Barca d'Alva,
Levae contas de rezar,
Que lá é o purgatorio
Onde as almas vão penar.

252

O' Lisboa, ó Lisboa,
O' Lisboa embarcar;
Coitadinho do meu bem
Que foi para não tornar!

253

Quem me dera em Lisboa
A' porta de uma taberna,
P'ra ver passar a saloia
Com a saia a meia perna!

254

Quem me dera uma mãe,
Inda que fosse uma silva!
Inda que me ella picasse,
Sempre eu era sua filha.

255

O' morte, tyranna morte,
Que levaste minha mãe,
Levaste-me o meu bem todo...
Leva-me a mim tambem.

256

Dormindo estava sonhando
Que me morria o meu bem;
Acordei, pedi á morte
Que me levasse tambem.

257

Raparigas, cantae todas,
Ajudae o rouxinol;
Cante quem tiver amores,
Que eu já 'stou fora do rol.

258

Já fui mar, já fui navio,
Já fui tambem escaler;
Já fui rapaz, já sou homem,
Só me falta ser mulher.

259

O' mar da variedade,
Fui eu o que variei;
Variaram os meus olhos,
Quando para os teus olhei.

260

O' rosa, se tu morreres,
Quem te ha de dar a mortalha?
No mais pequeno botão
Fica a rosa amortalhada.

261

O orvalho d'esta noite
Levou a flor ao serpão;
Muitos dizem que sou tua,
Engana-os o coração.

262

Os olhos da minha amada
Mais que todos lindos são:
Em tudo são agradaveis,
E' formosa sem senão.

263

Na serra nascem nascentes,
Não os tiram os pastores;
Os meus olhos choram agua
Que regam jardins de flores.

264

O' olhos, chorae, chorae,
Lagrimas, caí, caí;
Se alguem no mundo se perde,
Sou eu por amor de ti.

265

Coração que a dois adoras,
Comtigo não tenho fé;
Não quero o amor partido,
Pois o meu inteiro é.

266

O' coração de pombinha,
O' asa da primavera!
Oh quem me dera saber
O teu intento qual era!

267

O coração da pombinha
Lá o vão a enterrar:
Enterrem-no com o meu,
Que ambos morreram d'um mal.

268

Fui á sepultura ver
O corpo da minha amada:
Tudo achei reduzido
A cinza, terra, pó e nada.

269

Debaixo da fria campa,
No centro da sepultura,
Se acabam meus tristes dias
E minha pouca ventura.

270

Tendes o chapeu pequeno,
Mandae-o alevantar:
Debaixo d'elle se criam
Dois olhos de namorar.

271

Perguntae ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Amor mais firme que o meu.

272

Se eu chegar a ter amores,
Ha de ser c'uma vareira,
Que tenha os pés callejados
De passear á torreira.

273

Da minha janella rezo
A' Senhora das Areias,
Que me encaminhe o amor
Que anda por terras alheias.

274

Da minha janella rezo
A' Senhora Santa Helena,
Que me tire do sentido
Amores que me dão pena.

275

Tira-te dessa janella,
Cordão d'oiro retorcido;
'Stão-me dando tentações
De me ir abraçar comtigo.

276

Tira-te d'essa janella,
Sol que me estás abrasando;
Não me queiras dar mais penas
Que aquellas que estou penando.

277

Venha de lá, se ha de vir,
Que me mata se não vem;
Já que os meus olhos chegaram
A querer-lhe tanto bem.

278

Quero bem a quatro nomes,
Todos são de obrigação:
E' Manuel e Antonio,
E' Francisco e é João.

279

Eu quero bem a dois nomes,
Não sei a qual quero mais:
A Joaquim pelo rosto,
A José pelos signaes.

280

Apaguem essa candeia,
Que está o azeite caro;
Defronte de mim 'stão olhos
Que alumiam mais claro.

281

Cantigas são meninices,
Que se cantam á viola;
Quem as não quiser ouvir
Ponha o chapeu, vá-se embora.

282

Cante lá uma cantiga,
Diga lá uma palavra,
Que não é boquinha d'anjo
Que esteja sempre calada.

283

Oh que grande calma cae
Por cima dos ceifadores!
Quem fora ramo de palma
Que cobrira os meus amores!

284

Esta noite bole o vento,
Folhinhas hão de cair;
Hei-de-me ir pôr á janella,
Que algumas hei de *apolir*.

285

Esta noite bole o vento,
Folhinhas hão de voar;
Hei-de-me ir pôr á janella,
Que algumas hei de apanhar.

286

O' sol, ó dia, ó noite,
O' luar, ó claridade!
Nem eu era de teu gosto,
Nem tu da minha vontade.

287

O cantar veio do ceu,
Que o trouxeram os anjos,
Para o cantarem na terra
Todos os homens humanos.

288

Debaixo d'esta latada
Me obriga o amor que eu cante;
Aqui tens meu coração,
Acho que é paga bastante.

289

Tendes o carro á porta,
E' signal de lavrador;
A sua filha mais nova
Ha-de ser o meu amor.

290

O sol, quando nasce, inclina
As pedras do meu annel;
Tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, Manuel.

291

Você, menina, matou-me,
Dê-me agora a sepultura;
Se m'a não quer dar na terra,
Dê-m'a na sua cintura.

292

Você, menina, tem coisas,
Não lh'as posso construir;
Quando eu vou a sua casa,
Logo tem para onde ir!

293

Você diz que não, que não,
Eu digo que pode ser;
Inda podes viuvar
E vires a meu poder.

294

O' vida da minha vida,
Vida do meu coração;
Para que quero eu a vida,
Se a morte trago na mão!

295

Venha cá, senhor meu tio,
Coração de pedra dura,
Olhe que eu sou uma orphã,
Minha mãe uma viuva.

296

Menina dos olhos verdes,
Chegue-se cá para mim,
Que lhe quero dar um cravo
Criado no meu jardim.

297

Indo pela rua abaixo,
Sapatinhos tende mão,
Que está o amor na cama,
Não tome alguma paixão.

298

O meu amor é um cravo,
Que eu ao jardim fui colher:
Não ha outro no craveiro,
Só se estiver por nascer.

299

O meu amor emmonou-se,
De emmonado foi-se ás moras;
Vem tu cá meu emmonado,
Não será por muitas horas!

300

O meu amor é rapaz,
Eu tambem sou rapariga;
Criei-o de pequenino,
Ha-de-me dar boa vida.

301

Amor, não sejas ingrato,
Que o ingrato tem mau fim;
Olha que do ceu caiu
Um ingrato serafim.

302

Que mal te fiz, ó ingrata,
Para de ti ser deixado?
Se o delicto foi amar-te,
Só n'isso serei culpado.

303

O' falsa, tres vezes falsa,
Deixa-me dizer assim,
O' falsa que me vendeste:
Quanto te deram por mim?

304

O' tristeza, ó tristeza,
Que mal te faria eu,
Que tanto te assenhoraste
D'um terno coração meu?

305

Murmurae, murmuradeiras,
Deitae meu corpo em terra;
Eu lavo-me em aguas claras,
Nada d'isso se me pega.

306

Murmuradeiras da rua
Me talharam um vestido;
Acharam panno por onde,
Talharam-m'o bem comprido.

307

Uma pena, duas penas,
Fazem um corpo em pó;
Que farão duas mil penas
Mettidas n'um corpo só?

308

O' penas, não venhaes juntas,
Que não quer meu coração;
Vinde de duas em duas,
Dae logar ás que cá estão.

309

O' penas, não venhaes juntas,
Vinde de poucas a poucas;
Vinde de duas em duas
Dae logar umas ás outras.

310

Já por 'qui não passeaes,
Fazeis bem, fugís ás penas;
Fomos ambos a causa-las,
Eu sòzinha a padece-las.

311

Já por 'qui não passeaes,
Capote de panno fino;
Já tendes outros amores,
Já mudastes o caminho.

312

Os meus primeiros amores
Mandei-os ao rosmaninho;
Estes que agora tenho
Levam o mesmo caminho.

313

Estes primeiros amores
Que no mundo tem a gente,
Não sei que doçura tem,
Que lembram eternamente.

314

Loureiro, verde loureiro,
A baga é o teu fruito;
Foste o meu amor primeiro,
Deixá-lo, custar-me-ha muito.

315

Vae-te d'ahi, papagaio,
Deixa a baga ao loureiro,
Deixa dormir a menina,
Que está no somno primeiro.

316 [1]

Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo p'ra ver-te;
Quando o sol deseja amar-te,
Como não hei de eu querer-te?

---

[1] Pelo conceito não deixa esta cantiga de ser popular; pela forma, porem, não o parece.

317

Cheguei á cruz de querer-te,
Calvario do meu martyrio;
A' fonte da saudade,
Onde irei buscar allívio.

318

Não se me dá de ser cruz,
Tendo o calvario ao pé;
Não se me dá de morrer,
Sabendo eu por quem é.

319

Não se me dá de ser preso,
Se tu fores a prisão,
Teus braços forem cadeia,
O teu peito Relação.

320

Subi ao teu pensamento,
Nunca tão alto subi;
Descaí da tua graça,
Outro subiu, eu desci.

321

O' menina, não se fie
Em quem diz: darei, darei;
Olhe que o amor dos homens
E' falso em toda a lei.

322

Se chegar a ter amores
Ha de ser c'um primo meu,
Que quando ralhar com elle:
«Tu não eras mais do que eu!»

323

Triste vida é ser escrava,
Ser criada de servir,
Andar sempre numa lida,
Sem descansar nem dormir.

324

Senhora mãe, não me mande
A Coimbra vender pão,
Que dizem os estudantes:
— Padeirinha tem feição.

325

Fui-me confessar e disse:
«Com o amor andei brincando»;
Por penitencia me deram
Que fosse continuando.

326

Tomei amores c'um clerigo,
E deixei um secular;
Não ha nada que mais renda
Que as toalhas do altar.

327

Tomei amores c'um clerigo,
Nunca melhor cousa fiz;
Logo me fez uma anagua
Da sua sobrepelliz.

328

Se eu souber que alguem me ama
Um bemzinho que eu adoro,
Ha de pagar com a vida
Estas lagrimas que choro.

329

Estas lagrimas que chóro,
Estes suspiros que dou,
São por um bem que eu adoro
E de quem ausente estou.

330

D'aqui d'onde estou bem vejo
Duas meninas iguaes;
Se eu quiser dizer, bem sei,
A qual d'ellas quero mais.

331

D'aqui d'onde estou bem vejo
Quem me a mim 'stá retrahindo;
Pelos ares vá voando,
Aos pedaços vá caindo.

332

Escolhi-te p'ra seres minha,
Oh que bella eleição!
Entre todos os viventes
Só tu me deves paixão.

333

Triste tenha o coração
Quem me entristeceu o meu;
Sempre chore, nunca cante,
Saiba que penas me deu!

334

Minha mãe é a ribeira,
Meu pai a agua corrente:
Sou filho das tristes hervas,
Não tenho nenhum parente.

335

O' minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, môo o meu corpo,
Não tenho nada de meu.

336

O' meu amor, quem te deu
A fita para o chapeu,
Que t'a queria eu dar
Azulzinha, côr de ceu?

337

O amor, emquanto novo,
Ama com todo o cuidado;
Mas depois que já é velho,
Mostra papel d'enfadado.

338

O amor, quando se encontra,
Causa pena e dá gosto,
Sobresalta o coração,
Sobem as cores ao rosto.

339

Atirei com balas roxas
A's muralhas de Castella,
Matei uma Hespanhola
Que estava de sentinella.

340

Eu moro ao pé da igreja,
Não ouço senão cavar:
Uns morrem, outros se enterram,
E eu sem me desenganar!

341

Adeus adeus, minha terra,
Adeus altos pinheiraes;
Eu cuidei que me esquecias,
Cada vez me lembras mais!

342

Semear não recolher
E' que arrasta o lavrador;
Eu bem arrastado ando
Na ausencia do meu amor.

343

Semeei, não recolhi,
Bem pudera recolher;
Semeei os teus agrados
Não me quizeram nascer.

344

O' ais, que tudo são ais,
O' ais para toda a vida,
O' ais com pouco remedio,
O' esperança perdida!

345

Tanto ai, tanto suspiro
Como nesta rua vae!
Tanta mulher sem marido,
Tanto menino sem pae.

346

Tanto ai, tanto suspiro,
Tanta laranja no chão!
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão!

347

Tanto ai, tanto suspiro,
Sem nenhum chegar ao cabo!
Dê-me licença, menina,
Que eu dê um ai acabado.

348

Perguntae aos passarinhos,
Que são aves de ternura,
Se na ausencia do amor
Alguem pode ter ventura.

349

C'os passarinhos do campo
Me quero eu comparar;
Andam vestidos de pennas,
Seu allivio é cantar.

350

Valha-te Deus, rapariga,
Tão ingrata te fizeste:
Chamei-te, não respondeste,
Pedi-te agua não m'a déste.

D. MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

ETNOLOGIA

A proposito de uma exposição colonial etnografica em Lisboa [1]

SUMÁRIO

Portugal, potencia colonial. — Boa ideia a de uma exposição que nos faça conhecer o que temos, e que sirva de elemento de Politica, e scientifico ou de Etnologia — Definição de Etnologia, e suas divisões O que é Etnografia. — Aplicação da palavra *Etnologia* ou *Etnografia* á vida dos selvagens actuaes. — Inexactidão d'este exclusivo emprêgo da palavra. A Etnografia tanto estuda os povos selvagens como os outros em que haja elementos tradicionaes; tanto estuda os povos antigos, como os modernos. A Etnografia prehistorica é até um ramo novo da sciencia, e muito importante. Semelhança do homem prehistorico e do selvagem actual: estudo d'aquele por intermedio do estudo d'este. — Necessidade de colhêr com metodo os objectos que hão-de constituir uma exposição etnografica: programas. — Disposição dos objectos.

Senhor de extensas colonias, adquiridas do seculo XV, ou já do XIV [2], para cá, antes que qualquer dos outros países europeus adquirisse as suas, devia Portugal possuir dos melhores museus do mundo, no que respeita á Etnografia ultramarina: e contudo nada mais possue do que uma colecção americana na Academia das Sciencias de Lisboa, que data do seculo XVIII, o museu da Sociedade de Geografia, e modestissimas secções no Museu Etnologico e no de Artilharia.

E' pois bem vinda a ideia de se promover em Lisboa uma exposição de Etnografia colonial, tão vasta quanto possivel, que concorra para que se conheça, mais amplamente do que se conhece, a vida das tribus selvagens ou semi-selvagens da nossa Africa e de Timor, a dos gentios do Estado da India, etc. Este conhecimento torna-se necessario, quer como elemento de educação social, porque um povo deve saber a sua Geografia e Historia, quer como elemento de Politica, porque tanto melhor se administrarão as colonias, quanto mais perfeita fôr a noção que houver d'elas, quer, em fim, como elemento scientifico, isto é, de Etnologia.

---

[1] Este artigo foi-me pedido por um jornalista para ser publicado em um jornal de Lisboa; não o chegou porém a ser.

[2] Cfr. *Boletim da 2.ª cl.* da Academia das Sciencias de Lisboa, IV, 409.

Chama-se *Etnologia* a sciencia que estuda os povos, considerados como unidades ou agrupamentos, por assim dizer, naturais, cuja base está na comunidade da origem, na dos costumes, na da lingoa, na da posição geografica, ou noutra: define-os, caracteriza-os, e atende em especial àqueles elementos que, por provirem de epocas afastadas, e terem, de gèração em gèração, chegado mais ou menos intactos até certo momento (o momento a que se reporta o estudo), se apresentam estacionarios, e em desacôrdo com a civilização reinante. Na palavra *Etnologia*, que provém dos temas de duas gregas, éthnos «povo», «tribu», e lógos «palavra», «dissertação», ligados pelo sufixo -ia, entra pois sempre a noção do que é TRADICIONAL e CARACTERISTICO num povo, e a de ESPONTANEIDADE e ESTABILIDADE. As instituições politicas, por exemplo, de Portugal pertencem ao campo do historiador, porque foram criadas, as antigas, pelos reis e pelas côrtes, e as modernas, pelo govêrno e pelo parlamento da Republica; as instituições (se assim hei-de dizer) dos selvagens pertencem ao campo do etnologo, porque apareceram como que espontaneamente, tem cunho tradicional, d'onde se apagou qualquer caracter INDIVIDUAL ou REFLECTIDO que porventura aí houvesse a princípio, e estão paralisadas.

A *Etnologia* divide-se, ou póde dividir-se, em *Etnogenia* e *Etnografia*, como fiz nas *Religiões da Lusitania*, t. II, pag. 47-95, sem embargo de se lhe poder juntar uma introdução, ou formar outra parte *(Etnologia geral)*, em que se estudem varios problemas: conceito de *povo, nação, nacionalidade, raça;* relações da Etnologia com outras sciencias, taes como a Antropologia, ou historia natural do homem [1],

[1] A Escola de Antropologia de Paris versa os mais variados assuntos; no seu programa de 1913-1914 tem: Antropologia anatomica, zoologica, fisiologica, prehistorica; Etnografia; Etnografia comparativa; Etnologia; Geografia antropologica; Sociologia; Lingùistica. Na revista londrina *Man*, «a monthly record of anthropological science», orgão do Instituto Antropologico da Grã-Bretanha & Irlanda, ha artigos de Etnografia, Folklore, Lingùistica, Arqueologia, Antropologia fisica, Religião, Magia. É dar á palavra «Antropologia» amplitude demasiada. Pelo contrário, existe em Florença uma Sociedade denominada «de Antropologia e Etnologia», e em Berlim uma «de Antropologia, Etnologia e Prehistoria», nas quaes a separação das sciencias se faz claramente; a primeira publica um *Archivio per l'Antropologia e l' Etnologia*, titulo que tem a mesma clara distinção, e a segunda publica uma *Zeitschrift für Ethnologie*, onde o titulo, por comodidade bibliografica e elegancia, não é tão explicito, mas onde ha um sub-titulo explicativo. Tambem em Moscou ha a «Sociedade Imperial dos amigos das Sciencias naturaes, da Antropologia e da Etnografia», onde a última sciencia ocupa, como se vê, lugar especial; a mesma Sociedade faz varias publicações, uma das quaes se intitula «Revista Etnografica».

a Sociologia [1], a Historia social [2]; leis que presidem á evolução dos factos etnicos; e problemas semelhantes. A Etnogenia trata da origem dos povos: com relação á França, suponhamos, falar-nos-ha de raças ante-historicas, de braquicéfalos, de dolicocéfalos, de Lígures, de Iberos, de Gregos, de Celtas, de Romanos, de Germanos; á Etnogenia servem de indispensavel base a Antropologia, que destrinça caracteres somaticos e fisiologicos, e a Historia, que narra migrações. A Etnografia é, como o nome diz, a parte descritiva da Etnologia: uma Etnografia de Portugal enumerará os grupos etnicos ou etnico-geograficos do nosso país (Saloios, Campaniços, Campinos, Lombardeses, Mirandeses), as divisões populares do territorio (Terra-Quente, Riba-Côa, Cova da Beira, Bairrada, Borda d'Agoa, Sotavento), as lingoas que se cá falam (português, com seus dialectos ou variedades, e mirandês, com os idiomas seus afins), os caracteres fisicos e psicologicos dos Portugueses, os costumes que se revelam de modo material *(Tecnografia)*, os quaes *ipso facto* refletem a vida intelectual e moral de quem os tem, a saber: artes plasticas, industriais e caseiras, tipos de povoações e de edificações, mobilia, trajos e enfeites, comidas, utensilios, aprestos de caça, de pesca e de lavoura, etc.; finalmente incluirá o *Folklore* ou «Tradições populares», isto é, superstições (mitologia, religião, magia), literatura (contos, lendas, poesia epica e lirica, teatro, adagios), actos e folganças (festas, danças, musica, jogos, etc.), — ainda que a distinção que faço entre «Folklore» e «costumes que se revelam de modo material», ou *Tecnografia*, não seja sempre possivel na prática, pois com o *Folklore* se relacionam, v. g., os amuletos, os brinquedos infantis, as peças de jogo e os instrumentos musicos, que, por definição, pertencem á 2.ª classe [3]. No que toca a objectos mate-

---

[1] Ao passo que, como vimos na nota anterior, a Escola de Antropologia de Paris inclue no seu programa a Sociologia, publica o Instituto Etnografico internacional de Paris a *Revue d' Ethnographie et de Sociologie*, título que revela a distinção dos assuntos, embora ele não combine com o do Instituto.

[2] Outras sciencias entram ainda em campo: *Psicologia etnica*, e a nova *Sciencia eugenistica*, ou do melhoramento fisico e mental das raças humanas. Acerca da última vide *Archivio per l'Antropol. e l' Etnologia*, XLII, 151-154.

[3] Sobre o que seja *Folklore*, palavra de origem inglesa *(folk* «povo», *lore* «saber», «conhecimentos»), a que corresponde em português, como já disse, «Tradições populares», vide E. Hoffmann-Krayer, *Die Volkskunde als Wissenschaft*, i-é, «o *Folklore* como sciencia», Zürick 1902; cfr. tambem *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, VI, 188 ss. Um plano geral de estudos folkloricos póde ler-se em G. L. Gomme, *The Handbook of Folklore*, Londres 1888. Vide tambem do mesmo autor *Ethnology in Folklore*, Londres 1892. O Sr. Paul Sébillot publicou em 1888 um *Essai de questionnaire* «pour servir à recueillir les traditions, les coutumes et les légendes populaires», e a Sociedade de Folklore galego um *Cues-*

riais, entende-se que o etnografo que se ocupar de Portugal não descreverá a arquitectura dos *chalets* do Estoril, nem um piano de Erard, nem um automovel, nem um *smoking*, porque tudo isso pertence á civilização moderna, tem caracter universal, e não se adaptou ainda ao nosso ambiente; descreverá porém uma casa de escada exterior e de balcão ao alto, um *viôlo* beirão, uma *carrinha* algarvia, um *pelico* do Alentejo, coisas que, com quanto na origem estivessem por ventura em algumas das circunstancias das primeiras, tomaram com o andar do tempo peculiarissima côr local, — como um bronze que por jazer seculos debaixo da terra obteve certo verniz ou pátina que o embeleza e autentíca aos olhos do antiquario. A Etnografia, ou se contenta com ser meramente expositiva, ou determina concomitantemente a origem e evolução dos factos e objectos que descreve.

Ordinariamente, quando se diz *Etnologia* ou *Etnografia*, palavras que, como outras que já citei, andam muito indecisas ou confundidas nos autores, entende-se que se trata de povos modernos que não estão na corrente geral da civilização: e é assim que nas secções etnograficas de certos museus, por exemplo, na do Museu Britanico, só se encontram documentos da vida d'esses povos. Mas é evidente que a Etnografia tanto se aplica a povos incultos ou semi-cultos, como a povos cultos [1], pois nestes ha baixas camadas sociaes que conservam caracteristicas tradições antigas; e que tanto se aplica ao presente como ao passado: podiamos escrever uma Etnografia romana, servindo-nos do muito que a respectiva Arqueologia e a Historia literaria nos dizem [2], e podiamos

---

tionario, na mesma data, dividido em oito secções. Com o titulo de *La Démopsychologie* (outro sinonimo de «Tradições populares» ou *Folklore*), reproduziu a *Revue des langues rommes*, LV, 497 ss., a lição inaugural que o Dr. G. Pitré pronunciou em 1911 na Universidade de Palermo, como professor de uma cadeira que sobre o assunto aí foi criada ultimamente: nessa lição se dá um bom conspecto da nova sciencia. Com relação a Portugal, vid. os meus *Ensaios Etnograficos*, 4 volumes, 1891-1910 (2.ª ed. do vol. I, 1911), e dois opusculos da colecção de «Silva Vieira», *O Folklore*, e *O que é e para que serve o Folklore*, nos quaes opusculos se transcrevem opiniões de varios autores.

[1] Deniker, *Les races et les peuples*, 1900, divide os povos da terra em incultos, semi-civilizados, e civilizados. Já anteriormente se dividiam em selvagens, barbaros, e civilizados. São divisões comodas para nos entendermos, mas imperfeitas, visto que não ha povos absolutamente sem civilização (em sentido geral), nem povos civilizados em que não se descubram vestigios de estados de infima cultura.

[2] Por exemplo: em *The Folklore Journal*, I, 115 ss., saíu um estudo sobre o «*Folklore* de Horacio»; na *Histoire de la littérat. rom.* de Teuffel, t. I, p. 15 (da traduç. fr.), vem indicações bibliograficas acerca da poesia popular dos Romanos; na *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, t. I (1893), col. 29-93, lê-se um artigo sobre superstições romanas em conjunto com as gre-

chamar, como de facto muitos chamam, *Etnografia prehistorica* ou *Paleetnologia* ao estudo da vida do homem primitivo, tal como ela se nos patenteia em documentos que provém da idade da pedra. Entre o homem prehistorico e o selvagem ha mesmo intimas relações, pois se o primeiro é propriamente o antepassado da humanidade actual, o segundo representa uma fase antiquissima da evolução d'esta, e mantem pois práticas e costumes que nos devem elucidar acerca dos mais remotos tempos, postoque nem todos os selvagens ocupem a mesma posição na escala social: uns, como certos povos da costa do NW. da America, usam lanças com laminas de pedra, outros, como os do interior e das costas oriental e ocidental de Africa, tem já armas de ferro, cujo conhecimento lhes iria das costas septentrionaes [1]. Vê-se que o homem prehistorico, em parte progrediu, porque os seus descendentes chegaram a atingir grande desenvolvimento, e a aproximar-se muito da perfeição, em parte ficou estacionario, como se manifesta do viver dos sertões.

Pois que falei da afinidade de costumes que existe entre os povos primitivos e os povos selvagens, acrescentarei que ela faz que em muitos casos se explique a Etnografia de uns pela dos outros. Como

---

gas; em analogo conjunto estão expostos no Museu Britanico vários documentos arqueologicos de muito valor, dos quaes trata o magnifico livro que se intitula *A Guide to the exhibition illustrating Greek and Roman life*, Londres 1908; dos proverbios latinos se ocupou o Dr. A. Otto em 1890, *Die Sprichwörter der Römer;* dos jogos tratou Richter, *Jeux des Grecs et des Romains*, 1891; dos gestos dos mesmos povos tratou Sittl, *Die Gebärden*, 1890; sobre os amuletos dei indicações nas minhas *Religiões da Lusitania*, t. III, p. 524, nota 1; para o estudo da novelistica ha elementos no *Burro de ouro* de Apuleio, conto de *Amor & Psyche*, o qual tem originado multiplos trabalhos, de que estão aqui á minha mão tres dos últimos: *Das Marchen von Amor und Psyche* por Stumfall, Leipzig 1907, *El mito de Psyquis* por Bonilla y San Martin, Barcelona 1908, *Le Roman d'Apulée* por G. Huet, Paris 1909; e que é *A vida privada dos Romanos* de Marquardt senão em grande parte um tratado etnografico?

[1] Tão ligada está a Prehistoria com a Etnografia dos selvagens, que em alguns museus as respectivas colecções se seguem uma á outra, por exemplo, no de Berlim, com quanto a «Guia» ou *Führer durch das Museum für Voelkerkunde* só chame «etnologicas» ás da segunda classe (Berlim, 1898, p. 57). A collecção etnologica, ou *für Völkerkunde* (como em alemão se diz ás vezes), do Museu de Basileia contém objectos prehistoricos, europeus, africanos, asiaticos, oceanicos, americanos, e uma secção antropologica. No «Naturhistorisches Hof-Museum» de Viena ha salas de Mineralogia, Geologia e Paleontologia; de Antropologia; de Etnologia (dos povos incultos); de Prehistoria. O Museu de Roma intitula-se «Preistorico-etnografico» (tem por base as colecções kircherianas, i-é, feitas pelo P.e Kircher no sec. XVII).

seriam as cabanas em que se abrigavam aqueles, ou os enfeites que punham no corpo, como se encabavam e aplicavam tantos objectos de silex, de quartzite, de cristal de rocha, de xisto, a que chamamos pontas de seta, martelos, laminas, machados: tudo isso sabemos ou imaginamos pelo exame das condições em que vivem os povos atrasados da Oceania, da Africa, etc., a que acima me referi. E ás vezes chegamos a descortinar particularidades de crenças, de ritos e de costumes, só pelo confronto de objectos arqueologicos com analogos objectos etnograficos de cujo destino estamos informados. Afim de se compreender bem qual a lição que a este proposito nos dá a Etnografia dos povos incultos, é que no Museu Etnologico de Belem (Jeronimos) se acham expostos varios utensilios e armas, não só usados nas nossas colonias, mas na Australia e na America: o visitante, confrontando com taes utensilios e armas os espolios prehistoricos que observa em numerosos mostradores e armarios do pavimento I e II do Museu, percebe imediatamente a significação dos ultimos. Já no seculo XVIII escreveu Lafitau uma obra intitulada *Mœurs des sauvages américains comparées aux mœurs des premiers temps,* e em epoca proxima de nós Sir John Lubbock incluiu nos seus *Prehistoric times* (1865), de que ha pelo menos tres traduções francesas, um capitulo sobre analoga materia.

Para se colherem com facilidade os elementos que hão-de constituir uma exposição em que num relance se evidenciem as vantagens da Etnografia, convém proceder com método. Não faltam programas que sirvam de guia, e alguns d'eles escritos em português. Na *Revista d'Ethnologia e de Glottologia,* 1880, pag. 1-4, esboçou o Sr. Dr. Adolfo Coelho um acerca de Etnologia peninsular, assunto de que o mesmo professor voltou a ocupar-se com maior desenvolvimento em 1896: *Exposição ethnographica portugueza. Portugal e ilhas adjacentes,* — opusculo dado a lume pela Sociedade de Geografia de Lisboa, por ocasião do centenario do descobrimento da India. O Govêrno da provincia de Angola, em portarias de 23 de Fevereiro e 5 de Março de 1912, assinada pelos Srs. Manoel Maria Coelho, governador geral, e Manoel Moreira da Fonseca, secretario geral interino, iniciou, com o concurso do Dr. Alberto Osorio de Castro, ao tempo juiz da Relação de Loanda, uma serie de estudos etnograficos que teve como coroa a fundação de um museu provincial, para cuja constituição se organizou e publicou um *Questionario ethnographico acerca das populações indigenas de Angola e Congo,* Loanda 1912. Tanto neste *Questionario,* como no segundo trabalho que mencionei do Sr. Adolfo Coelho, encontrarão os promotores da exposição colonial de Lisboa auxílio excelente, que os aliviará de pesadas lucubrações. Em todo o caso aqui cito outros programas: *Questionnaire ethnographique,* e *Anthropological queries*

for Australia, publicados por Sir Charles H. Read, conservador da secção de Etnografia do Museu Britanico, e tambem autor do *Handbook to the ethnographical collections* do referido Museu; *Questionnaire de sociologie et d'ethnographie*, 2.ª ed., Paris 1883, publicado pela Sociedade francesa de Antropologia, d'acôrdo com programas parecidos da Sociedade de Antropologia de Florença, e da de Geografia de S. Petersburgo. Da exposição internacional de Roma, em 1911, fazia parte uma secção etnografica, e a respeito da mesma se imprimiram alguns opusculos: *Per una esposizione di Etnografia italiana in Roma nel 1911*, Roma 1908, com capitulos «Sulla raccolta di materiali», e «Oggetti e documentos da raccógliersi», «Norme generali per la raccolta», etc.; *Catalogo della Mostra di Etnografia italiana*, Roma 1911. Conseqüencia d'esta exposição internacional foi o Museu de Etnografia italiana (não ainda totalmente constituido), o qual visitei em 1912, em companhia do seu fundador, o hoje falecido Lamberto Lória, que, antes de o estabelecer em Roma, o estabelecêra em Florença, onde tambem o visitei (1909). Lória é autor do opusculo *Como è sorto il Museo di Etnografia italiana in Firenze*, Florença 1907; a ele e a Baldasseroni se deve outro trabalho, *Per la Etnografia italiana*, Roma 1910, constante de duas partes, «Del modo di promuóvere gli studi di Etnografia italiana», e «Della Società di Etnografia Italiana e di alcuni scopi cui deve mirare». A par com o que deixo lembrado (entre outros trabalhos cuja mênção omito por brevidade), estão os catalogos dos numerosos museus de Etnografia que existem na Europa e nas restantes partes do mundo [1]; para o caso servem tambem os indices de tantissimos livros que ha de Etnografia, nas principaes lingoas cultas.

Já aproveitando as colecções da Sociedade de Geografia de Lisboa e as de outros museus publicos, já valendo-se do concurso de particulares que possuam *peças gentílicas*, já fazendo encomendas de outras para as colonias, por intermedio do respectivo Ministerio, e segundo o modêlo de bons programas, como os que enumerei, os promotores da exposição alcançarão sem dúvida o preciso para atingirem o alvo que tem em mente.

Os objectos, bem como os desenhos e fotografias que representem os que não puderem obter-se, ou os que são intransportaveis, dispor-

---

[1] Com o titulo de *Ethnographical Museums* apareceu em *The Archaeological Review*, II (1888), vertido em inglês, um artigo de K. Bahnson, da Dinamarca, em que se enumeram e descrevem diversas colecções etnograficas europeias; de então para cá outras mais se criaram. Nas guias de viagens, principalmente nas de Baedeker, encontrará o leitor abundantes noticias de museus.

se-hão geograficamente: gentilidades da India, tribus da Africa, reinos de Timor, districto de Macau; e em cada uma d'estas classes territoriaes por sub-classes, e por assuntos: objectos relacionados com a vida material, habitação, vestuario, enfeites, industrias, agricultura; com a vida intelectual, artes, religião; e assim por diante [1].

*

D'este modo dou por concluida a tarefa de que me incumbiram, qual foi a de apresentar umas ideias sobre Etnologia, relacionando-as com a exposição etnografica que se deseja fazer na nossa capital.

Campolide, vespera de Natal, 1913.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] No Museu Etnologico Português (Belem, — LISBOA), ao passo que, tanto quanto pude, organizei cronologico-geograficamente a secção arqueologica, para que num relance se vejam as relações em que umas epocas e umas provincias estão para com as outras, organizei por categorias de objectos a secção etnografica moderna, ainda assim, em parte, dispostas geograficamente, por exemplo: arranjo da casa no Alentejo e na Extremadura; utensilios caseiros; metrologia (pesos e medidas); amuletos; medalhas cristans; religião popular (ex-votos, registos com lendas religiosas, registos varios); etnografia dos vicios (cheirar e fumar); historia do livro (tipografia, encadernação); arte da escrita (tinteiros, canetas, papel, carimbos); heraldica; a Igreja em Portugal (rituais, breviario bracarense, constituições episcopais); etnografia das ilhas; etc. — Infelizmente não disponho de casa bastante. Se eu dispusesse de mais salas, e o Govêrno me désse mais algum empregado, e augmentasse um pouco a verba das despesas (mas, sobretudo, se eu dispusesse de mais salas!), eu faria em breve tempo um dos bons museus do mundo neste genero, porque conheço um tanto o país, e tenho por todo ele amigos que sempre estão prontos a ajudar-me. E é pena que a minha boa vontade não possa ser aproveitada por inteiro, em quanto o entusiasmo não esmorece, e os anos e as doenças não vem pôr ao trabalho obstaculos insuperaveis. Quanto mais tarde se trabalhar, pior, porque a civilização (em sentido especial) é de certo modo inimiga da Etnografia: os objectos tradicionaes, os trajos caracteristicos das regiões, as usanças campestres vão desaparecendo á proporção que aquela aumenta. De ano para ano muita cousa curiosa se some para sempre na voragem do esquècimento. — Já depois de composto na imprensa o que fica dito, recebi a revista que se intitula *Lares*, orgão da Sociedade de Etnografia Italiana, em cujo fasciculo 1.º se discute o metodo de ordenação do Museu Etnografico de Italia, assunto tambem ventilado no Congresso de Roma, em 1911.

MISCELANEA

Notulas grammaticaes

FAZER COM QUE—FAZER QUE

O sr. Candido de Figueiredo nas suas «Lições Praticas», e ulteriormente em outras publicações condemna a construcção *fazer com que*, e affirma que *fazer que*, sobre ser elegante, é que é vernacula.

Contestando-o no seu precioso livro «Factos da Linguagem», o sr. Heraclito Graça, com a bôa razão, dissente do entender daquelle douto philologo e diz que a fórma *fazer com que* foi empregada por meritosos classicos, estando, por consequencia, perfeitamente autorizada.

Fazer com que e *fazer que* — diz Heraclito Graça, são meros typos syntacticos divergentes na fórma e equivalentes no sentido, como o são *convencer-se de que*, *convencer-se que*, etc. E pergunta: «Por ventura pensa s. exc. que a palavra ou palavras que se juntam á conjuncção para formar a locução conjunctiva têm existencia independente; e são, pela natureza de cada uma de per si, sujeitas á analyse especial, como simples preposições, adverbios, adjectivos, substantivos, etc.?»

O sr. Figueiredo não aceitou a lição, e persistiu onde estava.

Depois de acurado estudo do assumpto, em nosso modesto livro *Estudos de Português*, arriscámos uma opinião, impressionado com o facto de que a locução não poderia ter-se constituido arbitrariamente. No nosso entender a preposição *com*, naquella expressão, não era nada mais nada menos que o vestigio de um outro elemento, occulto por ellipse. E isto mesmo registámos.

Fizemos um estudo sobre os differentes empregos daquella preposição, e demos como lidima a construcção *fazer com que* (nos *Estudos de Português*, pag. 46.)

Ainda desta vez o sr. Candido de Figueiredo não se deu por convencido.

E' que não lográramos ter illustrado o nosso dizer com o exemplo de um só classico, de um só escriptor. Entretanto, tinhamos sido o primeiro a enveredar por um caminho novo no exame daquella fórma.

Não nos detivemos, e tomámos o compromisso de vêr decisivamente se estavamos ou não com a razão. Passados dois annos, podemos hoje emfim dar conta da difficultosa tarefa.

A construcção *fazer com que* é irrefutavelmente vernacula, e diante de factos insophismaveis.

Trata-se no caso de um desses não raros phenomenos de deslocação syntactica, o que quer dizer que o caminho por nós antes trilhado era o unico que conduziria á verdade. O resultado de nossos estudos é positivo, porque podemos aboná-lo com textos classicos dos mais antigos escriptores, o que evidencia que a deslocação e de par com ella a ellipse se deram, depois, com o decorrer dos tempos em razão da transformação operada nos primitivos moldes da lingua.

Mas, vamos aos exemplos:

«..e ferido de duas lanças em huma perna na batalha dos Arcos de Valdevez, não longe da ponte da Barca, e correntes do rio Lima, deixando sete côndes cativos fez COM El-Rei QUE levantasse o cerco». (Pag. 83, 84, *Parallelos de Principes e varões illustres* — 2.ª edição — 1733 — Francisco Soares Toscano — a 1ª edição appareceu em 1621».

«..dizendo que por respeito desse casamento elle faria *com D. Manoel* que obedecesse e escrevesse a el-rei de Castella etc.» (Ruy de Pina, *Chronica* de D. Affonso — cap. IX).

«E dalli até Portugal veio o Duque d'Alba com el-rei, e fez *com elle que* viesse pela sua villa d'Alba» *(Obras* de Garcia de Rèsende, parte: *Entrada de El-Rei D. Manoel em Castella).*

«Vindo-se haverá quatro annos, querendo entrar em Valhadolid, fizeram *com os da junta que* lhe não dessem licença». *Fastigimia*, pag. 165 — Thomé P. da Veiga, seiscentista.)

De todos os exemplos que carreámos se conclue que a preposição *com* está regendo nomes, e attestando claramente o phenomeno de deslocação, depois operado.

Assim a expressão, v. g.: *fez com elle que partisse* transformou-se em *fez com que elle partisse*, a par de *fez que elle partisse*, etc.

Ora, como o verbo fazer é objectivo directo, os nossos grammaticos trataram sem mais exame de condemnar a expressão *fazer com que*, onde a preposição *com* apparece, aliás, agora como se vê, com referencia a um elemento que desappareceu ou foi deslocado.

O que se dá com o verbo *fazer* dá-se do mesmo passo com o verbo *ordenar* (v. g.: ordenar *com que*, ordenar *que*), como podemos comprovar tambem com exemplos. Assim é que num requerimento, feito ás côrtes de Thomar, em 20 de abril de 1581, lemos: «pela melhor ordem que a v. Majestade parecer, mande prover e ordenar *com*

que as taes pessoas da nação não andem, nem sirvam nos ditos carregos (*Nota* da *Memoria sobre os judeus*, em Portugal; *Memorias da Academia de Sciencias de Lisboa*, 2.ª parte, 8.º tomo).

«que o ajudasse nesta pretensão, e requeresse com grande instancia a el-rei o deixasse ir a Inglaterra, a casa de el-rei, seu tio, a ganhar honra pelas armas, como já seus irmãos tinham ganhado; ou ordenasse *com que* fosse cercar Tanger». (*Descripção de Portugal* — cap. LXXXIII, Duarte Nunes do Lião).

Em *ordenasse com que*, a preposição *com* é vestigio da locução integral, adverbial, *com elle;* trata-se de uma modificação adverbial latente. O mesmo deve entender-se em *cumprir com* (cumpriu com alguem ou alguma cousa) o seu dever; e em *mandar com que*, como em *fazer com que, ordenar com que*, etc. do mesmo modo.

Todos estes são verbos objectivos, com preposição antes do complemento, simplesmente porque o elemento preposicional nada tem que vêr com o objecto.

Assim, temos que: *com que*, no caso, não é propriamente uma locução conjunctiva. *Com* é, a nosso humilde legislar, o vestigio preposicional de um adjuncto adverbial latente, e que independe da conjuncção.

Fazer com que, logo não é como entende o sr. Candido de Figueiredo uma construcção não vernacula.

A grammatica ha de curvar-se sempre diante dos factos positivamente averiguados.

Juiz de Fora, Fev. - 1913.

LINDOLPHO GOMES.

(De *O Estado*, Brasil, de 1-VIII-913).

*

É-me grato reproduzir nesta revista o artigo precedente, visto que eu havia chegado ao mesmo resultado, embora não publicasse a minha explicação. Nos meus verbetes vocabulares (ineditos) digo eu: «*fazer com que:* na origem deve ter sido *fazer com alguem que*. Em João de Barros, *Ropica Pnefma* (ed. do Porto, 1869), p. 186: FEZ COM *as aves* QUE *cada hũa pedisse sua pena*».

J. L. DE V.

Etimologias

1. Estardalhaço

Por *stardalhaço* = *stard-alh-aço:* derivado de stratum, de *sternere*. Cf. *trocer, tormento.*

2. Gorgoçadas

O mesmo que «gorgoladas»: sec. XIV: «grandes *gorgoçadas* de sangue», no *Boletim* da 2.ª cl. da Acad. das Sc. de Lisboa, III, 301. A base é *gurgutia, em Meyer-Lübke, *Roman. etym. Wb.*, § 3924.

3. Lealdar

Nos *Commentarios de Albuquerque*, ed. de 1576, pag. 247, lê-se: «mandou *lealdar* a prata dos marcos». De legalis fez-se *legalitas, -atis, e d'aqui *legalitare > *lealdar*. Prefiro explicar assim o vocabulo a deduzi-lo de *lealdade*.

4. Manso

De *mansuetus* deduziu-se o participio *mansus, *masus [1]. A primeira fórma do participio está representado em hesp., port. e ital. ant. por *manso*, e em prov. por *mans*, palavras que Meyer-Lübke menciona, *ob. cit.*, § 5324, explicando o *n* por influencia de manus. Não seria mais natural explicar o *n* por influencia do *m* inicial? Da influencia do *m* inicial em mica, d'onde provém várias fórmas romanicas nasaladas, trata Schuchardt [2]; em valão temos *mains*, fr. «mais», [3]; em galego *manciñeiro* «mèzinheiro»; em portug. *mũito, mãi, mẽza, mẽs, paramonde* «por amor de»; em Ceilão *inemingo*. Esta influencia da nasal inicial, se se manifesta modernamente, manifestou-se já em periodos antigos do romanço, como o prova o port. *monco* < mŭccus, e o hesp. *cimenterio* < coemeterium.

---

[1] Cf. A. Thomas in *Romania*, XLII, 371.
[2] *Romanische Etymologieen*, I, 31. — Cf. *Zs. f. r. Phil.*, XXXV, 71.
[3] In *Wallonia*, VI, 48.

5. Mirolho

De *mira* (imperativo) + *ôlho* (vocativo). É pois na origem expressão sarcastica. Cf. *mira-ôlho* em Moraes. — Suponho que *Miragaia* se explica de modo analogo: «Mira, Gaia!», isto é: Gaia, olha para cá (para o sitio onde está Miragaia).

6. Moumar

Palavra usada na Beira, e que significa «falar por entre os dentes». Por ex.: «que estás tu para aí a *moumar?*». De *mŭrmurare > *molmar* (dissimilação) > *moumar*.

7. Painho

Nome de duas aldeias e de um casal. Primitivamente foi nome de bàtismo: *Pelaginus*, sec. XIII, que no mesmo seculo alterna com *Pelaínus* e *Peaýno* [1]. Derivado do lat. Pelagius, com o sufixo -inus: cf. *Antoninus* <> Antonius, *Saturninus* <> Saturnius. Na origem *Pelagius* é adjectivo, «maritimo», de pélagus = πέλαγος. Quanto ao sentido, cf. *Marinus*, de mare, d'onde veio *Marinho*, no genetivo *Marim*. De Pelagius veio *Paio*, e de outro derivado, *Pelagianus (cf. *Aemilianus*, *Iulianus*, *Marianus*), veio *Paião*, no sec. XIII *Paiam*, *Paian* [2]; mas tambem ha hoje (Casal da) *Paiã*, nome que representa o feminino de *Paião*. — Assim, o grego antigo πέλαγος chegou até modestos lugarejos de Portugal, por intermedio dos Romanos e do Cristianismo.

J. L. DE V.

Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres

Com prazer se reproduz na *Revista Lusitana* o seguinte programa do curso de Literatura Portuguesa, que o nosso ilustre compatriota o Sr. V. de Bragança Cunha fará na Universidade de Londres, de Janeiro de 1914 em diante:

---

[1] Cortesão, *Onomastico*, s. vv.
[2] Cortesão, *ibid.*, s. vv.

«*University of London, University College: — session 1913-14: —* ***Portuguese literature.*** *— A course of five public lectures will be given by V. de Bragança Cunha in the second term, on Wednesdays at 2 p.m., beginning January 21 st. — Syllabus:*

Race. Tradition. Language. Nationality.

Gallician-Portuguese Troubadours. Diffusion of Provençal Literature. King Dom Dinis, the most productive troubadour of the time.

Formation of AMADIS OF GAUL, the prototype and the greatest of romances of chivalry.

The ecclesiastical and humanist influence. The foundation of the University of Coimbra.

Acceptance of Castillian-Spanish models.

Ocean voyages, discoveries. The literary output of this great period of activity.

Gil Vicente, the founder of the Portuguese theatre. His AUTOS and their influence on Lopo de Vega and Calderon.

Bernardim Ribeiro's model of the pastoral novel. Jorge de Montemayor's «Diana» gives Shakespeare the story of the «Two Gentlemen of Verona». Sá de Miranda. The Italian school. The Inquisition and the Index.

Camões. A son of the Classical Renaissance. The broad humanity and the vigorous individualism of his sonnets.

Camões. Man and Poet. The LUSIADAS great epic of modern civilisation.

Camões in English. English versions and translators. Reason why some of them fall short of the original.

The loss of literary as well as political autonomy. The sixty years of Spanish domination: its effects.

Ecclesiastical eloquence. Mysticism. «The Letters of a Portuguese Nun».

The Romantic movement. Struggles for Constitutional liberty. Garrett's exile. Herculano's romances and the influence of Walter Scott. Revival of national traditions.

Ultraromanticism. The Coimbra Question.

Novels of Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz and Julio Dinis. Living poets and prose writers.

These Lectures are open to the Public without Fee or Ticket. — WALTER W. SETON, M. A., *Secretary*, University College, London. (Gower Street, W. C.)».

J. L. DE V.

Ex-libris, super-libris e super-libros [1]

Do que tenho ouvido a várias pessoas que coligem ou usam *ex-libris* concluo que elas não sabem o que significa tal expressão, e contudo seria facil sabê-lo.

Começarei por declarar que ha *ex libris*, sem traço de união, e *ex-libris*, com traço.

Quando numa folha de um livro se lê *ex libris illius*, isto quer dizer que o livro de que se trata «provém dos livros, ou da livraria de fulão»; *ex libris* vale o mesmo que *ex bibliotheca* ou *e bibliotheca*. Tambem podia dizer-se *e libris*.

Como porém a posse nem sempre se indica apenas por *ex libris illius*, mas freqùentemente se adicionam a essa frase divisas e ornatos no proprio livro ou num papel colado nele, e como na linguagem corrente, ora por necessidade ou por economia de tempo, ora por motivos psicologicos, abreviamos a cada passo a nossa elocução, e substituimos umas palavras por outras, aconteceu que *ex libris* veio a significar só por si «o modo pelo qual o dono de um livro indica que esse livro lhe pertence»: neste caso as primeiras palavras da frase representam toda a frase; analogamente se representa com *ave Maria* a oração religiosa que começa assim. Temos aqui um exemplo *(pars pro toto)* do que os retoricos denominam «sinédoque».

Transformada, segundo se vê, a expressão *ex libris* em mero vocabulo, nada mais natural do que indicar materialmente por um traço a união dos elementos constitutivos d'ele, — do que resultou *ex-libris*. De modo paralelo escrevemos *ave-Maria*, e, com maior sintese, como se lê no *Dicionario* de Moraes, *avemaria*.

Se agora alguem adoptar, o que é frequentissimo, «*ex-libris* de fulão» (pondo um traço), comete grande absurdo, porque *ex-libris* já não significa «da livraria», significa unicamente uma fórmula, ou um papelinho em que ela se estampou. Identico absurdo cometeria quem escrevesse «avemaria (ou *ave-Maria*) cheia de graça», porque se designava que era cheia de graça a oração, e não a Virgem Maria.

*

A par com *ex-libris* dizem alguns individuos *super-libris*, entendendo por esta expressão a fórmula da posse, quando gravada externamente na capa superior do livro, ou em ambas as capas, ou na lombada.

---

[1] Este artigo foi já publicado no *Boletim* do Carmo, 1913.

Em primeiro lugar notarei que *super-libris*, como latim, contém dois erros: um de logica, porque devia ser *super-libro*, visto que a fórmula se aplica individualmente a cada livro, e não a um grupo (diz-se *sobre-loja*, *sobre-mesa*, e não *sobre-lojas*, *sobre-mesas*, a não ser que se fale no plural), outro de gramatica e estilo, visto que *super* com ablativo significa na prosa classica «a respeito de», e sómente nos poetas se aplica a lugar: por tudo o que fica exposto, o correcto seria *super-librum* ou *super librum*, e não como fazem; cfr. *super telum subiectum pedibus* em T. Livio, VIII, 9, e no proprio latim eclesiastico *super hanc petram* em S. Mateus, XVI, 18.

Em segundo lugar *super-libris*, como expressão corrente, contém ainda outro êrro logico, porque numa partição os membros devem ser paralelos entre si, isto é, da mesma natureza: ora não existe paridade nenhuma entre *super-libris* e *ex-libris*, pois que a segunda expressão significa «proveniente da livraria», e a primeira significa «a respeito dos livros» ou poeticamente «sobre os livros».

Quem quiser exprimir a ideia que erroneamente exprime por *super-libris*, exprima-a de outro modo, v. g. por «*ex-libris* exterior», já que o chamado *super-libris* é na verdade *ex-libris*.

*

Tambem ha muitos individuos que ao *ex-libris* exterior chamam *super-libros*. Esses não erram no emprêgo sintactico da preposição, mas cometem os mesmos erros de logica que os partidarios do *super-libris*.

J. L. DE V.

Uso do tratamento de «senhora» e «senhor»

É corrente dizer o povo «sim senhora», «não senhora», quando se refere a uma pessoa do sexo masculino.

Expliquei o fenomeno foneticamente na *Rev. Lusit.*, IV, 43, mas depois d'isso pensei que o feminino resultaria de influencia do genero de *Vossa Senhoria*, *Vossemecê* (=Vossa mercê), encontrando-me assim, embora sem tornar a escrever sobre o assunto, com o que diz Leo Spitzer na *Zs. f. r. Phil.*, XXXVI, 689, a proposito do italiano.

Com o mesmo A. penso ha muito tambem que quando ás vezes se diz *sim senhor*, *não senhor*, esta expressão corresponde a simples *sim* e *não*: a palavra «senhor» funde-se mentalmente com o adverbio que lhe vai junto.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

VARIA QVAEDAM

— ***Revista de Historia,*** orgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos. Começou a publicar-se em Janeiro de 1912. Até Setembro de 1913 estão publicados 7 numeros.

— ***An old Portuguese version of the Rule of Benedict*** — por J. M. Burnam, Cincinnati (America), 1911.

— ***Nótulas ao "Novo Dicionário,,*** — por Cláudio Basto, Viana-do-Castelo 1913.

— ***O campo "já dito Elísio,, dos Lusíadas*** — pelo Dr. José Maria Rodrigues, Coimbra 1913.

— ***A Egipciaca Santa Maria,*** poema de Sá de Miranda, publicado por Theophilo Braga, Porto 1913.

— ***Escorços trasmontanos,*** ensaio de literatura regional, pelo Dr. Ferreira Deusdado, Angra do Heroismo 1912.

— ***Camillo inédito,*** prefacio e notações pelo Visconde de Villa-Moura, Porto 1913.

— ***The Romanic Review,*** Columbia (America), vol. I, 1910. A publicação vai actualmente no fasciculo 3.º do volume IV (Julho-Setembro de 1913).

J. L. DE V.

NECROLOGIA

ANTONIO TOMÁS PIRES [1]

Se quando em terras de certa importancia, como Lisboa, aparece alguem que investigue com diligencia assuntos scientificos que não respeitem á vida prática, e só pertençam á do espirito, ha motivo para que dos arraiaes das letras irrompam aplausos de admiração, quanto mais justificadamente eles não devem dar-se a quem nas mesmas circunstancias labuta em afastado rincão provinciano?

Acodem-me estas ideias ao ter de sumariar na presente sessão os serviços que prestou á civilização portuguesa o nosso consocio Antonio Tomás Pires, que nasceu e viveu em Elvas, e aí faleceu em 3 de Agosto último, na idade de 63 anos.

Antonio Tomás Pires

Antonio Tomás Pires cultivou com especialidade o *Folklore*, mas tambem arou noutros campos scientificos. Os seus trabalhos são numerosos, uns publicados em jornaes, outros impressos em volumes.

Pelo que toca a jornaes, escreveu, por exemplo, artigos acerca de poesia lirica e romances populares, adivinhas, ditados, contos, superstições, costumes, toponimia, arqueologia, na *Sentinela da Fronteira*, no *Elvense*, no *Progresso de Elvas*, na *Gazeta de Portugal*, no *Jornal da Manhã*, na *Revista do Minho*, na *Revista Lusitana*, n'*O Archeologo Português*, no *Anuario das tradições populares*, no *Folklore Andaluz*, no *Folklore Bético-Extremeño*, no *Archivio* de Pitrè.

Livros e folhetos, legou-nos os seguintes:

Cantigas a S. Antonio, S. João e S. Pedro, Elvas 1891.
Cancioneiro popular politico, Elvas 1891.

---

[1] Noticia lida á 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisboa, em sessão de 13 de Novembro de 1913.

Setecentas comparações pop. alentejanas, Esposende 1892.

Calendario rural, Elvas 1893.

Notas historico-militares da «Guerra Velha» até á «Invasão francesa», Elvas 1898.

Materiaes para a hist. da vida urbana portuguesa, Lisboa 1899.

Catalogo do Museu Archeologico da Camara Municipal de Elvas, Lisboa 1901, com gravuras.

Cantos populares portugueses, 4 volumes, que encerram mais de 11:000 canções: Elvas, 1902-1910.

E com o titulo geral de *Estudos e notas elvenses* os seguintes opusculos:

I. *O S. José de Elvas*,
II. *A entrega da praça d'Elvas a Filipe II*,
III. *A igreja do Sr. Jesus da Piedade*,
IV. *O casamento de Luis José de Vasconcelos e Azevedo*,
V. *Amuletos alentejanos*,
VI. *A noite de Natal, o Ano Bom e os Santos Reis*,
VII. *Vasco de Lobeira*,
VIII. *Garcia da Orta*,
IX. *O castelo de Elvas*,

todos eles vindos a lume na cidade natal, os seis primeiros em 1904, o 7.º e o 8.º em 1905, o último em 1907.

Os *Cantos populares* constituem o principal titulo de glória de Pires, porque, visto reproduzirem grande parte dos materiaes primeiro publicados em periodicos, representam o maior tesouro poetico que até hoje se tem coligido da tradição oral portuguesa, e onde pois se espelha, como em nenhuma outra fórma do *Folklore*, a genuina alma do nosso povo, com os seus arroubos amorosos, as suas saudades dolentes, as suas aspirações, as suas mágoas. Já Camões disse na 1.ª das *Redondilhas*:

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espêsso arvoredo;
E de noite o temeroso,
Cantando, refreia o medo;
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente...

versos que Pires poderia com razão inscrever no frontispicio da obra a que me estou referindo, se de modo breve quisesse sintetizar o lirismo nacional com palavras de um poeta que tão divinamente o entendeu.

Foi em 1882 que Antonio Pires começou a dedicar-se aos estudos etnograficos. Hoje taes estudos vivem entre nós vida folgada: toda a gente reconhece, mais ou menos, a importancia d'eles; existem revistas proprias, livros, folhetos, museus; mas naquele tempo, o público olhava em geral para isto com desdem e com desconfiança, e passava diplomas de «lunaticos» a quem tinha a paciencia benedictina de andar pelos serões, pelas fontes e pelos soalheiros a pedir ás raparigas que lhe ditassem trovas, de bater ás portas das velhas para estas lhe ensinarem «contos da carochinha», e de estar sempre alerta a observar quantos costumes, superstições, usanças vigoram por este bom e etnografico Portugal. Conseguintemente o papel desempenhado pelo nosso chorado consocio foi muito mais importante, e merece muito mais o nosso louvor, do que á primeira vista parece: Pires não se importou dos obstaculos, e proseguiu radiante de alegria na sua tarefa, por que trabalhava convicto do grande serviço que prestava á sciencia.

Pede a verdade que se diga que em Elvas, apesar de ser cidade modesta, onde, como praça de guerra, mais se ouvem toques de clarim que chamem soldados a exercicios militares, do que sinetas de academias que congreguem sabios para palestras e tertulias em que se exercitem as artes liberaes, não faltaram a Antonio Tomás Pires amigos dedicados, que gradualmente o comprehenderam, e lhe deram estímulo. As vereações municipaes confiaram-lhe a direcção do Museu arqueologico e da Biblioteca (lugares que exerceu de graça); os directores de jornais franquearam-lhe as colunas d'estes para ele inserir muitos dos seus artigos; e houve sobretudo um benemerito Elvense, o Sr. Antonio José Torres de Carvalho, que, sem procurar lucros de especie alguma, e apenas por amor da patria, lhe publicou a maior e melhor parte dos volumes.

Ninguem que conheceu Pires deixará de lamentar a falta d'este cidadão honrado e prestimoso, d'este funcionario exemplar (desempenhou, com elogio de todos, o cargo de secretario da camara durante muitos anos), d'este escritor incansavel, que não poupava esforços para levar a cabo as utilissimas investigações que planeava. Por tudo isto eu me associo ao voto de sentimento que a Academia das Sciencias exarou ha dias na sua acta pelo falecimento d'ele: e fazendo-o como Português, e como academico, faço-o tambem como amigo que fui, e dos mais intimos, de Tomás Pires, em quem, num longo trato de 31 anos, sòmente encontrei primores de perfeição moral e intelectual.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

INDICE DO VOL. XVI

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

Pag.

Textos antigos portugueses *(conclusão)* — por José Joaquim Nunes 1
As candeias na religião, nas tradições populares e na industria — por Sousa Viterbo 41
Gramatica e Vocabulario de Fr. Pantaleão d'Aveiro — por A. Gomes Pereira 81
Duas traduções portuguesas do sec. XIV — por Pedro d'Azevedo 101
Investigações ethnographicas — por A. Thomás Pires . . . 112
Toponymia portuguesa — por Joaquim da Silveira 147
Sobre uma edição pouco conhecida dos "Contos„ de Trancoso — por Joseph de Perott 159
Tradições populares do Baixo-Alentejo — por D. Maria da Conceição Dias 181
Notas á margem do "Nôvo Diccionário da Língua Portuguesa„ — por Óscar de Pratt 206
Tradições populares de Barcellos — por A. Gomes Pereira . . 280
A expressão popular "mais vale um gôsto que quatro vintens„:

I — Por J. Leite de Vasconcellos 289
II — Por Óscar de Pratt 290
III — Por Cláudio Basto 292
IV — Por Óscar de Pratt 297

Cantigas populares *(tradição da Rapa: Celorico da Beira)* — por D. Maria Angelica Furtado de Mendonça 300
Etnologia *(a proposito de uma exposição colonial etnografica em Lisboa)* — por J. Leite de Vasconcellos 330

MISCELANEA:

Pag.

I — **Observação á "Revista Lusitana", XV, 370 ("Oscar Nobiling")** — por J. L. de V. 164
II — **Formas deminutivas nos falares algarvios** — por Bernardino Barbosa. 164
III — **Estudos de Ethnographia africano-portuguesa** — do *Boletim Oficial da provincia de Angola*. 165
IV — **Sobre dois ditados que se completam um ao outro** — por Óscar de Pratt 168
V — **"Pedro" e "Pedra"** — por J. L. de V. 170
VI — **Ditado topico** — por J. L. de V. 172
VII — **Notulas grammaticaes** — por Lindolpho Gomes. . . 338
VIII — **Etimologias** — por J. L. de V. 341
IX — **Curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Londres** — por J. L. de V. 342
X — **Ex-libris, super-libris e super-libros** — por J. L. de V. 344
XI — **Uso do tratamento de "senhora" e "senhor"** — por J. L. de V. 345

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

Estudos da Lingua Portuguesa, de Julio Moreira — por Alvaro de Azeredo . . . . . , ... 175
Beiträge zur Kenntnis portugiesischer Orthoepie, de Gustav Rolin — por Z. 176
Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache, de Gustav Rolin (Parte 1.ª) e D. Luisa Ey (Parte 2.ª) — por Z. 177

Periodicos:

Zeitschrift für romanische Philologie — por J. L. de V. 177
Figueira — por J. L. de V. 178

Varia qvaedam:

Cartas de D. Francisco Manoel de Mello (E. Prestage) . 178
Camões e Macedo (J. Ramos Coelho) 178
Notes on the syntax of the Latin inscriptions found in Spain (H. Martin) 178
Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz (João de Meyra) 178
Questionario ethnographico ácerca das populações indigenas de Angola e Congo (Publicação official) 178
Romanisches etymologisches Wörterbuch (W. Meyer-Lübke) 178

Pag.

Novos estudos da lingua portuguesa (Mario Barreto) . . 178
A sistematização ortográfica (Silvio d'Almeida). . . . 178
La légende du page de Sainte Elisabeth (E. Cosquin). . 178
Camoens in der deutschen Dichtung des 19 Jahrhunderts (Wilmsmeler) 179

Trabalhos de D. Carolina Michaëlis:

a) *Notas vicentinas*, Coimbra, 1912 179
b) *Novos estudos sobre Sá de Miranda*, Lisboa, 1911 179
c) *Literatura antiga portuguesa*. 179

Notes sur la langue de la Guiné au XV siècle (R. Basset) 179
Ensaios de Philologia (Americo de Moura). 179
Orthographia Portuguesa (Americo de Moura) 179
Historia da Literatura romantica portuguesa (Fidelino de Figueiredo) 179

Trabalhos de J. L. de V.:

a) *Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques, d'après les données de la toponymie*, Lisboa, 1912 179
b) *Carolina Michaëlis*, Lisboa, 1912 179
c) *Deuses da Lusitania*, Lisboa, 1913 179
d) *Pelo Alentejo*, Lisboa, 1913 179
e) *Julio Moreira e o seu labor literario*, Lisboa, 1913 179
f) *Religiões da Lusitania*, Lisboa, 1913 179

Revista de Historia, orgão da Sociedade Portuguesa de Estudos Historicos 346
And old Portuguese version of the Rule of Benedict (J. M. Burnam) 346
Nótulas ao «Novo Dicionário» (Cláudio Basto). . . . 346
O campo «já dito Elísio» dos Lusiadas (Dr. José Maria Rodrigues). 346
A Egipciaca Santa Maria (Theophilo Braga) 346
Escorços trasmontanos (Dr. Ferreira Deusdado). . . . 346
Camillo inédito (Visconde de Villa-Moura). 346
The Romanic Review 346

NECROLOGIA:

Prof. A. Gomes Pereira — por A. C. Pires de Lima. 173
Antonio Tomás Pires — por J. Leite de Vasconcellos 347

PAGE.

78
78
78

79

79
79
79

79
79
79

79

79
79
79
79
79
79

46

46
46

46
46
46
46
46

3
7